



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Faculdade de Educação – FE

Departamento de Educação – DE

Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC

**SILVANA MARIA DE LIMA HOLANDA**

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO:  
INTERFACES COM A OBRA DO POETA ANTÔNIO FRANCISCO**

Mossoró – RN

Junho/2019

**SILVANA MARIA DE LIMA HOLANDA**

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO:  
INTERFACES COM A OBRA DO POETA ANTÔNIO FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), à Linha de Pesquisa, Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

Mossoró – RN

Junho/2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

### **Catálogo da Publicação na Fonte.**

#### **Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

H722f Holanda, Silvana Maria de Lima

Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão:  
Interfaces com a Obra do Poeta Antônio Francisco. /  
Silvana Maria de Lima Holanda. - Mossoró, 2019.

224p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-  
Graduação em Educação). Universidade do Estado do  
Rio Grande do Norte.

1. Literatura de Cordel. 2. Formação Docente. 3. (Auto)Biografia.
4. Inclusão Social. I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade  
Do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

SILVANA MARIA DE LIMA HOLANDA

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO:  
INTERFACES COM A OBRA DO POETA ANTÔNIO FRANCISCO**

**DEFESA EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA DE AVALIAÇÃO**

---

**Profª Drª Ana Lúcia Oliveira Aguiar**

**Orientadora – UERN/FE/POSEDUC**

---

**Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros**

**Examinador Externo (Titular) – UFERSA**

---

**Profª Drª Francisca Maria Gomes Cabral Soares**

**Examinadora Interna (Titular) – UERN**

---

**Profª Drª Rosa Maria Barros Ribeiro**

**Examinadora Externa (Suplente) – UECE**

---

**Profª Drª Giovana Carla Cardoso de Amorim**

**Examinadora Interna (Suplente) - UERN**

*“A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pelas formas como nos acostumamos a ver o mundo”.*

(Albert Einstein)

## **DEDICATÓRIA**

A minha mãe Ritinha e meu pai José Ireno (in memoriam) que me ensinaram a viver empenhando a arma na luta pela paz, igualdade e justiça.

Aos meus irmãos, Ireno José (in memoriam), Crispiniano Neto, Zé Luiz e Suely, pilares de sustentação da minha história de vida.

Ao meu esposo Carlos Holanda, que dividindo comigo a vida, compartilhou amorosamente para a construção desse trabalho.

A minha querida filha Emanuela, meu raio de sol, pedaço maior de mim, minha melhor amiga, sempre presente no percurso e nos percalços mais difíceis da caminhada.

Ao meu sobrinho Rodolfinho (in memoriam), com quem aprendi que não devemos rastejar quando podemos voar.

A todos os poetas, cantadores, repentistas e cordelistas, que fazem da vida um poema para ressignificar nossa existência.

A todos os professores que ensinaram a convivência com a diversidade, transitando pelo universo das diferenças livres de discriminações e preconceitos.

A todos aqueles que lutam pela inclusão em nosso país.

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS, autor da vida, fonte de amor, força e abrigo, que a todos criou à sua imagem e semelhança e ordenou que amássemos uns aos outros como a nós mesmos. Presença constante em meu viver. Sem o SENHOR nada somos e nada podemos. Ao SENHOR toda graça e louvor!

À professora Ana Lúcia Aguiar, pela partilha de conhecimentos, afetos e interações, amiga, companheira incentivadora, pessoa que emana luz e generosidade, que sempre me inspirou amor e poesia. Pelo esmero, dedicação e competência na orientação dessa dissertação;

Ao poeta Antônio Francisco, figura humana singular, que possui aquela dose de amor no coração e trabalha incansavelmente para colocá-la no peito da humanidade, pela atenção, carinho e disponibilidade para a construção dessa pesquisa;

A todos os colegas do mestrado, pela amizade selada e trocas de saberes, especialmente a Stênio de Brito, Rosilene Ramos e Francinilda Honorato pela ajuda constante durante a minha produção;

Aos professores do mestrado, que contribuíram para o crescimento e amadurecimento acadêmico;

Aos professores que colaboraram decisivamente para a concretização dessa pesquisa: Carlos Holanda, Terezinha Filgueira e todos os professores da Unidade de Educação Infantil Maria da Conceição Vidal;

A todos que contribuíram direta e indiretamente para tornar possível a realização deste trabalho.

## Resumo

Este trabalho compreende uma interpretação da obra literária do poeta mossoroense Antônio Francisco Teixeira de Melo, que pode estender a formação docente com práticas de ensino inclusivas. O principal argumento deste estudo consiste na especulação sobre o potencial que a literatura de cordel produzida por este poeta popular tem de provocar discussões sobre valores humanos, alimentando a adoção de práticas de ensino inclusivas e favorecendo a construção de uma sociedade democrática, justa e pluralista. Este trabalho busca identificar saberes e experiências formadoras nas narrativas do cordelista que potencializaram sua trajetória formativa em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, utilizando uma abordagem (auto)biográfica. Como proposição metodológica, utilizamos o método (auto)biográfico com sessões (auto)biográficas para a construção das narrativas do poeta, além de entrevistas semi-estruturadas com o poeta, alunos, pais de alunos e professores que trabalharam os cordéis nas Escolas Públicas de Mossoró em que atuam, com o intuito de compreender a contribuição da obra do cordelista para a formação e a prática do professor inclusivo. Na ocasião realizamos gravações e registros fotográficos. A (auto)biografia e o estudo com as histórias de vida representam um instrumento de formação para o sujeito que se narra, enquanto que, para o leitor, as narrativas servem como material de compreensão dos processos de conhecimento e formação. Por conseguinte, a obra do poeta em discussão pode ampliar a formação do professor com práticas de ensino inclusivas, pois sensibilizam e conscientizam para novas formas cotidianas de ser, conviver e fazer educação com amor e alteridade, pois o cordel é um instrumento acionador de diversas atividades educativas dentro e fora das Instituições Escolares, constituindo-se como um recurso pedagógico ainda pouco explorado. Pelos resultados obtidos na pesquisa, pudemos afirmar que a obra de Antônio Francisco contribuiu de forma positiva para a formação e a prática de professores inclusivos, incentivando-os a uma transformação da prática pedagógica.

**Palavras-Chave:** Literatura de Cordel; Formação Docente; (Auto)Biografia; Inclusão Social.

## **Abstract**

This work includes an interpretation of the literary work of the Mossoroan poet Antônio Francisco Teixeira de Melo, who can extend the teaching formation with inclusive teaching practices. The main argument of this study is the speculation about the potential that the cordel literature produced by this popular poet has to provoke discussions about human values, feeding the adoption of inclusive teaching practices and favoring the construction of a democratic, just and pluralist society. This work seeks to identify knowledge and formative experiences in the narratives of the cordelista who have potentiated their formative trajectory in their personal and professional development, using a (auto) biographical approach. As a methodological proposition, we used the (auto) biographical method with (auto) biographical sessions for the construction of the poet's narratives, in addition to semi structured interviews with the poet, students, parents of students and teachers who worked the cords in the Public Schools of Mossoró in which they work, in order to understand the contribution of the work of the cordelista to the formation and the practice of the inclusive teacher. At the time we make recordings and photographic records. The self-biography and the study of life histories represent a training tool for the narrated subject, while for the reader, narratives serve as a material for understanding the processes of knowledge and formation. Therefore, the work of the poet under discussion can broaden the teacher's formation with inclusive teaching practices, because they sensitize and raise awareness for new everyday ways of being, living and educating with love and otherness, since the string is a triggering tool for diverse educational activities inside and outside the School Institutions, constituting as a pedagogical resource still little explored. From the results obtained in the research, we could affirm that the work of Antônio Francisco contributed positively to the formation and practice of inclusive teachers, encouraging them to a transformation of pedagogical practice.

**Keywords:** Cordel Literature; Teacher Training; (Auto)biography; Social inclusion.

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

**UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte**

**EDAPE – Estudo das Disciplinas Pedagógicas**

**IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

**CNS – Conselho Nacional de Saúde**

**CRUTAC – Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária**

**RCNEI – Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**

**POSEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação**

**ETFERN – Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte**

**PROFORMAÇÃO – Programa Especial de Formação Profissional para Educação Básica**

**UEI – Unidade de Educação Infantil**

**DAIN – Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas**

**FE – Faculdade de Educação**

**LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais**

**ABLCL – Academia Brasileira de Literatura de Cordel**

**EUA – Estados Unidos da América**

**URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas**

**FESTIM – Festival de Cinema Itinerante**

**POEMA – Poetas e Prosadores de Mossoró**

**IMEPH – Instituto Meta de Educação, Pesquisa e Formação de Recursos Humanos Limitados**

**PSV – Processo Seletivo Vocacionado**

**FFCLP – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patrocínio /MG**

**EEPMSPC – Escola Estadual Professora Maria Stella Pinheiro Costa**

**EMERJR – Escola Municipal de Educação Rural Jerônimo Rosado**

## Lista de Ilustrações

Foto 1 – Família Lima .....	27
Foto 2 – Bar e Lanchonete de José Ireneo .....	28
Foto 3 – Pedra do Salto da Onça .....	29
Foto 4 – José Ireneo .....	37
Foto 5 – Ireneo José .....	38
Foto 6 – Dona Ritinha .....	40
Foto 7 – Carlos Holanda e Silvana Holanda .....	47
Foto 8 – Emanuela Holanda.....	48
Foto 9 – Santo Antônio/RN (Antiga) .....	51
Foto 10 – Santo Antônio/RN (Atual).....	51
Foto 11 – Nestor Marinho .....	55
Foto 12 – Maria de Lourdes Lima .....	59
Foto 13 – Instituto Roberto Luís .....	60
Foto 14 – Rodolfo Buarque .....	68
Foto 15 – Professora Doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar .....	78
Foto 16 – Poeta Antônio Francisco .....	83
Foto 17 – O Folheto pendurado no cordão .....	86
Foto 18 – Folhetos de Cordel .....	87
Foto 19 – Crispiniano Neto .....	88
Foto 20 – Antônio Francisco e Dona Nira .....	92
Foto 21 – O Poeta em sua residência .....	103
Foto 22 – Feira do Livro de Mossoró/RN .....	120
Foto 23 – Mossoró Cidade Junina .....	121
Foto 24 – Ivanildo Vila Nova e Valdir Teles .....	121
Foto 25 – Patativa do Assaré .....	124
Foto 26 – O poeta ao lado de suas medalhas .....	124
Foto 27 – Ex-Presidente Lula e o poeta Antônio Francisco .....	126
Foto 28 – Entrevista com o poeta Antônio Francisco em sua residência .....	136
Foto 29 – Escola Estadual Moreira Dias .....	140
Foto 30 – Escola Estadual Jerônimo Rosado .....	141
Foto 31 – Poeta Antônio Francisco .....	147
Foto 32 – Poeta Antônio Francisco em atividade do projeto Nas Ondas da Leitura .....	156
Foto 33 – Capa do Cordel Acorda Brasil .....	157
Foto 34 – Obras do poeta Antônio Francisco .....	158
Foto 35 – Capa do Cordel Aquela Dose de Amor .....	169
Foto 36 – Capa do Livro Os Animais tem Razão .....	172
Foto 37 – Apoena e Antônio Francisco .....	178
Foto 38 – Culminância do Projeto Aprender no Dia a dia com Rima, Verso e Poesia .....	185

## **Lista de Quadros**

**Quadro I – Mapa Biográfico de Antônio Francisco**

**Quadro II – A relação existente entre os saberes produzidos nas/pelas experiências do poeta Antônio Francisco**

## SUMÁRIO

### **ABRAM ALAS PRA VIAGEM DE PERTENÇAS E CONSTRUÇÕES**

#### **CAPÍTULO I: CAMINHOS E DESCAMINHOS DO MEU “EU”**

- 1.1 Retalhos de mim: minha origem, minha família, minha terra e minha gente ..... 22
- 1.2 Santo Antônio do Salto da Onça, remanso poético da minha construção. O salto que inspirou poesia e aprendizados .....50
- 1.3 Trajetória profissional: o fazer docente em sintonia com a educação inclusiva .....57
- 1.4 O despertar pela (auto)biografia impulsionado pela vivência com a educadora Apoená .....70

#### **CAPÍTULO II: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DO POETA ANTÔNIO FRANCISCO**

- 2.1 Contando causos, descobrindo saberes e experiências formadoras do poeta .....82
- 2.2 O lugar do poeta: pertencimento e abertura à pluralidade de outros territórios .....101
- 2.3 Vida recitada em versos, poemas que declamam a vida .....107
- 2.4 O poeta na constelação dos grandes mestres da literatura de cordel .....117

#### **CAPÍTULO III: O CORDEL DE ANTÔNIO FRANCISCO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE INCLUSIVA**

- 3.1 Da formação do poeta ao poeta formador .....131
- 3.2 Potencialidade educativa da sua obra: Plantar grãos de esperança numa folha ressequida e colher a semente, olhando o rosto da vida .....148
- 3.3 Versos, valores e ação rimam com formação .....159
- 3.4 A poesia popular como viés que descortina e viabiliza a inclusão socioeducacional.....174

APANHADO DE SABERES CONSTRUÍDOS NESSES CAMINHOS.....190

REFERÊNCIAS

## **ABRAM ALAS PRA VIAGEM DE PERTENÇAS E CONSTRUÇÕES**

O estudo com enfoque nas histórias de vida e narrativas de experiências formadoras intitulado: Formação de professores na perspectiva da inclusão: interfaces com a obra do poeta Antônio Francisco, objetiva analisar a contribuição da poesia popular do cordelista supracitado para a formação de professores inclusivos. Tem, também, o propósito de identificar as histórias de vida, os saberes e as experiências formadoras que potencializaram os cordéis do renomado poeta através de suas narrativas (auto)biográficas, além de destacar os valores humanos presentes na sua obra, a fim de evidenciá-los como indispensáveis para a formação e prática do professor inclusivo.

O meu interesse acadêmico pelo tema iniciou-se quando passei a lecionar nas Escolas Públicas do Estado e Município, crianças com necessidades especiais e jovens vitimizados por formas plurais de violência (física, psicológica, institucional, inter-relacional, etc) e deparei-me com diversas situações de exclusão que muito me incomodavam, pois entendo a educação inclusiva como direito incondicional e acredito que a perspectiva da inclusão é a que se apresenta com maiores possibilidades de proporcionar a todos uma educação de qualidade, independente das necessidades que apresentam, como decorrência de deficiências, condições socioeconômicas e culturais, comportamentos específicos, etc. Convicta de que a educação inclusiva é uma realidade desafiadora, compreendo que para atingir seus objetivos se faz necessário uma formação docente voltada para os direitos humanos que contemple o domínio dos saberes, das competências técnicas e dos valores humanos que possam gerar práticas e atitudes inclusivas. Nesse sentido, busco fazer a interface da obra de Antônio Francisco que ressalta os valores humanos com a formação do professor inclusivo.

A escolha da temática justifica-se pela familiaridade que tenho com a literatura de cordel, pois sou oriunda de família de repentistas e sempre tive contato com essa arte, que sempre me fascinou, desde a infância. Reconhecendo o seu potencial educativo, busco averiguar sua eficiência na formação de professores inclusivos. A opção pelo cordelista Antônio Francisco se apoia na sua sensibilidade poética apurada, na genialidade das suas ideias, na qualidade e forma vernacular dos seus escritos, na coerência da sua produção que ilustra até as últimas consequências, a convicção permanente de que o homem precisa de uma radical reformulação de sua compreensão de mundo para poder evoluir em busca da plenitude

de seu ser e construir um mundo mais justo e igualitário, na ênfase dada ao resgate dos valores humanos como imprescindíveis nessa reconstrução, na maturidade de uma poesia que trabalha a emoção e a razão tentando buscar o equilíbrio possível entre elas.

Antônio Francisco Teixeira de Melo é Mossoroense, graduado em História, cordelista, xilógrafo e compositor. Aos 45 anos começou sua carreira literária. Muitos dos seus poemas se tornaram livros didáticos adotados nas Escolas Públicas do Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Alagoas e São Paulo. Ocupa hoje a cadeira de nº 15 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), cujo patrono é o poeta cearense Patativa do Assaré.

É importante ressaltar que essa pesquisa cumpre fielmente as normas regulamentadas pela Resolução nº 510 de 07 de Abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que discorre sobre a ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos, considerando o respeito por sua dignidade, liberdade e autonomia. A construção deste estudo obedece às Diretrizes estabelecidas no cap.III da Resolução supracitada em pleno cumprimento ao que exige com relação ao Processo de Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes que por si ou por seus representantes legais, manifestarem a sua anuência à participação na pesquisa. Todas as etapas diretivas foram aplicadas como devido, para que o sujeito da pesquisa e todos os colaboradores pudessem se manifestar de forma autônoma, livre, consciente e esclarecida, tendo garantido seus direitos legais.

Para a construção do trabalho, destaco o cordel como um gênero literário que pode transmitir valores humanos essenciais à inclusão com linguagem simples, rima, musicalidade e humor, gerando humanização e inclusão, pois traz em seu bojo a capacidade de provocar grandes discussões e profundas reflexões problematizando os mais diferentes contextos sociais e políticos com dinamismo e humor, despertando o prazer de aprender e constituindo-se num instrumento pertinente para dar voz aos silenciados e empoderamento aos oprimidos.

Nesta estrada, mostro a obra do exímio poeta Antônio Francisco, que firme em seu ideal de ajudar a construir um mundo melhor, faz de cada verso um grito por justiça social e

---

1A referida Resolução regulamenta que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deve ser lido e compreendido antes da concessão do seu consentimento e deve conter obrigatoriamente a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa. Esclarece todos os direitos dos participantes e a forma de acompanhamento da pesquisa, garantindo sigilo e privacidade dos participantes.

explico como se processa a relação entre seus poemas e a prática inclusiva dos professores. Neste trajeto justifico a minha escolha, pelo método (auto)biográfico, relato como fui apresentada a essa metodologia pela professora Apoena e falo quão importante ela foi para minha formação e para o meu crescimento como professora inclusiva.

Este estudo está estruturado em três capítulos, cada um dividido em quatro tópicos.

No Capítulo I, “*Caminhos e descaminhos do meu eu*” narro a minha trajetória de vida, experiências e formação, sublinho a importância do contexto familiar na minha vida, descrevo minha terra, minha pertença, meu povo e suas influências na minha formação, destaco minhas experiências escolares e profissionais e verso sobre a descoberta do método (auto)biográfico impulsionada pela vivência com a educadora Apoena. Explano meus relacionamentos com a literatura de cordel e com a obra do poeta Antônio Francisco, destaco alegrias e dores na luta pela educação inclusiva. Apresento as narrativas das minhas vivências em sala de aula e minhas reflexões como fonte de (auto)formação.

Exponho minha caminhada narrada num “eu” singular, mas reconstruído sempre através dos resgates das memórias em que outros “eus” estão presentes. Visto que não seria capaz de reconstruir essa viagem sem a colaboração de outras memórias. Dessa forma, retrato vivências, partilhas, interações, pertencas, aprendizagens, crescimento pessoal e profissional, passando inevitavelmente pelos caminhos que unem laços em uma relação de sujeitos, lugares e acontecimentos. Emprego o método (auto)biográfico por constituir-se numa abordagem que possibilita a utilização das histórias de vida como um instrumento de investigação-formação. Por meio da (auto)biografia é possível mostrar de que forma os fatores sociais, políticos e culturais marcaram a história de vida de cada um e clarificar de que modo a confrontação da pessoa com tais fatores é constitutiva de formação social e política. A (auto)biografia é um método dinamizador, gerador de transformação pelo pensar em si, falar de si e escrever sobre si mesmo, valoriza a subjetividade, propicia autoconhecimento e conseqüentemente (auto)formação, coaduna, portanto, com a nossa pesquisa.

No Capítulo II “*Narrativas (auto)biográficas do poeta Antônio Francisco*” percorro através das memórias do poeta o caminho trilhado para a sua construção poética evidenciando as suas experiências como recursos de (auto)formação e abordo, ainda, os saberes e experiências formadoras do poeta protagonista da nossa pesquisa, o seu lugar de pertencimento, território, sua vida recitada em versos e a construção dos seus versos que declamam a vida. Enfoco a colocação do cordelista na constelação dos grandes mestres da

literatura de cordel, fazendo um relato fiel das narrativas (auto)biográficas do poeta. Esse capítulo também se encontra dividido em quatro tópicos. A (auto)biografia nos revela o protagonismo e centralidade do sujeito no processo de pesquisa, nos permitindo uma reflexão mais profunda sobre a vida do poeta e sua obra

Exaltar o lugar de Antônio Francisco é reconhecer sua importância no seu fazer-se poeta, visto que seu ambiente exala poesia na alvorada do amanhecer, nas tardes silenciosas, no pôr do sol tristonho, em toda a natureza que se veste de um véu de sonho evidenciando a cada cena o desabrochar de um verso, fortalecendo e acentuando a vocação do cordelista para desbravar fronteiras e como ele mesmo diz: “viver como um beija-flor soltando pólen no mundo pra fecundar o amor”.

O lugar de pertencimento do poeta se faz indispensável na construção das suas narrativas (auto)biográficas. O lócus de investigação da nossa pesquisa será a sua residência localizada no Bairro Belo Horizonte em Mossoró-RN, conhecido como Lagoa do Mato, onde o poeta nasceu, cresceu e vive até hoje.

Apresento aspectos da vida profissional do poeta, suas dificuldades, suas conquistas, a expansão da sua obra através das feiras, eventos, escolas, rádios, TV e internet. A produção dos cordéis, os títulos conquistados, a posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC em 2006 na cadeira 15, cujo patrono é o saudoso poeta cearense Patativa do Assaré e o destaque do seu trabalho em Mossoró, no Rio Grande do Norte e no Brasil.

Realço a conquista do título de imortal na ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), palácio das poesias e parnaso das rimas, pois ao ocupar a grandeza desse espaço, Antônio Francisco sentiu o sabor da imortalidade e presenciou o grande avanço do cordel que o cordão de sua poesia puxou, deixou seu legado grafado em mil versos, quebrou preconceitos contra o repentista nordestino e a poesia popular e deixou a mensagem: O saber do povo é autêntico sublime e grandioso. Narrar a história do poeta e sua posição na galeria dos heróis que o verso imortalizou é fazer jus à riqueza das narrativas (auto)biográficas do poeta. Analiso a vida do poeta através da sua (auto)biografia a fim de compreender na essência o que torna o seu cordel capaz de conduzir o ser humano pela reflexão, a reconhecer-se em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer as diferenças como inerentes a tudo que é humano.

O terceiro Capítulo, intitulado “*O cordel de Antônio Francisco e suas implicações para a prática docente inclusiva*” é o alicerce da nossa pesquisa tomando como base as

narrativas (auto)biográficas do cordelista. Nele, busco responder ao objetivo de analisar a contribuição da sua poesia para a formação do professor inclusivo.

Adentro no universo poético de sua obra em busca dos valores proclamados, dos saberes, das reflexões que dela emanam e do seu potencial educativo. Estudo a influência dos cordéis de Antônio Francisco na formação de professores inclusivos que decidem por uma ação educativa verdadeiramente inclusiva. Averiguo, assim, a capacidade educativa da sua obra, no sentido de oportunizar discussões e reflexões sobre a necessidade urgente de acabar com práticas discriminatórias, preconceituosas e excludentes na escola.

Ao destacar as narrativas (auto)biográficas do autor Antônio Francisco, identifico os saberes de histórias de vida e experiências formadoras, que o capacitaram mesmo em face da insensatez humana a transbordar esperança e contribuir através dos seus cordéis para a conscientização das pessoas a respeito do papel de cada um e de todos na construção de um mundo mais justo e humano. A poesia de Antônio Francisco tem a pretensão de nos fazer perceber a presença do outro em nós.

Nas rimas, ele busca materializar o seu pensamento sobre a possibilidade de mudança dos conceitos humanos e revela a esperança de consertar o mundo, levando-nos a entender que seus versos podem contribuir nessa importante tarefa. Tudo isso transforma Antônio Francisco de um poeta em formação a um poeta formador e nos leva a compreender a magnitude do seu cordel e suas implicações para o desenvolvimento de uma prática docente inclusiva. A sua poesia é lugar de percepção, representação e pertencimento, no qual os sujeitos são vistos, por isso, há uma possibilidade de identificação e reconhecimento, que a capacita a intervir como formadora, favorecendo o desenvolvimento de uma visão perceptiva, problematizadora e crítica.

Desenvolvo as narrativas (auto)biográficas do poeta com ênfase no potencial educativo dos seus cordéis, sua sensibilidade e beleza contrastando com o cotidiano. Versos que provocam, instigam, inquietam e levam à reflexão sobre a realidade ao nosso entorno e nos convidam a construir as mudanças necessárias para a efetivação de uma sociedade solidária e inclusiva. Estudo o potencial dos versos do poeta popular como espaço de construção, provocação e como um elemento que proporciona a reflexão sobre os valores, que destroem preconceitos e repudiam atitudes discriminatórias e excludentes, além de focar a capacidade dos versos de favorecer atitudes e práticas inclusivas.

O poeta cordelista verseja sobre tudo o que lhe ocorre no cotidiano, relacionamento humano, política, educação, economia e diversidade cultural. Sua poesia traz entretenimento, prazer, encantamento, levanta discussões e sustenta reflexões, que acionam o preparo do leitor para o acolhimento com a diversidade e as diferenças. Espalhando humanização e plantando igualdade, hoje seus versos são utilizados como recursos metodológicos em escolas públicas de vários estados brasileiros. Estudo o cordel de Antônio Francisco como uma estratégia metodológica, que possibilita preparar o professor para uma prática educativa inclusiva.

Enfoco que a inclusão está alicerçada na dimensão humana e que a obra do poeta Antônio Francisco ressalta os mais nobres valores do ser humano, como forma de chamar nossa atenção para sentimentos desrespeitados, desprezados e negados na nossa sociedade. Contribuindo, assim, para através da reflexão apurar o olhar do professor e levá-lo a uma transformação da prática pedagógica alimentando atitudes e práticas inclusivas na sala de aula. Analiso sua vida com ênfase nos elementos alavancadores do seu êxito e empoderamento. Enfatizo sua simplicidade, as dificuldades vividas e sua capacidade de superação, com o intuito de apresentar sua história de vida e sua obra cordelista como fonte de resiliência e crescimento.

Nas considerações finais, parafraseando o poeta, apresento “*Um apanhado de saberes construídos nesses caminhos*” para destacar reflexões e aprendizados da caminhada junto ao poeta Antônio Francisco, elucidaremos os saberes de histórias de vida e das experiências formadoras que potencializaram a sua trajetória formativa em seu percurso de vida e desenvolvimento pessoal e profissional. Saliento a relevância de seus versos para a formação e prática inclusiva na sala de aula.

Destaco também reflexões sobre o método (auto)biográfico e o seu papel na formação do sujeito. Saliento a necessidade de aprimorar o olhar sobre a (auto)biografia, na comunidade acadêmica, pois a especificidade do método biográfico implica a ultrapassagem do quadro lógico-formal e do modelo mecanicista, que caracteriza a epistemologia científico-dominante, que valoriza a práxis humana, a subjetividade e a historicidade do sujeito. Realço o que o método (auto)biográfico representou na minha vida na medida em que possibilitou me encontrar como sujeito individual com experiências próprias, mas também social, na construção da minha identidade, a partir da interação com a professora Apoena, com o outro, com o cordel, a história de vida de Antônio Francisco e com a inclusão.

A pertinência científica desta pesquisa está na possibilidade que oferece para a compreensão da relevância dos saberes e fazeres dos sujeitos comuns, ancorados em suas raízes culturais e experiências formativas a partir de sua trajetória de vida, de experimentos e aprendizados que erguem conquistas e mudanças. O estudo a partir das narrativas e vivências do poeta Antônio Francisco adquire cunho social e coletivo por permitir o diálogo e a aproximação com as histórias de outros sujeitos, sobretudo daqueles que vivem à margem da sociedade e da história oficial. A nossa pesquisa traz também uma significativa contribuição para a reflexão na formação docente, na medida em que as histórias de vida representam um instrumento de formação para o sujeito que se narra para si e para os outros, colaborando para a compreensão dos processos de conhecimento, formação e aprendizagem. Consideramos, ainda, a sua relevância no fato de esboçar novas visões de reconhecimento e de revalorização do poeta popular e da literatura de cordel como recurso cultural do nosso povo, da nossa gente.

## **CAPÍTULO I: CAMINHOS E DESCAMINHOS DO MEU “EU”**

A memória traz em sua gênese, significados tantos e tão potencializadores, que confluem às dimensões superiores da vida: Humanista em sua essência; dialética em sua propensão transformadora; dilacerada, múltipla e plural em sua sociabilidade.

(Lucília Delgado)

### **1.1 - Retalhos de mim: minha origem, minha família, minha terra e minha gente**

Neste primeiro capítulo apresento uma visão pictórica da minha existência. Abro uma janela no tempo para oferecer um panorama do meu “eu” retratado num quadro recauchutado de lembranças, ternuras e desejos de uma vida construída no enlace com outras vidas e em permanente construção com o outro e para o outro.

Retrocedo pela ponte imaginária da memória aos velhos caminhos percorridos, revivo acontecimentos que encheram de significados a minha vida, recordo pessoas queridas nunca esquecidas, que guardo num lugar especial de mim e que hoje distantes enchem meu coração de uma dolorosa saudade. Volto nas asas do pensamento a lugares que servem de cenário e palco para o meu existir.

Penetro em pensamentos secretos, desejos inconfessos, sonhos ousados, antes adentro na mais profunda da minha alma para ajuntar fragmentos da vida e compor minha história. Submeto-me à arte da escuta de mim mesma, de ouvir o pulsar do meu coração e revido pacientemente o que há de mais sublime guardado no meu interior, para dar vivacidade às linhas que escrevo. Alcanço as madrugadas frias e silenciosas buscando acordar no desfecho frenético das horas, coisas resguardadas no meu íntimo, alegrias, prazeres, obstáculos, temores, descobertas, aprendizados, lições adormecidas pelo tempo para poderem vir a lume e compor o meu relato em conformidade com o calendário da vida. Assim, deslumbro estradas sinuosas, desertos e campos floridos por onde caminhei e que gestaram acontecimentos que se filiaram aos mais importantes registrados na minha existência. A saudade provoca um turbilhão em minha mente e a imaginação bastante faz comprimir em meu peito dores que as lembranças trazem, mas, faz também, pulsar emoções que colorem de vivaz euforia a

aventura de narrar em recortes os feixes que carrego da minha vida e que firmam a minha autenticidade e a singularidade do meu ser.<sup>2</sup>

Minhas mãos que ontem se entusiasmavam no desfrutar juvenil da vida, hoje débeis fazem escritas, reavivar a saudade que persiste em continuar me acompanhando para reverenciar toda trajetória vivida, que se não foi suficiente para me levar ao cume da realização dos sonhos e a concretização dos ideais planejados, também não foi capaz de apagar a chama insopitável da esperança de perseguir metas para efetivá-las.

A Deus que sempre me circundou com misericórdia e benevolência trazendo-me bênçãos, provisões e proteções e àqueles que contribuíram para minha formação e colaboraram com o privilégio do seu convívio. Vida válida e inspiradora por todo o encanto que a rodeia. Vida que enfatiza descoberta de si mesma, do mundo, das próprias sensações e pensamentos, inquietantes na busca de respostas para os meus silêncios e ruídos e para a compreensão das vozes silenciadas ou ruidosas ao meu entorno. Vida que atravessa os caminhos na sua multiplicidade com olhos alargados na amplidão do bosque a observar detalhadamente as pequenas e grandes coisas que nele existem sempre em busca de aprendizados.

Exponho neste capítulo minhas narrativas (auto)biográficas e destaco momentos marcantes da minha itinerância de vida, minha infância, adolescência, vida escolar, experiências profissionais, descrevo minha terra, minha relação com a literatura de cordel e o importante encontro com a educadora Apoená que me apresentou o método (auto)biográfico e me encorajou a mergulhar com mais profundidade nos estudos e alçar voos mais altos.

Através do método (auto)biográfico afundo-me nas minhas memórias em busca de conhecimentos de mim mesma, como também, na interação e reflexão com o outro, pois o ato de narrar-se ou escrever acerca de si mesmo é uma experiência formadora e contribui de forma relevante para nossa existência e amadurecimento.

---

<sup>2</sup> O texto dissertativo foi escrito em duas pessoas verbais, consideramos que o trabalho traz momentos de narrativas de experiências pessoais da autora e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e sujeito da pesquisa. Assim, se justifica o uso da primeira pessoa do singular para marcar o posicionamento da autora e a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas em conjunto.

O método (auto)biográfico expressa de acordo com Josso (2010) o escrito da própria vida, de modo que o sujeito se desloca numa análise entre o papel vivido de ator e autor de suas próprias experiências sem que haja uma mediação externa de outros. Nossa pesquisa traz o propósito de refletir sobre a importância de se construir um professor com perfil inclusivo, estimulando-o a voltar-se para si mesmo e para o outro, alimentado pela sensibilidade poética que consolida sentimentos de inclusão, levando a reconhecer cada um como sujeito de historicidade e direitos, capaz de construir a sociedade em que vive.

O método (auto)biográfico situa-se para além de toda a metodologia quantitativa e experimental. A biografia provém quase inteiramente do domínio do qualitativo e pretende atribuir à subjetividade um valor de conhecimento. Por valorizar a singularidade dos sujeitos a (auto)biografia viabiliza o diálogo, a análise e a discussão entre diversos aspectos da minha pesquisa, tornando-se pertinente ao meu estudo.

A pesquisa (auto)biográfica possibilitou encontrar-me como sujeito individual com experiências próprias, mas também social, na construção da minha identidade a partir da interação com outros das minhas vivências, partilhas, interações, pertencas, aprendizagens, crescimento pessoal e profissional, passando pelos caminhos que unem laços em uma relação de sujeitos, lugares e acontecimentos. Este capítulo está dividido em quatro tópicos:

O primeiro tópico: *“Retalhos de mim. Minhas origens, minha família, minha terra e minha gente”* retrata minha infância, fala alto a respeito da minha essência, do meu contexto familiar, das minhas raízes e de tudo que me deu a vida e me formou. Revela os brotos que me fizeram germinar, a selva que me alimentou a terra que me acolheu e desenrolando o fio condutor que tece a minha vida descortinando acontecimentos, lugares e pessoas que contornam, perpassaram e adentraram a minha vida e meu coração.

Em *“Santo Antônio do Salto da Onça, remanso poético da minha construção. O salto que inspirou poesia e aprendizagens”*, descrevo minha terra, minha localidade, minha pertença, meu povo e suas influências na minha formação. Enfatizo o amor que dedico a minha cidade natal e a minha gente, a interferência da cultura santo-antoniense na minha vida, o prazer de saber que ser santo-antoniense é ter história e possibilidades de dar grandes saltos na vida.

Em *“Trajetória profissional: o fazer docente em sintonia com a educação inclusiva”*, destaco minhas experiências escolares e profissionais, o contato com a diversidade e a inclusão. Apresento todo um percurso de vida desde a infância até os dias atuais para enfatizar

fatos vivenciados e presenciados que colaboraram para a minha construção enquanto pessoa e profissional defensora da educação inclusiva.

No quarto tópico “*O despertar pela (auto)biografia impulsionado pela vivência com a educadora Apoena*”, verso sobre o meu encontro com a (auto)biografia e seus encantos, narro experiências pessoais e a experiências formativas vivenciadas junto à professora Ana Lúcia Aguiar, PhD em Educação, que me ensinou a importância de biografar-me como sujeito no e/com o mundo num empoeiramento Freiriano que tem como pressuposto básico a conscientização da minha capacidade de protagonizar a escrita de minha própria vida como autora e testemunha da minha história. Ela me fez perceber a necessidade de entender e respeitar a singularidade do outro, permitindo-me contemplar o coletivo e a alteridade, quando é mencionado: “– Viajando pelas minhas origens, retalhos de mim, minha família, minha terra e minha gente”.

A nossa vida é definitivamente um grande mosaico, construído a muitas mãos. Parafraseando o poeta João Cabral de Melo Neto é como uma manhã que um galo sozinho não pode tecer. Ela vai se tecendo no apanhado do cantar de galos que com muitos outros se cruzam. Ela constitui-se de cada tijolo simples que constrói o edifício, do tom de cada cor que forma a aquarela, da simplicidade de cada nota musical que compõe a linda e suave melodia, de cada letra que forma o universo das palavras. Corroborando com Gonzaguinha eu aprendi: “Que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente, toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas.”

A vida é como uma grande locomotiva que reúne em si pessoas diferentes, vozes desconhecidas e sai riscando trilhos, abrindo espaços, balançando muitos braços no embalo de sonhos e desejo de alcançar a linha da chegada. O tecido que reveste a vida é feito de muitos retalhos e sua cor, textura, estampa e fibras são delineadas conforme o que se vive, se aprende, se guarda nas paredes da memória, nas lembranças acariciadas, nas saudades persistentes, nas aprendizagens colhidas dos momentos ímpares, partilhados com outros sujeitos em diversos cenários.

Em conformidade com Halbwachs (2004) existe um fundo social, coletivo em todas as nossas lembranças, pois, a memória individual é um trabalho do sujeito, mas construído em grupo sempre contida no conjunto maior de memória coletiva. Assim, a memória individual se apoia em suportes relacionados às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória individual histórica.

A memória tem, portanto, uma função social relevante. A memória individual funciona utilizando-se de recursos aprendidos de outras pessoas, de ambientes em que se convive, do grupo social ao qual pertence e que seletivamente legitimou as próprias memórias dos sujeitos. Halbwachs (2004) deu ênfase ao fato de que os indivíduos se recordam de acordo com quadros sociais, assim, para ele os indivíduos utilizam imagens do passado, enquanto membros de grupos sociais que sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações.

No primeiro tópico do primeiro capítulo, me proponho a relatar minha história de vida, numa trajetória narrada num “eu” singular, mas, reconstruído sempre através de resgates das memórias em que outros tantos “eus” estão presentes. Visto que não seria capaz de reconstruir essa viagem sem a colaboração de outras memórias. Procuo aqui registrar vivências, partilhas, interações, pertencas, aprendizagens, crescimentos pessoal e profissional, passando inevitavelmente pelos caminhos que unem laços em uma relação de sujeitos em lugares e acontecimentos. Relatar a nossa vida, mostrar como se deu a formação do nosso eu, evocar nosso passado e nossas lembranças, refletir sobre a nossa construção não é fácil, mas é um exercício necessário para reconstruir nossa história.

De acordo com Pérez (2003, p. 112) “Narrar a vida é reinventá-la, é produzir novos sentidos, é reatualizar em novos conceitos as marcas inscritas em nosso corpo, em nossa história.” Narrar histórias, relembrar acontecimentos, escrever memória, reviver momentos que pareciam adormecidos ou esquecidos é recriar o nosso percurso de vida, na tentativa de reconstruí-lo com a intenção de retirar dessas experiências lições e aprendizagens. Trago aqui memórias, recordações compreendidas como referências, pois ao serem narradas funcionam como experiências formadoras.

Escrever minha (auto)biografia, ou seja, escrever de mim, significa compreender como me tornei o que sou, refletindo sobre o caminho percorrido e mirando aonde pretendo chegar. É pensar toda a minha trajetória nas suas múltiplas relações e interações e estabelecer uma leitura dessas experiências vivenciadas e uma análise de suas contribuições para o meu viver. É uma escrita inacabada, inconclusa, tendo em vista que está em processo permanente de construção. E na minha condição de incompletude, retorno constantemente ao íntimo estado de eterna aprendiz. Segundo Freire (1996) “onde há vida há inacabamento.” O ser humano não nasce pronto, vai continuamente se construindo e nesse processo vai edificando sua história.

Sou Silvana Maria de Lima Holanda, filha de José Ireno de Lima e Rita dos Santos de Lima, ele paraibano filho do lavrador, fabricante e vendilhão de fumo de rolo, Joaquim Crispiniano de Lima e Maria Madalena da Conceição, também paraibana, nascida no ano em que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea (1888), mulher valente e do lar. “Pai ôto” corruptela de “Pai” e Mãe Ena derivado de Madalena era como invariavelmente chamávamos os nossos avós paternos.

Minha mãe, que prefere ser chamada por Ritinha, Riograndense do Norte, nascida no sítio Timbaúba, município de Santo Antônio, filha de Tito dos Santos Nogueira, fazendeiro e comerciante e de Luíza Cândido dos Santos Nogueira, comerciante. “Pai Tito” e “Mãe Luíza” eram nossos avós maternos. Meus pais viveram um casamento feliz por 38 anos até o falecimento do meu pai em 1989, sou a sexta filha do casal que teve sete filhos, três homens: Ireno José o primogênito (falecido), Crispiniano Neto e José Luiz e quatro mulheres, Maria de Fátima, Maria Auxiliadora (falecidas ainda crianças), Maria Sueli e Silvana. A figura 1 mostra a família Lima e todos os resquícios daquele tempo.

**Foto 1 – Família Lima**



**Fonte:** Acervo Pessoal, Mossoró – RN, 2014.

Meu pai, José Ireno, diante do cansaço do meu avô, assumiu o comércio de fumo. Plantava, fabricava fumo de rolo e viajava a cavalo por toda região de Brejinho, Lagoa de Pedras, Nova Cruz etc. vendendo o fumo nas feiras, que era conhecido como o mais fino e de melhor qualidade naquela área. Embora trabalhando com o fumo meu pai nos ensinou a não fumar e também não fumava. Em torno da cultura do fumo nossa família viveu muitos anos, até que o meu pai resolveu mudar de ramo e arrendar um bar e lanchonete na praça central de Santo Antônio. “Praça Aristóphanes Fernandes, localizado em frente ao clube recreativo da cidade, o Grupo Escolar Dr. Manoel Dantas e o Ginásio Comercial Ana de Pontes.” A quadra mencionada, em conformidade com Dantas (1941), era um complexo composto de uma quadra de esportes, um bar e sorveteria e um parque infantil com uma infraestrutura moderna e bonita. Ali se realizavam os eventos culturais e esportivos da cidade, tornou-se então o ponto de encontro dos santo-antonienses e visitantes.

**Foto 2 – Bar e Lanchonete de José Ireno**

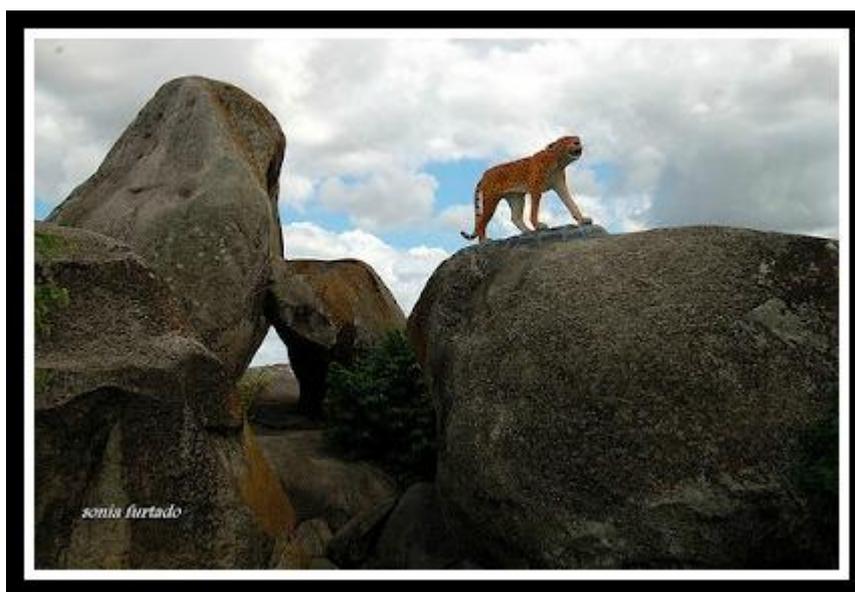


**Fonte:** Acervo Pessoal, Santo Antônio – RN, 1977.

Minha mãe ajudava no bar/sorveteria à noite, mas mantinha uma mercearia na casa em que morávamos. Tomava conta da bodega, cuidava dos filhos, costurava nossas roupas dentro da bodega entre um freguês e outro e ainda fazia os mais saborosos bolos que conheci na vida.

Nasci e me criei na pacata cidade de Santo Antônio do “Salto da Onça” e embora o “Salto da Onça” não seja oficial é a referência inevitável quando precisamos anunciar nossa naturalidade. O nome “salto da onça” veio de uma lenda que passou de geração em geração contada pelos moradores mais antigos na qual às margens do rio Jacu, na redondeza da vila, existia uma pedra, rachada ao meio, medindo três metros de altura e que teria servido de cenário para a luta de vida ou morte entre caçador e a onça. O caçador na agonia gritou: Valei-me Santo Antônio! A onça deu um pulo mortal e foi cair de costas sobre um gume afiado da pedra que lhe partiu o espinhaço. O Caçador cumpriu o voto prometido ao Santo e construiu uma capela para Santo Antônio que deu nome à vila e ao município.

**Foto 3 – Pedra do Salto da Onça**



**Fonte:** Acervo Pessoal, Santo Antônio – RN, 1980.

Nesse mergulho pela minha história retorno ao meu “eu” criança, lembrando o amor dos meus pais, o olhar vigilante, a dedicação e o carinho que me dedicavam. Guardo bem viva em mim a lembrança do aconchego do meu lar, o carinho, a união com meus irmãos, as brincadeiras, as doçuras da infância.

Vivíamos com pouco, enfrentávamos dificuldades financeiras, mas, nos amávamos e nos respeitávamos. Meus pais católicos nos ensinaram a rezar ao dormir e ao acordar, a cumprir os preceitos bíblicos, adorar a Deus e amar ao próximo. Embora tendo pouco estudo,

meus pais liam e incentivavam a leitura de histórias bíblicas. Meus pais foram grandes incentivadores da boa leitura, através das histórias que liam conosco, nos ensinavam valores, princípios, bons costumes, abriam espaços para discutirmos diferentes pontos de vista, nos oportunizavam participação, socialização e construção de subjetividade. Nas rodas de leitura, ficávamos juntos uns dos outros, nos divertíamos viajando por lugares e cenários imagináveis, nos emocionávamos com as aventuras dos personagens e os fatos narrados. Aqueles momentos sagrados eram uma pausa para alimentar nossa alma, fortalecer nossas emoções e pensarmos com o coração. A atitude dos meus pais de valorizar a leitura foi, sem dúvida, um posicionamento que fez a diferença na nossa formação como leitores e na nossa vida.

Não posso deixar de rememorar os momentos em que rezávamos juntos, as idas à igreja aos domingos e as participações nas festas do padroeiro, quermesses do lugar. Meus pais nos instruíram a respeitar, obedecer aos mandamentos de Deus e sermos fiéis aos seus princípios que regem até hoje as nossas vidas e guiam as nossas relações com os demais. Eles foram firmes e bondosos na nossa disciplina, tornaram macio o terreno do nosso coração por meio de manifestações de amor e afeto. Vejo que essas lembranças despertaram a minha fé e me fizeram descobrir o sentido da vida cristã.

É mexendo na “panela da gente” que compreendemos o que nos embasa, nos fundamenta e constrói nosso caráter. Ressalto também como marcante o fato de terem nos ensinado na teoria e na prática a lição da humildade e do respeito pelos outros, pela diversidade e pelas diferenças. Não cansavam de exemplificar. Sejam como árvores, que nos dão frutos, flores e sombra e sequer sabem do bem que fazem; sejam como os rios que correm calmos e decididos derrubando obstáculos e despreziosos vão levando em seu curso fartura e vida. Meus pais nos conduziram por sábios caminhos, somos frutos dos seus ensinamentos e do exemplo de vida que nos deram.

Instruíam a valorizar a vida e agradecer a Deus o que tínhamos, dizendo: Só quem passa pelo deserto, sabe o valor da chuva, só quem passa pela luta sabe o valor da vitória e alertavam: quando a vida está mais difícil, precisamos ser mais fortes. Portanto, nunca desistam dos sonhos, persistam para alcançar as metas, pois Deus só dá grandes vitórias a grandes guerreiros.

Minha mãe, sempre disponível, disposta a dar o colo e apoio nas horas difíceis, exemplo de dedicação, foi adiando os seus sonhos para realizar os nossos. Meu pai, movido por um coração maior que ele próprio, era capaz dos mais destemidos gestos de coragem para

efetivar justiça. Ensinou-nos no dia a dia, que a vida é infinitivamente maior e mais bonita que pensamos.

Logramos deles valores humanos, morais e éticos, além da sede de justiça. Cada um dos seus filhos pode dizer com convicção: “A vergonha é a herança maior que o meu pai me deixou”. Dominicé (2010) é um dos estudiosos da (auto)biografia que pensa o universo das relações familiares, enquanto contexto de formação. Segundo esse autor: “Aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda”. Sendo assim, é inevitável reconhecer as influências do nosso convívio, Dominicé (2010, p. 87) defende: “Os pais são objetos de memórias muito vivas, estabeleceu-se com cada um deles uma relação muito particular que por vezes mostra-se determinante na orientação escolar e profissional.”

A nossa história posta em palavras se inicia antes de nós: nos nossos pais e em tudo que eles contribuem para nossa constituição. Considerar suas contribuições para gerar nosso próprio percurso permite que nos aproximemos daquilo que se produziu antes e durante a nossa formação. As pedras afastadas do nosso caminho têm as marcas das mãos dos nossos pais, que como precursores nos abriram o trajeto. Eles pisaram em espinhos para em plena mata nos abrir estradas, cavaram a terra e jogaram as sementes para que pudéssemos colher as flores, por isso é natural que nos espelhemos neles para atingirmos o próprio amadurecimento e conquistarmos a autorrealização.

A casa onde nasci e me criei possuía a singeleza das coisas belas. Nenhum luxo, nenhum requinte, tudo simples, modesto, porém, aconchegante. Era uma casa grande, amarela de largas portas e janelas. O lado esquerdo reservado à bodega da minha mãe, palco principal de toda sua vida, onde vendia de tudo um pouco. Lembro perfeitamente do tambor de açúcar, da balança Filizola, da tábua de cortar fumo, do garajau de rapadura, dos sacos de feijão, da lata de querosene jacaré com uma bomba para encher os litros ou garrafas, da cuia de medir farinha, do filtro de barro para os fregueses beberem água e dos copos pendurados num suporte de madeira na parede, das folhas de papel de embrulho com um peso de madeira sob o grande balcão escuro.

Tudo isso fazia parte do cenário de um empreendimento comercial que era muito mais que um negócio, era um espaço privilegiado onde se recebia os amigos para conversar sobre tudo. Um bate-papo que existia sem compromisso ou preocupações. A minha residência tinha móveis antigos, entre eles recordo-me de uma cristaleira toda de vidro onde se guardava os copos, as xícaras e os pratos que servíamos às visitas. Sempre desejei usar aquela louça,

mas isto era terminantemente proibido por minha mãe. Havia também na sala um centro enfeitado com miniaturas de vidro que nós desejávamos colocar na nossa casa de boneca, mas não podíamos sequer pegar por alguns instantes.

Não posso esquecer uma máquina de costura da marca *singer* com gabinete de madeira e pés de ferro (presente do meu avô para a minha mãe) a quem ela dedicava um carinho especial e um tratamento prioritário, nela costurava roupas para toda a família com cortes perfeitos e delicados acabamentos, sem nunca ter feito um curso de corte e costura. Ficaram guardados em minha mente a cadeira de pano exclusiva da minha avó (mãe Ena) e a cadeira de balanço de macarrão verde onde meu pai descansava ao meio dia.

Existia uma radiola antiga num canto da sala que fazia alegria da casa. Tínhamos uma coleção de discos que reunia as melhores músicas brasileiras. Era um repertório magnífico. Minha mãe, fã de Luiz Gonzaga, ouvia todas as suas músicas e ficava cantarolando com voz afinada e bela. A sua música preferida era “a sanfona do povo” que ainda ouço no recôncavo do espírito. A velha radiola enchia a casa de melodias que espalhavam contentamento e prazer, colorindo o nosso cotidiano e espantando as tristezas. Meus pais tinham um gosto musical requintado; aprendemos com eles a gostar de músicas de qualidade.

Afinamos os ouvidos para a música popular brasileira ouvindo Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Elis Regina. Das belas canções que escutava, uma particularmente marcou minha pré-adolescência, foi cálice de Chico Buarque, composição de 1973 quando as nuvens do mau tempo ainda se achavam muito densas e concentradas no Brasil. Vale a pena recordar:

Pai, afasta de mim esse cálice,  
Pai, afasta de mim esse cálice,  
Pai, afasta de mim esse cálice,  
De vinho tinto de sangue.

Música que sofreu censura que grassou na época, agindo no campo político-cultural e moral por não defender ou reforçar um sistema ditatorial que violentamente sonegava a liberdade do povo. Na referida música, Chico Buarque expressa com propriedade o sofrimento do povo brasileiro durante a longa permanência da ditadura militar instalada com o golpe militar de 31 de março de 1964, que castrava a liberdade, torturava e matava quem não apoiava o desprezível e triste movimento.

Nosso estudo busca através da poesia popular, revitalizar os valores humanos negados pela ditadura militar e que são imprescindíveis para a construção de uma sociedade democrática e inclusiva. Busca chamar a atenção para a necessidade de respeitar e garantir o direito à igualdade de oportunidades a todos.

Resgato ainda as minhas vivências e meus pertencimentos, prossigo descrevendo a minha casa que estava na Rua Padre Cerveira, conhecida como a Rua do Motor. Pois, era ali que ficava a gigantesca máquina que iluminava a pequena Santo Antônio por muitos e muitos anos até a chegada da energia elétrica de Paulo Afonso no ano de 1966.

Praticamente além daquela rua de casas antigas, existiam apenas a Rua Grande, onde ficava a matriz de Nossa Senhora da Conceição (única igreja do lugarejo), a Rua da feira popular que funcionava aos sábados e movimentava toda cidade vendendo diversidades de objetos, animais, remédios do mato e curiosidades da terra, servindo de palco para os artistas de rua, principalmente emboladas de coco, cantadores de viola, mágicos e artesões. Havia a Rua da Pedra e a Rua do Cemitério onde por coincidência terminava a vida de muitos e acabava a área urbana da cidade.

Retrocedo ainda mais no tempo, relembro das grandes vaquejadas que aconteciam na nossa rua. Após as calçadas eram fincados estacas e moirões; sobre as calçadas armavam-se os poleiros para abrigar os que queriam assistir de camarote. A “boca de ferro” era o alto-falante por onde se fazia a divulgação das duplas em disputa.

Santo Antônio sempre contou com a tradição da vaquejada, apresentando grandes nomes no esporte com Ailson Miguel e Neco Venceslau. Tempos depois construíram o parque Afrísio Barros que hoje faz parte dos circuitos de vaquejada do Nordeste e transferiram as vaquejadas para lá. O nome do parque é uma justa homenagem ao senhor Afrísio Barros, ex-prefeito de Santo Antônio, amante das vaquejadas e rodeios, que sempre colaborou para manter as tradições da vaquejada na cidade. Neste espaço foram realizadas grandes vaquejadas e nesses espetáculos descobriu-se grandes talentos que conduziram o esporte por gerações.

Em frente à casa que eu morava havia um canteiro com dois bancos de mármore e três árvores frondosas. Tínhamos ali um recanto para nos reunirmos com a meninada da rua e adjacências, para brincarmos. Brincávamos de cirandar, de passa-anel, tô no poço, casa de boneca, etc. Ouvíamos dos mais velhos, histórias de trancoso, lendas, fábulas que povoavam meu mundo de seres fantásticos, fadas, bruxas, monstros e super-heróis. Essas histórias me

encantavam e faziam germinar as sementes da minha fértil imaginação. E embalada pelo entusiasmo, mergulhava nas aventuras e me entregava sem ressalvas à magnitude daqueles significativos momentos, deixando-me banhar pela ternura e poesia que emanava dos relatos que alimentavam os sonhos e fantasias da minha meninice.

Papai fazia brinquedos para nós. Exímio artesão no fabrico de patinetes de rolamentos dava aos meus irmãos a felicidade de rolar sobre as calçadas perturbando a muitos incomodados. Para nós mulheres, fabricavam móveis de caixas usadas para decorar a casinha de bonecas e vassouras para varrê-las. Colocando altas doses de carinho e arte em cada artefato que fabricava, meu pai povoava nossa infância de invenções que favoreciam o desenvolvimento de uma criatividade sem limites, abrindo portas para muitas descobertas e novos conhecimentos. Ele fazia com suas engenhocas o mundo se descortinar a nossa frente, nos convidando à magia e ao deslumbramento. Em cada detalhe do que construía, havia possibilidades mil de investigações e reconstruções e nos proporcionava verdadeira alegria, encantamento, interação, aprendizado e interação.

A Rua do Motor, conhecida como Rua Padre Cerveira, onde residi em Santo Antônio, tinha a famosa casa de Inês que fabricava e vendia fogos de São João, traques, foguetes, estrelinhas, cobrinha, chuveiro, caracaxá e os lindos fogos de lágrimas. Alheios a quaisquer perigos, nossos olhos de criança brilhavam diante de esplendorosa beleza. Como poderíamos resistir ao espetáculo de luzes e cores, formas, movimentos que clareavam os céus em noite escura roubando a cena das estrelas? Pequenos e inocentes desejávamos bem no íntimo participar daquele maravilhoso bailado.

Na véspera de São João, meu pai, devoto do santo, religiosamente fazia uma grande fogueira, reunia a família e os amigos para celebrar o Santo, comíamos milho assado na fogueira, comidas típicas e fazíamos adivinhações! Soltávamos os fogos sob o cuidadoso olhar do meu pai e da minha mãe. A atenção e o esmero dos nossos pais nos transmitiam uma segurança que aniquilava o medo de brincar com fogo e sob a proteção primorosa deles, nos divertíamos reverenciando o santo na noite estrelada e iluminada por balões coloridos que nos enchiam os olhos inocentes de crianças.

Nas calçadas da minha rua as pessoas costumavam sentar no fim da tarde, sem medo, alguns despreocupados como os lírios dos campos para conversarem com a tranquilidade das tartarugas. Meus pais invariavelmente pegavam o pôr do sol sentados na calçada e ali formavam uma roda de gente para falar sobre tudo e mais alguma coisa. Ali, meu pai reunia

aposentados, políticos, jovens estudantes, cantadores de viola, artistas, etc. E tudo que acontecia na cidade era comentado e discutido naqueles encontros informais. Essa reunião costumava perdurar até à noite, sem medo de ser feliz.

Na minha casa moravam meus pais, meus avós paternos, meus irmãos e mais um primo Edmilson que minha avó criava. Juntos na modéstia da nossa vida, partilhávamos sorrisos e compartilhávamos dores. Sempre unidos vencíamos os obstáculos, as dificuldades. Cada desafio abraçado significava uma pitada de afetividade que selava nossos laços de carinho e amor. Quanta cumplicidade existia entre nós, quanto respeito, quantas partilhas! Verdadeiros tesouros sem preço. Educados no amor, vivíamos em união os valores mais nobres da convivência humana. Imersos em ternura, aprendemos a superar nossas divergências, potencializar nossas virtudes e instaurar uma relação amorosa, positiva, de responsabilidade de cada um pelo outro e pela integridade da família.

Papai, embora semianalfabeto no ensino formal, era um homem politicamente conscientizado. Ensinou-nos “que a política é uma engrenagem que move o mundo”. Defensor intransigente da democracia e dos direitos humanos, levantando sua voz firme e forte em defesa da nossa gente. Foi presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, vereador por quatro mandatos e presidente da Câmara de Vereadores. Grande conhecedor dos problemas e do povo de Santo Antônio, trabalhou e retratou na tribuna as batalhas políticas e sociais impulsionadas pelos santo-antonienses, empenhando suas bandeiras de luta em prol do pequeno agricultor, do funcionário público, do estudante e do professor. Assumiu com seriedade os mandatos que o povo lhe confiou, teve respaldo popular e o reconhecimento de seus munícipes.

Com seu exemplo de vida, de determinação, seu espírito de luta e persistência, despertou o olhar crítico dos seus filhos e o desejo de semear as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade justa e democrática. Seus filhos “não fogem à luta”. Crispiniano e José Luiz (escritores e poetas populares) cantam a libertação dos oprimidos e a luta histórica pela transformação da sociedade. Ideias que compartilho e levo para minha prática profissional como educadora preocupada com a inclusão.

O poema “Meu martelo” de Crispiniano Neto, nasceu de suas reflexões sobre a luta e há alguns anos fez operários refletirem em quase todos os recantos do país como em São Bernardo do Campo, onde o poema é recitado e cantado em assembleias grevistas.

Meu martelo tem uma força incrível,  
 Sempre avança apesar de perseguido,  
 Se esconde no peito do oprimido,  
 E suporta calado o horrível.  
 Mas na hora que explode invencível,  
 Cego vê, surdo escuta, mudo grita,  
 Sua força é tão grande e infinita  
 Seu poder de mudança é tão sério...  
 Quanto mais poderoso é o império,  
 Sua queda final é mais bonita.  
 (Crispiniano Neto)

E no poema seguinte, José Luiz, meu irmão, poeta e cordelista aponta a falta de amor dos poderosos como a causa de grandes injustiças. Ele defende que se o amor existisse no coração dos homens haveria igualdade, unidade e justiça, todas as contradições da vida se dissolveriam e desapareceria a indiferença reinando harmonia e paz. Segundo o poeta “o amor é a luz que não deixa escurecer a vida”.

O nosso trabalho de pesquisa busca conscientizar as pessoas dessa verdade, realça a necessidade de colocar os valores humanos em prática, pois de nenhuma outra maneira poderá o fundamento de uma sociedade igualitária e inclusiva ser lançada tão firme e tão segura.

Pelos campos floridos lucrativos  
 Camponeses sucumbem frente às balas  
 E as fábricas modernas são senzalas  
 Onde brancos e pretos são cativos  
 As crianças são órfãs de pais vivos  
 Que a própria sociedade faz  
 Quem podia ser honra pra seus pais  
 Não serão nada mais que criminosos  
 Pela falta de amor dos poderosos  
 Nosso mundo caminha sem ter paz.  
 (José Luiz)

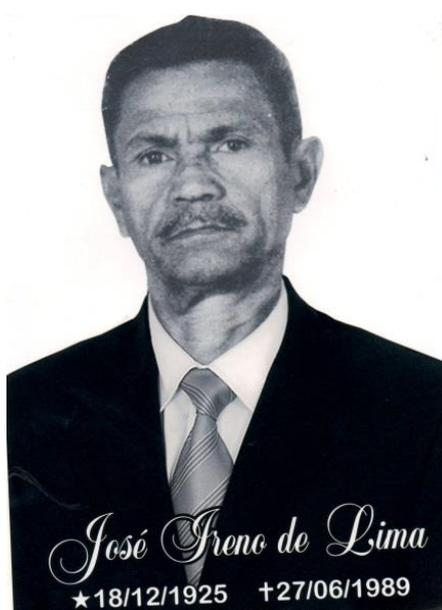
Os valores cantados nos poemas são os mesmos que defendo para a construção de uma sociedade melhor, mais digna, mais humana e mais inclusiva. Não sou poetisa, mas enalteço a memória de meu pai, tão digna do registro, empunhando as mesmas bandeiras que ele levantava em defesa da igualdade de direitos, da inclusão e da justiça social. Admiro a poesia porque ela faz estrugir no vozear sublime que o povo eleva, ecos de um futuro mais feliz, quando exprime com legitimidade seu grito de liberdade, apanha em versos cada soluço, enxuga com rimas as lágrimas sofridas e acorda dentro do povo a sua força, proclamando tempos novos de empoderamento e conquistas. A poesia traz o protesto isento do ranço

panfletário, sendo uma forma de criticar sem perder a ternura, sem incorrer no equívoco de enfrentar os conflitos com velhas armas.

Meu pai foi um poeta sem versos que fazia brotar poesia da sua voz terna e mansa falando apaixonadamente de suas convicções, das suas mãos lutando pela igualdade, pela liberdade, pela construção de sociedade de paz, amor e justiça que fizesse desaparecer o bernal dos mendigos, as crianças abandonadas nas ruas, que extinguisse a fome e a violência que destrói tantos jovens e tantas famílias. Ele fazia nascer a poesia, quando fazia reascender em nós a esperança que ele mesmo firmou com as próprias mãos. A ele a nossa eterna gratidão e reconhecimento. Infelizmente o perdemos em 1989. Jamais conseguiremos preencher o vazio deixado com sua partida, mas o guardaremos no mais precioso dos baús, no coração. Agradecemos a Deus pela dádiva que nos concedeu de ter convivido com ele; sua lembrança há de ser perpétua como a fé imorredoura, como a saudade, e grande como o altruísmo.

Sua capacidade de luta e seu espírito colaborador nos acompanham pela vida, pois nunca se acomodou como disse o poeta Girão: Nunca vi seus braços imóveis, inertes, sem movimento. Nós o devolvemos a Deus com tristeza, mas confortados na certeza de que “os justos verão a Deus.”

**Foto 4 – José Ireno (meu pai)**



**Fonte: Acervo Pessoal, Santo Antônio – RN, 1989.**

Vivendo sobre o influxo da literatura de cordel, impregnei-me da sua beleza e capacidade para abordar e discutir temas polêmicos e importantes relacionados ao cotidiano do nosso povo, despertando a conscientização crítica e incentivando a participação política-cidadã. Percebi, então, a dimensão educativa do cordel e despertei para estudar mais profundamente a sua competência, a fim de estimular uma prática inclusiva em sala de aula.

Ressalto também, como marcante na minha vida, a perda do meu irmão mais velho em fevereiro do ano (2017), Ireno Lima, que como primogênito assumiu a liderança da família após a morte do meu pai, o substituiu tomando para si a responsabilidade de chefe de família e revelou-se um pai admirável, dando-nos toda assistência necessária e encaminhando-nos na vida. Seu exemplo de bom filho e excelente irmão permanecerá para sempre na nossa memória. Que Deus possa recompensá-lo por todo o bem que nos fez.

**Foto 5 – Ireno José (meu irmão)**



**Fonte: Acervo Pessoal, Natal – RN, 2016.**

Sua partida foi repentina como um raio que passa e o impacto foi chocante nos proporcionando uma dor profunda e uma saudade imensurável. Porém, permanecemos com o seu exemplo de vida e as doces lembranças que perpetuarão sua presença em nossos corações. Não está longe de nós quem está perto de Deus. Sentimos profundamente a sua partida, mas

agradecemos a Deus por ele ter sido tão especial e por ter nos deixado tantos ensinamentos e tantas alegrias.

E para atenuar a trama da narrativa descrita remontamos às lembranças doces da minha mãe Ritinha, alicerce da construção da minha vida, mola propulsora da nossa família; impôs uma indelével marca em nossa história e sua impressão decisiva no nosso caráter. Desde o princípio do nosso grupo familiar ela representa o elo de harmonia, o abrigo mais seguro, o acalanto, o amparo, a acolhida, o agrado que faltava, o conselho que precisamos com seus cuidados incansáveis, seus desvelos incessantes e compassivos. Considerada o ponto de equilíbrio, está sempre atenta, presente, pronta a servir, exagerada no cuidar. É a bússola que nos guia na bonança ou mesmo no temporal sem deixar que nos afastemos dos caminhos de Deus.

Quanta determinação, paciência, sabedoria e persistência ela utiliza para cumprir dignamente suas múltiplas funções de serva de Deus, mãe, mulher trabalhadora e cidadã, sendo referência para filhos, netos e bisnetos. Sua vida tão marcante e pródiga em virtudes, exemplos e ensinamentos, levarei comigo como o maior tesouro adquirido na vida. Grandes valores conseguimos extrair dos seus mais singulares atos de simplicidade. Exemplos de serenidade e resistência na construção da verdade e do bem. Nossa conexão é intensa e maravilhosa. Dona de uma pureza quase santa, representa a maior inspiração e a peça-chave da nossa vida. Ser sua filha é aprender algo novo e indispensável todos os dias.

Quero reter na memória com um cuidado especial e conservar no mais profundo do meu coração a musicalidade nordestina que a minha mãe traz nas veias e a sua voz afinada cantarolando com os olhos fixos no poente a música *Sanfona do Povo*, de Luiz Gonzaga, que eu reverencio como eterno rei do Baião. Nesta canção, o compositor realça o amor que sente pela sanfona, instrumento musical que simboliza sua terra e identifica suas raízes culturais, em conformidade com a letra da música:

Olha aqui, essa sanfona  
Sempre foi a minha  
Dona e tem valor (BIS).  
De estimação  
Quem roubou minha sanfona  
Em bem sei  
Foi alguém sem coração

**Foto 6 – Dona Ritinha (minha mãe)**



**Fonte: Acervo Pessoal, Mossoró – RN, 2015.**

Dona Ritinha edificou nossa família com seus ensinamentos e seus exemplos, iluminou nossos caminhos e continua conduzindo os nossos passos. Que bom seria se o seu amor e cuidado com as pessoas aflorasse em todos os âmbitos da sociedade, penetrasse na atmosfera humana e prevalecesse em todas as relações! A ideia que permeia todo o universo da nossa pesquisa é o resgate dos valores humanos, da importância da família, do amor, do respeito à vida através de uma educação voltada para o ser humano e seus direitos. Valores que a sociedade teima em não reconhecer e praticar e cujas consequências constituem um dos fatores substancialmente responsável pela disseminação dos preconceitos, discriminações e exclusões sociais.

De acordo com Dominicé (2010): “Aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda [...] evidentemente a família é o lugar principal dessas mediações”. O autor enfatiza a importância da família para a construção e afirmação do “eu”. Corroboramos com suas assertivas, pois compreendemos que é no lar que recebemos os primeiros ensinamentos, desenvolvemos nossos comportamentos e estabelecemos fundamentos éticos e morais que nos governam por toda a vida, na formação do caráter nenhuma influência eleva tanto como a do lar.

Uma família bem ajustada é uma plataforma para os propósitos de Deus na terra. No seu aconchego e nos propósitos que ela apresenta encontramos a essência da polidez do homem, pois sua educação é duradoura, aflora os bons sentimentos e favorece a afabilidade universal. Quando permanecemos em pé em meio as fortes convulsões que as influências maléficas exercem sobre nós, nessa derrocada de princípios que vivemos, agradecemos ao requinte do caráter que formamos no seio da nossa família. Atribuindo um valor importante à família como fazem os autores das biografias educativas, quisemos demonstrar que a nossa história de vida se constrói nesse campo relacional e a nossa formação está em grande parte ligada às aprendizagens daí advindas.

É pertinente trazer de novo à memória a minha adolescência, pois é nesta fase que a pureza da criança vai ganhando a beleza de outros contornos e a idade mágica onde as estrelas parecem ao alcance das mãos e um tempo em que nos permitimos ousar, arriscar, aventurar. É no desencostar do nosso “EU” que enxergamos a multiplicidade do mundo que existe e que nos oferece passaporte à vida. Somente na mocidade é que olhamos o que assombra ou encanta sem medo.

A juventude é tempo de grandes descobertas, sentimentos aguçados e entusiasmo pleno. É a época em que os desafios são possibilidades. É nesta fase da vida que fazemos as nossas grandes escolhas e construimos as nossas conquistas. Não temos medo de ser felizes e cobrimo-nos com o invólucro da bravura e uma férrea vontade de viver nos impulsiona a desferir voos alucinantes, e aciona visões caleidoscópicas que nos situam num plano de irrealidade e sonho.

Ser jovem na pequena Santo Antônio do Salto da Onça, com tão poucas oportunidades e tão distante do desenvolvimento científico, tecnológico e social, significava mobilizar-se, inquietar-se e inserir-se na busca das realizações. Para possuímos precisávamos fazer acontecer e movida pela curiosidade e pela certeza de que viver é muito mais que estar vivo, buscávamos conquistar espaços. Batalhar, prosseguir, embora o topo do monte parecesse inatingível. E confiantes seguíamos o exemplo do mar que euforicamente bate sem descanso no áspero rochedo até que um dia, finalmente vença o penhasco sem timidez ou medo.

Participamos do clube de jovens da cidade, liderado por jovens católicos, do grupo teatral da Mônica Liderado Crispiniano Neto, que usava o Grêmio Lítero Recreativo como sede e montou a peça Revolta dos brinquedos de autoria de Pernambuco de Oliveira e Pedro

Vergas (1970) o referido teatro nasceu o grupo de jovens que também chegou a criar um jornal chamado jornal da Mônica do qual eu era repórter. A criação do grupo teatral objetivava descobrir talentos e complementar a formação cultural dos jovens santoantonenses, a interação, a criatividade, a memorização a linguagem musical, corporal, o vocabulário, incentivando a busca pelo conhecimento como forma de entretenimento prazeroso e divertido. Seus trabalhos eram geralmente feitos em benefício da igreja católica ou da Escola Filomena de Azevedo. Apresentava peças no estilo “drama” ou “comédia” e sobrevivia com muita criatividade sem o apoio e sem recursos para montar as peças.

A peça conta a história de uma menina mimada e rica que, ao invés de brincar, quebra e despreza os próprios brinquedos. Num passe de mágica, um belo dia os brinquedos criam vida e cansados do tratamento a eles dispensados pela criança, o fantoche, a boneca de pano, o soldado de chumbo, a fada, o ursinho, etc. promovem um julgamento para decidir uma forma de punir a criança. O teatro colaborou para que eu construísse um conhecimento cultural que vai além da sala de aula. Ele foi muito importante para a minha vida ajudou-me a perder a timidez, ampliou meus horizontes culturais, ensinou-me o valor do trabalho em equipe, a comunicar-me com as pessoas em diferentes formas colocando-me no lugar do outro. Oportunizou-me conviver com as diferenças e respeitá-las. Alargou consideravelmente as minhas possibilidades de interculturalidade flexibilizou minhas percepções visuais e me ajudou a quebrar preconceitos. O teatro ampliou minha compreensão de mundo e colaborou efetivamente para que eu pudesse atuar na sociedade, opinando, criticando e sugerindo de forma responsável. A minha experiência teatral foi um exercício de cidadania.

Trata-se de uma peça bastante educativa que realça valores como respeito ao outro, as diferenças, amizade e humildade. Eu fazia a personagem da boneca de pano e a peça foi um sucesso tendo sido apresentada várias vezes em Santo Antônio e nas cidades vizinhas. Participei com dinamismo do teatro na Escola Estadual Filomena de Azevedo, por muitos anos e colaborei com o jornal o Salto da Onça criado por Crispiniano Neto. Sempre ao lado de amigos especiais que deixaram marcas em mim. Pessoas como Elisabeth, Ribeirinho, a Xará Silvana, Herculano, Alexandre Barbalho, Sena e outros. Amigos que me viram crescer e cresceram comigo, pessoas que guardo do lado esquerdo do peito e conservo belas recordações.

A juventude é o período mais produtivo da vida porque no coração jovem pulsa o entusiasmo da paixão pela vida e os desafios tornam-se incentivos, motivos para arriscar-se.

Nessa fase, a vida é benevolente e o jovem sedento de aventuras vislumbra a argêntea luz do firmamento e parte sedento em busca de novos horizontes e não se importa se as auroras não clarearem as diáfanas cortinas que separam os sonhos da realidade porque nessa idade se começa a crer no vir a ser do que se deseja ser.

Como jovem, fui atuante, pensava como Mário Quintana que diz: “Se as coisas são inatingíveis” Ora! Não é motivo para não as querer. Não enxergava impossibilidades, não percebia vitórias inalcançáveis, não temia tempestades nem a escuridão do céu porque via estrelas ao meio dia, incansavelmente vivia pisando com um sorriso cada degrau da vida. A juventude é como uma fogueira de mel, aquece e adoça a existência poetizando nossos caminhos.

Não vivia os limites impostos pela pequenez da minha terra, onde predominava a calmaria interiorana, as janelas olhavam devagar a vida transcorrer sem pressa, indolentemente, numa nostalgia inquietante, tinha consciência de que somos seres desejantes, criamos alternativas para nos libertarmos e derrubarmos o que nos podava e construirmos nossos sonhos, fortalecidos no ouvir os ecos de um futuro mais feliz.

Ingressei no grêmio estudantil da Escola Filomena de Azevedo, onde estudava. O grêmio referido é uma instituição política, representativa e democrática dentro de um colégio. Sua atuação tende a tornar a unidade escolar um espaço público, amplo e defensor de politização, inclusive a comunidade do entorno. Ele inaugura uma participação colegiada que é condição básica para a educação democrática, abre espaço para o pensar diferente, para a liberdade de expressão, o respeito ao pluralismo que se consolida como postura de reconhecimento da existência de diferentes identidade e interesses que convivem no interior da escola e que sustentam através do debate e do conflito de ideias o próprio processo democrático. Sua existência pressupõe a construção de um espaço público, vigoroso e aberto às diversidades de opiniões e concepções de mundo, contemplando a participação de todos.

O grêmio permite que os alunos discutam, criem e fortaleçam inúmeras possibilidades de ação tanto no próprio ambiente escolar como na comunidade. Ele oportuniza discutir temas de grandes abrangências públicas, como o projeto político pedagógico, programas de cultura e lazer, políticas de emprego, política educacional, violência entre outros. Essa organização estudantil acende e alimenta a chama da participação política, desenvolve o espírito de luta pelos direitos sociais e encoraja o exercício da cidadania. No grêmio, levávamos à frente as reivindicações dos estudantes pela melhoria do ensino, por mais democracia na escola e

organizava com os colegas atividades recreativas e culturais no colégio. Recordo-me das festas de São João e da tradicional quadrilha que a escola organizava, a qual todos os anos participava como a noiva e desfilava por toda a cidade numa carroça enfeitada e puxada por burros, num cortejo bonito que abria os festejos juninos e animava toda a cidade. Tinha também espírito carnavalesco, participava dos “blocos de assalto”, uma tradição forte no passado, onde grupos de foliões fantasiados iam de casa em casa, tocando, cantando marchas carnavalescas e as famílias “assaltadas” lhes serviam bebidas e tira-gostos. Brincavam um pouco em cada casa e seguindo para outras.

Era também uma das componentes do bloco “os anjos” que contava com 60 foliões que levavam alegria à cidade. Criado em 1974 esse bloco saiu às ruas até 1982. O desfile no bloco era um momento esperado por todos os jovens, que vestidos de túnica branca com um adorno (adereço) de anjo na cabeça e arpas nas mãos levavam para a avenida com delicadeza “angelical” temas polêmicos, problemas da cidade e reivindicações da comunidade com visão crítica e politizada. As dificuldades vividas eram alegoricamente contornadas com uma porção dobrada de humor e alegria.

As minhas inquietações aguçaram o desejo de participar de movimentos sociais e políticos, filiei-me a um partido político de esquerda e militava nos movimentos estudantis, porque compreendia que a luta por uma educação pública com qualidade era uma luta de toda a sociedade que almejava o bem comum a todos. Percebi com essa experiência que o processo para alcançar nossos direitos sociais e humanos perpassa necessariamente pela desconstrução do autoritarismo e pela construção de relação de igualdade, respeito e solidariedade.

Essas vivências foram importantes espaços de aprendizagem e cidadania. Potencializaram minha visão crítica de política e sociedade, despertaram minha capacidade de luta adormecida, reacenderam o desejo pela construção de uma sociedade mais justa e me impulsionaram à mobilização pelas mudanças que desejava. Participar dessas mobilizações trouxe para a minha vida pessoal elementos fundamentais para a construção de minha identidade como sujeito profissional comprometida com a escola democrática, participativa e inclusiva.

O espírito de coletividade, de solidariedade e a capacidade de indignar-me com as injustiças compõem o conjunto desses elementos que me elevaram à condição de cidadã humana e educadora, profissional comprometida com a formação de um sujeito autônomo e crítico e com a construção de uma escola de desconstrução e eliminação de estereótipos

contra as minorias marginalizadas que reconheça e valorize as diferenças no respeito à diversidade e garanta um ensino de qualidade a todos.

A minha identidade como educadora foi sendo construída na medida em que os saberes da minha vivência se articulavam com os saberes adquiridos nas lutas coletivas pelos direitos humanos. Neste sentido é pertinente observar em Nóvoa, quando o mesmo aponta: A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas, de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira de cada um se sentir e se dizer professor.

No auge da minha adolescência precisei residir em Salvador, na Bahia; precisava continuar os estudos. Na época havia apenas uma escola de ensino médio sucateada em Santo Antônio, onde residiam meus pais preocupados com o meu futuro, pois acreditavam que o estudo representa um meio de ascensão social. Insistiram no propósito de me oportunizar um curso superior que me proporcionaria uma profissão e conseqüentemente uma qualidade melhor de vida, resolveram então me mandar estudar na metrópole, na casa do meu irmão mais velho (Ireno).

Queriam me levar a caminhar por outros trajetos nos quais eu pudesse receber o que a minha cidade natal não oferecia. Precisava partir para outros destinos, migrar em busca de dias melhores e descobrir novas possibilidades de crescimento. Resistir não pude, então abracei o desafio, rendi-me às argumentações convincentes, porém, confesso que no meu coração em contínuo pulsar se debatiam a sensibilidade e a razão. Uma me falava da saudade que sentiria da família, dos amigos e da vida pacata do meu lugar e a outra da necessidade de avançar no meu desenvolvimento e conquistar uma profissão.

Fascinada pela Bahia, terra de todos os santos e todos os encantos, de todos os ritos, do axé, do mar de Itapuã, das ladeiras, que descem das nuvens para o mar, de luar cândido e praças deslumbrantes, centro da cultura afro-brasileira, da mística dos carnavais, do trio elétrico, dos filhos de Gandhi, da miscigenação, da capoeira, do tropicalismo, de Jorge Amado, dos capitães de areia, do pelourinho, da sensualidade e do orgulho baiano. Uma terra preta de misticismo e alegrias.

Envolta de baianidade, tornei-me soteropolitana de coração e delineei traços de afinidade com aquele povo tão diversificado, pois como diz Gilberto Gil: “Toda menina baiana tem um santo que Deus dá, toda menina baiana tem encanto que Deus dá”. Aquela era

a oportunidade que despontava cheia de expectativas, com possibilidades abertas e promissoras.

E como uma águia que olha o brilho do sol e embora fique com as pupilas ofuscadas pela luminosidade intensa, fazendo seu sangue fervilhar nas veias, abrem asas e parte, rompendo o azul do céu em busca de novos horizontes, eu mergulhei sem medo, como que cansou de rastejar e quer voar. Vivi com intensidade, desfrutei de tudo que me oferecia. Desejava conhecer todas as faces da Bahia, transitar pelo seu lirismo amoroso, percorrê-la com a doce visão que trazia no meu imaginário, de uma Bahia linda, alegre, festiva que reunia todos os tipos de pessoas, respeitando suas individualidades e culturas. Desejei tornar-me baiana, embora estivesse consciente de que aquela terra era para mim apenas meta e passagem.

Minha afinidade com a Bahia era certamente um traço sinalizador de que ali, viveria episódios marcantes e situações singulares, que selaria grandes amizades (que perduram até hoje), e que a minha estadia naquele lugar me resultaria em significativas e inafastáveis aprendizagens. Estudei no renomado colégio NOBEL e preparei-me para o concurso vestibular que decidi prestar em Mossoró, pois minha irmã Sueli que residia nesta cidade estava grávida e necessitava de alguém para ajudá-la com o nenê.

Aprovada para Pedagogia na UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), curso que abracei com amor, me comprometendo a fazer dos seus desafios degraus para o meu conhecimento pessoal e profissional, transferei-me para Mossoró e passei a morar com a minha irmã Sueli que sempre me apoiou, compartilhando e alimentando os meus ideais, incentivando-me a prosseguir nos estudos em busca dos meus sonhos.

Apaixonei-me por Mossoró, cidade farta de sertão e sedenta de mar, terra hospedeira, resistente e brava que me acolheu com amor e me deu régua e compasso para traçar meus caminhos. Busquei aconchego nesta terra jovem, e ela, carismaticamente, abriu vaga para me abrigar. Logo senti que rugiam de seus ventos esperanças fagueiras ao traçar as linhas do meu futuro e que me reservava surpresas agradáveis e motivos para sorrir; hoje posso afirmar que Mossoró foi roça nova para plantar meu destino. Nela meus projetos se desenvolveram vigorosos, adubados por muita cooperação e incentivo que me abriram portas e perspectivas. Mossoró tem meu respeito e minha eterna gratidão. Não esquecerei que me proporcionou muitas realizações e não será passível de esquecimento o insigne feito de ecoar eternamente em mim seu grito por liberdade e justiça social.

Reverencio Mossoró nos versos de Raimundo Soares (1980, p.24) que declama;

Mossoró és o altar  
Onde, humilde pecador  
Venho a teus pés me prostrar  
E confessar meu amor,  
Orgulho-me do seu passado,  
Venero suas tradições  
E me sinto remoçado  
Com tantas emoções.

Sou muito grata a Mossoró, pois muitas das minhas realizações foram nessa cidade que conquistei. Concluí o curso de Pedagogia em 1988 com habilitação em Estudos das Disciplinas Pedagógicas (EDAPE) e Orientação Educacional em 1992. Consciente das dificuldades que os educadores enfrentam no Brasil, ciente do desrespeito e péssimas condições de trabalho, salários injustos e escolas sucateadas, porém com uma crença obstinada num futuro brilhante para a educação brasileira.

Logo após a minha formatura, conheci Carlos Holanda, homem íntegro e de grande caráter, professor de Português. Apaixonamo-nos e unimos nossas vidas numa só história. Estamos casados há vinte e seis anos. Compreendo que um casamento duradouro e feliz é como a semente de uma grande árvore, ele deve ser semeado em bom solo, regado e cuidado diariamente. Pois, somente com carinho, respeito e compreensão, confiança e amor é que esta semente poderá crescer forte e estável. Tornando a união mais bela do que qualquer jardim criado. Penso que amar não é querer alguém construído: é construir alguém querido. Amar é construir-se juntos, como diz Mário Quintana: “O amor é quando a gente mora um no outro”.

**Foto 7 – Carlos Holanda e Silvana Holanda**



**Fonte: Acervo Pessoal, Gramado – RS, 2015.**

Espero confiantemente que nosso matrimônio seja como o ouro que não pode ser consumido e como o círculo que não tem fim. Dessa união nasceu Emanuela, nossa única filha, nossa doce e meiga Manu. Sua existência significa muito mais que as palavras possam dizer. Nada poderia ter acontecido de melhor em nossas vidas do que tê-la alegrando nossos dias.

A Bíblia diz que os filhos são herança do Senhor e o fruto do ventre o seu galardão. Feliz o homem que enche deles a sua aljava, não será envergonhado quando pleitear com os inimigos à porta. (Salmo 127:3,4). Confiantes nas promessas do nosso Deus, agradecemos profundamente porque sabemos que o Senhor ama nossos filhos, mais do que nós mesmos, e está com eles em todos os lugares, até naqueles que não podemos ir amparando-os nos momentos de dor e medo, protegendo-os, acalentando-os, colocando-os na rota da felicidade.

**Foto 8 – Emanuela Holanda (minha filha).**



**Fonte: Acervo Pessoal, Mossoró – RN, 2014.**

Ela é uma preciosidade de Deus, sua existência é o maior motivo da nossa felicidade. Por que ela é a resposta de Deus as nossas orações. Pela sua chegada oramos muito, tive uma gestação muito difícil, os médicos detectaram muitos miomas no meu útero e aconselharam o aborto; para eles a única opção para a criança não nascer com deficiência, além do parto de alto risco. Angustiados e preocupados recorremos ao Altíssimo, rogando pela sua vida e

saúde. Deus atendeu as nossas preces e ela representa a maior bênção que recebemos do Senhor. O nosso tesouro inestimável.

Aguardando ansiosamente sua chegada, orávamos diuturnamente e para ela traçávamos os melhores planos e mais lindos sonhos, e ela chegou forte, destemida, determinada a vencer. A acolhemos com o que há de melhor em nós, para que pudesse sentir um pouquinho do grande amor que a dedicamos. Juntamos para ofertar-lhe todo o amor que existia em cada um de nós e também todo o carinho que conseguimos encontrar no mais íntimo do nosso ser.

Entregamos, sem ressalvas, ao Senhor, nosso Deus, a sua vida para que sob a Sua poderosa proteção, o caminho fosse brando aos seus pés, o vento soprasse leve em seus ombros, o sol brilhasse cálido sobre sua face e as chuvas caíssem serenas em seus campos, para que Deus lhe alargasse as fronteiras e a protegesse de todo mal. Assim, confiantes, cremos que a felicidade estará colocada na sua rota, tornando sua vida próspera e feliz, apesar dos reveses da existência.

O vínculo de amor que nos une cresce e se fortalece a cada dia. Com ela cada momento é único, cada sensação especial, pois nela há uma alegria que envolve, acolhe e inspira. Com sua meiguice, desperta em nós os sentimentos mais puros, ela irradia paz e amabilidade. A bondade de Deus manifesta através dos seus olhos azuis, torna-os brandos de compreensão e compaixão. Como pessoa humana e fisioterapeuta dedicada e amante da profissão, sabemos que o seu mais ardente desejo é oportunizar novos tons e novas cores à vida daqueles que por circunstâncias desfavoráveis da vida perderam a alegria de viver e vivem escravizados pela dor.

Nós desejamos, portanto, que ela possa desenhar e colorir sorrisos nos lábios dos que choram, semeando esperanças para que voltem a acreditar nos sonhos e na vida. Que todas as bênçãos de Deus venham repousar sobre ela, para que ela seja plenamente feliz, e assim nos faça também felizes.

Quaisquer que sejam os defeitos e as virtudes de nossos filhos, temos o dever de amá-los e defendê-los, quer eles estejam na adversidade, quer estejam na opulência. Os filhos representam o melhor de nós e as suas histórias se encontram nas nossas histórias. As nossas histórias se inter cruzam e nelas nos construímos como sujeitos.

## **1.2 - Santo Antônio do Salto da Onça: Remanso poético da minha construção. O salto que inspirou poesia.**

Santo Antônio, minha terra querida, minha localidade, meu ninho, minha pertença conhecida como Santo Antônio do Salto da Onça está situada no Rio Grande do Norte, na microrregião do Agreste Potiguar com sede a uma distância de sessenta e seis km da capital do Estado (Natal). Limita-se ao Norte com os municípios de Serrinha, Lagoa de Pedras, Brejinho e Passagem; ao Sul com os municípios de Lagoa D´anta e Nova Cruz; ao Leste com os municípios de Nova Cruz, Várzea e Passagem e a Oeste com Serrinha e Lagoa D´anta.

Está localizada na faixa de transição entre Tabuleiros litorâneos e o Planalto da Borborema. Possui uma área de 301,080 km<sup>2</sup> e tem densidade demográfica de 73,79 hab/km<sup>2</sup>. A população de Santo Antônio no censo (IBGE) de 2010 era de 22.216 habitantes sendo 10.045 homens e 12.062 mulheres, residindo 12.052 na área urbana e 8.055 na área rural. Santo Antônio – RN é uma boa terra, pacata, modesta e grandiosa pelos encantos que a rodeia. De comum tem apenas o ar interiorano que afasta o progresso, porém, sua pequenez e modéstia caem sobre seu povo como cascata de luz que derrama uma esperança brejeira que vai adocicando os sonhos e traçando os ideais de um povo que nasceu para saltar obstáculos e enfrentar onças. (Figura 9). Ao passar do tempo, a cidade foi alargando as fronteiras e conquistando timidamente o sonhado desenvolvimento.

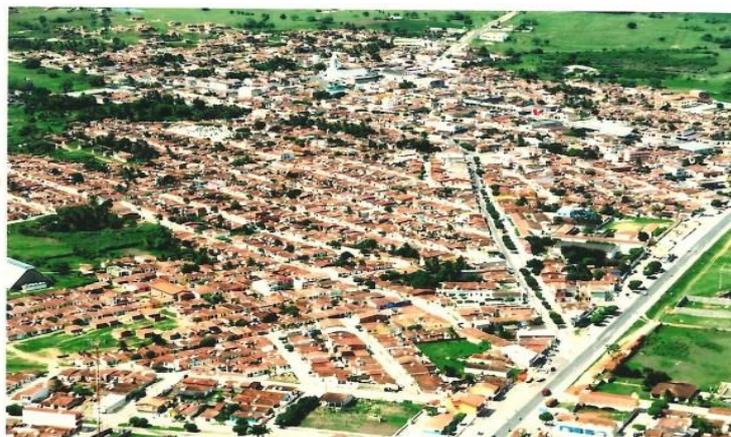
Na ânsia de crescer, conhecer o sabor do progresso e até suas contradições segue escrevendo paulatinamente as páginas do futuro. (Figura 10). Sua paisagem bonita vem contextualizando histórias e imprimindo marcas indelévels de saudades nos seus filhos que são motivados a explorar o mundo, vivenciar aventuras, mas retornar sempre aos seus braços, sedentos do seu carinho e do prazer que somente nesta “ilha de conforto” encontramos.

**Foto 9 – Santo Antônio – RN antiga.**



**Fonte: Santo Antônio de Vila à Cidade, Gélson Luís – 1º Ed, 2014.**

**Foto 10 – Santo Antônio – RN atual.**



**Fonte: Santo Antônio de Vila à Cidade, Gélson Luís – 1º Ed, 2014.**

A pacata Santo Antônio é conhecida como Santo Antônio do Salto da Onça para rememorar uma lenda que perdura por muitas gerações, que tradicionalmente faz parte da história de Santo Antônio e que se apresenta em muitas versões. A versão colhida pelo historiador Dantas é a do caçador que prestes a ser atacado pela onça, na sua agonia fez um voto a Santo Antônio para livrá-lo do animal e em agradecimento mandaria construir uma capela em homenagem a Santo Antônio, o santo protetor. Sendo atendido em sua petição, pois

por um milagre a onça deu um pulo mortal sob as pedras e morreu, o caçador cumpriu o seu voto, construindo a capela que deu origem à Vila e ao município de Santo Antônio. Porém, outros afirmam que a origem do topônimo relembra o fato de um viajante que sofreu o ataque de uma onça que, de cima de uma pedra, saltou para apresá-lo. Graças a uma promessa feita a Santo Antônio, conseguiu escapar e mandar fazer uma capelinha.

Essa versão parece ainda fantasiosa, pois, a primeira capela da vila foi construída pela fazendeira Ana Joaquina de Pontes, uma portuguesa que veio morar aqui no Brasil, nos limites de Pernambuco com a Paraíba e que comprou as terras do salto da onça para cultivar a fazenda às margens do Rio Jacu em 1850, tornando-se a fundadora da cidade, em conformidade com o historiador Dantas (1941).

Ainda de acordo com esse pesquisador, Ana de Pontes foi uma mulher empreendedora, muito à frente do seu tempo, pois quantas mulheres teriam coragem de morar numa fazenda sem estrutura, às margens de um rio, sem uma cidade ou povoado por perto, viúva e sem filhos? Prosperando como fazendeira, Ana de Pontes doou terras à santa da sua devoção, Nossa Senhora da Conceição, e construiu uma capela que deu origem à cidade de Santo Antônio. Vale ressaltar que Ana Joaquina de Pontes parece não ser apenas pioneira no feito de fundar uma cidade. Apesar da precariedade dos dados neste sentido, nossa pesquisa não encontrou nenhuma outra cidade no Brasil fundada por uma mulher.

São muitas versões sobre a lenda do salto da onça. Diz uma tradição local que havendo na margem do Rio Jacu duas pedras altas, uma onça pintada deu um salto tão grande de uma pedra para outra, que ficou muito tempo lembrando, dando nome ao lugar. Noutra versão, o caçador teria perseguido a onça e não ao contrário. A onça teria subido nas pedras mais altas, mais afastadas do Rio Jacu. Um conjunto de três pedras sobrepostas, sendo que a maior serve de base mais larga, comportando as duas menores de cima, uma maior e outra menor, separadas por um espaço de aproximadamente um metro por três de altura sendo que vai afinando na parte superior. Este espaço é um vão que separa uma pedra da outra e não uma fenda de uma única pedra rachada como aparece na maioria das descrições. Acossada pelo caçador, a onça teria pulado para a pedra chamada de todos de “pedra do salto da onça” que fica com metade dentro do leito do rio.

Essa versão tem dois finais: Numa versão a onça teria chegado ao topo da pedra que fica dentro do rio, o que é improvável, pois, seria “um voo” de quarenta metros, fantasia ainda maior, da conta de que a onça teria tentado um pulo de volta à pedra mais alta, ou seja, “um

voo” de quarenta metros e ainda subindo. Mas, teria caído no meio do caminho, em cima de uma pedra pontiaguda, ficando bastante machucada, sendo em seguida, morta por um tiro do caçador. No Outro final, a onça teria caído sobre a referida pedra, logo no primeiro salto. O que pode ser fato é que alguma onça deve ter sido morta por algum caçador em algumas daquelas pedras dando asas à imaginação do povo. O fato concreto é que com cerca de duzentos anos, a lenda faz parte da realidade dos Santo-antonienses, tendo até quem defenda que “salto da onça” seja incorporado ao nome do município.

O povoado até os meados do século XIX atendia unicamente por salto da onça, teve seu nome mudado pelo vigário de Goianinha, Padre Manoel Ferreira Borges, por ocasião da celebração da primeira missa na localidade, passando a se chamar oficialmente de Santo Antônio. Mas, a população estabeleceu outra denominação Santo Antônio do Salto da Onça, unido ao mesmo tempo, a história e a religiosidade. Por isso, por tradição popular se chama Santo Antônio do Salto da Onça, entretanto, oficialmente foi designado apenas Santo Antônio.

Em 1890, Santo Antônio foi elevada à categoria de município, tendo sido desmembrada do território de Goianinha. Por razões políticas foi reincorporada ao município de Goianinha no ano seguinte. Em janeiro de 1892 a Lei Estadual nº 268 de 30/12/1892 lhe reinstituíu a independência. De 1942 a 1948 a cidade teve a denominação Padre Miguelinho e após seis anos, o governo atendeu a reivindicação do povo e voltou oficialmente Santo Antônio à antiga denominação.

Santo Antônio se encontra numa zona de transição entre o litoral e o sertão, mais precisamente no Trairi, entre o Agreste verdadeiro e a chapada da Borborema onde se encontra São José do Campestre e a região Serrana ao seu entorno, se estendendo até Campina Grande (PB). Nossa vegetação não chega a ser exatamente do Bioma Caatinga, mas, pela proximidade é um misto de Caatinga e Agreste. A vegetação de Santo Antônio é intermediária com poucas espécies do litoral; é mais chegado para a Caatinga que é composta de plantas “amigos da seca” isto porque são formadas por espécies que acabaram desenvolvendo mecanismos para sobreviverem em um ambiente com poucas chuvas e baixa umidade.

No bioma são comuns árvores baixas e arbustos. Espinhos estão presentes em muitas das espécies. Os cactos são muitos representativos da vegetação da caatinga. Mas, não são os únicos representantes. Mesmo com o curto período de chuvas, existe uma variedade de

espécie vegetal. Entre elas estão o Mandacaru, a coroa-de-frade, o xique-xique que é o cordeiro, além das palmas forrageiras, bastante cultivadas na região para fins de alimentação animal.

A aptidão agrícola dos nossos solos é para pastagens plantadas e boa para o cultivo do ciclo longo como o sisal, caju, coco, etc. Santo Antônio se destaca no cultivo do algodão herbáceo. A maioria dos animais da caatinga tem hábitos noturnos o que evita que se movimentem em horários mais quentes. Em Santo Antônio os lagartos são muito comuns, o Tijuáçu, o Camaleão, e o calango verde também são muitos encontrados.

Algumas aves são moradoras típicas de Santo Antônio: carcará, gavião, rolinha de vários tipos (cabocla, pé de feijão, fogo pagou, pé de anjo), galinha d'água, marreca, tetéu, nambu, galo de campina, salta toco, lavandeira, caboré, beija-flor, coruja, rasga mortalha, de quem eu tinha muito medo quando criança porque os mais velhos contavam que quando essa ave voa sobre uma casa, entoando o seu canto que imita o ruído de uma tesoura cortando um tecido, significa um aviso fúnebre, com certeza alguém daquela casa ou daquela família morreria.

Quanto ao Jacu, que deu nome ao nosso rio e ao sítio da redondeza Jacu Mirim, desapareceu da fauna. Os animais silvestres que podem ser encontrados são: raposa, preá, gambá, punaré, peba, tijuáçu e camaleão. A onça que deu nome ao povoado há muito que desapareceu da região. Até mesmo o gato do mato e o guaxinim já são por demais raros. Talhado para as grandezas, meu torrão apresenta uma descomunal capacidade de despertar sentimentos, acordar os sentidos e libertar emoções, constituindo-se num campo amplo e fértil para brotarem espontaneamente os poetas.

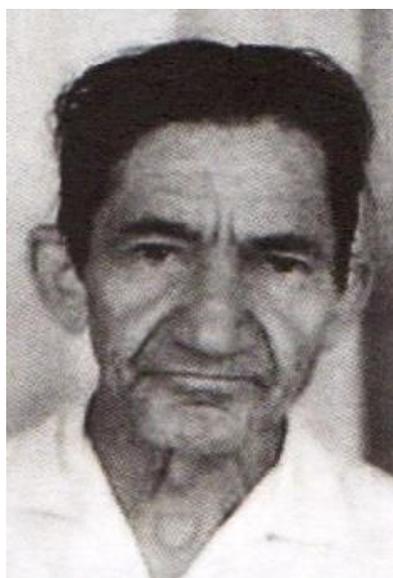
Com muita sensibilidade e raro tino de poesia destacam-se como grandes poetas de Santo Antônio: João Gomes Sobrinho (Xexeu), Teodomiro Crispim (in memoriam), Gildene Pereira, Ninerva Gomes, Maria José Espíndola, Gelsom de Biu, Suênia Maia, Raimundo Fortunato, Josemar Gomes, Liana Lemos, Jádna Pessoa, Helomar Júnior, Elêusepo Oscar (in memoriam), Ana Berlim, Albanize Anselmo, Cícero Serafim, Nestor Marinho (in memoriam), José Luiz e Crispiniano Neto entre outros.

Nestor Marinho, homem de pouca escolaridade, mas de muito estudo era um dos cantadores mais dedicados à leitura de sua época que era o tempo dos grandes desafios das cantorias, despeitados dos grandes desafios e pelejas. Não se registra nenhuma derrota de Nestor Marinho e todas falam dele como um repentista imbatível. Admiravelmente o poeta

não se deixou envolver imprudentemente pela terrível doença que desestabilizava seus sentimentos e provocava posturas inadequadas de revoltas e traumas que certamente arrastariam sua alma para o fundo das águas, ele não escreveu poemas funéreos, tristes e melancólicos, não retratou o mundo como um cemitério, não enaltecia seus flagelos e dores em lamentos desconsolados.

Sua poesia enfrentava as correntes contrárias numa batalha diária de coragem e fé e derramava um banho de luz no seu drama, seus versos bem-humorados, positivos e esperançosos possuem um brilho ofuscante cativando e prendendo o leitor no anzol da boa poesia. O intenso sofrimento que vivia não lasteou nem tão pouco estruturou sua poesia, ao contrário, fortificava seu áspero e adverso viver, dando-lhe beleza, cor e harmonia. Sua obra nos remete à grandeza da superação, da resiliência e às maravilhas da vida. Na dor encontrava ânimo para sonhar e fazer sonhar e com o âmago aliviado nos ensinava sempre a recomeçar. A qualidade do seu trabalho abre o foco regional para a universalidade merecida.

**Foto 11 – Nestor Marinho**



**Fonte: Santo Antônio de Vila à Cidade, Gélson Luís – 1º Ed, 2014.**

No auge de sua carreira de poeta contraiu asma brônquica tendo padecido mais de dez anos deste mal. Devido a um poema que escreveu na busca da cura para o mal que lhe afligia e os muitos medicamentos que teve que tomar na busca de melhora, ficou conhecido como o “poeta dos remédios”. Eis um trecho do seu famoso verso:

Já tomei celestone e decadron  
 Tomei meticortem, ideronil,  
 Iodeto de potássio, revenil  
 Curasmático, estalassa e ocilon,  
 Elixir de cereja e alergon,  
 Em calmante: Alupente e pílula asmac,  
 Filismina, franol, enfrin, marac  
 De nenhum obtive resultado,  
 Mesmo assim venho sendo medicado  
 Por inúmeros médicos do CRUTAC.

Nestor Marinho elevou o nome de Santo Antônio para o universo da poesia popular brasileira. No propósito de revestir-nos de aguçada sensibilidade poética, destaco pequenos trechos de poesias das mais belas com que puderam meus irmãos Crispiniano Neto e Zé Luiz se sobressaírem no concerto literário da cidade.

#### NOITE NA FAVELA

São seis horas é noite na cidade.  
 Nasce a lua com uma lágrima fria  
 Brada a voz da sirene, as fábricas fecham  
 E a favela, infame hospedaria,  
 Vira um cofre de corpos mutilados  
 Que a indústria sugou durante o dia.

É nas cenas diárias da favela,  
 Esse túnel de vozes reprimidas,  
 Calabouços de sonhos protelados,  
 Bolo amargo de dores convergidos,  
 Que se veem as sequelas do castigo  
 Que um sistema assassino impõe às vidas.  
 (José Luiz, 1989)

Tudo que aqui foi exposto de maneira improvisada desvela pouco a pouco os traços que me firmaram como aspirante à poetisa. Amante incondicional da beleza que extravasa da poesia com o seu poder devastador de sedução, sua capacidade de estimular sentimentos e libertar a criatividade irrigando com magia nosso coração de sonhos. A poesia traz saúde para as emoções, sabor e sentido para nossa existência. Sem a presença da poesia as perdas e frustrações da vida se tornam insuportáveis, as pedrinhas que obstaculizam os sonhos se

tornam montanhas intransponíveis, a realidade e seus conflitos se tornam golpes fatais. Para conduzir o barco da vida inevitavelmente precisamos usar dois remos: os sonhos e a poesia, porque dão asas à inventividade, impedindo que ela se esgote e a emoção envelheça.

### **1.3 - Trajetória profissional: o fazer docente em sintonia com a educação inclusiva.**

Neste tópico, destaco minhas experiências escolares e profissionais e o contato com a diversidade e a inclusão, ressaltando as vivências que contribuíram significativamente para a formação do meu “EU”. Aguço a minha memória para trazer à tona toda a minha itinerância pessoal e profissional a fim de resgatar as interações e os fatos vivenciados e presenciados desde a infância até os dias atuais, que colaboraram para minha construção enquanto pessoa e profissional defensora contundente da educação inclusiva.

E nesse exercício de memória cito Halbwachs (2004, p. 54) quando diz que a memória individual não está inteiramente isolada e fechada; “um homem para evocar seu próprio passado tem frequentemente necessidade de fazer apelo as lembranças de outros”. Substanciada nos estudos de Halbwachs (2004, p.54) trabalho o conceito de memória, interpretando na sua máxima: “a memória apoia-se sobre o passado vivido, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado aprendido pela história certa”.

Percebendo que ela veicula e fornece as condições para compreender a forma que encontrei de narrar a minha história de vida. Em um exercício de memória, faço minha viagem de retrospectiva e narrativa da minha vida, convicta de que a origem de várias ideias, reflexões e atitudes que comumente atribuímos a nós mesmos são na verdade, resultantes das nossas relações conosco, com o outro e com o grupo de convivência. Abrir o baú especial que guarda histórias e memórias que são minhas e de outras pessoas me traz a sensação de revivê-las e fortalece a minha conscientização do quanto representam para a minha formação.

Adentro no vasto universo da leitura e da escuta, tendo o privilégio de ser conduzida pela minha mãe, que com singeleza e doçura me apresentou as primeiras letras e incentivou-me a descobrir suas inúmeras possibilidades de construir palavras e o fascinante encanto de suas expressões. Paciência, dedicação, compreensão e confiança acompanharam os primeiros passos que galguei na vida estudantil.

Infelizmente, não frequentei unidades de educação infantil, pois não existiam na minha cidade, o que muito me entristece, pois compreendo que as maiores aquisições de uma

criança são conseguidas através das brincadeiras, das atividades lúdicas que são berço obrigatório das atividades intelectuais da criança. Entendo que o relacionamento com outras crianças na primeira infância é extremamente relevante para descobrir o mundo de forma prazerosa e divertida.

Lamento profundamente não ter frequentado a creche e de terem com isso me negado o direito de ser criança, poder brincar com os meus pares e viver experiências de forma lúdica que certamente teria enriquecido a minha infância. A educação infantil foca nas motivações estimuladas e orientadas pelos professores, desenvolvendo as potencialidades da criança e suas ações peculiares permitem uma pedagogia de descobertas, viajando a mundos internos, externos, de ficção e realidade.

A educação infantil objetiva o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, fundamenta-se na inseparabilidade dos conceitos referenciais de cuidar e educar, sendo regida pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI.

De acordo com o (RCNEI, 1998. p. 23-24), educar na educação infantil significa:

Proporcionar contextos de cuidados, brincadeiras aprendizagens dirigidas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito, confiança e acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (RCNEI, 1988, p.23-24)

Com o propósito de suprir a ausência da creche e pré-escola, meus pais decidiram me matricular numa escola particular de reforço. Tratava-se do Instituto Roberto Luís da professora Maria de Lourdes Lima, popularmente conhecida com Lourdes Barba, no qual quase toda a população de Santo Antônio estudou.

**Foto 12 – Maria de Lourdes Lima**



**Fonte: Acervo Pessoal, Santo Antônio – RN, 2007.**

Ensinar para dona Lourdes Bárbara era um sublime sacerdócio, abdicou de um casamento para dedicar-se exclusivamente ao magistério, apaixonada pela profissão lutava corajosamente num contexto sociopolítico e econômico desfavorável para desempenhar seu papel de educadora. Firme em seus propósitos foi capaz de enfrentar as dificuldades profissionais da sua época com dignidade. Com uma linguagem fluida e direta impunha o seu querer e persistia na criação de projetos e ações que promovessem a aprendizagem de seus alunos. Muito respeitada por sua personalidade forte e conduta inquestionável era admirada por toda Santo Antônio. Soberana em matéria de ensinar, não nos transmitia apenas conhecimentos técnicos e curriculares, mas também e, especialmente, sabedoria humana.

A escolinha funcionava numa pequena sala de sua casa de morada, sem infraestrutura alguma, dispunha apenas de um quadro-negro e carteiras de madeira antigas que acomodava dois alunos em cada uma, funcionavam os três turnos com uma base de vinte alunos por turno. Multisseriadas, as turmas eram organizadas de forma heterogênea contemplando alunos de diferentes idades, séries e níveis de aprendizagem. Ali estavam também reunidos alunos de todas as classes sociais. O método utilizado era o tradicional, usando inclusive a temida

palmatória, muito usada na época para bater nas mãos das crianças que não estudavam a lição ou se comportavam mal, com a devida permissão dos pais.

**Foto 13 – Instituto Roberto Luís**



**Fonte: Acervo Pessoal, Santo Antônio – RN, 1970.**

Na escola tradicional o professor é considerado dono do saber. Cabe a ele a transmissão dos conhecimentos que devem ser recebidos e assimilados pelos alunos. Ao centrar o processo de ensino no professor, faz com que o aluno acabe adquirindo um tipo de conhecimento não crítico, mera soma de informações. Educada num sistema de repetição mecanizada de conteúdos, em nenhum momento despertei ou fui despertada sobre a importância da reflexão e da problematização para a construção do meu “EU”. Hoje, estudando a obra de Paulo Freire, consigo vislumbrar a imersão na educação bancária (Freire, 1987) a qual era submetida, na concepção bancária de educação, o conhecimento é um dom concedido por aqueles que se consideram como seu possuidor àqueles que eles consideram que nada sabem.

Freire (1987) explica que: alfabetização é instrumento de conscientização. Esta deve ser desenvolvida na perspectiva dialógica e problematizadora, pressupõe, portanto, a leitura do mundo e da palavra. Essa concepção dialógica se entrelaça com sua concepção de cidadania, entendida como conquista do direito à participação na construção da vida social. Um processo além da leitura da palavra, carregado de significação a partir da problematização da realidade social.

Freire (1987) considera educação bancária aquele modelo educacional, onde os saberes são doados pelos professores e os alunos os recebem de modo passivo e os arquiva, enquanto que na educação libertadora, o aluno fala, critica, propõe, participa de forma ativa do seu processo de aprendizagem. A teoria e a prática bancária enquanto forças de imobilização e fixação não reconhecem os homens como seres históricos. A teoria e a prática crítica tomam como ponto de partida a historicidade do homem. Freire (1987, p. 34) esclarece que na opção bancária;

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhecem, na absolutização da ignorância daqueles, a razão de sua existência, os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconheceu em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, sequer ao modo do escravo, naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador. (FREIRE, 1987, p.34)

Embora professora leiga e tradicional bancária D. Lourdes Barba desempenhava sua função com muito amor e competência sendo responsável por alfabetizar quase todos os santo-antonienses. Ela tinha também uma grande preocupação em preparar substitutos e trabalhava sempre com uma auxiliar, uma espécie de monitora que ela pacientemente orientava para dar continuidade às atividades que ela desenvolvia. Inclusive, comecei minha carreira profissional como monitora na escolinha de D. Lourdes Barba. O Instituto Roberto Luís funcionou até os anos 90 onde D. Lourdes lecionou até os últimos dias de sua vida.

Concomitantemente aos estudos com D. Lourdes Barba, ingressei na escola regular no Grupo Escolar Dr. Manoel Dantas, escola mais antiga da cidade, localizada na rua principal, mantida pelo estado, de porte médio, salas amplas e um grande pátio externo onde brincávamos na sombra das árvores no recreio. Organizada por série e por idade as classes funcionavam nos ditames do método tradicional e numa disciplina do tipo militar. É difícil explicar a imobilidade a que éramos submetidos. Entendiam que a pessoa aprende melhor quando está imóvel e em silêncio. O pátio era o único lugar onde podíamos falar, expressar sentimentos e opiniões, mesmo assim, era terminantemente proibido falar da direção da escola ou do sistema de ensino.

Uma escola fechada à realidade a sua volta e resistente às mudanças. Não se concebia outra forma de ensinar que não fosse mantendo os alunos presos às carteiras, silenciosos e imóveis. O rico e vasto mundo da cultura infantil repleto de movimentos, curiosidades e fantasias era totalmente ignorado. Na concepção tradicional a escola deve mobilizar apenas a

mente, o corpo fica reduzido a um estorvo, que quanto mais quieto estiver, menos atrapalhará. A escola tradicional trata a realidade como se ela fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos e previsível.

Como falar então da educação integral, concreta, desenvolvimento de habilidades numa escola onde o corpo é considerado um intruso? Sem poder desfrutar corporalmente as relações espaciais e temporais, tão próprios da infância? Com desenvolver conhecimentos significativos e autonomia, num colégio que matricula apenas a mente da criança não permitindo as manifestações do seu corpo? Atividades lúdicas são prazerosas para todas as crianças e necessárias para a integração dos alunos. Ao brincar a criança tem a oportunidade de interagir com o meio, relacionar-se e perceber-se na relação com o outro, brincando aumenta sua independência, estimula sua sensibilidade visual, auditiva, tátil, desenvolve habilidades motoras e exercita sua imaginação e criatividade.

Segundo Antunes (2009, p.25), a educação corporal constitui capítulo imprescindível da formação de toda criança. Corpo e mente devem ser entendidas como componentes que integram um único organismo, ambos devem ter assento na escola, não um para aprender (mente) e o outro (corpo) para transportar, mas ambos para se emanciparem. Por isso argumenta que:

Saber usar os movimentos do corpo de maneira articulada e diferenciada para os desafios do dia-a-dia constitui um elemento essencial da inteligência humana, particularmente de chamada inteligência corporal-cinestésica. Na dança, no artesanato, na mímica, e no esporte, mas principalmente nas relações interpessoais, é possível ampliar os limites da educação do movimento e fazer dessa educação um novo vínculo da comunicação humana. (ANTUNES, 2009, p.25)

O modelo de educação bancária foi utilizado também no Ginásio Comercial Ana de Pontes em Santo Antônio, onde cursei o ginásio hoje conhecida como Escola Municipal Maria Umbelino de Melo e na Escola Estadual Filomena de Azevedo na mesma cidade, também tradicional, onde cursei o ensino médio, transferindo-me logo depois para Salvador, onde estudei no colégio Nobel, preparando-me para o vestibular, visto que em Santo Antônio não existia faculdade na época.

No período que cursei o ensino médio, os estudos não estavam relacionados com a construção ou aquisição de saberes dos discentes, como afirma Charlot (2014) na obra: *Da relação com o saber às práticas educativas*. O segundo grau era necessário para garantir um

diploma atestando a formação e abrindo as portas para um emprego. Dele dependiam a entrada e a permanência no mercado de trabalho. Tratava-se de elevar o nível de formação básica da população para que ela pudesse ingressar em novos modos de produção e de consumo. De acordo com Charlot (2014, p. 39):

Quando as sociedades contemporâneas começaram a priorizar a questão do desenvolvimento, nas décadas de 1950 e, sobretudo, de 1960, mudou a lógica das relações entre trabalho e educação. O estado não renunciou a uma escola que inculca valores, mas, daí por diante ele conferiu outra missão primeira à escola: contribuir para o desenvolvimento econômico. (CHARLOT, 2014, p.39)

O autor nos explica que no Estado Desenvolvimentista a ligação entre trabalho e educação é realizada, definida e garantida pelo diploma ou pela sua ausência. Concordo plenamente com sua explicação, pois posso me considerar fruto dessa realidade.

As escolas onde estudei não apresentavam uma perspectiva crítica, desvelando a realidade e trabalhando a sua apreensão, consciente pelo aluno. Não se embasavam nas proposições defendidas por Freire, nas obras: *Ação cultural para a libertação* (1981) *Pedagogia do oprimido* (1987) e *Pedagogia da Autonomia* (1996) que se reportam a uma abordagem pedagógica capaz de contribuir para a formação de indivíduos conscientes, críticos reflexivos e autônomos. Pois, para ele, ensinar é um processo de interação social e crescimento constante. Requer muito mais que o ato mecânico de transmitir conhecimentos. É uma prática em que os sujeitos envolvidos mantêm uma intrínseca relação de interdependência. “Quem ensina aprende ao ensinar e que aprende ensina ao aprender”.

Freire (1987) defende que ensinar é possibilitar as condições para que o conhecimento seja produzido, reproduzido, questionado e analisado criticamente, pois o aluno não é uma caixa vazia, onde se deve depositar conhecimentos, ao contrário, é um sujeito pensante e reflexivo, capaz de construir os seus saberes. Por isso, o ato educativo deve ser fundamentado no respeito mútuo e na ética universal.

Motivos superiores me fizeram prestar vestibular em Mossoró, aprovada no curso da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), em 1985. Fixei residência em Mossoró. A escolha por Pedagogia nasceu na minha infância quando desejava crescer para ensinar e brincava de professora ensinando as minhas coleguinhas o “ABC”. Sonho que foi incentivado pelo exemplo da minha primeira professora oficial, D. Lourdes Barba, que me convidou na época com quinze anos de idade para auxiliá-la no Instituto Roberto Luís (Escola

Multisseriada pertencente à dona Lourdes Barba). Sonho que foi alimentado também pelo meu pai, que como vereador criou uma escolinha ao lado da minha casa, para ensinar crianças de pé no chão que não frequentavam a escola regular.

Ele mantinha a escolinha com todo o material necessário e a merenda, e eu com dezessete anos e uma pequena experiência na escola de D. Lourdes Barba, passei a alfabetizar vinte alunos. Mantive a escola até transferir-me para Salvador. No início confesso ter ficado com medo da responsabilidade, porém enfrentei o desafio como um soldado que vai para a batalha mais importante da sua vida, buscando a vitória. Dispus-me a enfrentar, pois como cidadã sentia que precisava fazer algo para melhorar a vida daquelas crianças em situação de moradores de rua. Partii com sede de vitória, busquei ajuda com D. Lourdes Barba e felizmente tive uma experiência exitosa.

Ser professora, mestre, educadora, foi algo que desejei para mim, não me fiz professora da noite para o dia, me construí e me construo professora a cada dia. Escolhi o magistério por vocação. Gosto de me sentir projetada em outras pessoas, gosto de lecionar, de aprender. Minha escolha foi determinada pelo amor que sinto pelas crianças e jovens e pelo comprometimento político com a mudança da sociedade, através da educação. Sempre olhei para a educação como um espaço social. Entendo que agir dentro da escola é também agir na sociedade, da qual ela não pode ser separada. Percebo que participar das lutas educacionais é um dos caminhos mais férteis pelos quais os educadores agem na sociedade e a transformam.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) se constituiu em espaço mais democrático, oportunizando momentos ímpares de produções acadêmicas, políticas, artísticas e pedagógicas, discussões, debates, leituras, que contribuíram para uma formação crítica e mais politizada. O ensino superior teve o mérito de alargar minhas fronteiras e me tirar as vendas, e a graça de enxergar fez crescer o meu olhar enchendo-o de significados; passei a ver com múltiplos sentidos e descobrir o que alimentava o meu espírito e o que o amesquinhava.

Ingressei no movimento estudantil, participando do Centro Acadêmico de Pedagogia, onde pude aprimorar minha formação política, compartilhar momentos de luta pela qualidade da educação pública e gratuita. Foram anos marcados pela efervescência da mobilização popular e organização dos estudantes devido aos grandes conflitos sociais que emergiam no cenário brasileiro com a crise econômica que afetou aos menos favorecidos com desemprego, arrocho salarial, inflação, campanha pelas Diretas Já, entre outros.

A militância política me possibilitou adquirir um novo olhar para a educação e o papel do professor numa sociedade desigual e opressora. Freire (2013, p.17) nos ensina que “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.”

De acordo com Freire (1996) ninguém pode se contentar em estar no mundo de maneira neutra. A educação é, por essência, uma forma de intervir no mundo. Concordo com os estudos de Freire, pois compreendo que quando se refere à intervenção, ele está fazendo menção a mudanças reais na sociedade, no campo da educação, direitos humanos, trabalho, etc. Em toda a minha trajetória profissional me esforcei para desempenhar uma ação amorosa e respeitosa, lutando para que os alunos tirassem os “véus da realidade” e descobrissem as verdadeiras causas da sua opressão e por meio da conscientização, possibilitar-lhes, trocar a percepção ingênua da realidade por outra dialética e crítica. Abracei com esse propósito um compromisso com a construção da cidadania plena e entendi desde o início que ela pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos humanos.

Foram os saberes que carregava comigo alcançados na academia e adquiridos nas mobilizações e vivências da militância política que me fizeram refletir e buscar respostas para as minhas inquietações no sentido de compreender como a educação poderia contribuir para a formação de novos sujeitos que não fossem habilitados para desenvolver uma função, mas que desenvolvessem percepções e valores humanos para com o outro e mais, porque a academia não procurava preparar os futuros profissionais de educação no sentido de fazê-los capazes de associarem os conhecimentos pedagógicos com a prática da docência voltada para uma formação verdadeiramente humana?

Diante disso, Nóvoa (1992, p.24) evidenciou que: “a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de pensamentos autônomos e que facilite as dinâmicas de (auto) formação participada.”

Consoante à ideia de formação de Nóvoa (1992), consideramos fundamental que o professor seja portador de uma sólida formação crítico-reflexiva para entender as possibilidades que detêm a educação no processo de mudança da sociedade e comprometer-se com essa transformação.

O curso de Pedagogia foi o ponto de partida para a busca da formação continuada. Sentia a necessidade de prosseguir nos estudos, me aperfeiçoar, me enriquecer não só pelo

que os estudos nos proporcionam, mas, pelo quanto estudando descobrimos de nós mesmos e aprendemos com o outro. Cursei a Especialização em Educação na Linha de Formação de Professores na UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte) em 2000, que me oportunizou reconstruírem conhecimentos e ressignificar aprendizagens que me levaram a um comprometimento ainda maior com a melhoria da minha prática e consequentemente da aprendizagem dos meus alunos. E como eterna aprendiz, voltei à universidade em 2016 como aluna especial do mestrado em educação, (POSEDUC – UERN), cursei a disciplina Educação Especial na Perspectiva da Inclusão e Educação Intercultural, Educação Popular e Educação Ambiental na Esteira de Paulo Freire com a professora doutora Ana Lúcia Aguiar, e em 2017 cursei Memória, Formação e Pesquisa Autobiográfica, experiências muito valiosas para o meu desenvolvimento profissional e pessoal; ainda em 2017 consegui ingressar no mestrado em educação como aluna regular. Os estudos no mestrado me impulsionaram a buscar uma formação acadêmica autônoma favorecendo a reconstrução da minha prática pedagógica.

No concernente às experiências profissionais, sempre fui inquieta frente aos desafios e procurando superá-los, vivo em bastante busca de aperfeiçoamento, perseguindo metas e realizações. Nessa constante busca por melhorias e crescimento, atrevo-me, ousar, descubro possibilidades, crio oportunidades, luto e faço acontecer. Ainda cursando a faculdade e desempregada, tive a ideia de abrir uma escolinha em parceria com outras três colegas. Apaixonada pela educação infantil este era um grande sonho que acariciava. Concretizamos o ideal com a ajuda do meu irmão Ireneo que emprestou uma das suas casas no conjunto Ulrick Graff em Mossoró. Abraçamos a oportunidade com mãos dispostas a remover pedras e tropeços e a construir o sonho que sonhávamos juntas. Inauguramos a Escola Sementinha do Amanhã que atendia 100 (cem) crianças de três a seis anos.

Nossa escolinha prosperou e nos oportunizou momentos de construção significativos; caracterizou-se como um movimento próprio de idas e vindas de construções sob construções, de compartilhamento no fazer coletivo permeado de construções de si e do outro. Desvinculei-me da escolinha para dedicar-me aos cuidados com o meu pai que gravemente doente lutava desesperadamente pela vida, abdiquei dos meus planos para atendê-lo nos momentos finais de sua vida. Durante a doença do meu pai fiz um concurso público para professora efetiva do estado do Rio Grande do Norte e fui aprovada. Logo após o seu falecimento fui convocada, assumi o emprego e não podendo conciliar, fui obrigada a renunciar a escolinha que continuou sob a direção das colegas.

Ingressei no magistério em 1988 lecionando a Disciplina Didática Especial na Escola Estadual Aída Ramalho Cortez Pereira, localizada à Rua Aleixo Praxes e Silva em Mossoró, conhecida como Escola de Neci ou Escola Normal de Mossoró. Com a extinção do curso de Magistério por força da lei, permaneci na escola supracitada, desempenhando as funções de coordenadora pedagógica do Ensino Médio em seguida, orientadora educacional e, tempos depois, supervisora escolar do ensino médio inovador, somando vinte e sete anos de serviço. Concomitante às atividades na Escola Aída Ramalho, Mossoró-RN, fui selecionada para assumir o “Projeto Cidadão” da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte – ETFERN, Mossoró-RN, no período de 1998 a 2000, como coordenadora e professora. Nesta oportunidade singular, compreendi no concreto a função social da escola, sendo a minha prática em sala de aula permeada pela prática da cidadania, tornando-se quase impossível distinguir o limite entre as duas.

O exercício da constante reflexão sobre a ação influenciou meu comportamento docente e marcou a transformação da minha prática pedagógica. A fase de grande entusiasmo profissional veio quando fui selecionada como professora substituta na Faculdade de Educação/UERN, no período de 2000 a 2004, lecionando as seguintes disciplinas: Psicologia da Adolescência, Fundamentos da Psicologia, Filosofia da Educação, Didática, Fundamentos Biológicos da Educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico, Recreação e Jogos e Práticas de Ensino nas Séries Iniciais II, bem como no Programa Especial de Formação Profissional para a Educação Básica – PROFORMAÇÃO (UERN), no período entre 2001 a 2003, dotando-me de instrumentos intelectuais e reflexão crítica, oportunizando uma construção e ressignificação de saberes que me conduziram a uma nova práxis.

Por motivos superiores e doença na família, fui obrigada a interromper a tão sonhada carreira acadêmica, porém, sem nunca desistir desse ideal. Atuo na educação infantil da Rede Municipal de Mossoró há dezesseis anos, concursada no ano de 2000, passei a fazer parte do quadro permanente da UEI – Unidade de Educação Infantil Maria da Conceição Vidal, onde trabalho com o infantil I em salas regulares com crianças especiais que apresentam deficiências físicas e visuais. Vivência que me lapidou enquanto pessoa e profissional, tendo na educação inclusiva uma realidade desafiadora e compreendendo-a com condição *sine qua non* para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

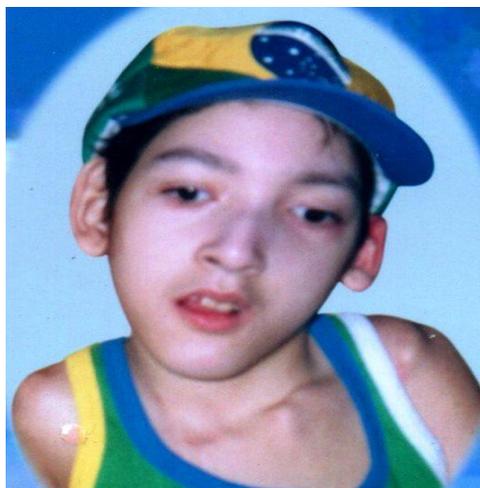
Abraçando o desafio de educar de forma inclusiva, fui me apropriando do aprender a fazer mediante situações cotidianas e procurando estabelecer a descoberta progressiva do

outro e o respeito pela alteridade, como foco de uma interação centrada na percepção de que eu me observo quando consigo observar aquele que é diferente de mim. O que exigiu um olhar mais criterioso sobre a minha prática, meus erros e acertos, exigiu mais dedicação, mais compromisso, mais estudo e mais pesquisa para tornar minhas aulas atrativas e estimulantes.

Nesse sentido, Nóvoa (1992) afirma que se faz necessário (re)encontrar espaço de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriarem-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro de suas histórias de vida. Portanto, as experiências de vida e a formação do professor incidem no seu desenvolvimento profissional e, sobretudo, na sua prática docente. Na tessitura de revisitação da memória, faço nesta ocasião o resgate das minhas relações desde a infância até a idade adulta com a adversidade, as diferenças e a educação inclusiva.

Desde cedo, conheci a dura realidade de pessoas que por serem “diferentes” dos demais sofriam os impactos do preconceito e da discriminação. Tinha uma tia avó com Síndrome de DOWN, um amigo querido homossexual que não suportando as humilhações e a homofobia suicidou-se. Nos primeiros anos escolares convivi diariamente com um colega cadeirante, morei muitos anos praticamente vizinha de um anão cadeirante, minhas melhores amigas na adolescência eram uma negra e a outra tinha obesidade mórbida, tive um sobrinho Rodolfo Buarque (in memoriam) que contraiu ainda bebê, meningite, e como sequela desenvolveu deficiência física e mental. Viveu na terra sem saber-se e sentir-se no mundo, faleceu aos quinze anos. Sendo, porém, uma grande bênção em nossas vidas e nos deixando imorredoura saudade.

**Foto 14 – Rodolfo Buarque, meu sobrinho.**



**Fonte: Acervo Pessoal, Limoeiro do Norte – CE, 2007.**

Tive também a oportunidade de lecionar em classes regulares com crianças com deficiências física e visual na educação infantil. Trabalhar com educação inclusiva nos remete a buscar alternativas de diferenciação pedagógica, possibilitando a todos o direito social de aprender, reduzindo as desigualdades e o preconceito. Essas vivências me lapidaram enquanto pessoa e profissional e alicerçaram o meu comprometimento com a educação inclusiva, partindo do princípio de que a diferença é inerente ao ser humano e reconhecendo a diversidade como algo natural.

Quando examinamos a história da humanidade com olhar crítico, ela nos revela que nenhuma sociedade se constitui bem-sucedida se não favorecer em todas as áreas da convivência humana, o respeito à diversidade que a constitui. A educação tem nesse cenário papel fundamental, sendo a escola o espaço no qual se deve favorecer a todos os cidadãos o acesso ao reconhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício da cidadania. Como função específica da escola, ela deve garantir aos seus alunos a produção e a posse sistemática do saber científico, historicamente acumulado, sem esquecer as experiências de vida e a realidade social daqueles a quem educa. Esse aspecto tem o mérito de elevar o nível de consciência crítica do educando e de introduzi-lo na atualidade histórica e social em que vive, possibilitando-lhe uma atuação consciente e competente na transformação histórica.

Escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. Numa escola inclusiva o aluno é sujeito de direito e foco central de toda ação educativa. Escola inclusiva é aquela que elege o ser humano como eixo vertebrado da educação e coloca-se explicitamente contravalores e práticas sociais que desrespeitem as pessoas comprometendo-se com as perspectivas e decisões que as favoreçam, é, portanto àquela que garante a qualidade de ensino. Para que uma escola se torne inclusiva há que se contar com a participação consciente e responsável de todos os atores que permeiam o cenário educacional: gestores, professores, familiares, alunos etc. Assim sendo, compreendo que a formação de professores é um dos caminhos mais eficazes para concretização da educação inclusiva. Pois, se faz necessária uma prática docente que contemple saberes, competências e valores humanos capazes de gerar atitudes e ações pedagógicas inclusivas.

O desafio é construir práticas comprometidas com os direitos humanos a favor da vida e contra toda forma de discriminação e violência. Infelizmente, tenho me deparado ao longo da vida, como professora, com muitas situações de exclusão dentro da escola, que atingem crianças e jovens negros, homossexuais, portadores de deficiências, obesos etc. que muito me incomodam e percebo que essas práticas refletem a ausência de valores humanos, de princípios que levam à repulsa pela diversidade e intolerância às diferenças, gerando discriminação e violência.

Compreendendo que a exclusão escolar pode gerar a médio e longo prazo exclusão social e que a escola como locus privilegiado de trabalho de convivência com as diferenças ao lado da família deve implementar estratégias de ações educativas que promovem a valorização do ser humano, o respeito à diversidade e a garantia dos direitos humanos. A nossa pesquisa “Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão: Interfaces com a Obra do Poeta Antônio Francisco” converge para a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas na sala de aula que alimentem atitudes e ações inclusivas a partir da reflexão da poesia de Antônio Francisco que ressalta os mais nobres valores humanos que são incompatíveis com práticas discriminatórias, preconceituosas, violentas e exclusivistas. Para que esse ideal se concretizasse é preciso dose de paixão, entrega, ousadia, inovação e determinação.

#### **1.4 - O despertar pela (auto)biografia impulsionada pela vivência com a educadora Apoena.**

Quando narramos a nossa história de vida, adentramos em um duplo universo, o das memórias e o dos saberes construídos na nossa caminhada, considerando as nossas experiências como locus fecundo do movimento de construção, desconstrução e reconstrução da nossa singularidade. Voltar a nós mesmos, caminhar nas dimensões integrantes do nosso eu, torna fértil nossas descobertas a respeito de nossas ações e nos conscientiza de que os conhecimentos implicados em nossa subjetividade são resultados de todo o percurso percorrido em nossa história de vida.

Apresento algumas situações do que foi vivido, absorvido, experimentado, sentido, aprendido nas leituras dos cordéis de Antônio Francisco e na minha prática como professora que me fizeram construir uma identificação pessoal com a inclusão e trouxeram significativas contribuições para a minha formação enquanto cidadã e educadora consciente da importância

da educação para a construção de uma sociedade igualitária, sem discriminações ou preconceitos.

A noção de experiência aqui se interpõe à noção de vivências. Pois, segundo Josso (2004, p. 48-49): As vivências atingem o status de experiência quando fazemos um trabalho reflexivo sobre ela e dele (do trabalho reflexivo) retiramos lições de vida para continuar a aprender e viver melhor.

A autora, ao propor o trabalho com história de vida e formação, indica a prática da escrita narrativa como sendo uma oportunidade para a tomada de consciência dos seus percursos pessoais e profissionais. A história de vida narrada é assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece a reflexão de seu autor, oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e representações de si, assim, como sobre as dinâmicas que orientam a sua formação. Optamos por desenvolver uma pesquisa (auto)biográfica por compreender que num plano geral a (auto)biografia nos mostra como as pessoas dão forma as suas experiências, fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência, representam e inscrevem o curso de suas vidas na temporalidade, nos espaços e ambientes histórico e social. A nossa pesquisa se associa à (auto)biografia por adentrar nos saberes plurais, na memória, nas experiências de vida e nas expressões poéticas do cordelista Antônio Francisco, analisando a contribuição de sua obra para a formação e a prática de professores inclusivos.

O trabalho biográfico implica num processo de reflexão que leva o autor a definir e compreender seu próprio processo de formação. Essa abordagem permite ao indivíduo tornar-se ator e investigador da sua formação à medida que transforma esse processo em produção-inovação e Josso (2010) explica que as narrativas nos dão, entre outras, a dimensão da afetividade. Esse plano afetivo nos serviu de elo para entender e despertar a partir de vivências narradas pelo poeta Antônio Francisco sentimentos como: solidariedade e respeito ao ser humano. Aflorando uma sensibilidade que nos levou a abraçar a causa da inclusão. Nesse sentido, Passeggi (2009) reitera a partir de Josso (2004) que é a reflexão crítica sobre a experiência existencial que possibilita a transformação do vivido em experiências formadoras. Dentre as possibilidades, Passeggi (2009, p.21) apresenta essa possibilidade formativa como um movimento de:

Auto formação quando o sujeito concebe que formar-se a si próprio dá-se na reflexão de seus percursos pessoais e profissionais; de heteroformação

quando o sujeito se forma na relação com os outros e ainda de eco-formação quando as lições das coisas e dos saberes técnicos, culturais e artísticos, compreendido criticamente são possibilidades de formação. (PASSEGI, 2009, p.21)

Narrar-se é lançar-se em profundo processo reflexivo. A memorização das nossas vivências possibilita uma reconstrução do meu ser pessoal que se constitui em formação. Narrativas orais e escritas têm sido utilizadas na história humana como recursos educativos e se constituem em instrumento cultural com grande potencial de organização do pensamento e da realidade na estruturação da aprendizagem. Em geral, relatam o desenvolvimento de uma situação provocada pela vivência de tensões e conflitos reais ou imaginários e a forma como eles são resolvidos. As experiências narradas pelos outros são significativas na compreensão da realidade, porque o ouvinte/leitor experimenta simultaneamente com um certo distanciamento emocional e com certa proximidade uma identificação com a história narrada.

É justamente nesse processo de identificação que se pode encontrar o potencial educativo das narrativas, porque as histórias possuem imagens, mitos e metáforas do cunho moral que contribuem para o nosso desenvolvimento como seres humanos. Em outras palavras, as narrativas cujas tramas promovem a reflexão sobre as complexidades da vida, preparam-nos individual ou coletivamente para o enfrentamento de suas dificuldades e complicações. O exame das narrativas permite-nos aprender de forma ativa a desenvolver nossa capacidade de análise e decisão, construir conhecimentos, desenvolver habilidades de comunicação e estimula a autoconfiança.

A pesquisa (auto)biográfica instaura-se na educação pelo crescente interesse em compreender as práticas e culturas escolares, atentando aos sujeitos envolvidos no processo, de modo individual e coletivo. Dialoga com o nosso estudo sobre a formação de professores inclusivos, numa interface com a obra do poeta Antônio Francisco, pois compreendemos que dá suporte a uma pesquisa que se caracteriza pela dimensão reflexiva sobre a experiência, no sentido de possibilitar a transformação do vivido em ações formadoras. Analisaremos como a obra poética pode contribuir para a construção de uma prática pedagógica alicerçada em valores humanos que estimulem atitudes inclusivas.

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexões sobre os percursos de vida.

Segundo Nóvoa (1993, p. 18):

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto)biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico... (para esse tipo de abordagem) no campo científico, é a expressão de um movimento social mais amplo... Encontramo-nos perante uma mutação cultural que pouco a pouco faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. (NÓVOA, 1993, p.18)

Para Nóvoa, a (auto)biografia surgiu de uma renovação metodológica, tornada inevitável pela crise generalizada da sociologia positivista, a qual assegurou a construção de métodos de investigação que possibilitam um novo conhecimento sobre o homem social que valoriza o sujeito, que faz sobressair a qualidade à quantidade e as experiências de vida face ao instituído.

Ainda de acordo com Nóvoa (2010, p. 23):

O método (auto)biográfico permite que sejam concedidos uma atenção muito particular e um grande respeito pelos processos das pessoas que se formam: nisso reside uma das suas principais qualidades, que o distinguem, aliás, da maior parte das outras metodologias de investigação em ciências sociais. (NÓVOA, 2010, p. 23)

O método biográfico constitui uma abordagem que possibilita ir mais além na investigação e na compreensão dos processos de formação e dos subprocessos que o compõe. Contemplando o interesse crescente de pesquisadores, estudantes e profissionais que se voltam para as narrativas de vida, enquanto fenómeno discursivo, antropológico e suas potencialidades, como método de pesquisa, prática social de formação e de intervenção educativa, a pesquisa (auto)biográfica tem sido largamente utilizada na formação de professores.

Nóvoa e Finger (2010, p.26) explicam:

A formação de professores tem sido um dos domínios privilegiados, de aplicação do método biográfico. O motivo parece óbvio: dificilmente poderemos pretender interferir na formação dos outros, sem antes termos procurado compreender o nosso próprio processo de formação. (NÓVOA; FINGER, 2010, p .26)

A referida concepção desses renomados autores compõe a urdidura da nossa pesquisa que substanciada nas narrativas (auto)biográficas e nos cordéis de Antônio Francisco levam os professores a refletir sobre o processo de formação e sua prática pedagógica no tocante à educação inclusiva. Busca assim estimulá-lo na implementação de uma ação educativa comprometida com os desafios da escola inclusiva da contemporaneidade, que favoreça o ato de ensinar e aprender que se evidencie por seu caráter colaborativo, desenvolvendo valores e práticas na escola de modo que todos se sintam dela integrantes e nela respeitados.

O meu encontro com a (auto)biografia e seus encantos foi proporcionado pela renomada professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), quando cursei a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (auto)biográfica ministrada no percurso da minha formação no mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da universidade supracitada. Fascinada pelos princípios fundadores do trabalho biográfico, fui facilmente atraída pelas suas qualidades e nutri um desejo ardente de realizar uma pesquisa que contemplasse essa metodologia. Decidi após as sábias orientações da professora já mencionada, adotar a (auto)biografia na nossa pesquisa de mestrado.

A aproximação com a professora doutora Ana Lúcia Aguiar trouxe um novo marco formativo na minha vida, um profundo aprimoramento, um forte polimento, quando conheci essa educadora, exemplo de abnegação, integridade e cultura, ela me fez descobrir a importância de biografar-me como sujeito no e com o mundo, num empoderamento Freiriano que tem como pressuposto básico a conscientização da minha capacidade de protagonizar a escrita da minha própria vida como autora e testemunha da minha história.

Seus ensinamentos me fizeram compreender as dimensões que perfazem a educação inclusiva, como seus aspectos conceituais, metodológicos, legislativos e vivenciais, estimulando-me a implementar uma prática pedagógica comprometida com os desafios da escola inclusiva na atualidade, ensinou-me a maravilha de no encontro com o outro aprofundar o contato, intensificando uma busca minuciosa pelo outro, desenvolvida com um olhar miúdo. Mostrou-me quão importante é ser aprendiz, aprendendo ao longo da vida, em qualquer lugar, em todos os lugares, entendendo que a aprendizagem é uma construção.

Ela também me fez perceber a necessidade de entender e respeitar a singularidade do outro e nesse processo formativo alcançar a compreensão de que esse “outro” pode ser “eu” e

esse “eu” pode ser o “outro” me elevando a um nível de consciência que me permite contemplar o coletivo e a alteridade.

Minha convivência com essa professora mudou muito a minha vida, sobretudo por transformar minha visão de mundo e minha maneira de ser para mim e para os outros, permitindo-me a descoberta de uma existencialidade mais ampla, mais rica, mais corporificada que pretendo levar pela vida, como Passeggi (2003) tão bem define quando afirma que: “A abertura para a alteridade apresenta-se como percurso a ser trilhado ao longo da vida”. A conquista da alteridade contempla o conhecimento de si mesmo e a abertura para o outro. Só ela propicia a grandeza de pensar no coletivo e de enveredar pela participação em projetos conjuntos que traga benefícios a todos os envolvidos. Esse é certamente o caminho adequado para eliminação das marcas da inclusão social. A nossa pesquisa está alicerçada nesta ideia e busca edificar esse sonho.

O mergulho nas minhas memórias me oportunizou ver com clareza minhas emoções, lançando um novo olhar sobre o meu “eu”, proporcionou um reencontro comigo mesma, com o outro e com o contexto histórico, político-social e cultural das minhas vivências, constituindo-se numa oportunidade privilegiada para adquirir saberes e refletir sobre minha história e minha realidade impulsionando-me a lutar pela conquista da cidadania plena. Identifiquei-me com o método (auto)biográfico após a pluralidade das contribuições da professora doutora Ana Lúcia Aguiar por entender que ele permite uma escrita de mim mesma, o que provoca uma revisão do meu “eu”, uma análise do meu viver e uma reflexão sobre a minha prática docente.

Considero essa metodologia mais adequada a minha pesquisa que investiga a formação de professores na perspectiva da inclusão numa interface com a obra do poeta Antônio Francisco, visto que serão trabalhados os saberes, experiências de vida e formação narradas pelo poeta. Enveredando nessa caminhada Beyer (2006, p.73) nos leva a refletir que a educação inclusiva se caracteriza “como um novo princípio educacional, cujo conceito fundamental defende a heterogeneidade na classe escolar como situação provocadora de interações”, além disso, propõe-se a buscar uma pedagogia que se dilate frente às diferenças do alunado.

São essas reflexões que fazem com que a escola respeite as diferenças individuais, a diversidade cultural, as especificidades de cada um com seus diferentes saberes, que valorize as singularidades dos sujeitos e garanta a efetivação de um ensino de qualidade. Moreira e

Candau (2001, p.35) enfatizam que: “é importante que consideremos a escola como um espaço de cruzamento de culturas e saberes”. Essa colocação nos remete a pensar a forma como lidamos com nossos alunos, sobretudo os que sofrem discriminações e preconceitos por serem “diferentes” da maioria e que por isso são considerados incapazes e excluídos.

A nossa pesquisa preocupa-se com o estabelecimento de práticas educativas que ensejem discussões, atitudes e a construção de posicionamentos refratários às violências simbólicas, às discriminações, aos preconceitos e a violação da dignidade humana disseminando uma cultura de paz, respeito aos direitos humanos e justiça. Neste sentido, desenvolvemos esse trabalho de pesquisa que tem como meta pretensiosa contribuir para a reflexão dos professores sobre a prática educativa inclusiva.

O caminho para eliminar as marcas da exclusão se inicia com a valorização das capacidades dos alunos e o repensar das nossas práticas pedagógicas, a fim de melhorarmos a nossa ação educativa e construirmos uma escola mais igualitária, justa e inclusiva. O modelo de pesquisa (auto)biográfica assumido no nosso estudo confirma que as narrativas dos sujeitos são ferramentas de pesquisa e de (auto)formação. Biografia e formação remetem uma à outra, como duas faces de uma mesma iniciativa: aquela que faz do autor biográfico um contínuo educador de si mesmo, a reflexividade que surge como consequência da escrita de si nos simboliza a descortinar a realidade ao nosso entorno, despertando nosso interesse pelo outro que complementa a nossa história e faz nossas mãos alavancarem na escavação de construções inconclusas, buscando remover pedras e tropeços que castram a dignidade da vida.

O desejo de desenvolver esse “tipo” de pesquisa (auto)biográfica foi gestado em meio as minhas vivências com educadora Apoena no mestrado em educação na UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte). Professora admirável que faz jus ao seu pseudônimo Apoena palavra de origem tupi-guarani que significa “aquele que enxerga longe”, vislumbra horizontes. Realmente, ela percebe além do visível. Ela não vê somente as habilidades e capacidades dos seus alunos, enxerga suas possibilidades.

Todos os seus dias são dominados pela preocupação em amar os que com ela convivem e servir ao próximo. Dedicase com afinco à causa da inclusão e luta com persistência pela construção de espaços inclusivos em todas as instâncias da vida na sociedade, de forma a garantir o acesso imediato e favorecer a participação de todos nos

espaços sociais, independentemente de sua condição social, cultural, de suas características individuais e necessidades especiais.

Batalha incansavelmente pela garantia do acesso universal à escolaridade básica e a satisfação das necessidades de aprendizagem para todos os cidadãos. A luta é uma dimensão da sua vida e representa na linha do seu comportamento um elemento fundamental. Integrada no cotidiano de um trabalho elogiável em prol da dignidade humana, bem poderia comparar-se à lúcida imagem do poeta dos escravos, o grande Castro Alves, que erguia a sua voz para enaltecer as vozes silenciadas, caladas e desprezadas pela tirania da escravidão.

Com operosidade intelectual, generosidade e grandeza d' alma, realiza incansavelmente pesquisas científicas e trabalhos sociais em defesa dos excluídos, tocando de mimosas flores a extensão de seus áridos caminhos. Desenvolve no seu cotidiano heroico, um trabalho de alto mérito, que precisa ser mais reconhecido e valorizado, pois exemplos como o dela, vão rareando lamentavelmente nos cruzamentos dos caminhos do mundo atual.

Apoena<sup>3</sup> é um desses espíritos irrequietos para quem a terra não tem fronteiras, nem tamanho que possa cobrir seus passos. Sempre aberta a novas aprendizagens, participa e empenha-se na organização de eventos, feiras, oficinas, congressos, exposições de trabalhos científicos, mantendo a responsabilidade social de apresentar as produções resultantes de suas pesquisas.

Profere discursos e palestras compartilhando saberes e fazeres. Para além da sala de aula, o seu interesse apresenta-se em somar nas lutas em defesa da inclusão socioeducacional. A exemplo disso, cito a questão de reserva de cotas para as pessoas com deficiências destinado ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN e a defesa dos direitos dos alunos com surdez, não apenas para normatizarem as cotas, mas também, para oferecer as adequações necessárias para viabilizar o acesso e a permanência, respeitando-se a igualdade de oportunidades e respeito às diferenças dos candidatos.

---

<sup>3</sup> Graduada e Licenciada em História pela Universidade Federal do Pernambuco. Possui Mestrado e Doutorado em Sociologia pela Universidade da Paraíba. Tem Especialização em Inclusão pela Rede Municipal de Educação de Mossoró/RN, Curso de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), de Intérprete LIBRAS pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-(UERN) e curso de LEDOR. Professora adjunta IV da UERN. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN).

Esse perfil da educadora Apoená em interessar-se com frequência por pesquisas voltadas à compreensão do processo de inclusão dos alunos com surdez no ensino superior, permitiu que os resultados dos mesmos subsidiassem a elaboração de muitos artigos e livros já publicados. Contribuindo para que seus alunos atuem como sujeitos, agentes de mudanças, conscientiza-os acerca das condições desiguais da sociedade capitalista e incentiva-os ao exercício do seu protagonismo como meio de libertação social das condições opressoras que este sistema impõe. Com esta postura ela corrobora com Freire (1979, p.15) quando adverte que: “A ação pedagógica libertadora deve ir além da sala de aula, onde o formador e formando engajam-se com a sociedade civil em seus dilemas, formando a consciência mais resistente à dominação”.

Freire propõe a pedagogia libertadora como prática educativa emancipadora, crítica, progressista e transformadora. Quando desenvolvemos um trabalho educacional que busca empoderar vítimas de preconceitos, discriminações e exclusão social, estamos na visão Freiriana, comprometidos com a formação de sujeitos cômicos das suas capacidades, potencialidades e da sua condição de sujeito histórico, capaz de mudar a realidade em que vive. Nossa pesquisa volta-se para esse objetivo.

O trabalho realizado pela educadora Apoená à frente da DAIN (Diretoria de Apoio à Inclusão) da UERN, dando apoio sócio educacional aos alunos com deficiências e àqueles que apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem, tem se mostrado relevante para que a inclusão sócio educacional não seja destinada apenas para o grupo de alunos com deficiências, mas extensivo a todos os alunos da universidade, indistintamente. A sua atuação junto à sua equipe de trabalho, tem representado um divisor de águas na política de inclusão da UERN e logrado muitos frutos, conquistando a admiração de todos.

**Foto 15 – Professora Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar – Apoená**



**Fonte: Fotógrafo da AGEKOM, Mossoró/RN, 2016.**

Minha relação interpessoal com Apoena me impulsionou a abraçar a causa da inclusão, sensibilizando-me e estimulando-me a contribuir de forma eficaz na defesa da diversidade, do respeito às diferenças e as singularidades dos sujeitos, levando-os a buscar a efetivação de suas cidadanias. Na minha convivência com essa educadora, despertei para valorizar os saberes e experiências de povos que tiveram os seus saberes e suas vozes silenciadas pela academia.

A educadora Apoena contribuiu decisivamente para que minha formação fosse também um aprendizado de vida, principalmente pelo quanto descobri de mim mesma e do que posso fazer pelo outro. Apoena nos conscientizou que há uma pluralidade de memórias na escola que põe em relevo valores, saberes e experiências que possibilitam a construção de uma educação humana, justa e inclusiva. Ela despertou no meu íntimo uma coesa vontade de colocar minha pá de contribuições para a concretização dessa educação tão desejada, empunhando a bandeira da inclusão, trabalhando para construir novas relações na escola que viabilizassem as transformações indispensáveis para a efetivação de uma educação realmente inclusiva, e o poeta Antônio Francisco me forneceu a régua e o compasso para traçar esse caminho, pois sua poesia nos revela o que há na invisibilidade do nosso olhar desatento, o que existe nas lacunas da nossa indiferença, vidas perecendo e clamando contra a nossa negligência, insensibilidade e egoísmo.

Apresentamos nossos agradecimentos por todo bem que ela nos faz. Saiba, professora, que seus ensinamentos não serão esquecidos pelo tempo, não se perderão. Pois, as sementes lançadas germinarão um dia e florescerão em muitas vidas. Seu exemplo de determinação e persistência permanecerá conosco, sua competência inquestionável, seu espírito de luta pelas causas mais humanas, sua bravura para enfrentar dificuldades, para abraçar desafios e contornar obstáculos, bem como o seu senso de responsabilidade a tornarão inesquecível nos nossos corações. Pois sua existência, seu exemplo de vida nos provoca e nos convoca como sujeitos a assumir responsabilidades no processo educacional, colocando-nos numa relação renovada conosco e com os outros.

## **CAPÍTULO II: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DO POETA ANTÔNIO FRANCISCO**

Sou Antônio Francisco Teixeira de Melo. Nasci onde às vezes neblina e não chove. Em mil novecentos e quarenta e nove. Num berço pacato, pequeno e singelo. O chão de Mossoró foi meu reino e castelo. Meu mundo encantado, meu norte fecundo. De gosto me deu este gosto profundo. De ai por ai, de cidade em cidade. Regando poesia, colhendo amizade. E colhendo esperança na roça do mundo. (Antônio Francisco)

Abordo neste capítulo os saberes e as experiências formadoras do poeta protagonista da nossa pesquisa, suas origens, seu lugar de pertencimento, seu território, sua vida recitada em versos e a construção de seus versos que declamam a vida. Percorro através das memórias do cordelista o caminho trilhado para a sua construção pessoal e profissional. Sigo o seu trajeto perseguindo seu veio fecundo para entender a alquimia dos sentimentos que o inspiram a “regar poesia e colher esperança na roça do mundo”, conforme ele próprio afirma no poema epigráfico. Neste, o poeta se apresenta e declara “Mossoró como seu reino e castelo, seu mundo encantado, seu norte fecundo,” numa manifestação de amor e gratidão à terra natal que foi seu alicerce, abriu seus caminhos, o arrematou para a poesia, pois a vida sem poesia não bastava e lhe deu asas para sonhar, fazer revoadas e lançar-se em travessias para ecoar a fruição do seu existir enaltecendo e pregando o amor em todas as suas dimensões, numa viagem etérea que planta sementes de esperança na roça do mundo. Tomaremos os estudos de Josso (2010) e Passeggi (2011) como referências para evidenciar os saberes e as vivências do poeta Antônio Francisco como recursos de formação.

Sua poesia oferece uma fragrância especial que nos envolve, conforta nosso silêncio, alivia as turbulências do nosso coração cativo de decepções, acalma as dores, acaricia os sonhos, nos contagia de uma alegria que expande paz. Tem o poder de nos tornar mais nobres, mais sensíveis e humanos, pois aflora sentimentos únicos e raros que nos eleva e nos sobrepõe às planícies do egoísmo, das futilidades, da indiferença e das mesquinhas.

Abracei o desafio de mergulhar no mundo do poeta almejando descobrir relíquias guardadas com cuidado no baú da sua memória que esboçam perspectivas de entendimentos sobre a construção do seu processo (auto)formativo. Viajei no propósito de apreender particularidades do seu fazer poético que veiculam o processo de descortinamento de sua subjetividade e que tornem compreensíveis os traços marcantes de sua poesia. Os cordéis de

Antônio Francisco nos oferecem ânimo para enxergar a vida de uma nova forma, seduzidos pela sua doçura e sensatez, somos tentados a olhar para nós mesmos e para os outros derrubando os muros do preconceito e das discriminações.

O presente capítulo está subdividido em quatro tópicos. O primeiro “*Contando causos, descobrindo saberes e experiências formadoras do poeta*” é composto pelas narrativas do cordelista, revelando-nos no seu dizer simples e profundo as fibras que formaram o seu ser, através do desnovelar do fio da memória. O que permite transparecer as suas vivências e experiências formadoras e pouco a pouco nos apresenta o que realmente tonifica sua alma e aguça sua sensibilidade. Nesse mosaico de descobertas e redescobertas o poeta vai partilhando conosco sua essência e seus interessantes “causos”.

O segundo “*O lugar do poeta: pertencimento e abertura à pluralidade de outros territórios*” nos remete à compreensão dos saberes que estão presentes e entrelaçados, na relação estabelecida entre o poeta e seu lugar de pertença. Exaltar o lugar de Antônio Francisco é reconhecer sua importância no seu fazer-se poeta, visto que seu ambiente exala sua poesia, fortalecendo-a. O lugar de pertencimento do poeta se faz indispensável na construção das suas narrativas (auto)biográficas. Neste tópico, nos dedicaremos a estudar o lugar de pertença do poeta. Os lócus de investigação da nossa pesquisa serão a sua residência localizada no Bairro Belo Horizonte em Mossoró-RN conhecida como Lagoa do Mato onde o poeta nasceu, cresceu e vive até hoje.

No terceiro tópico “*Vida recitada em versos, poemas que declamam a vida*” enfatizo a construção dos seus cordéis, na tentativa de esclarecer através das suas temáticas, onde a vida imita a arte e a arte imita a vida. Na análise da essência dos seus versos, busco demonstrar que sua poesia interpreta o mundo em que vive, permeando questões no âmbito econômico, social, religioso, histórico, educativo, científico e inclusivo.

No detalhamento do quarto tópico “*O poeta na constelação dos grandes mestres da literatura de cordel*” aborda aspectos da vida pessoal e profissional do poeta, dificuldades, conquistas e expansão da sua obra. Destaco sua posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e o crescimento de sua obra em Mossoró/RN. Narrar a história do poeta e sua posição na galeria dos heróis que o verso imortalizou é fazer jus à riqueza das suas narrativas (auto)biográficas e reconhecer sua genialidade. Analiso a vida do poeta através da sua (auto)biografia a fim de compreender na essência, o que torna o seu cordel capaz de conduzir

o ser humano pela reflexão, a conhecer-se em sua humanidade e, ao mesmo tempo, reconhecer as diferenças como inerente a tudo que é humano.

A essência desta pesquisa está na ousadia de beber gotas da fonte transbordante de poesia que jorra com força do cordelista Antônio Francisco. Na persistência em garimpar pacientemente as pedras preciosas dessa imensa e profunda mina, extraindo grandes lições, verdadeiros tesouros que nos alimentarão de uma sensibilidade que consolidará em nós o altruísmo e a dignidade. A cadência de seus versos nos ensina a escalar a montanha da vida afastando as pedras e cultivando flores. Reconhecendo-o como mestre nessas façanhas, seguimos em seu encalço nos atrevendo a descobrir o segredo que guarda o poeta de ser ele próprio sem deixar de ser de todos nós.

## **2.1 - CONTANDO CAUSOS, DESCOBRINDO SABERES E EXPERIÊNCIAS FORMADORAS DO POETA**

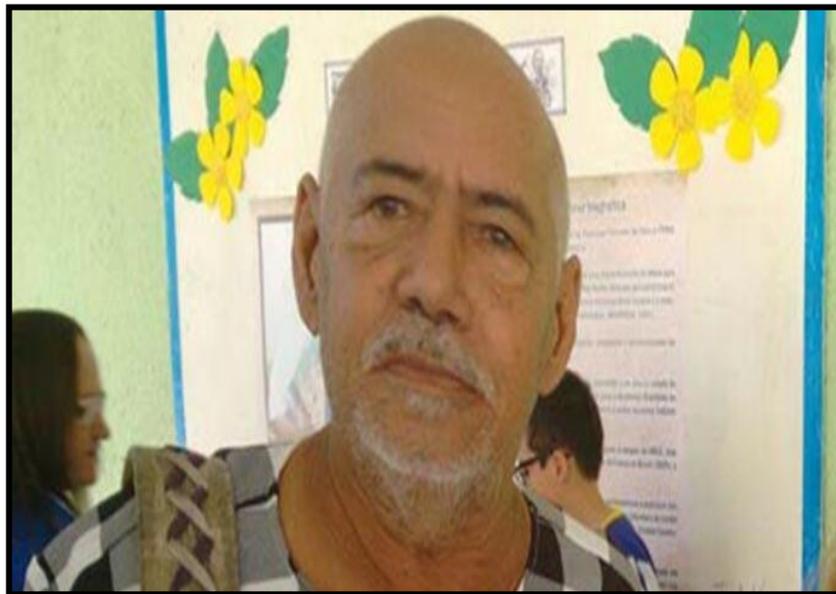
Após a segunda guerra mundial (1945) havia duas superpotências econômicas e militares: Os E.U.A (Estados Unidos da América) e U.R.S.S (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). A tensão permanente entre esses rivais caracterizou a época da guerra fria, do conflito entre o bloco dos países capitalistas e o bloco dos países socialistas. Período assustador, tenebroso em que o mundo vivia o perigo constante da eclosão de uma nova e definitiva guerra mundial.

É neste contexto de turbulências, incertezas e sobressaltos que nasce o poeta Antônio Francisco Teixeira de Melo, no dia 21 de outubro de 1949, como uma trégua de paz, necessária ao mundo que ainda amargava as epidemias, a fome e todos os horrores da guerra. Surgia na singeleza dos recôncavos de Mossoró uma anônima luz que correria o mundo plantando o amor revestido de poesia. A pacata e desconhecida cidade acolhia um coração grande e generoso. Uma alma esplêndida e rara, raríssima, nesta época de tanto ódio, rancores, ingratidões e injustiças, que ao nascer recebia de Deus a incumbência de sensibilizar os homens com seus versos e auxiliar na luta pela construção do bem e da paz.

Antônio Francisco é o primogênito do casal Francisco Petronilo de Melo e Pedra Teixeira de Melo, que gerou 17 filhos. Seu Petronilo, jogador de futebol, e D. Pedra do lar, ambos mossoroenses. De acordo com o poeta Antônio Francisco, o nome da sua mãe Pedra, feminino de Pedro, foi colocado em homenagem a um tio misteriosamente desaparecido que

se chamava Pedro. No entanto, o poeta foi criado por seus avós, no Bairro Lagoa do Mato em Mossoró/RN.

**Foto 16 – Poeta Antônio Francisco**



**Fonte: Acervo do Poeta Antônio Francisco, (2017).**

Mossoró, conforme relata o cordelista, neste poema intitulado minha biografia.

Sou filho de Chico Perto e Pedrinha  
 Criado por Tica de Perto e seu Perto  
 Num bairro pequeno afastado e deserto  
 Numa pequena e humilde casinha.  
 Lá perto de uma lagoa que tinha  
 Correndo descalço no seu arrebol  
 Plantando batata, pescando de anzol  
 Quebrando jurema e pau branco no peito  
 Levando alecrim e canudo no eito  
 Queimado e tostado dos raios do sol.

No sentido de conhecer melhor o poeta, torna-se relevante compreender como ele se vê. Ao responder a pergunta quem é Antônio Francisco (2018), este esclarece:

Sou uma pessoa inquieta, que sonha e acredita que o mundo tem jeito, que acredita sobretudo num mundo melhor, onde as pessoas se respeitem e agradem a Deus. Nasci junto à natureza, me criei observando sua beleza, livre como um pássaro, por isso amo a liberdade. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O poeta faz jus ao nome que recebeu de batismo, Antônio, do latim Antonius, significa valioso, de valor inestimável, digno de apreço, corresponde ao que está na vanguarda e indica uma pessoa de força interior e fé inabalável nos seus próprios ideais. Isto lhe permite estar sempre à frente, abrindo caminhos que geralmente levam a resultados positivos para todos. Francisco tem origem do latim Franciscus que veio do germânico Frank que quer dizer franco, mais o sufixo Isk, que denota a nacionalidade. Franco significa livre, por isso, a tradução de Francisco é francês livre.

De acordo com os historiadores, a popularidade do uso Francisco como nome, deve-se ao Santo Católico São Francisco de Assis, padroeiro dos animais e da natureza. Os devotos do Santo costumam dar o seu nome aos filhos que nascem no dia consagrado ao Santo (04 de outubro) ou aos nascidos no mesmo mês do seu nascimento. Semelhante a São Francisco o poeta Antônio Francisco é amante da natureza e protetor dos animais. Utiliza seus versos, para defender o meio ambiente levando as pessoas a refletirem sobre a preservação da natureza e o respeito aos animais, para que vivam harmonicamente de forma sustentável com o meio ambiente.

Presta homenagem à natureza também, ao suscitar lembranças de flores, pássaros, peixes, rios, lagoas que andam distantes de nossa paisagem pela poluição e/ou por extinção. Nessa temática estão incluídos poemas como *Os Animais tem Razão*, *A Arca de Noé*, *Meu Sonho*, entre outros. O poeta Francisco Nolasco (2006) dedica um verso a Antônio Francisco descrevendo-o assim:

Antônio Francisco é poeta,  
 Pois já cantou céu e mar,  
 O belo da natureza,  
 O canto do sabiá,  
 E agora nos presenteia  
 Com sua verve tão cheia  
 Com dez cordéis num só lugar.

E o poeta Rouxinol do Rinaré (2012) complementa:

Os poetas são “profetas”  
 Que Deus envia ao aprisco,  
 Visionários que alertam  
 Que o planeta corre risco  
 Como faz em seus poemas  
 O vate Antônio Francisco.  
 Antônio é desses poetas,  
 Que gosta de viajar

Nas asas do pensamento  
 Para o mundo transformar  
 E em versos nos convence  
 Que escrever é sonhar.

Interrogado sobre o que o inspirava os versos dos renomados poetas Francisco Nolasco e Rouxinol do Rimaré a seu respeito, Antônio Francisco (2018) declara:

Sinto-me lisonjeado, recebo com muito orgulho a homenagem. São grandes poetas, admirados por todos e por quem tenho muito respeito e admiração, então fico agradecido pelo apoio ao meu trabalho e o que dizem de mim aumenta a minha responsabilidade em fazer versos cada vez melhores. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O jornalista, escritor e poeta Crispiniano Neto, membro da Academia Mossoroense de Letras (AML) e da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), definindo Antônio Francisco diz:

Antônio é um santo com cara de louco,  
 Seu canto é uma bênção com força de um soco,  
 Seu verso, um segundo que dura um milênio...  
 No jeito um matuto, no crânio é um gênio  
 Com ele, a tristeza perdeu o duelo,  
 Com o cérebro no cosmo e o pé no chinelo,  
 Antônio é sonho, palma, riso e hino,  
 Filósofo da rima, avô e menino.  
 Antônio Francisco Teixeira de Melo!

Sobre os versos de Crispiniano, o poeta se posiciona: “Crispiniano é um grande incentivador do meu trabalho, seus comentários a meu respeito me enaltecem e me motivam a continuar produzindo e aperfeiçoando os meus cordéis.”

Antônio Francisco alcança respeito e admiração por muitos estudiosos do cordel, Gustavo Luz, escritor, poeta, editor de cordel, fundador e diretor da editora Queima Bucha faz uma enleação a Antônio Francisco no livro “Dez Cordéis num Cordel só”. E Melo (2006, p.07) o considera “um caso raro, apologista de nascença que nunca mediu elogios aos cantadores de viola, é uma pessoa simples, de bom humor com a vida. Ou está contando piada, fazendo todo mundo rir, ou recitando poemas”.

Com sua lavra de versos, Antônio Francisco conquistou apreciadores e tornou-se uma influência no campo da poesia local e nacional, a nossa pesquisa reconhece a sua grandeza e o potencial dos seus versos para alimentar valores humanos e estimular a inclusão social.

Como observamos, o cordelista é um personagem da cultura popular que tem o bom hábito de defender a cultura em qualquer situação que se encontre, além de lutar pela preservação das tradições populares. Sobre Antônio Francisco, ainda, se pode ouvir declarações que o colocam como um artista fascinante que encanta as pessoas com os seus cordéis.

Segundo o jornalista, poeta, escritor e professor Maia (2006, p.16):

A poesia de Antônio Francisco tem o incrível poder de encantar e fascinar a todos que dela tomam conhecimento encanta na medida em que nos transporta para o mundo do imaginário, que o autor cria para situar a sua história. Fascina pela beleza de seus personagens, pela leveza de seus versos e por sua imaginação fértil. Usando o formato simples da poesia popular, conta fábulas em cordel, sempre concluindo com frases de efeito. (MAIA, 2006, p.16 )

O poeta, sujeito da nossa pesquisa, traz consigo uma sensibilidade que faz o ser humano refinar os sentidos e alargar as percepções de si, do outro e do mundo, dispondo-se a mudanças de atitudes, comportamentos e ações, nosso trabalho traz a lume essa capacidade do cordelista para conduzir uma reflexão que leva a prática da inclusão.

Antônio Francisco destaca-se no âmbito da cultura como poeta cordelista, pela sua arte consegue adentrar na leitura do seu povo, de forma que o seu sonho de construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, seja compartilhada por seus leitores/ouvintes, fazendo-os se reconhecerem nos seus personagens cordelísticos e se incluírem nos ambientes bem descritos pelo autor, sejam eles reais ou fictícios.

A Literatura de Cordel é conhecida no Brasil popularmente como folheto; é um gênero literário popular, escrito em rimas, exposto, de forma geral, para a venda em cordéis ou cordas, o que deu origem ao seu nome.

**Foto 17 – O Folheto pendurado no cordão.**



**Fonte: Acervo do Poeta Crispiniano Neto, (2018).  
Foto 18 – Folhetos de Cordel.**



**Fonte: Acervo do Poeta Crispiniano Neto, (2018).**

Nas fotos acima, vê-se os cordéis pendurados no cordão. É forma mais utilizada para exposição e venda dos cordéis ou folhetos em feiras, mercados e outros lugares. É o meio mais viável para propiciar o contato direto do público com essa literatura. Ao apreciar a literatura de cordel, a forma em folhetos assume uma particular relevância para esse estudo, posto que a obra do poeta protagonista da nossa pesquisa é amplamente divulgada em folhetos.

No âmbito do saber e da cultura popular o cordel emerge como um artefato cultural, como uma expressão da cultura de um povo que se apresenta com linguagem própria. Através dele o cordelista expõe sua visão de mundo, de ser humano e da realidade social onde está inserido. O poeta imprime em seus folhetos um fazer calcado nas experiências de vida que se materializou nos versos retratando sua ótica a respeito do cotidiano de homens e mulheres comuns. Ao mesmo tempo em que o poeta dá visibilidade através dos seus versos, a cultura do povo também é construída por ela.

Sendo a expressão viva do cotidiano do povo nordestino, o cordel tornou-se a marca registrada da tradição cultural do nordeste brasileiro, pois traz em seu conteúdo estilos, tradições, rimas e métricas, expressando características da cultura em geral. Fatos relacionados ao ontem, ao hoje e previsões futuras. Todos os acontecimentos da vida são enredos para a sensibilidade do olhar poético, que sabe assimilar e valorizar o cotidiano da

nossa gente. O poeta Crispiniano Neto (2009), relata em versos históricos a trajetória da literatura de cordel.

**Foto 19 – Poeta Crispiniano Neto.**



**Fonte: Acervo pessoal, Mossoró – RN, (2017).**

Os folhetos chegaram em caravelas  
 E espalharam-se em casas de colônia  
 Rio, pampas, gerais e Amazônia  
 Frágeis folhas dobradas, rimas belas  
 Reis, princesas, romances e novelas  
 Entremez, auto, peças, heróis, vilões,  
 Monstros, sábios, príncipes valentões  
 Lendas, medos, milagres e cruzadas  
 Fantasias pras vilas habitadas

Em seguida passaram a imprimir  
 Os folhetos, vendendo-os pelas feiras  
 Com histórias fantásticas, verdadeiras  
 Reportagens, pelejas ou pra rir.  
 E o Nordeste passou a progredir  
 Na cadência da verve psicodélica.  
 Entre a dor da criança mais famélica  
 E os amores valentes e românticos.  
 Os poetas soltaram tantos cânticos  
 Nas batalhas do amor, guerra antibélica.

O poeta supracitado conta em versos a história do cordel, suas características, os pioneiros, os cordelistas atuais e principais representantes. No fragmento destacado,

Crispiniano conta as origens, os temas abordados e a importância dessa atividade literária para o Nordeste.

Segundo Mark Curran (2003), “o cordel enfrenta atualmente um certo refluxo, devido a pouca produção de histórias novas e a diminuição da prática de leitura”. As editoras e impressoras populares, que no passado já eram pequenas e locais, hoje são quase inexistentes. Mas, constata-se que embora tenha diminuído, o cordel sobrevive, cumprindo ainda as funções de informar, ensinar e principalmente divertir o público. Assim, graças à força desse gênero literário único e intenso, as narrativas populares estão destinadas a continuar tempos afora, inigualáveis e inesquecíveis.

O cordelista Antônio Francisco interrogado porque escolheu o formato de Cordel para exercer a sua vertente poética, respondeu: “Talvez, por gratidão, se eu aprendi a ler basicamente pelos cordéis, se minhas histórias principais vieram do cordel, se o cordel faz parte da minha vida, porque não escrever cordel? Fiz muitas coisas na vida, tive muitas profissões, mas o cordel estava guardado em mim, eu nem sabia que já tinha a métrica, a rima dentro de mim, estava tudo enterrado, mas depois de velho, eu comecei a escrever e eu escrevo colocando o que tem dentro de mim para fora, eu gosto muito do que escrevo. O cordel é tão bonito que algumas coisas que eu digo, se não fosse a métrica, a rima, as pessoas não iriam aceitar, elas são conquistadas pela musicalidade do cordel.”

A capacidade de Antônio Francisco de encantar a todos com uma poesia simples e profunda ditada pelos mais nobres sentimentos e pela fé na vida, que lhe molda o espírito, deixa vir à tona a criança que nunca deixou de ser. Criança que soube viver com plenitude e magia, como as borboletas que se inquietam ramo a ramo, flor a flor, buscando na liberdade o saber da vida. E como todo grande poeta ele sabe valorizar a infância.

Através das suas narrativas o poeta vai reconstruindo suas memórias e vivências e revelando-nos no seu dizer simples as fibras que formaram seu ser e suas experiências formadoras e aos poucos vai tornando perceptível o que tonifica sua alma e aguça a sua sensibilidade. A metodologia (auto)biográfica que define nossa pesquisa atende ao nosso propósito de estudar as narrativas (auto)biográficas do cordelista e suas experiências existenciais, conferindo voz e visibilidade para esse sujeito expressar sua forma peculiar de ver o mundo e a vida. Passeggi (2010, p.14) define o método (auto)biográfico como: “uma via passível de produzir conhecimentos que favoreçam o aprofundamento teórico sobre a

formação do humano e enquanto prática de formação conduzir o diálogo de modo mais proveitoso consigo mesmo, com o outro e com a vida”.

A especificidade do método (auto)biográfico nos aproxima e nos permite conhecer sua história de vida que se declara admirável. Antônio Francisco, poeta popular apaixonado pela vida e, sua simplicidade, compositor, xilógrafo, contador de histórias e recitador. Possui o hobby de passear de bicicleta pela cidade regando poesia e colhendo amizades, como ele próprio afirma. Já exerceu diversas profissões como: Pintor de parede, soldador, servente, garçom, marchante, como informa em seu cordel (auto)biográfico.

Já fui soldador, plaqueiro,  
 Pintor de parede, de letra e servente,  
 Garçom, cobrador, vigia, gerente,  
 Marchante de bode, de porco e carneiro.  
 Já fui vendedor, sapateiro e armeiro  
 Vendi cajarana, cajá e limão  
 Limpei de enxada, apanhei algodão,  
 Vendi tapioca, jornal e revista.  
 Já fui jogador de bola e ciclista  
 Fiz bomba caseira e soltei foguetão.

Agora eu estou escrevendo cordéis  
 Forjados no fogo da forja da vida  
 Coberto de ritmo com rima batida  
 Com verso de onze, de sete e de dez

Nos versos supracitados, o cordelista apresenta um desfile da própria vida, versejando sobre todas as experiências profissionais que teve, enfatizando seu descobrir-se poeta e cordelista, sua atividade predileta, na qual encontrou realização pessoal e profissional, nos apresentando com uma lavra de glossas que vão prescrevendo seu jeito, suas crenças, seus valores, seus traços culturais, consolidando-se num espaço também de luta em prol da sua gente, que nossa pesquisa se propõe a reverberar.

Lembrando sua infância o poeta revela que seu tempo de menino não tem paga, nem preço e justifica na sua narrativa os motivos que fizeram seu coração preferir não crescer. Comenta: “minha meninice foi como um raio de luar que vive feliz indiferente à noite e à aflição. Quando doce afago da minha infância o meu alegre indagar, o meu saco de porquês que desfolhava risonho buscando saber o sabor do mundo”.

Na memória do cordelista vai surgindo aos poucos, o rio onde navegavam os barcos da sua infância, remando em busca do ideário que o formou poeta. Quando indagado sobre as peraltices da infância, relembra saudoso:

Quando menino gostava de jogar pedras numa casinha por onde passava todos os dias. Os moradores da casa assustados começaram a fazer novenas para Nossa Senhora, reuniram muitas pessoas todas as noites em oração para afastar a assombração. Coitados sequer imaginavam que era apenas uma brincadeira inocente de criança. Não sai da minha memória as manhãs perfumadas da minha infância o cheiro do mato viçoso, o sol beijando meu sorriso infantil, o vento batendo em meu rosto, a doçura das tardes onde as nuvens passeavam rindo do céu, a magia dos Nortes estrelados que fora desejar conhecer o infinito e dançar com as estrelas. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Aprendeu a admirar as belezas da natureza e perceber o valor da existência com seu pai e seu avô que levavam a vida sem pressa, desfrutando com intensidade o passar das horas, costumavam descansar em redes no alpendre da casa e contar histórias, causos que faziam o poeta viajar, aventurar-se e embalar no balanço da rede os sonhos e as fantasias de criança. Desde a infância teve forte contato com a literatura de cordel, sobretudo, pelas influências de seu pai e seu avô, ambos amantes da poesia e cordelistas amadores. Não escreviam versos prontos, mas faziam poesia de cada detalhe da vida e falavam de cordel com amor, leveza e maestria. Cresceu entre rimas e manifestações da cultura tradicional nordestina. Sua alma de menino deixou-se apaixonar pelas suas raízes, pela arte da sua gente. Aprendia os cordéis pelo ouvir e decorava suas estrofes. Recitava-os com encanto e sempre acrescentando algumas rimas. Assim ainda menino, definiu sua natureza poética sentiu-se atraído e laçado pela arte que se dedicaria no futuro, só bem mais tarde trabalharia o seu talento poético.

De seu pai e avô ficou o legado da honestidade, do respeito às pessoas, do amor pela natureza, pela justiça e pelo cordel. Os valores e os princípios aprendidos foram e continuam sendo repassados para seus três filhos e dois netos, frutos de um casamento feliz com Josenira Maria Maia de Melo a quem chama carinhosamente de Nira com quem compartilha a vida, reconhecendo que nos méritos de suas conquistas há muito da sua presença. Ressalta que o seu matrimônio é abençoado por Deus e sua solidez está sustentada em três pilares: O amor, a compreensão e o respeito. Declara seu amor e sua gratidão a sua esposa, no desejo sincero de que esta união permaneça por toda a vida. Para ele, “nada vale chegar aonde estamos sem o amor que nos acalenta”.

**Foto 20: Antônio Francisco e sua esposa Dona Nira.**



**Fonte: Foto cedida pelo poeta, 2015.**

Na imagem, Antônio Francisco com sua esposa emoldurado pelos laços de carinho que os unifica e o amor que eterniza a relação que os une.

As nossas relações familiares têm significado relevante na nossa formação. Segundo Dominicé (2010, p.87) na narrativa biográfica “todos os que são citados fazem parte do processo de formação”. Evidentemente a família é o lugar principal dessas mediações. Em conformidade o autor salienta que “nosso material biográfico está cheio de traços que sublinham a capacidade formadora das confrontações da vida cotidiana, das contradições sofridas, das revoltas declaradas”.

O poeta Antônio Francisco (2018), em relação a sua formação escolar comenta: “Eu conto nos dedos os dias que eu fui para a escola. Não tinha vontade. [...] nada na escola me atraía. Não sentia prazer em estar numa sala fechada, sem vida, todo dia fazendo as mesmas coisas”. Nessa narrativa, o poeta desvela um contexto no qual a escola oferece um pouco espaço à alegria, ao prazer de ser criança, talvez por não ter construído os pilares da ponte que une educação e ludicidade, desvalorizando a natureza brincante que alicerça as experiências primeiras do aprender da criança, que a conduz ao entusiasmo movido pelo prazer de ser e de fazer.

A fala do poeta nos remete as concepções de Charlot (2014, p, 74) quando explica: “o aprendiz precisa encontrar sentido para aprender [...] o sentido está relacionado com o

aprender”. “Quando não há prazer não há sentido em aprender”. Só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender”. O autor ainda argumenta que se faz necessário despertar no aluno um movimento interno, um desejo interno de aprender, pois não se consegue desencadear a aprendizagem se não encontrar da parte do aluno, um interesse, que vá ao encontro daquilo que se quer ensinar (CHARLOT, 2014, p.74).

Embora o poeta não tenha encontrado prazer em frequentar a sala de aula das escolas públicas de Mossoró, onde sempre estudou, guarda boas lembranças da primeira professora D. Ilmar que alfabetizava soletrando<sup>4</sup>, o método que o cordelista nunca esqueceu. Apesar das suas divergências com a escola, Antônio concluiu o ensino básico e ainda se destacou nas Disciplinas de Português e Redação. Antônio Francisco é Bacharel em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN a quem dedica uma especial gratidão salientando que a UERN foi indispensável na sua construção como pessoa e profissional.

Neste sentido afirma: “A UERN é um referencial para mim. Ela contribuiu de forma positiva para minha formação. Essa instituição reconheceu, valorizou e até incorporou os meus saberes aos conteúdos trabalhados. Ela traçou para mim um caminho de desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional”. Assim, em sua declaração o poeta demonstra reconhecimento e gratidão à UERN por tudo que proporcionou a sua vida, inclusive por ter alavancado a sua carreira profissional, ao adotar o livro “Dez Cordéis num Cordel Só” para o seu processo seletivo.

O cordelista Antônio Francisco (2018) sempre foi consciente de que é um sujeito de conhecimentos, embora esse conhecimento comum não fosse reconhecido como conhecimento escolar. A respeito ele declara: “O meu conhecimento vem da escola do mundo, das experiências de vida, conheço todo tipo de planta: Mororó, Juazeiro, Pinheiro, Umburana, Ipê, Imbuzeiro, Aroeira, Marmeleiro, Pau-Brasil, Baraúna, Imbuá etc. Conheço todo tipo de animal, de peixe, conheço os costumes, as danças, as lendas, as músicas da nossa gente, as nossas raízes. Sei caçar, pescar, curar doenças com ervas do mato. Sei o que é certo e o que é errado, tudo isso é conhecimento de mundo e faz de mim uma pessoa experiente e capaz, capaz de refletir sobre os problemas do povo e agir de forma crítica como cidadão do mundo

---

<sup>4</sup> Soletração: Ato ou efeito de soletrar. Método de ensino que consiste em memorizar e pronunciar separadamente, as letras, para depois juntá-las em sílabas e daí em palavras para entender o texto.

O poeta refere-se à escola da vida, aos conhecimentos que adquirimos com nossas vivências no conjunto das relações sociais. Aprendemos com Brandão (1981, p.9) que educação é vida. Segundo esse renomado autor:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação. A escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor. O ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o único praticante. Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo ou entre povos que se encontram, [...] ninguém escapa da educação em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços de vida com ela; para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. (BRANDÃO, 1981, p. 9)

Nesta perspectiva Brandão (1981) conclui, não existe uma educação, existem educações que estão presentes em todos os lugares, permeando o cotidiano das pessoas. No tocante à educação, não pode aceitar que ela só existe na escola formal, tendo como representante máximo o professor. A educação está presente nas nossas vivências, nas experiências de cada um. As pessoas não dependem de um professor para aprender, elas aprendem através das suas relações e interações com o meio no qual estão inseridas. Os cordéis educam porque derivam do povo, do que produzem, do que pensam, do que sentem e sonham. A literatura de cordel é uma forma específica de representar, reproduzir e reelaborar as relações sociais, está presente no cotidiano das pessoas e na raiz da sua cultura, confirmando que não existe apenas uma forma de educação e que a escola não é o único lugar onde aprendemos. A nossa pesquisa utiliza os cordéis de Antônio Francisco como forma de educar para a inclusão.

No que se refere à relação entre educação e inclusão, Freire (1996) ensina que os princípios da educação devem promover a inclusão de todos os alunos (as) numa escolaridade que os dignifica porque respeita seus saberes, sua leitura de mundo como ponto de libertação e autonomia de ser pensante e sujeito do seu próprio desenvolvimento. Os sistemas de ensino devem realizar uma educação inclusiva que responda às adversidades dos alunos sem discriminações, colaborando para o seu processo de aprendizagem e autonomia. A pedagogia de Paulo Freire é fundamentada na ética, no respeito à dignidade e a própria autonomia do educando. É uma ação educativa vigilante e, essencialmente contrária a toda prática de discriminação e preconceito. Com os seus muitos saberes e como eterno aprendiz Antônio Francisco se insere nesse contexto e conta sua trajetória de vida declamando os seguintes versos:

Trocando em miúdos, minha vida foi mais ou menos assim:  
 De um para os meus dez anos,  
 Aprendi jogar pião,  
 Atirar de baladeira,  
 Jogar bola no oitão e rezar para fazer  
 A primeira comunhão.

[...]

E dos quarenta aos cinquenta,  
 Amaciei meu gogó.  
 Receitando em todo canto,  
 Das glebas de Mossoró.  
 E de quebra fiz meu livro,  
 Dez cordéis num cordel só.

Dos meus cinquenta pra cá  
 Aumentei mais meus valores,  
 Com mais quatro livros  
 Na arena dos escritores.  
 E meu nome escrito em giz  
 Pelas mãos dos professores.

No desbulhar dos seus versos, o poeta fala das suas experiências de vida, marcadas por lutas, esperanças, saberes e encantamentos, põe em foco a sua profissionalização como cordelista e afirma o seu pertencimento identitário com a escola, que por sua vez, reconhece e valoriza o seu trabalho. A nossa pesquisa une-se aos que o consideram valoroso, destacando suas qualidades e propagando sua obra.

O poeta Crispiniano Neto (2011) afirma que os poemas de Antônio Francisco são como os salmos, traduzem a linguagem divina, conforme podemos constatar na sua declaração:

As mensagens cantadas e contadas em seus versos são como os Salmos. Traduzem a linguagem divina para o idioma de outros educadores e para o povo, nos seus limites linguísticos traduz textos acadêmicos e, principalmente, textos sagrados para a linguagem do povo, não apenas como queria Paulo Freire, respeitando o universo vocabular, mas como ele próprio e os filósofos queriam, fazendo uma releitura destes textos à luz da vida prática, trazendo complexas teses sociológicas, filosóficas e teológicas para o jeito do povo compreender o mundo, uma religação entre o divino e o popular, a essência da missão dos profetas, salmistas e missionários. (Narrativa de Crispiniano Neto, Mossoró, 2011.)

Na ótica de Crispiniano, Antônio Francisco contempla em seus versos a mensagem Divina de amor, paz, justiça, solidariedade, bem como, textos acadêmicos de sociólogos e

filósofos que discutem justiça social e igualdade entre os homens, traduzindo-os de forma simples para que o povo possa compreendê-los e posicionar-se diante do que argumentam. A poesia de Antônio Francisco é a sua maneira de cantar a vida e suas belezas num cântico de agradecimento e louvor a Deus, seus versos realmente traduzem a mensagem do Pai, propagando Seu amor fraterno e Sua justiça.

Sendo nosso protagonista de pesquisa uma pessoa diferenciada, especial e incomum, buscamos concretizar a difícil tarefa de fazer recortes temporais na sua história de vida para destacar seus momentos mais importantes. Apresentamos a seguir um Quadro Cronológico com o seu mapa biográfico.

**QUADRO 1:** Mapa Biográfico de Antônio Francisco.

<b>ANO</b>	<b>ACONTECIMENTOS</b>
1949	Nasce Antônio Francisco Teixeira de Melo
1949	Batismo
1956	Primeira Escola
1961	Primeiro Emprego: Vendedor de Jornal e Revista
1966	Trabalhador Autônomo: Sapateiro
1969	Presta serviço ao Exército Brasileiro em Natal/RN
1973	Casa-se com Josenira Maria
1973	Nasce a primeira filha
1979	Aprovação no vestibular de História da FURN (UERN)
1983	Conclui o Curso de História
2005	Publica o primeiro Livro: Por Motivos de Versos
2006	Publica o Livro: Dez Cordéis num Cordel Só
2006	Toma posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).
2007	Publica o Livro: Veredas de Sombras
2008	Publica o Livro: Os Animais Têm Razão
2010	Publica o Livro: Os Sete Contos de Maria
2010	Lançamento do filme: O Poeta da Bicicleta (Curta Metragem)
2011	Publica o Livro: A Arca de Noé
2011	Publica o Livro: Uma Cidade de Sonhos (Português e Espanhol)
2012	Publica o Livro: O Olho Torto do Rei

**Fonte:** Mapa elaborado por Silvana Holanda, 2018.

Grande parte da história do poeta confunde-se com seus versos e só pode ser vista e sentida pelos olhos do coração. São muitas histórias, muita poesia. Importa saber que a sua arte tem o poder mágico de eternizar seus momentos. O poeta protagonista desta pesquisa ao

olhar para a singularidade do processo de formação revela o que realmente foi importante, formativo para si, e o quanto essas experiências fundamentaram seu caráter, potencializaram sua autonomia e o instituíram com um sujeito ativo e crítico no fazer-se pessoa e poeta.

As narrativas do cordelista expostas a seguir no quadro 02 revelam como Antônio Francisco a partir das experiências vividas no cotidiano, na família, nas relações com o outro, a terra e o mundo construiu os seus saberes e como esses saberes o potencializaram na sua constituição como pessoa, profissional novo e poeta. Na coluna da esquerda constam relatos do poeta sujeito da pesquisa, mostram os seus saberes das experiências formadoras, construídas no decurso da vida. Na coluna da direita a nossa análise interpretativa, reflexiva a respeito de como os saberes de histórias de vida e das experiências formadoras potencializaram a trajetória formativa do poeta Antônio Francisco no seu percurso de desenvolvimento pessoal, poético e profissional.

**QUADRO 2:** A relação entre os saberes produzidos na/pela experiência do poeta Antônio Francisco:

<p><b>OS SABERES DAS EXPERIÊNCIAS FORMADORAS NA VOZ DE ANTÔNIO FRANCISCO</b></p>	<p><b>COMO OS SABERES E EXPERIÊNCIAS POTENCIALIZARAM SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.</b></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes do contexto familiar</b></li> </ul> <p>“Muito do que sou devo aos meus pais e aos meus avós que me criaram.”</p>	<p>O poeta considera os seus pais e avós como conferências da sua vida, do seu caráter, da sua identidade e da sua constituição como pessoa. Eles representam o primeiro marco formativo da sua identidade como cidadão, a influência social e cultural dos pais dá sentido à produção de humanizados e humanos.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes da sua terra e da sua gente</b></li> </ul> <p>“A minha poesia é feita da minha gente, dos seus saberes e sabores”.</p>	<p>O respeito e o amor a sua terra, sua cidade e em especial ao Bairro onde nasceu Belo Horizonte, conhecido como “Lagoa do Mato” e sua gente são traços marcantes na poesia de Antônio Francisco, Enxergo em sua fala a respeito dos aprendizados oriundos do amor a sua terra, e sua gente, uma valorização da vida, um apelo ao respeito pela nossa gente, nossa terra, e nossa cultura. Esses valores em sua forma de atuar com pessoa e profissional.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes escolares</b></li> </ul> <p>“A escola tradicional embora desestimulante me deu as bases para a minha formação letrada. Porém, o curso de História na UERN, abriu meus horizontes para perceber a vida com criticidade”.</p>	<p>Na escola tradicional mesmo sem criticidade adquiriu conhecimentos que o ajudaram a desenvolver habilidades e competências importantes para o seu desenvolvimento. O poeta destaca a relevância dos saberes adquiridos no curso de História da UERN para a sua conscientização crítica e para a conquista da sua cidadania. O domínio desses saberes o enriqueceu como pessoa e poeta e o ajudaram a construir uma poesia com criticidade.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes das vivências</b></li> </ul>	<p>Nas reflexões sobre os aprendizados da vida, o poeta fala da importância dos saberes adquiridos nos livros e nos cordéis que lia</p>

<p>“Aprendi muito com a vida, com minhas leituras, com os cordéis, com as histórias que contavam para mim, com as minhas andanças de bicicleta pelo Nordeste com meus amigos e com os poetas populares.</p>	<p>desde criança. Relata também o quanto as histórias que seus pais e avós lhe contavam acrescentou à sua vida. Destaca as aprendizagens adquiridas nas andanças de bicicleta pelo Nordeste e no convívio com os amigos e poetas.</p> <p>Esses saberes o transformaram num sujeito ativo, crítico e responsável pela sua própria história e contribuíram para que sua poesia se constituísse críticas, reflexivas, levando as pessoas a se tornarem mais humanas e inclusivas</p>
<p>• <b>Saberes de superação</b></p> <p>“[...] aprendi com as dores da vida, com as dificuldades do meu povo, com os obstáculos que enfrentei e até com as tristezas que vivi.”</p>	<p>Nas reflexões sobre o viver situações adversas e habilidades requeridas para superá-las, o poeta demonstra o quanto aprendeu da vida e o quanto as adversidades enfrentadas serviram para adquirir garra, persistência alteridade, que foram fundamentais para o processo de empoderamento, pois foram considerados pelo poeta como fatores de resiliência.</p> <p>Esses saberes elevam a sua poesia a tornar-se também, elementos de resiliência empoderamento.</p>

<p>Saberes em processos participativos nos movimentos sociais.</p> <p>“A minha participação nos movimentos sociais e a militância política nos partidos de esquerdas influenciaram muito minha vida e poesia.”</p>	<p>Na fala do poeta Antônio Francisco, suas vivências pelos saberes adquiridos através da militância nos partidos políticos de esquerda como o P C do B (Partido Comunista do Brasil) e PT (Partido dos Trabalhadores) essas vivências deixaram os rastros de cooperação e comprometimento com as causas sociais e as decisões coletivas.</p> <p>Essas vivências potencializaram a sua obra a tornar-se crítica e educativa, voltada para a conscientização das pessoas.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes profissionais</b></li> </ul> <p>“Tive muitas experiências profissionais, servi o Exército Brasileiro, não segui carreira, fui marchante, gazeteiro, vendedor, ambulante, garçom, sapateiro, pintor, fiz placas de automóveis, fui pescador, caçador, hoje sou escritor e cordelista. Aprendi de tudo um pouco.”</p>	<p>Observamos nas suas narrativas, que o poeta experimentou muitas profissões, desenvolveu muitas habilidades e aprendeu muito com cada ofício.</p> <p>Essas experiências traduzem saberes plurais e diversificados que balizaram os seus conhecimentos como pessoa, como profissional, cidadão e como poeta popular.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Saberes das experiências como participante dos projetos educativos com o cordel nas</b></li> </ul>	<p>Emerge nessa narrativa a percepção do poeta Antônio Francisco a respeito do processo de ensinar e aprender como uma relação de troca a compreensão de que ensinar é um exercício</p>

<p><b>escolas.</b></p> <p>Considero que os projetos com o cordel na sala de aula me trouxeram muitas aprendizagens, porque são os momentos de trocas onde aprendemos com os professores e alunos e também ensinamos nosso trabalho e divulgamos a literatura de cordel.</p>	<p>compartilhado, onde aprendemos e ensinamos.</p> <p>Esses trabalhos educativos considerados ímpares pelo poeta lhe proporcionaram saberes plurais e diversificados que o convenceram de que se faz necessário consolidar o uso do cordel como recurso pedagógico na sala de aula.</p>
---	---

FONTE: Quadro elaborado pela autora Silvana Holanda, em novembro de 2018, a partir das narrativas do poeta Antônio Francisco.

Observamos na trajetória do poeta Antônio Francisco, explicitada nas narrativas do quadro exposto, seu posicionamento quanto à importância dos saberes adquiridos quanto à importância dos saberes adquiridos no contexto familiar, na sua terra, no convívio com a sua gente, na escola, na universidade, nas experiências vivenciadas, também os saberes de superação vivenciadas, também os saberes de superação aprendidos nas adversidades da vida, as sabedorias advindas da militância nos partidos políticos e aquelas trazidas pelas diversas profissões que exerceu, principalmente como cordelista, além dos saberes das experiências como participante dos projetos educativos com o cordel nas escolas, incentivando a leitura e divulgando a poesia popular.

Segundo os relatos do poeta, todos esses saberes contribuíram para a sua formação e para a construção do cidadão profissional e poeta Antônio Francisco. Nos fios que tecem a esteira da sua vida e que compreendemos seu processo de formação e visualizamos que suas experiências formadoras contêm em si a essência que aloja o encanto e a profundidade de suas poesias que inundam a nossa alma de bons sentimentos.

## **2.2 - O LUGAR DO POETA: PERTENCIMENTOS E ABERTURA À PLURALIDADE DE OUTROS TERRITÓRIOS.**

São traços fortes da personalidade do cordelista Antônio Francisco o respeito pela vida e o seu amor à cidade de Mossoró, e em especial ao Bairro onde nasceu, conhecido popularmente como Lagoa do Mato. É considerado no meio poético um dos amantes mais devotados e impertinentes da terra querida. Fala de Mossoró com convicção plena, conhecimento e propriedade e neste ofício põe toda energia e toda fidelidade, dissolvida nos belos poemas que retratam seu amor absoluto e a defesa intransigente. Seus versos são como documentos fundamentais para a História desta cidade, que testemunhou sua grandeza, riqueza e beleza inspiradora. Tal qual Euclides da Cunha em “Os Sertões” Antônio Francisco em seus versos faz um relato vigoroso da terra, do homem e das lutas.

Dedicamos este tópico ao lugar do poeta, sua pertença, seus lócus, seu espaço, onde se sente acolhido, integrado, inteiro. Não é só um espaço físico, é seu reino, seu habitat, onde aninha sonhos e sentimentos, acomoda seus desejos mais profundos, lapida seu modo de ser, revigora o seu espírito e realinha as posturas que definem sua alma. Seu lugar ilumina sua memória e faz notável os seus muitos saberes. Exaltar o seu lugar de pertencimento é reconhecer o seu entrelaçamento com a sua poesia e sua relevância na sua construção poética.

É enxergá-lo implícito no seu fazer-se cordelista, pois seu lugar é vivo e traz encantos que lhes servem de berço para poetar. Nele estão impregnadas suas iniciais, a ele devota um apego tão grande que lhe enche o coração de aconchego e ternura. Neste cantinho, é onde tudo começa, porque nele o sonho não tem fim, a saudade não tem início, a esperança não morre e a tristeza não tem vez. Seu ninho guarda segredos sussurrados do pôr do sol ao nascer da lua, acompanha os seus passos, dá visão aos seus projetos e o imuniza das tempestades destruidoras da vida. Preso ao seu doce chão, ele se entrega, deixa que se instale as emoções e voa nas asas da inspiração para compor seus poemas. Essa terra que ele abraça fertiliza as sementes de sua obra, pois cheia de sabores e esplendor impede a desertificação da sua essência, funciona como um calvário branco das dores apagadas que culmina numa esplendorosa ressurreição para a vida. Seu pedaço de terra é seu refúgio, um prolongamento dele próprio que nos presenteia com sua arte envolvente, como a noite que abre as flores em silêncio e deixa que o dia receba os agradecimentos.

O Bairro mencionado fica localizado na zona sul da cidade e de acordo com o censo de 2010 possui uma população de 14.223 habitantes, sendo um dos mais populosos de Mossoró. Antônio Francisco compartilha sua existência nos seus escritos e revela a

importância do seu lugar na sua formação pessoal e construção poética, nesse sentido, ele confessa sua íntima ligação com o seu lugar.

Antônio Francisco em *Narrativas do Poeta* (Mossoró, 2018), argumenta:

É a minha cidade de Mossoró, o bairro chamado Lagoa do Mato, eu escrevo o que sinto o que eu penso, o que eu vivo, se eu... for pra lá, da Europa, eu não falo. Meus cordéis são... meus cordéis são meus amigos, minhas pessoas... eu não escrevo isso; sobre a Europa, eles são conhecidos. Eu não escrevo isso; o que estão pensando, olhando. Não...eu cheguei em Fortaleza o homem disse: Rapaz! Aquela Lagoa do Mato é a minha? Eu pensava que só tinha essa Lagoa do Mato. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

No relato do poeta está intrínseca a essência dos seus cordéis, sua pertença, sua terra, sua gente. Ele pode conhecer o mundo, desfrutar suas maravilhas, mas segundo ele, seus versos retratarão sempre a sua essência.

**Foto 21 – O poeta em sua residência.**



**Fonte: Acervo pessoal do poeta, Mossoró, 2018.**

A foto acima torna visível o amor do poeta pela sua residência, localizada no bairro Belo Horizonte, conhecido como Lagoa do Mato, onde nasceu e vive até hoje, cuidando de cada detalhe e cultivando muitas plantas. Seu lar é seu aconchego, seu ninho.

Como exemplo da influência do seu lugar, do seu cotidiano no livro **Por Motivos de Versos** (2012, p.53), destaca-se esse importante cordel intitulado um Bairro chamado Lagoa do Mato.

Nasci numa casa de frente pra linha,  
 Num Bairro chamado Lagoa do Mato,  
 [...]  
 O galo cantava, peru respondia

Carão dava um grito, quebrando aruá,  
 A cobra piava, caçando preá  
 Cantava em dueto o sapo e a jia,  
 Aguapé se deitava e depois se abria,  
 Soltava seu cheiro nos braços do ar  
 O vento razia pro nosso pomar,  
 Vovô se sentava no meio da gente  
 Contando história da cobra valente,  
 Ouvindo lá fora o vento cantar.

A lua entrava na casa da gente  
 Batia com força nas quatro paredes  
 Seus cacos caíam debaixo das redes  
 Pintando na sala um céu diferente  
 [...]

O bucolismo pretérito do bairro Lagoa do Mato se sobressai em cada estrofe, pois o canto do galo, a resposta do peru, o grito do pássaro carão quebrando aruá, o pio das cobras caçando preá, o balé do aguapé, eram contemplados com as histórias do avô sobre cabras valentes. Em suma, uma verdadeira representação de comunidades marcadas pela simplicidade, paz e harmonia, distante da agitação que caracterizou centros urbanos sofisticados e marcados pela presença de circuitos superiores que fomentou dinâmicas econômicas que desfiguram manifestações humanas aprazíveis e naturais.

A poética contida na forma como a lua entrava na casa do cordelista, suscita buscar na memória lembranças acerca de um sertão puro e simples em sua geografia humana, pois coisas corriqueiras que não fazem parte de forma proeminentes do cotidiano são enfatizadas a exemplo o ato de tomar banho em uma lagoa ainda não poluída. Em conformidade com Martins (2008, p.117) o cotidiano é a mediação que edifica as grandes construções históricas que levam adiante a humanização do homem. Para ele, a história é vivida e, em primeira instância decifrada no cotidiano.

Martins (2008, p. 117) costura as relações entre história e vida cotidiana e esclarece que:

É no âmbito local que a história é vivida e é onde tem sentido para o sujeito da história [...] é no cotidiano e na sua historicidade (compreende-se aí, as categorias do tempo, espaço e agentes sociais) que o homem deve buscar a sua emancipação. (MARTINS, 2008, p. 117).

A nossa história está enraizada no nosso cotidiano. Somos agentes de mudanças do nosso tempo, do nosso espaço. No nosso dia-a-dia formam-se os desejos individuais de mudanças que fazem a força da sociedade civil e dos movimentos sociais coletivos.

Martins (2008) salienta, ainda, que para o homem comum os acontecimentos que ficam na memória são os que tem realmente importância. Segundo ele: “Fica o que significa”. O cordel de Antônio Francisco é, portanto, a transposição para a forma escrita de poemas que representam suas vivências, interações, relações, aprendizagens, suas verdades, sua essência, onde ele eterniza aquilo que constrói o sentido da sua vida.

A abordagem (auto)biográfica é propícia ao nosso trabalho, pois mostra-se capaz de possibilitar o acesso do pesquisador às referências que orientam os sujeitos em sua construção de significados, favorecendo por exemplo: O desvelamento dos aspectos contextuais, relacionais e construtivos da elaboração da identidade do sujeito pesquisado. Conforme declarações de Antônio Francisco, hoje tudo é diferente no bairro onde nasceu, pois, a lagoa não existe mais. Foi assoreada em razão dos interesses do capital e dos descasos da humanidade para com o ecossistema. O vento que antes amenizava o calor está mais quente fato corroborado por pesquisas científicas que apontam o desmatamento como uma das causas do aquecimento do vento no Nordeste.

O rio Apodi-Mossoró, ainda livre de dejetos nocivos à saúde humana, corria sem pressa, bem perto do bairro Lagoa do Mato. O cordelista e seus amigos, então, aproveitavam para fazer coisas que hoje não integram indelevelmente a vida de crianças mossoroenses, como pescar despreocupadamente traíras e piabas para o almoço. Bastante evitado nos dias de hoje, devido à poluição, poucos se atrevem a consumir peixes que ainda existem no rio que outrora serviu até para a realização de regatas. A poluição grassa célere, afetando significativamente a qualidade de vida das pessoas que habitam às margens do rio Apodi-Mossoró incidindo impactos ambientais extraordinários que destacam as características naturais do curso d'água genuinamente potiguar.

Saudoso o poeta Antônio Francisco homenageia o rio da sua infância no poema: O Rio de Mossoró e as Lágrimas que Derramei mostrando-se altamente preocupado com o meio ambiente e alertando toda a sociedade para os maus tratos contra o manancial que é uma referência para a vida dos mossoroenses.

Melhor é ser visitado  
 Domingo fui ver o rio  
 Que dei o primeiro nado  
 E vi coberto de lixo  
 Quem me banhou no passado.  
 Voltei a fita do tempo  
 E me vi banhando nele  
 E vendo como ele estava  
 Chorei olhando pra ele  
 Tentando com minhas lágrimas  
 Enxugar os prantos dele.

No fragmento do poema acima mencionado, o cordelista lamenta a situação em que se encontra o Rio Mossoró, que ele conheceu limpo e com muitas variedades de peixes que serviam como fonte de renda e alimento para muitas famílias e, hoje, encontra-se poluído e abandonado.

Sempre voltado para sua terra e sua gente, o poeta na sua filosofia simplista fala aos nossos corações, deixando uma lição histórica, outrora ensinada pelo renomado Olavo Bilac: “Ama com fê e orgulho a terra em que nasceste” e pelo ícone Rui Barbosa (2001, p. 187) que afirma:

Os que servem a sua terra são os que não invejam, não inflamam, não conspiram, não destroem, não emudecem, não se acovardam, não desalentam, mas, pratica a justiça, a admiração e o entusiasmo [...] Porque todos os sentimentos grandes são benignos e residem originalmente no amor.

Citando Rui Barbosa e Olavo Bilac, o poeta alerta as autoridades e o povo mossoroense que quem ama a sua terra luta para preservá-la, não se acovarda, não abandona, mas prática todas as boas ações que derivam do amor e zelo pela terra natal.

O amor de Antônio Francisco por seu rincão reverbera seu sentir, ecoa a fluência de seu fascínio, enaltece o seu orgulho mossoroense e a sua gratidão por esta terra ter lhe dado impulso, ferramenta e coragem para derrubar os obstáculos e alcançar o pódio. Sua poesia evidencia esse amor por Mossoró e busca recompensar todo o carinho recebido, elevando o nome da sua cidade, projetando-a para o mundo.

Segundo Crispiniano Neto (2011) a obra de Antônio Francisco referenciada a nível local e nacional ganhou notável repercussão a nível internacional através do curta metragem denominado: “O Poeta da Bicicleta”, selecionado para o FESTIN (Festival de Cinema Itinerante de Língua Portuguesa) que aconteceu de 26 de abril a 1º de maio de 2010 no

Cinema São Jorge em Lisboa/Portugal e foi exigido em diversos países de Língua Portuguesa como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Macau/China, entre outros. Antônio Francisco soube com a magnitude de seus versos e sua sensibilidade poética flori onde a vida lhe plantou e semeia pólen para frutificar pés de poesias pelo mundo afora.

Os seus versos deixam transparecer o amor por seu lugar, o cuidado com a sua terra, o respeito pela sua gente e por todos os seres humanos, valorizam os saberes e a cultura do Sertão e vão desbravando fronteiras, pulando cercas, correndo campos, conquistando espaços inimagináveis, mundos distantes, culturas diferentes. Como porteiras vão se abrindo à pluralidade de outros territórios, apalpando a intimidade do mundo com a beleza da simplicidade e grandeza da sua poesia. Como um beija-flor vai soltando pólen nos cantos do universo, para fecundar o amor, mas sempre com a alma de uma cancela que se abre a todo instante para dar passagens a muitos, mas continua presa em seus mourões.

### **2.3 - VIDA RECITADA EM VERSOS, POEMAS QUE DECLAMAM A VIDA**

Antônio Francisco é um poeta sensível que nunca perde a virtude de sonhar. Dotado de inspiração, planta com seus versos esperança num mundo melhor e mais humano. Sua poesia é uma chama que abre os impulsos que nos silenciam, que acalenta a alma e atormenta a dor. Sua vida confunde-se com seus versos e seus versos exalam vida. Nesta oportunidade, enfatizaremos a construção dos seus cordéis objetivando uma análise das suas temáticas, o que nos possibilitará compreender a vida cotidiana do cordelista e esclarecer onde a vida imita a arte e a arte imita a vida.

Apaixonado pela vida em seus cordéis, procura refletir um mundo no qual a convivência entre os seres humanos possa ocorrer de forma pacífica e em equilíbrio com o meio ambiente. Para isso, prega amor e o respeito pela vida, pelo próximo, pelo planeta. Possui os mais nobres sentimentos e transmite esses valores aos seus leitores. Além de uma escrita fluída e rítmica, possui muita criatividade para compor seus cânticos de amor a humanidade e reveste-se de teatralidade para recitar seus cordéis deixando a plateia extasiada com seus versos. Artista completo. Ele emociona através dos movimentos corporais que, juntamente com a voz, produz uma harmonia perfeita.

João Maria (2012, p.10), em um dos prefácios de seu livro **Veredas das Sombras** assevera que o poeta Antônio:

Compartilha sua existência com seus escritos e chama nossa atenção para sentimentos humanos atropelados e pisados por uma multidão anônima, fútil. Indiferente e omissa. Com seus versos pede socorro para outra humanidade, aquela descalça de fé e de esperança num mundo mais justo e menos desigual. Com seus versos clama para que apuremos o olhar e miremos os escombros injustos e perdidos de nossa sociedade. Com seus versos aproxima-nos do cheiro das flores, árvores e frutos, do balançar dos ventos, do tilintar dos cacos da lua, dos ramos do sol, da vida. (João Maria, 2012, p.10)

Na citação acima, o poeta e professor João Maria explica a poesia dos sonhos e das sombras do cordelista Antônio Francisco como sendo um grito por justiça social, que sensibiliza o nosso coração para enxergarmos uma realidade que não costumamos olhar, a dos excluídos que vivem à margem da sociedade e clama para atuarmos com amor, respeito e trabalho por uma sociedade que os dignifique e garanta os seus direitos.

Como afirma João Maria (2012) a respeito de Antônio Francisco no prefácio do seu livro *Veredas de Sombras*, sua poesia de linguagem simples, fala ao coração do povo, por retratar a fauna e a flora do sertão de forma tão bela e desperta sentimentos positivos no leitor como amor, arrependimento, piedade, compaixão. Acima de tudo oferece, esperança visto que o poeta é antes de tudo um sonhador. Não de um sonho qualquer, mas de um grande sonho onde toda a humanidade vivesse com dignidade, paz e união, onde não houvesse espaço para desamor, o desrespeito, o preconceito, o ódio e a corrupção.

Clotilde Tavares (2011, p. 11) declara a respeito do poeta:

Dono de um imaginário povoado de metáforas sobre a condição humana, seus poemas nos levam a outras paragens de onde, distanciados, podemos observar esta nossa vida errada e desastrada neste planeta, a destruir a natureza, a semear o desentendimento, a não praticar o amor. A respeito disso, os seus poemas sempre são concluídos com uma nota límpida e clara de esperança nos fazendo acreditar que esse mundo velho sem porteira mesmo todo errado e troncho, ainda tem jeito. (Clotilde Tavares, 2011, p. 11)

Nesta declaração, a autora designa a poesia de Antônio Francisco como capaz de provocar em cada um de nós uma reflexão com o poder de transformação, enfatiza que o seu dizer poético é movido por uma esperança que nos faz acreditar num mundo melhor.

Sem dúvida, a poesia de Antônio Francisco tem o incrível poder de encantar, fascinar a todos que dela tomam conhecimento. Encanta na medida em que nos transporta para o

mundo imaginário que cria para situar sua história e no fascínio retratado na beleza de seus personagens, na leveza dos seus versos, na grandeza da mensagem.

O próprio poeta nos revela o que torna seus versos tão especiais, dizendo que:

É o ritmo, a cadência, a harmonia das letras. O cordel é você ser engenheiro de palavras, indivíduo das palavras. É fazer um prédio e não cair. É o casamento. O casamento é uma coisa tão pesada que é preciso dois pra carregar. É muita filosofia, é muita coisa. Eu acho uma coisa bonita. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O cordelista utiliza a metáfora do casamento<sup>5</sup> para explicar o vínculo estabelecido entre o poeta e sua criação onde se doa completamente aos préstimos da arte, tornando-se um “só corpo, nesta prática”. Comparo Antônio Francisco com o Uirapuru (pássaro da floresta amazônica). Dizem que quando ele canta, os demais pássaros se calam para ouvi-lo. O Uirapuru não inibe os outros pássaros, ensina-os a cantar e como o canto no silêncio é mais audível, não só os ensina, mas toda a floresta silencia. Seu canto solene, magnífico impõe respeito e atenção.

O Uirapuru canta com autoridade, pois sabe as penas, as durezas e as alegrias do canto e consegue calar grilos, cigarras e sapos. É ele que sabe sob o sol o calor do canto e sob a lua o seu brilho, sabe os espinhos que tem suas flores, mas também, conhece a profundidade da raiz e o sabor do seu fruto. Decerto que os pássaros não irão imitá-lo, pois cada ave tem seu próprio canto, mas saberão reconhecer que nele existe uma afinação especial, superior. Ele é único, singular, não tem competidores porque seu canto é sua alma, sua poesia, sua essência como uma boa aranha ele tira do seu ventre todos os fios da sua obra. Seus versos são a explosão espontânea e fiel de seus sentimentos. Neles fica registrada sua maneira de ver, sentir e interpretar os fatos e as pessoas bem como as comédias e as tragédias do cotidiano.

O poeta José Ribamar (2006, p.12) assim define a obra de Antônio Francisco:

E as obras, lições de vida. As poesias de Antônio Francisco  
São a história da lida,  
Dum povo sem liberdade,  
Da própria honra ferida

Que anseia por justiça  
Emprego, teto e comida,  
São, além da fotocópia

---

<sup>5</sup> União entre duas pessoas visando uma vida em comum.

De uma prole vencida,  
Ficções, realidades  
E crítica bem construída.  
Ele, um grande idealista

Ao se definir como “poeta do povo”, representante legítimo da sua gente, voz da sua comunidade, Antônio Francisco ressalta que apesar de escrever com algumas metáforas, procura se expressar na linguagem do homem comum, na fala simples do seu cotidiano, dando voz às histórias, aos saberes e fazeres da sua gente nordestina.

Antônio Francisco (2018) afirma: “Eu só escrevo o que sinto, o que penso, o que vivo...escrevo para o povo, meus cordéis são do povo e para o povo.”. E acrescenta: você quer me conhecer? Leia o meu primeiro cordel publicado: Aquela dose de amor é o meu retrato.

Na sua narrativa, o poeta declara que os seus versos traduzem sua identidade e sua personalidade, além do seu compromisso com o seu povo. No poema “Aquela Dose de Amor”, Antônio Francisco trata o amor como bem supremo da humanidade e coloca esse sentimento como valor essencial à vida humana. Ele enfatiza que sem amor o ser humano não vale nada para Deus, torna-se desprezível, e ressalta que só o amor é capaz de transformar cada um individualmente e a sociedade como um todo. No poema “Aquela Dose de Amor”, o poeta faz um paralelo entre dois sentimentos contrários em sua natureza para o ser humano, amor e ódio. No entanto, ele mostra que embora sejam opostos entre si, eles estão presentes no homem, portanto, o homem precisa vencer o ódio e permitir que o amor reine, distribuindo Aquela Dose de Amor (2006, p.21) sobre si mesmo e sobre a humanidade.

O cordelista demonstra preocupação com a ausência de amor da humanidade e alerta para a necessidade de amarmos mais uns aos outros e expandirmos o amor de Deus, comprometendo-se com essa sublime missão. Eis alguns fragmentos do poema que retratam o diálogo entre um ancião e o narrador falando das consequências da falta de amor no coração do homem.

Esse bicho inteligente  
com esse ódio profundo  
com pouco amor nesse peito  
não vai parar um segundo  
enquanto não destruir  
a última célula do mundo.

Daquele dia pra cá

é essa a minha pisada  
procurando aquela dose  
em todo canto de estrada  
pois sem ela o ser humano  
pra meu pai não vale nada.

Se acaso algum de vocês  
tiverem a felicidade  
de encontrarem aquela dose  
eu peço por caridade  
Derramem todo o sabor  
Daquela dose de amor  
No peito da humanidade.

Nos fragmentos do poema destacado, o cordelista demonstra todo mal que o ódio pode fazer no coração do homem e sua missão para propagar o amor e resgatá-lo para o bem da humanidade, salienta, ainda, que essa missão é também de todos nós e convoca cada um a praticá-la.

Antônio Francisco descobriu tardiamente o dom apurado para a composição da autêntica literatura popular nordestina. Somente aos quarenta anos ele se dedicou ao ato de escrever cordéis. Após a morte do único filho homem que tinha 18 anos e faleceu num banho de rio quando deu um salto mortal de costas e bateu com a cabeça numa pedra.

Essa tragédia levou o poeta a desenvolver uma depressão e dois anos depois reencontrou forças para prosseguir o rumo da vida. Esse fato triste marcou sua existência para sempre. Porém, sua poesia não está associada à angústia, tristeza ou melancolia. Ao contrário, enfoca os belos sentimentos da vida. O cordelista foi fortalecido na escrita dos versos nas suas narrativas. Quando escreve sobre sua vida, o sujeito recorre as suas lembranças, questiona seus atos, demarca momentos significativos da sua trajetória. Esse processo revela-se como um momento de ressignificação da vida que se traduz como uma busca de superação das dificuldades vividas, ao escrever sobre si externa sentimentos que colaboram para superar padecimentos e amarguras.

De acordo com Josso (2007, p. 63) pelas narrativas todo o processo de vida é colocado em um enredo que se enrola e desenrola e nos faz pensar na totalidade da nossa vida ou de nossa história vista através do prisma de uma narrativa, que ilumina os acontecimentos importantes e decisivos em nosso viver no mundo com os outros e conosco.

Segundo Josso (2007, p. 45), comenta que:

A história de vida faz emergir uma busca que organiza o próprio narrar dos acontecimentos que são tornados significativos para a formação do sujeito em direção ao que ele ainda não é, um movimento de projeção de si, em que o projeto se traduz com a busca de sua superação da impermanência do tempo, do imprevisível, do viver. (JOSSO, 2007, p. 45)

A escrita em si, para si e para os outros, as nossas narrativas demarcam momentos significativos da nossa trajetória e esse processo revela-se como um momento de ressignificação de saberes e práticas que resultam numa transformação de si, pelas linhas das narrativas. A obra de Antônio Francisco foi reunida em duas antologias: *Dez cordéis num cordel só* (2001) título que exemplifica sua habilidade em trabalhar com sílabas de uma redondilha<sup>6</sup> maior e, por motivos de versos (2005) que apresentam um nordestino agradecido pelas suas origens, com histórias que remetem a terra natal entre outros poemas.

O primeiro poema escrito foi intitulado *Meu Sonho*, o poema apresenta traços impressionistas e surrealistas, onde o autor recorre ao sonho para demonstrar suas inquietações e a interação entre o homem e o meio. Neste poema, narra a história de um sonho especial que teve após a leitura de um jornal, provavelmente uma notícia sobre tragédia, dramas sociais, injustiças, etc. Ele acorda em um mundo diferente, um planeta com uma diversidade enorme de animais e muitas flores, sem poluição, preservado, paradisíaco, onde os homens viviam em harmonia com o próximo e com a natureza. Eis um recorte do poema:

Cansado de ler jornais  
Fui me deitar, descontente.  
Pensando em tudo que li  
Adormeci lentamente  
E sonhei que eu acordava  
Num planeta diferente  
Daquele sonho pra cá  
Nunca mais dormi direito  
Ora tentando esquecer  
Ora pensando em fazer  
O mundo daquele jeito

“Meu sonho” é um trabalho tão encantador que Muniz (2001) presidente da POEMA (poetas e prosadores de Mossoró) declara: O sonho de Antônio Francisco é o sonho de toda humanidade. O contraste entre os dois mundos, o real e o dos sonhos, nos inspira a pensar na

---

<sup>6</sup> Redondilha – verso de cinco sílabas (Redondilha menor) ou sete sílabas (Redondilha maior).

realidade do nosso planeta e buscar sua transformação. Construir um mundo melhor é o sonho do poeta e de todos nós.

Compõem a obra do poeta os poemas: Meu sonho, O Guarda – Chuva de Prata, Os 07 Constituintes ou Animais tem Razão, Aquela Dose de Amor, A Oitava Maravilha ou A Lenda do Cafuné, A Cidade dos Cegos ou História de Pescador, As seis Moedas de Ouro, A Arca de Noé, Do Outro Lado do Véu, Confusão no Cemitério, O Ataque de Mossoró com ao bando de Lampião, A lenda da Ilha Amarela, Um Conto Bem Contado, A Casa que a Fome Mora, Um Bairro Chamado Lagoa do Mato, O Duelo de bengala, O Feiticeiro do Sal, Uma Carrada de Gente, No Topo da Vaidade, Uma Carta para a Alma de Pero Vaz de Caminha, Uma Esmola de Sombra, O Rio de Mossoró e as Lágrimas que Eu Derramei, O lado Bom da Preguiça, A Resposta e de Calça Curta e Chinelo. Possui ainda o livro O Olho Torto do Rei publicado em 2011, além de dois CD's: Os Animais tem Razão e Entre Cordas e Cordéis, os quais contêm poesias recitadas e musicadas. Possui ainda um livro publicado com a poetisa Currais-novense, Maria Maria, com o título Algodão e Sal. Ou seja, trata-se de uma obra vasta e em permanente processo de construção;

A poesia de Antônio Francisco pode contribuir muito para a tomada de consciência dos leitores em relação à vida, aos valores humanos, à conscientização ambiental e à inclusão social, desenvolvendo a criticidade e colaborando para o empoderamento das pessoas. Nela o poeta fala sobre os temas sociais como a injustiça, a desigualdade, a cobiça, a destruição do planeta. Mas, o final é sempre repleto de positividade. Por mais que haja tantos sentimentos negativos, evidencia que ainda há solução para os problemas da humanidade, através da reflexão e mudança de atitude. Nos mostra que há esperança em meio ao caos, restauração para os destroços e que precisamos esperar. Porém, nos convoca a construirmos o mundo que sonhamos, começando por nós mesmos.

Do seu trabalho fluí valores éticos e humanos capazes de modificar as pessoas e consequentemente o mundo. Como exemplo valioso dos valores e da essência da sua obra citaremos o poema Os Animais tem Razão (2001) que se constitui em uma fábula em forma de versos, o poeta se utiliza de sete animais que dialogam entre si, falando sobre algumas atitudes e títulos que são pejorativamente lançados sobre eles, quando na verdade, seriam melhor aplicados ao ser humano, um por um prossegue fazendo um discurso contra o tratamento que os homens lhes conferem. O poeta Antônio Francisco, nos seus versos diz: “é certo, eu tenho veneno, mas nunca fiz um canhão. E entre mim e o homem, há uma

contradição: O meu veneno é na presa, o dele no coração”. A cobra mostra que no coração do homem está o seu veneno e que esse veneno é infinitamente maior que o dela, e, justifica que o seu veneno é usado somente para se defender enquanto que o do homem é usado por maldade, causando destruição e morte.

O trecho acima extraído do cordel Os Animais tem Razão, transmite a fala da cobra e o seu pensamento sobre o homem. Pauta-se nas inverdades que de acordo com ela, o homem, diz a seu respeito, ela é tida como um animal peçonhento, falso, venenosa. Mas ela se defende e ainda revida os predicados negativos que o homem lhe outorga: Ela alega que o homem “é cruel, mata a cobra, estoura o fel”, é ainda por cima “descarrega todo o ódio em cima da cascavel”. E a cobra ainda arremata que a diferença principal entre ela e o homem é que o veneno dela é na presa enquanto que o dele é no coração.

No poema, o diálogo que o rato trava com os outros animais esclarece a imagem que o homem tem do próprio rato. Uma vez que quando uma pessoa não tem escrúpulos, honestidade, se convencionou chamar de rato. No entanto, o rato se defende e denuncia o mau caratismo humano: o homem sim, mente e rouba, vende a honra, compra o nome. Nós só pegamos a sobra daquilo que ele come, e somente o necessário pra saciar nossa fome. O cachorro por sua vez argumenta que o homem tem sido bem mais violento que ele e alega que não consegue entender o seu comportamento, pois os homens: se odeiam, fazem guerra e tudo quanto é ruim, e a vacina da raiva em vez dele, dão em mim. No poema analisado, o poeta apresenta uma visão negativa do comportamento do homem, conforme colóquio dos animais que criticam as atitudes humanas, contribuindo para que as pessoas possam refletir sobre seus procedimentos com os animais e mudarem suas atitudes.

No poema intitulado “Preconceito” (2012, p.31) Antônio Francisco anuncia ao mundo a urgente necessidade da construção de uma sociedade justa e inclusiva, ele escreve:

Vamos parar de uma vez  
O carro do preconceito,  
Partir seu motor no meio,  
Despedaçá-lo de um jeito  
Que nem o tolo mais tolo  
Do mundo tire o defeito.

Só assim Zumbi virá  
Nas asas da liberdade,  
Botar um céu de estrelas  
Nos ombros da igualdade,  
E tirar com arte e jeito

A palavra preconceito  
 Dos lábios da humanidade. (Antônio Francisco, 2012, p.31)

No poema, Antônio Francisco convoca cada um de nós a fazermos a parte que nos cabe para construirmos um modelo de sociedade que seja justo, onde a igualdade e a equidade sejam uma realidade e onde a exclusão seja extinta por completo.

A obra do poeta Antônio Francisco é pertinente para sustentar reflexões que sensibilizam o ser humano para o acolhimento, o respeito, a diversidade e a inclusão. Cartografando as ideias poéticas do autor através das suas narrativas e leitura cuidadosa dos seus livros, sem a pretensão de limitar sua produção, a seguir, destacamos cinco das principais obras do poeta.

### **Obra de Antônio Francisco e seu significado:**

#### Dez Cordéis Num Cordel Só

O autor retrata em “*Dez cordéis num cordel*” só inúmeras situações e imagens da vida cotidiana do homem nordestino, sempre costurando ao longo dos seus enredos, uma reflexão social e humana que analisa as relações conflituosas do homem com a natureza e a natureza conflituosa dos homens propondo mudanças radicais nas formas de convivência. O poema “Os Sete Constituintes” é um belo exemplo disso.

#### Por Motivos de Versos

Compondo o conjunto da obra de Antônio Francisco o livro “*Por motivos de versos*” incorpora um conjunto de poemas com temas de alta sensibilidade todos com o propósito de resgatar os valores e a dignidade humana, indicando argumentos para a construção de uma nova mentalidade, denunciando a ação degradante da sociedade e anunciando formas de resgates dos valores éticos e morais do homem.

#### Veredas de Sombras

Esse livro reúne cordéis apresentando assuntos diversos. Com o poema “Um urubu quase santo” pede socorro para a humanidade descalça de fé e esperança num mundo mais justo e menos desigual. O livro é permeado de mensagens criativas, sensíveis e de crítica social, carregadas de esperanças, na construção de um mundo melhor.

#### Minha Obra é Um Cordel

Numa tentativa de ressignificar sua obra o poeta resgata sua produção, consolidando e sistematizando-a em um único livro. Trata-se de uma obra que abrange temas ecológicos, sociais, culturais e políticos que, nesses tempos de conscientização em prol da ecologia, é oportuna a reflexão para a responsabilidade do ser humano pelas dificuldades pelas quais o planeta está passando.

### Os Sete Contos de Maria

Este livro repleto da magia das imagens poéticas e de reflexões. Inicia com o cordel “Escrever é Sonhar” para nos transportar nas asas da imaginação, conhecer a Saga de um Prefeito e seguir o Bando de Lampião. O remate feliz do livro é feito com o cordel que deu nome à obra: “Sete contos de Maria” no qual o poeta conta histórias de uma cidade na Lua, onde existe uma bela mulher que encanta as pessoas. Nesse trabalho o poeta convoca a sociedade a participar da construção de um mundo mais humano, justo e inclusivo.

### O Olho Torto do Rei

Compõe uma coletânea de versos. No livro o poeta faz uma observação crítica da realidade social, política e econômica, com a propriedade de quem vivencia os fatos. Critica severamente a vaidade humana, ressaltando a necessidade de resgatar valores humanos, hoje em decadência. Faz uma homenagem ao educador Paulo Freire em “Paulo Freire e o Livro da Vida” e critica em O Olho Torto do Rei todos os governantes que enxergam somente o que lhes convém, esquecendo o que é conveniente ao povo.

O texto apresentado acima permite uma visualização das principais obras do poeta Antônio Francisco e nos permite reafirmar que os seus poemas, além de expressarem uma grande sensibilidade artística, retrata a vida cotidiana do sertanejo e, privilegia a temática do amor. Sendo a reflexão uma marca que o autor sempre procura deixar em seus textos, chama a atenção para problemas sociais que ele entende como resultado do desvio de comportamento do homem, dos princípios de Deus. Na sua ótica, a humanidade sofre de males que vêm de suas próprias atitudes e do seu distanciamento do Pai supremo, da natureza e do próximo. Nota-se nos versos Antonianos que as mazelas humanas que causam os problemas sociais advêm da crise de valores que a humanidade assiste. A derrocada desses valores trazem consigo a exploração do homem pelo homem, a hipocrisia, a matança por prazer, o consumismo desenfreado, a

corrupção, todas as formas de violência e a exclusão social. É possível identificar também na obra os traços da personalidade do cordelista, suas digitais, sua linguagem e os seus saberes numa clara demonstração de que sua vida confunde-se com seus versos, visto que seus poemas declamam a vida, vivida pelo poeta e sonhada por ele para todos nós.

Antônio Francisco poetiza, de forma magistral, nos seus cordéis, as adversidades vividas numa realidade social árida, mostrando que é possível falar da epopeia da existência ressequida, sem perder a beleza do fazer poético.

#### **2.4 - O POETA NA CONSTELAÇÃO DOS GRANDES MESTRES DA LITERATURA DE CORDEL**

Abordaremos neste tópico aspectos da vida profissional do poeta, suas dificuldades, suas conquistas, a expansão da sua obra através das feiras, eventos, escolas, rádios, TV, internet. A produção dos cordéis, os títulos conquistados, a posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC em 2006 na cadeira de nº 15, cujo patrono é o saudoso poeta cearense Patativa do Assaré. O destaque do seu trabalho em Mossoró, no Rio Grande do Norte e no Brasil.

Continuando a narrativa do poeta Antônio Francisco (2018), temos: “Hoje, graças a Deus, muitas pessoas recitam os meus poemas em Mossoró e região, eu vejo professores trabalhando os meus cordéis com os alunos da pré-escola a universidade, vejo os poetas reconhecerem meu trabalho, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel reconheceu o meu trabalho, me concebeu a honra de sentar na cadeira que pertenceu a Patativa do Assaré, sou muito agradecido e posso dizer: quando você quer convencer o mundo, primeiro preciso convencer os de casa e eu acho que consegui, por isso, eu sou feliz demais.”

O despertar para a poesia ocorreu num curso para cordelistas, ministrado pelo poeta Crispiniano Neto na churrascaria o Sujeito em Mossoró, quando na ocasião o poeta Antônio Francisco escreveu o seu primeiro poema intitulado “Meu Sonho” (2006, p.09) e apresentou a Crispiniano que maravilhado com a qualidade exclamou: Antônio você é um grande poeta! E o incentivou a desenvolver seu dom poético e escrever cordéis. Surpreso, mas feliz, Antônio Francisco ingressou confiante no universo dos cordéis, como ele próprio explica:

Eu não sabia que era poeta,

Crispiniano Neto foi que me disse:  
 Antônio você é um grande poeta.  
 E eu conhecendo Crispiniano  
 Como eu conheço, acreditei.  
 E segui na vida dos cordéis.  
 [...] eu não me via como um poeta  
 Mas sabia que tinha jeito para os cordéis,  
 Pois desde menino lia folhetos de cordel  
 Para aqueles amigos que não sabiam ler  
 E durante a leitura, incluía versos que eu mesmo fazia na hora.  
 E eu sentia muita facilidade e prazer em fazer versos.  
 Então, depois dos conselhos de Crispiniano Neto  
 Resolvi me assumir oficialmente como cordelista.  
 A culpa é de Crispiniano Neto

(Antônio Francisco, 2006, p.09)

Nesse recorte narrativo, identificamos que a poesia estava adormecida por longos anos no poeta, sendo despertada pela insistência de Crispiniano para que escrevesse cordéis e publicasse seus trabalhos. A confiança de Crispiniano na sua capacidade o fez desenvolver a carreira e construir uma obra genial.

Do saber-se poeta ao seu reconhecimento como cordelista enfrentou muitas dificuldades, no entanto, o poeta considera que foi um privilegiado neste itinerário, pois, contou com a ajuda de muitos amigos com Gustavo Luz, e colegas cordelistas como Crispiniano Neto, Luís Campos, Aldaci de França, entre outros. Sempre contou com o patrocínio da Petrobrás e com o respaldo da Lei de Incentivo a Cultura Vingt-um Rosado, que injeta parte da arrecadação da cidade de Mossoró no sistema de incentivo fiscal a cultura, visando promover a produção cultural do município e financia projetos nas áreas de cultura popular, literatura de cordel, música, artes cênicas, artes plásticas e cinemas.

Além do amparo da editora IMEPH (Instituto Meta de Educação, Pesquisa e Formação de Recursos Humanos Limitados) dirigida por Lucinda Marques que atua no desenvolvimento de projetos educativos e culturais, assessoria técnico-pedagógica, capacitação de pessoal, promoção de eventos e produção de livros e materiais didáticos para a área de educação, hoje ela é a editora oficial do poeta Antônio Francisco. De acordo com Antônio Francisco hoje ele está financeiramente dependendo dos direitos autorais, para a sua sobrevivência. Sua editora a IMEPH repassa valores a ele mensalmente. Sobre os direitos autorais, o poeta Antônio Francisco relata: “a IMEPH, paga os meus direitos autorais posso dizer, que vivo atualmente dos direitos autorais, que... vivo da poesia”.

Direito autoral é um conjunto de prerrogativas conferidas por Lei à pessoa física ou jurídica criadora de obra intelectual, para que ele possa gozar dos benefícios morais e patrimoniais resultantes da exploração de suas criações. O direito autoral está regulamentado pela Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) e protege as relações entre o criador e quem utiliza suas criações artísticas, literárias ou científicas, tais com textos, livros, pinturas, esculturas, músicas, fotografias etc.

O poeta Antônio Francisco não é somente um homem de ideias elevadas, com aspirações nobres e intenções generosas é igualmente um lutador pelos direitos dos cordelistas e dos artistas populares. Como batalhador, não perdeu o alento ante o seu primeiro obstáculo, soube perseverar, não permitindo que sua fé na causa se apagasse no sopro dos ventos do empecilho. Confia no triunfo, porque está convencido de que todas as causas justas cedo ou tarde acabam sendo coroadas de êxito. Resgatando suas trajetórias formativas, o cordelista revela situações vividas, reflexões construídas e posicionamentos assumidos nos quais se reconhece como um lutador aguerrido, de ativa participação nas lutas sociais que persistente na fé, não desanima diante das dificuldades e permanece firme na busca da realização dos seus ideais.

Comprovando a veracidade deste pensamento, Antônio Francisco cresceu como cordelista e assumiu proporções incomensuráveis, abriu-se em toda a magnificência do seu esplendor, tornando-se um ícone da cultura mossoroense e, como reconhecimento por elevar nacionalmente o nome da sua cidade, do seu estado e da sua região Nordeste. Costa (2004) ao verbalizar Antônio Francisco no Dicionário de Poeta Cordelista do Rio Grande do Norte, pormenorizou a avaliação das qualidades desse cordelista ao afirmar que não se discute sua monumental competência poética na nova geração da literatura de cordel potiguar e cita grandes estudiosos da cultura popular e crítica, como Celso Silveira, Crispiniano Neto, Cid Augusto, Rúbens Coelho, César Muniz, Geraldo Maia, Marcos Ferreira e Kyldemir Dantas para fundamentar sua afirmação. Lira Nogueira (2012) enfatiza que, os cordéis de Antônio Francisco nem são mais dele. São nossos, do mundo.

Ele, o cordelista, é usado pela mais perfeita inspiração e retrata nos seus versos o cotidiano, vozes, muitas vezes, reprimidas de toda a sua gente. Sobre os comentários dos poetas ao seu respeito, Antônio Francisco afirma:

Agradeço de coração as considerações que tecem a meu respeito e a respeito do meu trabalho, fico muito feliz. Tenho por todos eles alta estima. Tudo que disseram me enche de orgulho e aumenta a minha responsabilidade em fazer jus às homenagens recebidas. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Antônio Francisco salienta que alguns projetos culturais e eventos realizados em Mossoró serviram de mola propulsora para alavancar a popularidade do seu trabalho. Entre estes cita o projeto Socializando a Leitura, que doou para a biblioteca municipal seus cordéis que podem ser consultados e emprestados para alunos e visitantes na Feira do Livro de Mossoró, que surgiu em 2005 com o objetivo de incentivar o hábito da leitura de uma maneira divertida e espontânea, onde os livros, os convidados, as parcerias e o público sempre dão o brilho mais intenso ao movimento festivo, tornando a Feira um encontro de troca de experiências e um recanto de saberes e emoção.

O evento que acontece sempre no segundo semestre do ano tem público garantido e espalha literatura de forma mais intensa na cidade. A Feira do Livro conta com a participação de vários cordelistas mossoroenses, premiando os estudantes das escolas públicas e privadas que participam do projeto “Prêmio Literatura de Cordel”.

**Foto 22 – Feira do Livro de Mossoró/RN**



**Fonte: Acervo Pessoal do Poeta Antônio Francisco, 2018.**

Antônio Francisco (2018) comenta os eventos:

A Feira do Livro e o Mossoró Cidade Junina são acontecimentos importantes para a divulgação da cultura de

Mossoró e, em especial, do cordel. Coloca a cultura popular em evidência e sensibiliza as pessoas para conhecê-la e valorizá-la. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O Mossoró cidade junina que acontece anualmente no mês de junho, no corredor cultural em Mossoró, reúne mais de um milhão de pessoas durante os dias de festa e por isso, é considerada a terceira maior festa de São João do país. Entre outras atrações gratuitas da festa: show com artistas nacionais, locais e banda de forró, festival de humor, quadrilhas, comidas típicas e festival de repentistas. Este festival se insere no calendário oficial do município com o título Estação Repente, trazendo repentistas de todo o Brasil e também do Rio Grande do Norte.

**Foto 23 – Mossoró Cidade Junina.**



Nas palavras de Antônio Francisco são esses espaços que “puxam” pelo cordel: “Esses lugares dão uma ajuda muito grande a divulgação dos cordéis. Inclusive o povo fala porque eles puxam muito para o lado dos cordéis”.

A imagem abaixo registra uma Cantoria de Viola com os cantadores Valdir Teles e Ivanildo Vila Nova realizada no Mossoró Cidade Junina em 2015.

**Foto 24 – Ivanildo Vila Nova e Valdir Teles**



**Fonte: Acervo Pessoal, Mossoró/RN, 2015.**

Ivanildo Vila Nova e Valdir Teles são considerados os mestres da cantoria. Ivanildo é conhecido como o gênio não apenas pela sua habilidade nos versos, mas também pela sua inquietude e determinação em levar a cantoria o mais longe possível. É reverenciado como o ícone da cultura de Pernambuco. Valdir Teles, cantador de grande conhecimento é uma capacidade no improviso, admirado no meio artístico como grande repentista, é o orgulho do povo paraibano. Na foto acima, uma apresentação desses expoentes da cantoria em Mossoró.

Embora reconheça a importância de todos esses eventos para a propagação do seu trabalho, o cordelista explica que a conquista da popularidade atingiu o ápice quando a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) adotou o seu livro “Dez Cordéis num Cordel Só”, no extinto Processo Seletivo Vocacionado (PSV), o antigo vestibular. Todos os exemplares do livro foram vendidos. Sua obra foi enfocada nos cursinhos preparatórios para o concurso. A maioria das escolas públicas e particulares de Mossoró e adjacências adotou o seu livro. A imprensa local colocou seu nome em destaque e a fama se consolidou. Nas narrativas, o poeta relatou:

Mossoró ainda vai me fazer enfiar. Fique sabendo pelos jornais que o livro “Dez Cordéis num Cordel Só” havia sido indicado para o vestibular da UERN. A 1ª escola que adotou meu livro foi o Dom Bosco aqui em Mossoró e isso me alegrou muito. Imagine agora com a UERN e espero que esse seja um começo. Temos muitos artistas bons, muitos poetas maravilhosos que também precisam ser valorizados. Precisamos valorizar o que é da nossa terra. (Narrativa do poeta Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Da narrativa acima é possível depreender que embora agradecido com a aceitação e reconhecimento dos seus cordéis pela sociedade mossoroense, o poeta se preocupa com os demais colegas que ainda não tiveram as oportunidades que ele teve e que, também, precisam de valorização.

Apesar da carreira literária tardia Antônio Francisco foi reconhecido publicamente pela qualidade e musicalidade de seus versos, esse reconhecimento de sua produção levou-o a ser eleito para a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) no Rio de Janeiro em 15 de março de 2006, onde ocupa a cadeira de nº 15, cujo patrono é o poeta cearense Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré, de origem pobre, deficiente visual, Patativa é um dos poetas mais conhecidos do gênero no Brasil. O alcance da sua poesia se deu em diversos âmbitos, e embora ele não tenha deixado de fazer parte do convívio

sertanejo nordestino, também passou a ser presença certa em instituições escolares, universidades, academias de literatura etc. Cantando a terra sertaneja e sendo solidário aos sofrimentos do povo nordestino com o qual se identificava. Patativa procurava denunciar certas injustiças como o abandono de cidades do interior do Nordeste pelos governantes e o abuso sofrido por trabalhadores rurais pelos donos das terras em que trabalhavam. Agia efetivamente em prol dos menos favorecidos e defendia a igualdade entre as pessoas.

No poema intitulado Inleição Direta, Patativa do Assaré se posiciona com relação a um assunto de grande importância no contexto de todo o Brasil, as “Diretas Já” que foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido em 1983 e 1984. Além de mostrar seu posicionamento político o poeta chama seus leitores para tomarem a atitude que foi proposta por ele.

#### INLEIÇÃO DIRETA – 84

Bom camponêi e operaro  
 A vida tá de amaigá  
 O nosso estado precaro  
 Não há quem possa aguentá,  
 Neste espaço de vinte ano  
 Que a gente entrou pelo cano  
 A confusão é compreta  
 Mode a coisa miorá  
 Nós vamos bradá, gritá  
 Pelas inleições direta.

Senhora dona de casa  
 Lavadêra e cozinhêra,  
 E preciso mandar brasa  
 Ingrossar nossa filêra  
 Vamos abalá toda massa  
 Dêrne o campo ate a praça  
 Aguara ninguém se aqueta  
 Vamos luta fortimente  
 Com as inleições direta.

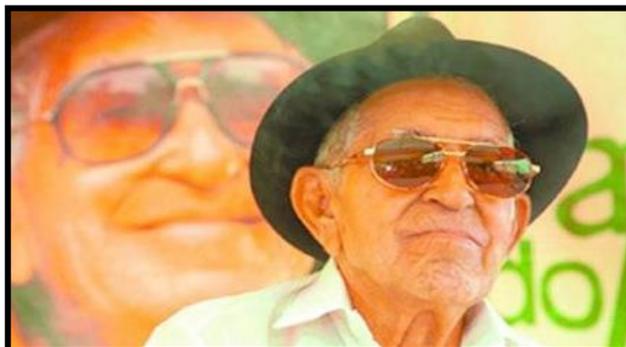
(Patativa do Assaré)

Na narrativa seguinte, Antônio Francisco (2018) revela o que representa Patativa do Assaré para ele:

Patativa é um dos maiores poetas desse país, é valorizado no Ceará, onde tem uma estátua sua, em todo o Brasil e no mundo, ele é Doutor Honoris Causa lá em Sorbone, na França. Ele é poeta do campo e eu sou poeta urbano, mas como eu, ele também toma as dores do povo,

acho maravilhosa a direção que ele deu aos poemas, lutar por injustiças e mostrar as injustiças no campo. Admiro muito Patativa. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

**Foto 25 – Patativa do Assaré**



**Fonte: Acervo do Poeta Crispiniano Neto, 2015.**

Antônio Francisco passou a ser considerado o novo Patativa do Assaré, não só pela sua cadeira que passou a ocupar na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), mas principalmente pela relevância da sua produção literária. Pelo seu trabalho recebeu muitos prêmios e muitas homenagens. Durante as comemorações do Ano da França no Brasil (2009), a Aliança Francesa de Natal promoveu um sarau em homenagem ao cordelista popular. Foi escolhido entre os poetas populares brasileiros para recitar para Lula (quando era presidente da República) e Lula encantado com os seus versos escolhe dentre os seus poemas “A Casa que a Fome Mora” (2012, p.27) para lançar o programa nacional Fome Zero, por considerar o poema uma das obras mais representativas da realidade mundial em que se encontra um terço da humanidade.

A foto abaixo expressa a alegria do poeta contemplando seu trabalho e os prêmios que simbolizam suas conquistas.

**Foto 26 – O poeta ao lado de algumas de suas medalhas.**



**Fonte: Acervo Pessoal do Poeta, Mossoró – RN, 2018.**

A imagem que vemos na foto comprova que podemos ser sonhadores e realizadores ao mesmo tempo, basta eliminar do nosso vocabulário a palavra “impossível”. O poeta contempla suas conquistas, mas, humildemente reconhece que elas representam o ponto de chegada e o ponto de partida para conquistas ainda maiores.

Eis alguns trechos do famoso poema:

Eu de tanto ouvir falar  
 Dos danos que a fome faz,  
 Um dia eu saí atrás  
 Da casa que ela mora.  
 Passei mais de uma hora  
 Rodando numa favela  
 Por gueto, beco e viela,  
 Mas voltei desanimado,  
 Aborrecido e cansado.  
 Sem ter visto o rosto dela.

Eu pensava que a fome  
 Fosse magricela e feia,  
 Mas era uma sereia  
 De corpo espetacular  
 E quem iria culpar  
 Aquela linda princesa  
 De tirar o pão da mesa  
 Dos subúrbios da cidade  
 Ou pisar sem piedade  
 Numa criança indefesa?

(Antônio Francisco, 2012, p.27)

Nos versos acima, o eu lírico que é também narrador, conta que perturbado com os males que a fome causa à sociedade, resolveu procurá-la, inicialmente na favela, não a encontrando no lugar onde supostamente, deveria estar, foi procurá-la num sobrado abastado, luxuoso e qual foi sua surpresa ao encontrá-la deitada em uma rede, espantou-se mais ainda ao perceber que a fome era uma bela e saudável mulher e ela explica que de nada adianta procurá-la nas favelas porque lá ela só deixa o resultado do que provoca, e ironiza dizendo que ela é o resultado da alienação do povo.

A foto em destaque registra o poeta com o ex-presidente Lula no I Encontro Nordestino de Cordel, realizado nos dias 28 e 29 de maio de 2009, em Fortaleza/CE, o qual Antônio Francisco divulgou seu trabalho, sendo muito elogiado por Lula e por todos os presentes.

**Foto 27 – Ex-presidente Lula e o poeta Antônio Francisco.**



**Fonte: Acervo Pessoal, Fortaleza – CE, 2009.**

Entre as muitas homenagens o poeta recebeu o título de Cidadão Natalense em 18 de novembro de 2016, homenagem proposta pelo vereador George Câmara do PC do B (Partido Comunista do Brasil) em solenidade realizada na Câmara Municipal de Natal. Participou de programas de televisão importantes como o da apresentadora Fátima Bernardes, na Rede Globo; foi condecorado no Senado Federal em dezembro de 2018 com a Comanda de Incentivo à Cultura Luís da Câmara Cascudo, destinada a homenagear personalidades e instituições que tenham oferecido contribuições relevantes à cultura, folclore e saberes tradicionais do Brasil, porém, de todos as honrarias recebidas, o poeta destaca a posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) como o mais inesperado e afirma: “Tudo o que a ABLC fez foi assinar embaixo do que Mossoró já havia feito por mim. Me considero um privilegiado e a responsabilidade de sentar na cadeira que pertence a Patativa do Assaré é muito grande”.

O poeta esclareceu que o contato que ele terá com a ABLC será alguns eventos pelo Brasil: “Quando tiver uma solenidade eles me chamam e eu vou lá mostrar meu trabalho”. Disse que está tranquilo e feliz com o título de imortal e desabafa: “Eles me elegeram pelo que fiz e faço isso me tranquiliza”.

Eis um fragmento do discurso de posse do poeta na ABLC: “De Calça Curta e Chinela” (2006,p.137).

Gustavo Luz disse:  
 Poeta deixe de auê  
 Você vai pra Academia  
 E eu vou dizer porque  
 Todo mundo está vibrando  
 Torcendo por você.

Eu disse: pronto, Gustavo,  
 Você já me convenceu  
 Mas não vou sentar no banco  
 De meu confrade escolheu  
 Porque um gênio não morre  
 Patativa não morreu.

E dizer a Patativa  
 Meu ídolo, mestre e xará,  
 Poeta, faça bonito  
 Aí do lado de lá  
 Que eu vou ver o que faço,  
 Aqui do lado de cá.

Conforme revela esse fragmento do poema, Antônio Francisco na sua humildade se surpreende ao ser escolhido para ocupar a cadeira de Patativa do Assaré, pela relevância dos seus poemas, o significado político dos seus atos e sua imensa contribuição à cultura brasileira, declarando-o seu ídolo como insubstituível, porém a Academia Brasileira de Literatura de Cordel reconhece a sua genialidade, a qualidade dos seus versos, concedendo-lhe com justiça a oportunidade de substituir Patativa do Assaré.

Realçamos que o poeta Antônio Francisco ao conquistar o título de imortal na ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), palácio das poesias e parnaso de rimas, teve com justiça seus méritos proclamados e postos em alto relevo. Obteve o reconhecimento dos seus Cordéis que trazem a qualidade da faca que corta a corda do pulso da igualdade e das amarras que prendem as asas da liberdade. Ao ocupar esse nobre espaço rompe as forças do preconceito contra o repentista nordestino, o cordelista e a poesia popular, muitas vezes estigmatizada pela cultura letrada como matuta, típica de pessoas sem formação e pouco exigentes. Portanto, taxada como uma poesia bem inferior à clássica.

Entra definitivamente para a História, eternizando suas narrativas e sua obra, mas este grande prêmio não pertence somente ao poeta, dada a sua importância traz grande repercussão e respinga sobre toda a categoria dos poetas populares nordestinos, abrindo ingresso para que se inspirem e portas de esperanças para que acreditem nos seus sonhos e se sintam valorizados, dando uma lição de coragem aos tímidos, fazendo-os refletir sobre seu potencial

e lembrando-os que os vulcões adormecidos guardam ânimo, calor e vida. Através de Antônio Francisco, o filho ilustre de Mossoró, a Academia abre os braços para qualificar a arte que vem do povo nordestino e das suas raízes. A constelação dos grandes mestres da Literatura de Cordel recebe o poeta Antônio Francisco entre os eleitos, pois a toda estrela cabe o merecido brilho e a missão de iluminar noites escuras, despertando por toda imensidão do espaço, luzeiros de esperança que calmamente vão abrindo as pálpebras de um novo dia.

### **CAPÍTULO III: O CORDEL DE ANTÔNIO FRANCISCO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE INCLUSIVA**

Desconfio que é quando a história termina na fala do cantador, que algo dentro de cada um de nós se inicia e ganha força e poder.

(Marisa Silva, 2008, p.39)

Neste capítulo alicerça-se o arcabouço teórico, prático da nossa pesquisa, tomando como base as narrativas (auto)biográficas do cordelista Antônio Francisco, buscaremos responder ao objetivo a que nos propusemos neste trabalho, ou seja, analisar a contribuição da sua poesia para a formação e a prática do professor inclusivo. Considerando que a poesia é um sopro pertinaz que nos condiciona ao caminho do questionamento e da busca, como bem define Marisa Silva (2008) “tocados pela poesia, algo dentro de cada um de nós se inicia e ganha força e poder.” Enveredo pelos versos Antonianos que escava o nosso “eu”, sublevando-o a uma dimensão reflexiva que nos faz contemplar a transparência da vida e nos inquieta a decifrar os seus segredos e mudar os seus destinos.

Adentro no universo poético de sua obra, penetro no seu âmago em busca dos valores e dos saberes que edificam, das reflexões que dela emanam e do seu potencial educativo, pois, com seu talento cria versos que se equivalem às acácias quando se cobrem de flores e derramam despreziosamente os seus chorões amarelos transformando a paisagem em movimento e vida. Além disso, vestem-se de braveza para de espada em punho erguer-se em defesa dos que estão às margens da nossa sociedade.

Com o propósito de trazer à baila as narrativas (auto)biográficas do poeta e adentrar na intensidade da sua história de vida na busca dos saberes e experiências que potencializaram sua trajetória formativa, e formadora, me aproprio dos estudos de Josso (2010), Souza (2006), além de Nóvoa (1997) o qual me referendo para tratar do conceito de formação docente, visto que ele afirma que a formação do professor se constrói através da reflexão crítica sobre a sua prática. Reporto-me também, a Tardif (2010), analisando os seus saberes da experiência na prática educativa dos professores a Paulo Freire (1996), que destaca o papel da educação como instrumento de intervenção no mundo e a Mantoan (2006) que enfatiza a urgente necessidade de construção de um sistema educacional realmente inclusivo, que proíba a utilização de práticas discriminatórias e garanta igualdade de oportunidade a todos os alunos.

Percorrendo as trilhas de um poeta que se mostra sempre com os pés fincados na realidade cotidiana, com o pensamento e os sentimentos mergulhados na alma da sua gente,

que é inteiramente do povo, sente o povo, leva o povo nas veias e busca dar o melhor de si para devolver ao povo toda a riqueza e inspiração que nele foi buscar. Descrevo em breve relato o trajeto “Da formação do poeta ao poeta formador”, onde identifico os saberes de histórias de vida, experiências formadoras que o capacitam mesmo em face da insensatez humana a transbordar esperança e contribuir através dos seus cordéis para a conscientização das pessoas a respeito do papel de cada um e de todos na consolidação de um mundo mais justo e humano.

Caminhando ainda, em suas veredas procuro ressaltar a “potencialidade educativa de sua obra: Plantar grãos de esperança numa folha ressequida, colher a semente olhando o rosto da vida”, com o estudo do potencial dos versos do poeta popular como um espaço de construção, e provocação, como elemento que proporciona a reflexão sobre os valores que destoem preconceitos e repudiam atitudes discriminatórias e excludentes, enfocando a capacidade dos seus cordéis favorecerem atitudes e práticas inclusivas.

O poeta verseja sobre tudo o que ocorre no cotidiano, relacionamento humano, política, educação, economia, diversidade cultural, sua poesia traz entretenimento, prazer, encantamento, levanta discussões sérias e sustenta reflexões que ocasionam o preparo do leitor para o acolhimento, o respeito, a diversidade e as diferenças espalhando humanização e plantando igualdades.

Na esteira de Antônio Francisco e no desenrolar dos fios que constroem suas narrativas, deparo-me com “Versos, valores, ação que rimam com formação”. E neste momento analiso os valores humanos presentes na sua obra, que compreendo como indispensáveis para a formação do professor que prima por efetivar uma prática pedagógica inclusiva. Para efetivar essa análise busco apoio e fundamentação em Mantoan (2001) e na sua concepção avançada de inclusão e em Paulo Freire (1996) que salienta que o professor deve ter um compromisso social com a superação e transformação do sujeito em ser autônomo capaz de agir com consciência e responsabilidade no mundo em que vive.

Prosseguindo a viagem pelos campos do poeta Antônio Francisco, apresento “*A poesia popular como viés que descortina e viabiliza a inclusão socioeducacional*”. Enfoco que a inclusão está alicerçada na dimensão humana e que os cordéis do protagonista da nossa pesquisa, ressaltam os mais nobres valores do ser humano, chamando nossa atenção para sentimentos desrespeitados, direitos negados, vozes silenciadas e desprezadas na nossa sociedade, contribuindo assim, para apurar o olhar do professor e leva-lo a uma transformação

da prática pedagógica, alimentando atitudes e práticas inclusivas na sala de aula e ambientes educativos. Entrecruzo as falas do poeta com as ideias de teóricos como Mantoan (2001), Nóvoa (1997), Tardif (2010), Freire (1987) e Josso (2010) que discutem a inclusão, os processos formativos, os saberes da experiência dos sujeitos na vida cotidiana e o empoderamento. Os textos cordelinos de Antônio Francisco, inter cruzam com as abordagens desses autores, dialogam com seus conceitos de formação, inclusão, empoderamento e torna perceptível muitos saberes do seu cotidiano que por sua vez, compõem um tecido de vozes e conhecimentos de sua gente, que revelam de modo inspirador marcos de lutas, resistências, superação e resiliência.

Sua poesia está filiada às vozes do seu povo nordestino que estão em silêncio, traz o sabor da sua terra, das alegrias e agruras da sua gente. No entanto, mesmo quando transmite tristeza sua poesia não se fecha em nuvens de nevoeiro e pensamentos que doem como feridas abertas, ao contrário, atravessam os desertos com firmeza, põe-se em intimidade com o que de bom há na vida e renasce plena do sol. Luz, energia, rumando sem medos sobre o mar agitado, com primazia. Por tudo isso, a poesia de Antônio Francisco representa o lírio que brota na lama, a ostra que nasce no lodo e gera pérolas. Ela é o refúgio necessário e acessível, o grito que a dor arranca, a luz solta nos ares que insiste em brilhar e rebrilhar feito às estrelas em noite escura. Eis por que há tanto nela para conhecer, para explorar, para aprender, por dentro, por fora, pelo avesso, começando pelo fim, terminando no começo

### **3.1 - DA FORMAÇÃO DO POETA AO POETA FORMADOR**

A pesquisa (auto)biográfica busca mostrar como as pessoas dão forma às suas experiências, fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência, representam e inscrevem o curso de sua vida nas temporalidades e nos espaços de seu ambiente histórico e social. Assim compreendida, a atividade biográfica, não se limita à narrativa verbalizada, mas compõe um processo amplo de atividade mental, que privilegia a reflexão do ser humano para compreender a si mesmo no seu conceito sociohistórico. Sendo, portanto, uma fonte pela qual os indivíduos se constituem como ser singular e se produzem como seres sociais.

A (auto)biografia preocupa-se em creditar valor aos conhecimentos dos cidadãos comuns distanciados do panteão da academia, nosso estudo coaduna com esse paradigma, que se mostra capaz de privilegiar as subjetividades dos sujeitos, se contrapondo ao paradigma

pautado na objetividade e que se apresenta por sua especificidade, revelador das práxis humana.

Na esteira da (auto)biográfica reflito acerca dos saberes e das experiências que formaram Antônio Francisco e o transformaram concomitantemente de um poeta em formação a um poeta formador. Com o entendimento do processo formativo como causa e efeito de um processo formador, compreendo a necessidade de refletirmos sobre a sua experiência formadora.

Conforme Freire (1979), o homem ao refletir sobre si mesmo se descobrirá como um ser inacabado e como tal, poderá ser sujeito da sua própria educação e não objeto dela. Sendo assim, a busca pela educação deve estar baseada na humildade quanto a sua interação essa que “comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo” (FREIRE, 1979, p.29). Isto implica na valorização dos saberes e fazeres da experiência dos sujeitos.

Ao conhecer-se como inacabado, o ser humano abraça a tarefa de amar o outro. Esse amor ao próximo o conduz a busca constante de superação do egoísmo, na medida em que ocorre a intercomunicação interna de duas consciências que se respeitam. (FREIRE, 1979, p.29). Essa condição é fundamental para a humanização nas inter-relações pessoais, haja vista, ser o homem um sujeito de relações. Por esse motivo, o homem é um ser que influencia e sofre influência de outros e do mundo no qual está inserido. Nesse aspecto, quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções (FREIRE, 1979, p.30). Sob esse prisma, somente ao homem é dada a capacidade de transformar sua própria realidade, criando novas condições sócio-históricas a seu tempo. Essa condição é resultante de uma consciência capaz de apreender o mundo nas suas diversas tramas e de transformá-lo.

Fundamentados nesse aspecto significativo, entendemos que a educação consiste em oferecer meios para o desenvolvimento da conscientização crítica que capacite o educando a decifrar a realidade ao seu entorno e transformá-la para o bem da coletividade. A teia da dimensão (auto) formativa parte do princípio de que para agirmos sobre nós, sobre os outros, sobre nossos contextos e nossa realidade servimo-nos inevitavelmente de saberes relevantes que são construídos nas nossas interações, relações e partilhas e que são indispensáveis para a nossa progressão, nosso crescimento, aprendizado e ação.

As narrativas de experiências formadoras consistem numa oportunidade de investigação do sujeito sobre ele mesmo. A formação acontece à medida que esse sujeito toma

consciência de si e suas aprendizagens adquiridas, construídas ao longo da vida, as quais estão vinculadas a produção de sentido, nesse percurso. Segundo Josso (2010, p.16), consiste num “empenho pessoal afetivo, com uma ligação entre os saberes e a vida cotidiana”.

Essa é uma metodologia de pesquisa-formação que demonstra a centralidade do sujeito ativo, como protagonista de sua própria história, que pela sua peculiaridade admite que a pessoa passível desse processo seja objeto e sujeito de sua própria formação. Como objeto, reflete sobre os seus recursos pessoais e profissionais adquiridos com outros, através de aprendizagens socializadas e compartilhadas as quais fazem apelo à consciência, os valores, os sentimentos, as técnicas, dentre outras situações advindas dos relacionamentos interpessoais. Como sujeito, permite o ressignificar dessas aquisições a fim de dar uma nova direção, um novo rumo à própria vida.

Josso (2010, p.36) explicita a experiência formadora da seguinte forma:

É uma aprendizagem que articula hierarquicamente o saber-fazer e os conhecimentos, funcionalidade e significação técnica e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para uma situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros. (JOSSO, 2010, p.36)

Durante toda a vida as interações sociais mobilizam o sujeito a novas e importantes aprendizagens. Assim sendo, as interações sociais demarcam oportunidades de uma presença para si próprio e para uma situação que procura compreender, no sentido de dar-lhe ou não significado e geri-lo. Para tanto, através da mobilização de pluralidade de registros experienciais que toma como referência, o sujeito busca enfrentar as situações que se apresentam tentando minimizá-los, agravá-los ou mesmo superá-las. São essas buscas que compõem a trilha da formação.

De acordo com Josso (2010, p.37), as recordações-referência são simbólicas e constitutivas da formação, apresentam simultaneamente a dimensão do concreto e visível que se reflete na repetição de determinados pensamentos e atitudes do sujeito. Fazendo apelo às nossas percepções ou para imagens sociais; e na dimensão invisível, quando apela para as emoções sentidas e/ou para valores como aquilo que foi vivido sob o prazer, ódio, alegria, bom ou ruim dentre outros. Observando com atenção esses aspectos, compreendo que a recordação-referência é uma experiência formadora no momento em que o que foi aprendido concernente ao saber-fazer servir como referência para muitas outras experiências, orientando os rumos da vida.

Nessa perspectiva, a formação torna-se perceptível, concreta, por meios dos desafios, diversidades e adversidades existentes entre a condição individual e coletiva da vida em sociedade. Por essa razão reside na narrativa da formação um grande potencial capaz de elevar o sujeito à condição de vida emancipada como consequência do seu poder de mobilização a partir de si e de sua interação interpessoal com os outros, com as coisas que lhe cercam e com o mundo.

Assim, o trabalho (auto) biográfica busca saber como o sujeito articula suas experiências formadoras, vivências, pertencas, seus desejos sua valorização, seu imaginário às oportunidades socioculturais, bem como a sua capacidade pessoal de reconhecer suas possibilidades, seus limites e principalmente suas potencialidades. Com essas considerações na bagagem, prossigo a viagem na trilha de Antônio Francisco, buscando desenrolar nos fios urdidos e entrelaçados nas memórias narradas pelo poeta, o seu vivencial formativo e formador.

Sua história foi tecida enredada em teias de dificuldades, lutas e vitórias conquistadas pela resistência, resiliência e superação. Sua história de vida é representativa de muitas histórias da gente do sertão nordestino, produtores de saberes comuns indissociáveis do cotidiano, das muitas falas, muitas peijas e verdades que constroem sua comunidade. O dizer de sua existência, perpassa o silêncio dos seus pares, dando voz aos seus dramas e alegrias, carrega, portanto, uma pluralidade de memórias que corta o tempo e alarga espaços num mosaico de presentes múltiplos e sempre contemporâneos. Sua obra cordelina nos impulsiona à reflexão sobre o quanto podemos aprender com as vozes subterrâneas, com as experiências e os saberes erguidos do cotidiano das pessoas simples.

Os encontros com o poeta Antônio Francisco foram realizados em sua residência, no Bairro Lagoa do Mato em Mossoró. Sua casa aberta à visitaçã expõe acervos pessoal sendo possível nela encontrar todo o material publicado, bem como, toda a produçã que ainda não foi editorada, fotos, livros, banners, presentes recebidos, troféus conquistados e muitas pesquisas sobre o cordel efetuado por alunos da rede municipal, amantes dessa literatura. Também se faz presente nesse local, vendas de cordéis e apoio a essa arte. No seu território de pertencas, o poeta foi gentilmente nos apresentado minúcias das belezas daquele lugar explicando:

Aqui tem muito de mim, da minha história, além das lembranças dos meus avós, meus pais, minha infância, pois aqui moro desde que nasci, expõe minhas obras, fotos importantes como a que tirei com o presidente Lula,

medalhas, prêmios, troféus que conquistei etc. Por tudo isso tem grande significado para mim. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Com muito orgulho, o poeta revelava pouco a pouco como tinha conquistado cada medalha, troféu e/ou homenagem recebida e esclarecia que em cada um daqueles objetos existia porções dele próprio, da sua história, do seu continente que tornavam perceptíveis detalhes da sua formação, sua essência e dos aprendizados que o construíram como poeta.

Fico emocionado vendo em cada homenagem dessa o reconhecimento do meu trabalho. É uma satisfação que não tem preço! Saber que gostam do meu trabalho e que me admiram faz crescer em mim a responsabilidade com a qualidade do que faço. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Percebemos nas suas narrativas o contentamento do poeta pela aceitação e valorização do seu trabalho. Reconhecimento que o estimula a mergulhar no mais profundo do seu ser, onde guarda os genes da sua formação para continuar jorrando rimas que se transformam em canções de amor e esperança.

Percorremos vários cômodos de sua casa, sentamo-nos no quintal onde nos deparamos com um jardim, cercado de verde, onde se abriam flores que atraíam os pássaros e convidavam as borboletas a bailarem sobre as roseiras à beira de um córrego onde habitavam peixes que lhes roubava a cena, prendendo o nosso olhar. Neste cenário de inspiração, o poeta foi evocando lembranças do seu passado, rememorando suas raízes, influências, fragmentos da sua vida.

No compasso declamativo, sua história era pilada, miudinho em versos e trovas que espalhavam pelo ar grãos do seu existir que a posteridade se encarregava sabiamente de guardar para a glória do futuro. Nesses encontros, o poeta repetia insistentemente que se sentia privilegiado por estar protagonizando a nossa pesquisa; visto que mantinha comigo e com a minha família laços de amizade e respeito e descrevia o que significava esses sentimentos. Para ele:

A amizade é mais sólida que o amor, pois este muitas vezes é baseado apenas em atração física, que os anos pode desgastar. Enquanto que a amizade se aprimora, fortifica e até melhora com o passar do tempo. É como o “vinho”. Amizade é confiança mútua é respeito recíproco. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Calei-me, submergi ao silêncio, pois, de repente, as palavras não conseguiam expressar o que a amizade que une nossas famílias, significava para mim. Não podiam definir

a importância dela e medir o carinho que nos enlaça. Se ele pudesse penetrar na profundidade do meu silêncio, talvez compreendesse os meus sentimentos, pois, teria a certeza que nossa amizade terá com certeza a durabilidade de nossa vida.

**Foto 28 – Entrevista com o Poeta Antônio Francisco em sua residência.**



**Fonte: Acervo Pessoal, Mossoró – RN, 2018.**

Na foto, uma das entrevistas com o poeta Antônio Francisco num clima de descontração que demonstra a familiaridade que nos une e o amor pela arte poética que nos aproxima e que provoca em mim o desejo cada vez maior de beber na fonte da História de vida desse sujeito que faz da vida um poema.

No calor da narrativa o cordelista recitou o seguinte verso enfatizando a verdadeira amizade (2006, p.145):

Para sermos amigos de verdade,  
Precisamos amar e querer bem,  
Repartir nosso pão pela metade,  
Dividir nossos sonhos com alguém,  
Plantar uma semente de amizade  
No jardim onde nasci solidão  
E dizer no ouvido dum ermitão:  
Plante um pé de amizade em sua horta,  
Amizade é a chave que abre a porta  
Do castelo onde mora o coração.

(Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Neste recorte narrativo, Antônio Francisco exalta o valor da amizade verdadeira que o tempo não corrói. Para ele, o amigo fiel não tem preço, seu valor é incalculável. Corroboro

com seu pensamento, pois amigos são irmãos que escolhemos. Praticar o amor e eternizar amizades são valores advindos da formação do poeta que ele transmite em seus versos.

Convicto de que o maior fracasso do ser humano é perder o entusiasmo, pois segundo o cordelista, “o homem que perde o entusiasmo está morto, já que o encanto pela vida é o que nos encoraja,” de forma entusiástica, ele deixou escapar fagulhas do encantamento que aqueciam sua memória ao falar da meninice e do tempo de infância, ao relembrar sua família, suas origens.

De forma saudosa ele declama os versos a seguir:

Ai que saudade do meu pé de serra  
 Das cachoeiras cantando canção  
 Da primeira chuva do mês de Janeiro,  
 As águas cantando e rolando no chão  
 O céu se abrindo o curísco descendo  
 E a serra tremendo na voz do trovão  
 Ai que saudade do banho no rio  
 Da aba da serra que eu armava o quixó  
 Do melão cheiroso do nosso baixio  
 Da carga de lenha que pai dava nó  
 Daquele boi manso de capinadeira  
 E da capoeira de algodão mocó.

(Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

No poema ele relembra seu tempo de menino e descreve, encaixando em rimas e versos o cenário guardado na memória, onde a natureza festejava o nascer do poeta nas descobertas felizes da infância. Nas lembranças de Antônio Francisco a sua memória individual é resultante de diversas combinações das construções sociais que efetivou ao longo da vida. Os poetas populares falam em nome do povo e desempenham a função de divulgar para conservar vivas as tradições culturais e históricas desse povo. Assim sendo, a história do narrador desta pesquisa é também a história de muitos, de tantos outros, que ele representa. Halbwachs (2006) conceitua a memória como um elemento de conexão entre o indivíduo e a sociedade. Para ele é possível entender a memória coletiva como as lembranças e pensamentos comuns aos indivíduos do grupo e, para mantê-la viva, é preciso os sujeitos pensarem e se lembrarem de forma coletiva.

Halbwachs (2006) afirma que a história da nossa vida faz parte de história em geral e suas relevantes contribuições teóricas referenciam a feitura dos recortes vivenciais do poeta Antônio Francisco. Os estudos deste renomado autor, ancoram a compreensão quanto ao

entendimento do papel desempenhado pela memória coletiva nos processos que permitiram o cordelista partilhar por meio das narrativas um conjunto de significados.

Mergulhando nos tempos vividos, traz à-tona as lembranças dos seus pais, sua base, aconchego e firmeza. Preciosidades de Deus, pois com eles aprendeu a agir com responsabilidade e justiça, bem como a lutar, enfrentando os obstáculos da vida. A saudade dos avós paternos que o criaram aflorou com uma emoção que transformou seu semblante, fazendo fervilhar dentro d'alma uma saudade que anoitecia nos prantos que já chorou por suas ausências. Sobre seu avô Pêtro, pessoa de maior influência sobre ele, declara:

Com ele aprendi quase todas as coisas da terra e da vida que uso como elementos poéticos para construir meus versos. O bê-á-bá da vida sertanejo, as coisas de Deus e do alto. O certo e o errado, o bom e o ruim, sua sabedoria, sua pureza ingênua, seus conhecimentos da cultura do lugar foram aprendizados permanentes para mim. Tudo que aprendi com ele está refletido nos meus versos. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Na descrição de sua história podemos perceber a importância do papel da família para a formação do poeta. As relações familiares cimentaram seu alicerce, os valores repassados fizeram a amarração das paredes que sustentam sua conduta e a forma salutar como foi criado o transformou num altruísta sonhador que acredita no amor como remédio para todos os males do mundo, entendendo-o como relicário onde estão guardadas todas as formas de felicidade. Foi no seio familiar que aprendeu a desejar a paz que envolve uma criança adormecida, a liberdade que abraça a beleza do azul-celeste e a lutar pela maciez das relvas para todas as folhas caídas e machucadas. A formação que teve faz crescer a cada dia a intensidade do desprezo que sente pelas almas que não amam. Por sua família quer viver como revela no poema “Aquele Dose de Amor”: amando e derramando todo o sabor daquela “dose de amor” no peito da humanidade.

Foi seu avô Pêtro, que o impulsionou no mundo do cordel, amante dessa literatura, recitava costumeiramente os folhetos nos encontros familiares noturnos, para um cafezinho servido na calçada, entre o jantar e a hora de dormir, nos tempos, em que essa cena era possível de realizar-se, sem medo da violência com a qual nos deparamos hoje. Por seu intermédio, conheceu cordéis, como: O pavão misterioso, histórias de Jesus; O mestre dos mestres, A batalha de Oliveiras com Ferrabraz; As proezas de João Grilo, A vida de canção de fogo e o seu testamento, Os cabras de Lampião e muitos outros. A esse respeito diz o poeta:

Fui apresentado à literatura de cordel pelo meu avô e tomei gosto pessoal pelo cordel. Penetrava na sua leitura e fazia uma andança pelo Nordeste. Via pela imaginação, sua exuberante vegetação, a beleza de suas praias, a esturricada paisagem do sertão, a festa de cores e sons de suas feiras, a hospitalidade do meu povo sofrido e castigado e a riqueza de sua cultura. De tanto ouvir essas histórias, passei a conhecer versos de cor e ter preferências. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

As leituras dos folhetos foram alargando as fronteiras dos seus saberes e vivências. Essa prática formou o manancial da sua fonte de poesia que por inexplicáveis razões só se revelou na sua amplitude ao público na idade adulta. No entanto, sua criatividade, imaginação fértil e sensibilidade poética já estavam na sua essência desde o princípio da sua existência. Prova disso, é o seu olhar sobre a vida, sua capacidade de fazer brotar versos da simplicidade, de deparar-se com dificuldades e enfrentando-as, retirar delas pólenes de poesia, como um sândalo<sup>7</sup> que deixa o seu perfume na lâmina do machado que o corta, como a erva-do-passarinho<sup>8</sup>, que é capaz de germinar em superfícies não vivas. O segredo do seu fazer-se poeta, encontrava-se bem guardado desde o início, nas características próprias da sua identidade. Por isso, encontramos nesse gaturamo<sup>9</sup>, dispersor de sementes de viscáceas<sup>10</sup> que preenchem toda a floresta com vida, aroma e beleza, o que gera poesia.

Observamos que o ambiente onde foi criado favoreceu descobertas importantes e aprendizagens significativas. O Bairro Lagoa do Mato em Mossoró, onde viveu as delícias da infância e a euforia da adolescência, deixou marcas benéficas encravadas na sua personalidade. Viver num contexto assinalado pela extraordinária proximidade com elementos da natureza aguçou a sensibilidade do poeta para o respeito com a vida, a diversidade, as diferenças, para captar num mesmo olhar a lagoa e o mar percebendo que a biodiversidade que os especifica, concretiza a possibilidade do encontro, da troca, da descoberta do outro, do alargamento. Abriu também os seus olhos para enxergar que quando Deus criou a terra a deixou sem divisão e o egoísmo humano a retalhou, cercando-a por todos os lados, roubando aos pobres que vivem da agricultura, o direito a fartura das safras e das

---

<sup>7</sup> Sândalo, pequena árvore de madeira aromática usada em perfumarias.

<sup>8</sup> Erva-de-Passarinho, planta parasita disseminada pelos pássaros, capaz de germinar em superfícies impróprias como fios de eletricidade, embora só se desenvolva plenamente em condições favoráveis.

<sup>9</sup> Gaturamo, pássaro de cauda curta, bico curto e grosso, dorso azul ou verde-escuro com abdome amarelo vivo.

<sup>10</sup> Viscáceas, planta parasita com folhas simples, íntegras e opostas, flores espiciformes amarelas ou verdes e frutas bacáceas que podem ser explosivos para disseminar as sementes.

produções. Para compreender que pelo lucro dos campos floridos camponeses sucumbem frente às balas e que a ganância dos homens vem destruindo a fauna e a flora.

O seu peito lamenta e chora o sofrimento do seu povo e a devastação da sua terra. Seus cordéis revelam essa identidade que serve de matéria-prima para os seus versos. No desbulhar de suas memórias, ele fala das suas experiências a partir da sua gente, seu lugar, seu território marcado por sofrimentos, batalhas, esperanças, superações, saberes e encantamentos. Ao ser interrogado sobre tais sentimentos, o poeta complementou sua fala afirmando: “os meus versos têm tronco e raiz fincados na minha terra, trazem o aroma e aos sabores que encontramos nela, ecoam o grito da minha gente na luta pela paz, justiça, igualdade e liberdade.”

Indagado sobre a sua formação escolar, relatou que estudou a vida inteira em escolas públicas de Mossoró-RN, cursou o primário na Escola Estadual Moreira Dias, localizada na Rua Silva Jardim, Bairro Doze Anos em Mossoró-RN, prosseguindo os estudos no Ambulatório José Pereira Lima, na Praça Cel. Antônio Miranda no Alto da Conceição, Mossoró-RN e na Escola Estadual Jerônimo Rosado, situada na Rua Ferreira Itajubá, Bairro Santo Antônio, Mossoró-RN, conhecida como Escola Estadual que é a maior escola pública da cidade, comporta mais de vinte salas de aula, possui auditório e quadra de esportes e educou grande parte do povo mossoroense. Antônio Francisco concluiu o curso de História na UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte).

**Foto 29 – Escola Estadual Moreira Dias**



**Fonte: Acervo Pessoal, 2018.**

**Foto 30 – Escola Estadual Jerônimo Rosado.**



**Fonte: Acervo Pessoal, 2018.**

As Instituições Educacionais expostas nas fotos serviram de berço para a formação escolar do poeta, participaram da construção da sua personalidade humana e crítica à medida que o ensino que lhe proporcionaram o inquietava a ponto de perceber diferentemente do que via e refletir sobre tudo que lhe incomodava.

A narrativa do poeta leva a constatar que ele foi escolarizado no método tradicional de ensino, este se caracteriza por acentuar ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa. Os conteúdos, os procedimentos didáticos e o relacionamento professor-aluno não têm nenhuma relação com o cotidiano do educando e muito menos com as realidades sociais.

É a predominância da palavra do professor, das regras impostas, do cultivo, exclusivamente intelectual. Na escola tradicional, predomina uma relação que supõe um sujeito narrador: o professor, e objetos pacientes que escutam: os alunos. O conteúdo, seja de valores ou de dimensões empíricas da realidade, tem tendência a converter-se em algo sem vida e a petrificar-se uma vez enunciada. O professor fala da realidade como se ela fosse sem movimento, estática, separada em compartimento e previsível.

Segundo Freire (1967, p.78), afirma que:

A educação passa a ser “ato de depositar”, no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita. Em lugar de comunicar, o professor dá comunicados, que os alunos recebem pacientemente, aprendem e repetem. É a concepção “acumulativa” da educação. (FREIRE, 1967, p.78)

Freire menciona a educação como “ato de depositar” numa referência a um tipo de educação que transforma a consciência do aluno em um pensar mecânico, ou seja, o faz sentir como se a realidade social fosse exterior a ele e de nada lhe aferisse. O autor relaciona esse método educacional a uma comunicação verticalizada e antidialógica que serve de instrumento de desumanização e domesticação do oprimido.

Nesse contexto o poeta estava se referindo à concepção de educação bancária. A metodologia oferecida pela escola não cativava o poeta, que se sentia castrado, aprisionado, com a barra do seu tempo, sobre os ombros e esse sentimento o fazia não sentir prazer na escola, fato que não o impedia de sentir prazer na leitura, pois lendo apropriava-se reflexivamente do conteúdo que o capacitava a problematizar a realidade ao seu entorno, abrindo seus horizontes para ver as contradições da escola tradicional apolítica e opressora que se contrapunha a uma prática educativa libertadora.

Eu frequentava a escola, mas não sentia prazer nela. Na forma como agia. Os nossos conhecimentos de vida nada valiam para a escola. Éramos obrigados a estudar coisas que não interessava. Isso tirava o nosso prazer de estudar. Mas, eu sempre gostei muito de ler folhetos, livros, revistas, neles eu encontrava prazer. Viajar nas histórias que lia era uma aventura que me encontrava (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Para Antônio Francisco a conclusão do curso de História na UERN (universidade Estadual do Rio Grande do Norte) representou um marco na sua formação. A universidade oportunizou lhe muitos conhecimentos e descobertas, enriqueceu sua capacidade intelectual e sua criticidade, pelos conteúdos abordados, discussões fomentadas, produções acadêmicas políticas, artísticas e pedagógicas, inserindo-o num contexto de desafios em busca de respostas às questões mais prementes à sua construção como sujeito histórico-social.

Vejamos o que o poeta argumenta:

A Universidade aprimorou meu senso crítico e minha conscientização política. Ajudou-me a refletir sobre o meu papel como agente de mudança na sociedade. Tive professores marcantes que influenciaram sobremaneira a minha formação. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Reconheço que aprendi na escola, que ela me deu um saber formal, necessário para o meu desenvolvimento integral, me forneceu conhecimentos importantes para me desenvolver como pessoa e profissional, mas, muito do que eu sou, aprendi nos folhetos de cordel, nos livros, na vida. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Em seus dizeres, o poeta expressa que construiu muitos dos seus conhecimentos na leitura dos cordéis, nos livros, na experiência aprendida no decorrer da vida. A narrativa do cordelista, revela os ensinamentos de Freire (1996) relacionados aos conhecimentos adquiridos na leitura do mundo e nas experiências cotidianas. E confirma a perspectiva defendida por Brandão (2007, p.12), quando afirma não existir uma única educação, mas sim “educações”, pois, ela está presente em todos os lugares e permeia o cotidiano das pessoas.

A leitura é realmente apaixonante, porque deixa os nossos olhos encharcados de visões preconcebidas, nos leva a uma viagem, onde há sempre uma cerca quebrada, uma porteira aberta para a inventabilidade que nos leva a conhecer lugares mágicos, muito além da imaginação, que nos oferece asas para voar, pelo azul da imensidão, ultrapassando as barreiras do som e das alturas, os limites do tempo e da idade.

Conforme Freire (1989, p.11), “o ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Ao inquirir sobre a ação leitora o autor alarga o conceito de leitura de modo que a experiência prévia e a visão de mundo culminam na construção de significados sobre o que lemos. A leitura nos remete à reflexão do eu e o não-eu, do ser e do não-ser.

De forma metafórica, as palavras registradas sugerem a exploração dos limites do significado que apresentam, induzem quem lê a não se preocupar apenas com o que está literalmente escrito, mas principalmente com as entrelinhas. Nesse mosaico de descobertas do indizível, proporciona o desnudamento da realidade imposta e a redescoberta da subjetividade do ser existente dentro de cada um, dotado de competência para comunicar-se com sensibilidade com o que ler, resultando num processo de interpretação crítica da leitura.

Dentre os livros que marcaram sua vida o poeta cita entusiasmado **O Precursor de Khalil Gibran**.

Vivi cedo a paixão de um leitor pleno. Embalado pela magia das narrativas. Com “O Precursor” tive alumbramento especial que foi decisivo para a minha fascinação pela leitura e o meu desejo de nunca mais parar de ler. Com “o precursor” mergulhei num universo de emoções que me ajudaram a compor a pessoa que sou hoje. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O autor de “O Precursor”, Khalil Gibran (1883-1931) foi filósofo, escritor, poeta, ensaísta e pintor libanês. Gibran foi sempre atraído pela ideia de que há dentro de cada um de nós um “EU” maior destinado a revelar-se um dia e a vencer. Cada um de nós é assim, o precursor de si mesmo e para chegar ao alvo, precisamos conhecer o caminho que é exatamente o que o livro O Precursor pretende mostrar, através de suas preleções e vinte e três parábolas todas escritas com o seu estilo mágico. Gibran estudou em colégios de padres, sofreu grande influência dos ensinamentos religiosos, o que não o impediu de se manifestar contra o clero, pois, segundo ele os padres nem sempre viviam o que pregavam.

À medida que se desenvolvia, o escritor, passou a revelar crescente percepção dos problemas humanos e sociais, repudiando toda e qualquer exploração fosse de autoridades governamentais ou religiosas em relação a sua gente. Foi considerado “o poeta dos poetas” na cultura árabe, pois, foi alçado a condição de guia espiritual, condutor de almas em direção ao autêntico humanismo. Construiu sua obra, em torno da sua vivência. Exercendo sua sensibilidade, religiosidade e reflexão, impulsionado por seu amor a humanidade, a serviço do aprimoramento dos seus semelhantes. Dentre os seus livros mais famosos estão: Asas Partidas (1912), O Louco (1918), O Precursor (1920), O Profeta (1923), Jesus o Filho do Homem (1927).

No processo de formação do poeta Antônio Francisco foi muito importante a amizade com os poetas Crispiniano Neto e Luíz Campos. Dessas amizades surgiu o desejo de fazer literatura de cordel. Foi também muito edificante um curso para cordelista ministrado por Crispiniano Neto, onde se descobriu cordelista, nas oficinas desenvolvidas para produzir poemas a partir de temas propostos e atendendo à metrificação exigida nos folhetos populares.

Reconhecendo a participação de Crispiniano Neto como incentivador da sua produção de versos, Antônio Francisco declara que:

Neste curso, realizado no “Sujeito” em Mossoró, Crispiniano Neto me fez descobrir através das oficinas práticas, o meu dom poético e as minhas habilidades para fazer cordel. Sou muito grato a Crispiniano Neto por essa façanha. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Tomando consciência da sua condição de poeta cordelista, admite que sua habilidade em memorizar os cordéis e a desenvoltura em declamá-los em público, despertava nas pessoas que com ele conviviam, admiração e respeito pela sua pessoa. Crispiniano Neto e Luiz Campos foram os poetas que mais influenciaram para reconhecer-se como poeta cordelista e os que mais inspiraram a elaboração das suas poesias. A aproximação dos versos de Antônio Francisco e Luíz Campos é evidente. Por exemplo, as poesias “Carta a Papai Noé e Sonhei, Acordei Frustrado”, de Luíz Campos, possuem a mesma temática e enredo das poesias “Um Urubu quase Santo e Meu Sonho”, de Antônio Francisco. O diálogo com a poesia de Crispiniano está no dizer sobre a sociedade na poesia que conta os problemas e os dramas humanos da vida em sociedade.

Outras experiências formadoras que potencializaram sua trajetória formativa em seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, foram, conforme as narrativas do poeta, o serviço militar e a sua militância política, nos partidos políticos de esquerda que tinham a classe trabalhadora como objeto de ação. O PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e o PT (Partido dos Trabalhadores).

Vejamos o que diz o poeta:

Com dezoito anos fui para o exército, eu vi que todo soldado filho de sapateiro, servente, não vinha de escola, os de escola já vinham oficial. Como eu ia ser oficial se eu não tive oportunidades? Aí você começa a entender a realidade. Aí você começa a buscar justiça. E você se encontra. Eu me encontrei com os partidos políticos. Com os movimentos também, né? (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Fui estudante e esses movimentos me fortaleceram muito, né? E o cinema, os filmes que eu assistia os livros que lia, né? [...] através deles tive essa formação de justiça. Aprendi muito na minha passagem pelo PC do B. Eu acreditava na mudança. Eu acho que nunca fiz nada na vida que não acreditasse. Eu acreditava de tal maneira que a metade do que tenho (eu não tenho nada), daria para ter uma sociedade justa. Eu tive sim, muita influência do PC do B, do PT, dos partidos de esquerda em minha vida. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Tudo influenciou na minha poesia. O fato de ter concluído o curso de História me ajudou muito, mas o que mais me influenciou foi a naturalidade

de você ser... sei lá. Acho que é o dom que Deus me deu. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Segundo o cordelista sua experiência no exército, a participação política no PC do B (Partido Comunista do Brasil) e no PT (Partido dos Trabalhadores) sua militância política como estudante, e sua graduação em História, tiveram grande significado na formação de suas poesias, pois foram atividades que o levaram a conhecer o sistema político que dita as normas no Brasil e o ajudaram na tomada de consciência dos seus direitos na realidade opressora em que vivia e, ao mesmo tempo, o capacitou a compreender os objetivos da luta de classe, transformando-o num agente em defesa dos interesses pessoais e coletivos, da liberdade de expressão e da democracia.

Foi na efervescência dos movimentos sociais e políticos que alimentou a sede de estar nas lutas e poder soltar seu grito por justiça, liberdade e igualdade, pôde somar-se aos seus e unir sua voz ao clamor do seu povo sofrido, contra tudo que desagradava a dignidade do homem. Neste enlace, conseguiu sentir mais fortemente o calor das mãos que se davam em torno de uma luta coletiva e conseguiu compreender o valor da união.

Nesta reflexão pertinente, o cordelista pronuncia o seu empoderamento defendido por Freire (1987), como algo que acontece na vida do sujeito, com o propósito de melhorar sua autoafirmação, alargando seus horizontes e perspectivas de vida. O crescimento resultante do seu empoderamento fortaleceu suas competências e o transformou num sujeito ativo e crítico. Na sua caixa de lembranças, também estão guardadas, as aventuras que viveu pedalando sua bicicleta sertão afora, sondando sua terra, sua gente, escavando suas histórias, seus contos, revolvendo suas raízes. Tudo está no seu itinerário, passagem, pessoas, culturas... Dos primeiros sinais do alvorecer ao encontro do sol, até o poente, que anunciava a chegada da noite, o cordelista eternizou em versos suas peripécias de andarilho e seus profundos desejos (2012, p.04):

Eu quero ser um pouquinho  
De cigano e de poeta,  
Um tico de cantador,  
Um pedaço de atleta,  
E conhecer quase todo  
Nordeste de bicicleta.

Embora não sendo ciclista profissional, ama esse esporte e por ele enveredou por ínvios caminhos e com curiosidade, penetrou de bicicleta na natureza nordestina, constatando a seca que maltratava o sertanejo, a fome que assolava e a falta de instrução que silenciava as vozes do seu povo. Como ele mesmo descreve nas suas narrativas:

Eu sempre tive muita energia e ainda tenho. Eu queria ser tudo o que via, queria ser pintor, escultor, jogador; depois decidi ser esportista. Comprei uma bicicleta e passei boa parte da minha vida andando nela. Sou louco por bicicleta, conheci muitas cidades, paisagens, pessoas, aprendi muito com os meus passeios, abriu minha mente para perceber a realidade do povo nordestino. Esse esporte é muito prazeroso. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018)

O panorama despertava sensações nunca experimentadas e no aventureiro contorno do seu lugar, foi cavando a vida na esteira nordestina e percebendo seus contrastes nos redutos sertanejos, a resistência do xique-xique, a teimosia dos juazeiros copados, a superação a resiliência do esperar. Conheceu flores e feras, nesse campo telúrico, cada passada era um caminho aberto para desbravar segredos e tudo que assistia aprisionava o seu coração e provocava o desejo de aliar-se ao seu povo e tornar-se arauto das suas reivindicações, das suas lutas. Seguiu, dessa forma, semeando a esperança.

**Foto 31 – Poeta Antônio Francisco**



**Fonte: Acervo do Poeta, 2017.**

O seu livro de viagens que relata seus passeios de bicicleta está tocado com o compromisso, com a luta do seu povo. Suas expedições, foram verdadeiros campos de ensino e aprendizagem, por trás das suas andanças, sentimos a contingência da chama poética. Suas

experiências de vida, o iluminaram para viver uma cumplicidade com o sertanejo, um sentimento em favor deles, uma vontade de tornar seu país mais irmão, mas justo, mais fraterno. Seus versos servem a causa que abraça, com eles, responde aos desafios da sua vocação humana e ajuda a edificar o homem na sua tríplice relação com Deus, com o outro e com o mundo. A vida que teve, os giros que fez, a qualidade que reteve do que a vida lhe mostrou e sua capacidade de (re)construir e (re)inventar o seu contexto transformou Antônio Francisco de um poeta em formação a um poeta formador.

Analista, arguto das questões do seu povo e da sua terra, demonstra sintonia com nossas peculiaridades e põe-nos através dos seus escritos em contato com contos, experiências, histórias que se constituem em fatos relevantes para o nosso aprendizado sobre a nossa própria história e a vida. Pela sua incompletude e sede de saber, está sempre em formação e ajudando a formar outros pelos seus exemplos e ensinamentos.

### **3.2 - Potencialidade educativa da sua obra: Plantar grãos de esperança, numa folha ressequida e colher semente, olhando o rosto da vida.**

Na poesia de Antônio Francisco novos espaços poéticos são territorializados. São os espaços da política, da ética, dos valores humanos, das atitudes dos homens consigo e com os outros, seus versos ajudam o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de sujeito, seu sentido e finalidade, auxiliando-o a definir respostas aos problemas da vida que a realidade impõe. Através deles o ser humano descobre o poder imenso que mora dentro dele, capaz de derrubar qualquer fortaleza, libertando-o das amarras que o oprimem. Traz as primícias do empoderamento. Sua poesia não acalenta utopias, projeta esperanças com firmeza, dureza e doçura como uma rosa que atravessa os rigores do inverno, construindo a primavera.

Inquirido sobre a capacidade de empoderamento da sua obra, o poeta narra:

O empoderamento que promovi em mim mesmo é que inspira as pessoas para que elas tracem os seus próprios caminhos e encontrem o empoderamento e, empoderados, influenciem outros pela soma de suas atitudes. O empoderamento, como aprendi com Paulo Freire é um ato horizontal, nunca vertical. Quando conto minha História de vida e faço meus versos, quem lê se fortalece a buscar mais empoderamento e isso me inspira a continuar o meu processo individual de empoderamento. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Estudaremos o potencial dos seus versos como espaço de construção, provocação, como elemento que proporciona a reflexão sobre os valores que destroem preconceitos e repudiam atitudes discriminatórias e excludentes, além de enfocarmos a capacidade da sua obra cordelística, favorecer atitudes e práticas inclusivas, levantar discussões importantes e sustentar reflexões que acionam o preparo do leitor para o acolhimento, a tolerância, o respeito à diversidade e as diferenças. Sendo utilizada como recurso metodológico em escolas públicas de vários estados brasileiros para preparar o professor para uma prática educativa inclusiva. Na narrativa que se segue, vislumbraremos a obra de Antônio Francisco por Antônio Francisco:

Pelo amor que coloco nos meus versos, eles carregam doses de mudanças, propositais, é verdade. Feitas mesmo para mexer na panela da gente, para inquietar, sacudir, agitar pensamentos, misturar sentimentos e movimentar ações. Sou defensor da justiça social, da igualdade, da inclusão e coloco tudo isso nos meus cordéis. Acredito que o trabalho com a minha poesia na escola gera crescimento pessoal e conscientização porque, modesta à parte, tem muita coisa bonita nos meus versos que vão se apurando dentro das pessoas e plantando sementes boas nos seus corações. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Antônio Francisco não só chama a atenção para a crise de valores como também, convoca a humanidade para combatê-la, fazendo um apelo aos homens através da sua poesia, para a necessidade de mudança de comportamento em suas relações sociais e com a natureza. O poeta explica que se apropria da sua poesia como um apelo que parece mais um grito de socorro, de alguém que se vê sufocado pela areia movediça da sociedade atual, que se por um lado têm alcançado elevados índices de intelectualidade e desenvolvimento científico, por outro, tem descido ao mais baixo charco da imoralidade e desvalorização da vida humana. Uma sociedade convulsionada pelo ódio, intolerância, calamidades e violência. Seus versos alertam para a artificialidade da vida e a conseqüente destruição da arte de viver. Atenta para a maquinização do homem e sua desumanização, para a destruição da natureza e diminuição da vida no planeta. A respeito desse assunto, o poeta narra:

O crescimento do capitalismo trouxe o que eles chamam de progresso, mas trouxe também o individualismo, a competição entre as pessoas, egoísmo, a exploração e tudo isso levou a destruição da natureza e da vida, a desumanização do homem. Sabe, eu acho que o progresso pode até elevar o nível de vida, facilitar o dia-a-dia, mas, com certeza, rebaixou a qualidade de vida da gente. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

A exploração do homem pelo homem, a opressão exercida pela classe dominante nos dominados são temáticas muito insistentes em Antônio Francisco. Sua poesia é social e humana. Ele fala da sociedade, afasta as cortinas e vê os dramas, as lutas, os conflitos, propõe, discute, debate, atua, age, é um militante de sua causa. Na obra há uma poética do social. Uma poesia que conta os problemas e os dramas humanos da vida em sociedade.

É uma voz desafiadora que dialoga e coloca em evidência os seres “invisíveis” que estão a margem da sociedade, postos a sombra de uma realidade social. É portanto, um poeta crítico, preocupado com as minorias desfavorecidas e pisoteadas, levanta uma crítica abrasiva contra um sistema que oprime e contraria o homem em sua dignidade.

Nas poesias **A Casa que a Fome Mora (2003, p.33)**, **Tubarão no Reino do Faz de Conta (2006)**, **Um Urubu Quase Santo (2007, p. 27)** dentre outros, o poeta faz essa crítica, pois canta a fome dos favelados, a situação dos desabrigados, enfim, marginalizados.

#### A CASA QUE A FOME MORA

[...]

Eu de tanto ouvir falar  
 Dos danos que a fome faz,  
 Um dia eu saí atrás  
 Da casa que ela mora.  
 Passei mais de uma hora  
 Rodando numa favela,  
 Por gueto, beco e viela,  
 Mas voltei desanimado  
 Aborrecido e cansado  
 Sem ter visto o rosto dela.

[...]

Em o **Lado Bom da Preguiça (2003, p.103)**, **Um Conto Bem Contado (2003, p. 41)**, **O Guarda Chuva de Prata (2006, p. 33)**, percebe-se uma crítica severa aos políticos.

#### O LADO BOM DA PREGUIÇA

[...]

O prefeito da cidade  
 Era um velhote cinzento,  
 Passava o dia dormindo  
 Numa bica de cimento  
 E só dava cor de si  
 No dia do pagamento.

[...]

### UM CONTO BEM CONTADO

[...]  
 O prefeito um pouco louco  
 E, além disso, coitado,  
 Tinha uma perna menor  
 E por andar inclinado  
 Nunca via os barracões  
 Só via as grandes mansões  
 Feitas de cimento armado.  
 [...]

Questionado sobre a utilização da sua poesia como espaço para crítica social, o poeta responde:

As minhas poesias revelam as minhas verdades, o que penso, o que sou, a forma como vejo as coisas, o mundo, as pessoas e se propõem a levar as pessoas a pensarem, a tomarem atitudes diante dos problemas da vida. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

A poesia de Antônio Francisco é identificada como crítica, contestadora da realidade e das injustiças que sofrem os menos favorecidos da sociedade, seu comprometimento político, encontra-se na reflexão que instiga o leitor, no devaneio que inspira sua imaginação e nos sonhos que provoca em quem lê. É possível encontrar na expressão poética de Antônio Francisco influências do clima sociocultural da sua época, ou sua conjuntura. Na poesia **O Feiticeiro do Sal** (2006, p.95) de Antônio Francisco é possível reconhecer um momento histórico vivido pela sociedade brasileira.

[...]  
 Já pensou nosso real  
 Brincando no estrangeiro  
 Fumando charuto caro,  
 Dando trabalho a doleiro  
 E cocorote em moedas  
 Nas bolsas do mundo inteiro.

Essa poesia faz alusão às constantes mudanças da moeda brasileira até o Real e os problemas com a inflação e o desemprego, pois na tentativa de estabilização econômica de 1986 a 1994 o Brasil adotou sete planos econômicos, registrando uma média de um a cada quatorze meses. No dia 28 de fevereiro de 1986, o presidente Sarney lançou o Plano Cruzado substituindo o Cruzeiro, o plano fracassou e vieram outros, em seguida. Foram eles: Cruzado 2 (1986), Plano Verão (1986), Plano Bresser (1987), Collor 1 (1990), Collor 2 (1990), Real

(1994). Portanto, retratando a problemática econômica e social, há na poesia de Antônio Francisco ressonância da conjuntura brasileira.

Quando perguntado sobre o motivo do nome feiticeiro do sal o cordelista responde:

Eu acredito que é porque feiticeiro encanta muito, transforma tudo com o poder da magia rapidamente e o sal... eu acredito que...[...] eu fiz tudinho me lembrando que na nossa economia tudo muda só pela maneira de fazer, com fizeram o Real né? Como se fosse um milagre, o Real né? Como se o agricultor, nada que nós fizéssemos aqui prestasse. Nós tínhamos sempre uma ordem lá de cima, tem sempre um real que chegou forte e tal e tal, como se fosse um passe de mágica, então eu fiz aqueles encantos todinhos... e aproveitar pra dizer que tudo que a gente faz, faz prós ricos e por que não sentir a vingança dele também? É uma sátira, da economia todinha local. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Antônio Francisco fala da realidade social com rigor, trata os problemas com seriedade, propõe e discute soluções, sua poesia é inspirada nas pessoas e no cotidiano, procura ler a alma humana e da maneira de ser das pessoas extrai as contradições da vida social. Por isso, consegue retratá-las tão bem nos seus cordéis, O poeta dá forma ao que vê em seu entorno social, a partir do que sente a esse respeito o poeta afirma: “Minhas poesias vêm do povo, da sua realidade, alegrias e dificuldades. Seus problemas são também meus problemas, tudo o que envolve a minha gente está na minha poesia”.

Além da crítica social, as poesias do cordelista fomentam outros caminhos na imaginação do leitor, além, ou até mesmo em detrimento da interpretação de crítica social. Ler a poesia de Antônio Francisco e perceber apenas a crítica social é impor-lhe um limite, é preciso senti-la como devaneio poético, como fenomenologia da alma, produto da imaginação, sonho, quimera, deleite. Não basta apenas interpretar o que a palavra diz por meio do seu significado ou funções linguística e gramatical. Questionado sobre esse assunto, o poeta declara: “Mesmo tratando o lado social, minha poesia não se resume à críticas, procuro levar alento aos sofrimentos e plantar esperanças na minha gente para isso, falo com suavidade e beleza aos seus corações”.

Em uma imagem poética os objetos não significam a mesma coisa que denominam. Inclusive, pode até tomar um significado oposto ao seu sentido habitual. Portanto, já que os objetos específicos não significam as suas qualidades reais, físicos, quando Antônio Francisco refere-se a um guarda-chuva de prata, por exemplo, seguindo esta reflexão da consciência imaginante, ele não está referindo-se obrigatoriamente a um guarda-chuva, como

conhecemos. O mesmo equivale para a frase: armar uma rede no fundo do mar, um mundo em miniatura, uma ilha amarela e tantos outros.

Sobre essa especificidade poética, Antônio Francisco fala: A poesia carrega a linguagem do coração, portanto, traz imaginação, sonhos que as palavras usadas no sentido literal denotativo e real não transmitem. É preciso utilizar o sentido figurado, conotativo das palavras.

Observemos a imagem poética no fragmento do poema **O Guarda-Chuva de Prata** (2006, p.33). O velhinho que vai resolver os problemas, utiliza o guarda-chuva de prata.

[...]  
 Dizendo isso ele abriu  
 O guarda-chuva de vez  
 Depois, fechou de repente  
 E disse: já peguei seis  
 Dos seus piores inimigos  
 Do reinado de vocês.

Um guarda-chuva protege da chuva. Não serve para prender alguma coisa. O guarda-chuva do poema é mágico, ele não protege os homens de uma nação da chuva, mas, dos maus pensamentos, sendo encantado ele purifica os maus. A vaidade, o ódio, a ingratidão, a inveja, a cobiça e a ambição são genes malignos que infectam o coração humano e o transforma em monstro. O guarda-chuva de prata resolve os problemas do reinado, porque cura os corações humanos dos seus males. Eis, o devaneio poético do artista.

Os cordéis de Antonianos contribuem para o processo de conscientização do sujeito-leitor, à medida que seus escritos apresentam uma abertura para a realidade, mostrando a necessidade de que a realidade provoque o homem mais que este, também, por sua vez, provoque “praticamente” essa realidade. Sendo assim, constitui-se numa fonte de reflexão e questionamentos. Seu trabalho possui grande potencial pedagógico, visto que contribui para a reflexão de temas relevantes para o campo educativo e para a construção da cidadania plena. Sua obra apresenta ideias que não estão nos textos normais dos livros didáticos, ele incrementa informações e ensina a raciocinar historicamente e a desenvolver o senso crítico.

Narrando sobre o potencial de sua obra, o poeta diz:

Acredito que os meus cordéis ajudam na conscientização das pessoas, porque de forma simples, eu faço com que entendam a realidade em que vivem e, assim, eles poderão questioná-la. Eu sou um dos poucos escritores de Mossoró que tem os livros adotados nas escolas públicas em vários Estados, isso é um privilégio. Tive também cordéis trabalhados na Universidade (UERN), no GEO e no Dom Bosco, isso para mim é muito importante, bastante gratificante. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Ao representar os problemas sociais, as relações entre os sujeitos, a desarmonização do homem no mundo capitalista, as desigualdades de classe, entre outros aspectos, também revestem o poema de lirismo e humor, construindo imagens a partir de recursos estéticos como a metáfora e a personificação.

A poesia **As Seis Moedas de Ouro** (2006, p.45) trata das minorias indígenas, a ecologia, o constante vilipêndio dos valores humanos que infelizmente tem sido substituído pela perversidade da competição, egoísmo, apego aos bens materiais e pelo ódio e autodestruição como consequência. Versa sobre a história de cinco raças de índios que viviam em comunhão, com cooperação e igualdade. A terra era dividida entre as cinco, mas apesar disso viviam em um único continente. A referência do poeta às cinco tribos, não se limita apenas à vida indígena, pode também ser imaginada como uma referência aos cinco continentes da realidade. Na verdade, uma referência a um mundo de cinco continentes utópicos.

Nessa poesia, realmente a vida em comunhão e cooperação será destruída pelo dinheiro, que é considerado pelo poeta como o originário de todos os males.

[...]

Mas numa manhã de sol  
O filho do feiticeiro,  
Em vez de ir plantar flores,  
Foi pra casa do ferreiro,  
Fez seis moedas de ouro  
E deu-lhe o nome dinheiro.

Referindo-se ao dinheiro, o poeta assim se expressa:

Tenho medo de ter apego ao dinheiro, pois não quero me descuidar da simplicidade. Para mim, o essencial é o convívio com a natureza, a família e

as coisas comuns. Penso que as coisas mais bonitas e preciosas dessa vida não se compram. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Antônio Francisco faz uma poesia que repercute nos corações e mentes dos leitores, que leva à transformação, à mudança de comportamento e de atitudes diante da vida, que instruem, informam, educam. Por isso, é determinante para a construção de uma conscientização crítica que permita a libertação do preconceito, das discriminações e intolerâncias, sendo fator de resiliência, empoderamento, libertação e inclusão.

A narrativa seguinte de Antônio Francisco revela a relação da sua poesia com a inclusão, quando argumenta: “Os meus cordéis procuram estimular pessoas a pensarem que todos nós somos iguais perante Deus, falam da diversidade humana, exaltam o amor, ajudam a desenvolver o respeito pelo diferente e a responsabilidade pelo outro.”

Comprometida com suas raízes e com a causa da liberdade, justiça social e igualdade, sempre empenhado em “plantar grãos de esperança nas folhas ressequidas e colher sementes olhando o rosto da vida”, a obra do poeta Antônio Francisco, alcançou grande projeção, muitos dos seus poemas se tornaram livros didáticos adotados nas escolas públicas do Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Alagoas e São Paulo. Em vários processos seletivos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) suas poesias constaram na bibliografia a ser estudada. E com apoio da editora Instituto Meta de Educação Pesquisa e Formação de Recursos Humanos Limitados (IMEPH) de Fortaleza, Ceará, vem trabalhando já há alguns anos, em projetos inovadores de formação, voltados para educadores infantis, professores da EJA (Educação de Jovens e adultos) educadores inclusivos, do ensino fundamental I e II, com palestras e oficinas, embora, o poeta nunca tenha exercido a profissão de professor de História.

Nas brumas da memória, nosso cordelista reconstruiu lembranças de projetos como **Nas Ondas da Leitura** que segundo ele:

O projeto Nas Ondas da leitura é maravilhoso! Ele demonstra uma preocupação em criar nos estudantes o gosto pela leitura. Os professores inicialmente participam de oficinas de cordel. Mas, não trabalha só a leitura, trabalha também a escrita, incentiva os alunos a escreverem e depois a editora IMEPH edita os livros produzidos pelos alunos. Ele veio para enriquecer o trabalho na escola né? Ele melhora a aprendizagem dos alunos e a relação da família escola. O projeto ajuda a descobrir talentos e é muito bom porque valorizar a cultura popular, os cordéis, né? (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O referido projeto abrange vários estados dentre eles o Rio Grande do Norte, possibilita a conquista do prazer de aprender, tornando o aluno apto a ler, escrever, a ser capaz de atribuir significado aos textos do cotidiano. São realizados seminários, oficinas com os professores ministrados a cada dois meses, são distribuídos livros para os professores e alunos, acontece visita dos autores/cordelista as escolas com apresentação para alunos e pais e a culminância do projeto e com apresentação de trabalhos desenvolvidos pelos alunos em sala de aula, com a participação dos autores, pais e comunidade. O **Nas Ondas da Leitura**, tem sido um sucesso com eficácia e resultados comprovados.

Foto 32 – Poeta Antônio Francisco em atividade do projeto “Nas ondas da leitura.



Fonte: Arquivo do poeta – Cabo de Santo Agostinho – PE (2016).

Outro grande projeto educativo que o poeta participa é o **Acorda Cordel na Sala de Aula**, criado pelo poeta Arievaldo Viana, já percorreu mais de 10 estados brasileiros levando a literatura de cordel para a sala de aula de maneira simples, prática e cheia de riqueza poética, com rimas, métricas e histórias verdadeiras e fantasiosas do nosso povo brasileiro.

Inicialmente o projeto Acorda Cordel, foi difundido em sala de aula, depois ganhou o impulso com a adesão da Secretaria de Educação e Desporto do município de Canindé, Ceará, que adotou em aulas do EJA (Educação para Jovens e Adultos) então os folhetos foram reunidos em um livro, gravados em CD e distribuídos para as escolas. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O chamado livro Acorda Brasil, foi ilustrado com xilogravuras. A editora Queima-bucha de Mossoró, RN, é uma das editoras desse livro. E o projeto é

muito interessante...vai levando os jovens a conhecerem e valorizarem a cultura popular. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Colaboram com o projeto Acorda Cordel na Sala de Aula, desde 2002, os poetas Rouxinol do Rinaré, Zé Maria de Fortaleza, Klévisson Vieira, Geraldo Amâncio e Antônio Francisco, ministrando palestras em sala de aula e treinamento para professores e arte-educadores, divulgando o projeto e popularizando o cordel, o trabalho estimula a leitura e facilita o processo de alfabetização, comprovando que o cordel é um recurso didático importante e eficaz na melhoria do processo ensino-aprendizagem. O referido projeto ganhou repercussão nacional quando a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) reconheceu sua importância, parabenizou a iniciativa, divulgando-a amplamente em suas antologias e nas sessões realizadas Brasil afora.

**Foto 33 – Capa do Cordel Acorda Cordel.**



**Fonte: Acervo do Poeta, 2017.**

A obra de Antônio Francisco abriga uma grande potencialidade por seu forte conteúdo, originalidade e significância por servir de andaime para alcançarmos o amor e a alteridade que guardam toda beleza da vida.

O próprio poeta relata a esse respeito:

Poesia é a única forma capaz de amansar o homem, pois toca nas suas emoções, nos seus sentimentos mais profundos. A minha obra cordelística

busca sensibilizar o ser humano, tornando-o mais humano e melhor. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

**Foto 34 – Obras do Poeta Antônio Francisco.**



**Fonte: Acervo do Poeta, 2017.**

O trabalho do cordelista traz a proposta de construir e alimentar valores que colaborem para resgatar a dignidade humana e, como consequência, edificar um mundo mais justo. Toda obra de Antônio Francisco se marca pela tenacidade no rumo dos seus ideais, ajudada pela visível humildade pessoal e modelada pelo seu exemplo, curtido na experiência da alma humana em face dos seus conflitos, seus versos buscam em tempo bem estreito erguer as pessoas à lucidez de encontrar realização em fazer os outros felizes e satisfação de espírito no bem-estar dos outros.

Desejam acertar o coração do homem, atingindo-o profundamente no ferir sem dor, com a seta mélica da sensibilidade que traz a tona a sua essência humana com uma força capaz de tirar da ponta dos ramos de sua existência os espinhos que ferem e matam para assim exterminar toda a hipocrisia que o afasta do diferente, do que se encontra em situação mais frágil, tornando-o mais amoroso, humano, visto que no seu peito o poeta escreveu sem tinta, um inconsútil poema sem tempo, sem nome, forma ou rima. Seu incontestado e tão incontido poema que torna o amor possível.

### 3.3 - VERSOS, VALORES E AÇÃO RIMAM COM FORMAÇÃO

Está patenteado na obra de Antônio Francisco seu lado humano. A simplicidade do seu estilo deixa transparecer sua visão altruísta e o tirocínio abalizado na capacidade de acordar nossa alma da letargia em que se abriga, para beber da taça do seu entusiasmo e sair distribuindo “**Aquela Dose de Amor**” no peito da humanidade. Na esteira do poeta, analisaremos os valores humanos presentes nos cordéis, que são indispensáveis, para a formação do professor que prima por efetivar uma prática pedagógica de acolhimento à diversidade e respeito às diferenças, construindo uma ação educativa mais humana e inclusiva. Interrogado sobre a contribuição dos seus versos para a formação e a prática do professor inclusivo, o poeta responde:

Entendo que é papel do professor oferecer ao aluno conteúdos importantes para a vida, para que consiga uma profissão, um emprego, mas é igualmente importante que trabalhem a conscientização do aluno para que ele consiga ler o mundo e suas contradições, entender a ideologia da classe dominante, de modo que possa se tornar um cidadão crítico e não alienado. O professor precisa ensinar valores que tornem o aluno um ser humano melhor neste mundo, onde os valores estão em decaída. Acredito que os meus cordéis facilitam a discussão de temas que favorecem e estimulam a prática inclusiva. Eu devo muito aos professores, eles divulgam minha arte, dão aulas com meus cordéis e sempre me dizem que os mesmos ajudam em suas aulas, são dinâmicos, de fácil leitura e os alunos gostam muito. Fico feliz com isso.” (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Para realizar essa análise nos basearemos em Mantoan (2001) e na sua concepção de inclusão e em Paulo Freire (1996), que salienta que o professor deve ter um compromisso social com a superação e transformação do sujeito em ser autônomo capaz de agir com consciência e responsabilidade no mundo em que vive. Garimparemos nos seus versos, valores, que subsidiem uma formação docente inclusiva, apta a celebrar a diversidade, exaltar a tolerância, notabilizar o respeito à vida e proclamar o amor e a solidariedade.

A ampliação democrática de uma sociedade depende de uma cultura de paz, respeito e promoção de condutas guiadas pelos valores pautados nos direitos humanos e, para essa conquista a ação educativa é fundamental. Nesse sentido, a escola deve converter-se em um espaço de reflexão individual e coletiva que permita elaborar racionalmente e autonomamente princípios gerais de valor, que ajudem o aluno a defrontar-se criticamente com realidades

excludentes, contribuindo para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência humana.

A utilização do cordel na sala de aula é pertinente, pois propicia a construção e ressignificação de valores e princípios, humanizantes, visto que a poesia tem o poder de tocar mais profundamente o coração do ser humano. Com esse intuito, os versos de Antônio Francisco podem ser utilizados com eficiência, sensibilizando a comunidade escolar para a construção da cultura de paz e a inclusão. A sua poesia nos permite adentrar profundamente em nós mesmos e descobrir que o sabor de viver, reside nos laços que nos atam ao outro, conforme declara o poeta:

Nos meus cordéis, eu ponho muito sentimento, muita verdade, o que torna meus textos propícios para trabalharem valores humanos que estão esquecidos hoje em dia, sem doutrinação, sem autoritarismo, eles vão conquistando e fazendo as pessoas mais humanas, mais preocupadas com os outros, mais respeitosas, mais tolerantes. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Na análise de Antônio Francisco o homem está se desumanizando, perdendo sua capacidade de amar a Deus, as pessoas, os animais, o planeta, por isso, ele apela para a importância de conscientizar as pessoas, para a necessidade de reagir com o coração, de vencer a indiferença e construir um mundo mais justo e melhor. O poeta explica:

As novas gerações estão perdendo a capacidade de ver [...] hoje tudo é visual, há telas por toda a parte, muito apelo visual, muita informação... mas, as pessoas não veem [...] não veem o que precisa ser visto. Isso quer dizer, veem o mundo na rapidez, na velocidade, no agito louco da vida, do trabalho, das correrias e não se detêm para ver o mundo, as pessoas, com atenção, com sensibilidade, solidariedade, amor, ver com o coração. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O cordelista refere-se a ver o mundo com a interioridade. Para o poeta, as mudanças constantes e rápidas que a sociedade contemporânea apresenta, acarretam mudanças sociais tão drásticas quando os processos de transformação tecnológica e econômica. Ao lado do ritmo acelerado das mudanças, há uma perda muito grande das referências valorativas tradicionais, ou uma crise de valores. Dada a movimentação dos acontecimentos e a forma abrupta como ocorrem, a sociedade perde a referência a valores fixos. O ritmo frenético de trabalho e ocupações, enfatizado pela competitividade desumana, ressalta a instantaneidade e a descartabilidade.

Indagado, sobre o que acha do progresso o poeta responde:

Acho que o progresso é em parte negativo. Por exemplo, no tempo da Lagoa do Mato agente era atrasado, mas, dormia com a porta aberta, tinha peixe, reverenciava a lua, o “carão” isso tudo tinha. Ai hoje com o progresso, você não pode dormir com a porta aberta, você não tem mais a lagoa, a gente conversava, hoje não conversa mais. [...] ninguém para esse corre-corre, essa coisa toda, essa luta desenfreada pela vida. Aí você se pergunta o progresso é bom ou ruim? Eu acho que vivi num progresso porque a gente conversava, batia papo né? Brincava, sentava na calçada, visitava os idosos, os presos. Então, eu não sei dizer se o que vivemos hoje é progresso ou é atraso. Porque não temos mais os valores de antes, as coisas mudaram muito. Porque a gente pegava o peixe na lagoa, a fruta estava no quintal, aqui era o meu supermercado, sem fila, sem carestia, sem agrotóxico. Ai hoje, tem shopping, mas, você paga um preço alto, fica na fila, o que come vem com veneno, então eu acredito que nós temos que parar para pensar se nós éramos atrasados com a nossa vida simples e natural ou se nós estamos atrasando com “o progresso de hoje”. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O progresso para o poeta não está nas tecnologias avançadas, para ele, o progresso é uma questão de valores. As tecnologias podem trazer mais comodidades para os homens, porém, modifica para pior, os seus valores de vida. É como se ele quisesse enfatizar que o homem se individualiza exacerbadamente e deixa de agir com o coração. Nos poemas **De Calça Curta e Chinela e Saudades do Meu Sertão** (2006, p.137), respectivamente, Antônio Francisco conta costumes e brincadeiras, perdidos pelo “progresso”.

[...]  
 Quero correr com o vento  
 Por dentro da capoeira  
 De calça curta e chinela  
 Armado de baladeira  
 E enganar o sol quente  
 Debaixo da quixabeira.  
 [...]

Saudoso, o poeta enfatiza que antes do “progresso” as crianças podiam correr pelas ruas, brincar livremente, sem correr o risco de sofrer algum tipo de violência, de pedófilos, assaltantes, sequestradores, traficantes de pessoas ou órgãos humanos. Hoje as crianças vivem presas em seus condomínios e não brincam mais nas calçadas, os brinquedos populares, foram

trocados pelos eletrônicos e virtuais. Nem o vento corre mais, impedido pelos edifícios, que ao contrário, de substituir a sombra das quixabeiras, torna o calor mais sufocante por causa do cimento armado e das estadas asfaltadas. Nessa narrativa, o poeta apresenta o seu saudosismo:

Eu me lembro que as ruas pertenciam as crianças, eu mesmo brinquei muito nas ruas livremente, não existiam os perigos que existem hoje. O “progresso” transformou a rua num lugar perigoso e tirou das crianças o direito à liberdade. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

As tradições das fogueiras nas noites de São João, as famílias reunidas em torno da fogueira, os batizados, as conversas entre compadres e comadres, as debulhas de milho e feijão, que reunia parentes e amigos como se fosse uma grande festa, as travessuras das crianças nessas festividades, tudo o “progresso” apagou, deixando marcas no poetas. No poema **Um Bairro Chamado Lagoa do Mato** (2012, p.53), o poeta lamenta nostálgico as coisas boas da vida que “o progresso” roubou.

Nasci numa casa de frente pra linha,  
Num bairro chamado Lagoa do Mato.  
Cresci vendo a garça, a marreca e o pato,  
Brincando por trás da nossa cozinha.  
A tarde chamava o vento que vinha,  
Das bandas da praia pra nos abanar.  
Titia gritava: está pronto o jantar!  
O sol se deitava, a lua saía,  
O trem apitava, a máquina gemia  
Soltando faísca de fogo no ar.

A lua entrava na casa da gente  
Batia com força nas quatro paredes  
Seus cacos caíam debaixo das redes,  
Pintando na sala um céu diferente [...]

Mas hoje nosso bairro está diferente  
Calou-se o carão que cantava na croa  
A boca do tempo comeu a lagoa  
E com ela se foi o sossego da gente [...]

Nas lembranças do poeta, a saudade melancólica o faz lembrar a noite de lua, momento oportuno para os mais velhos juntarem a meninada para contar histórias e o trem, “Maria Fumaça” que chamava a atenção pelo apito quando imperioso chegava a estação trazendo a festa na alegria dos encontros e enchia de expectativas os que partiam. Maravilhas que o “progresso” desativou e interrompeu... “progresso” que polui os rios desmata a floresta,

degrada o meio ambiente e esfria a relação dos homens. O progresso não destrói só a natureza, ele deteriora também as relações humanas, porque os homens se individualizam, tornam-se egoístas; o ódio, a loucura pelo lucro, as guerras, põem os homens contra si, uns passam a explorar os outros e os valores humanos são substituídos pelo valor do progresso.

Na narrativa que segue, o poeta confirma que para ele, o progresso é mais maléfico do que benéfico: “O progresso desumaniza o homem, com ele as comodidades sociais avançam, mas em contrapartida, muitos valores são perdidos. Os hábitos simples desaparecem, o homem se afasta da natureza, deixa de pensar e agir com o coração.”

Em **História de Pescador** (2006, p.109), Antônio Francisco fala de uma cidade que precisou cegar seus habitantes para que não fossem contaminados pelos males destruidores do ouro, do dinheiro, permanecendo humanos, sem inveja, ódio, ganância e ingratidão, respeitando-se uns aos outros.

[...]

Quando a moça foi embora,  
O velho disse: rapaz,  
Aqui somos todos cegos  
Nesta casa e nas demais.  
Já faz quatro gerações  
Que ninguém enxerga mais.

O velho disse: foi ouro!  
Ouro em grande quantidade!  
O brilho desse metal  
Cegou a sociedade,  
Que transformou num inferno  
A vida desta cidade.

Em **Um Conto Bem Contado** (2003, p.41), O poeta Antônio Francisco canta a história de um mundo em miniatura. No mundo miniaturizado do poeta, a cidade cabia numa cuia, pendurada num galho de jatobá. E o centro, o ponto nevrálgico, desta cidade, o que dava vida a esse mundo melânico, o seu sol, a semente do mundo, “cabia na palma da mão”.

Era uma cidadezinha  
Menor do que um melão,  
Se tirasse as três favelas,  
O parque de diversão,

O bar e a padaria,  
O resto dela cabia,  
Na palma da minha mão.

O mundo narrado ao poeta, pela personagem João Brejeiro, é repleto de problemas sociais e embora minúsculo e bem ao estilo dos contos de fadas, nada tem de encantado, ao contrário, as pessoas e os problemas citados se assemelham com os nossos atualmente. Possui favelas, autoritarismo, o povo é desnutrido, sofre discriminações e não progride. Nesse poema o cordelista trata com objetividade o preconceito, a discriminação e a opressão. Mostra uma cidade de homens-lobos, onde os fracos são pisados e o diferente perseguido, desrespeitado e crucificado. As pessoas da referida cidade, eram pequenas e andavam de banda.

[...]  
 Uns filhotes de mosquitos  
 Parecidos com a gente,  
 Só que andavam de banda  
 Como caranguejo anda,  
 Ninguém dava um passo à frente.  
 [...]

O poeta enfoca que as pessoas do lugar, apesar de viverem alienados e submetidos à opressão, tinham uma força surpreendente e desconhecida por eles mesmos. As confusões existentes, entre os moradores, balançavam o jatobá, mostrando o tamanho da confusão e indicando que o povo quando se agita é capaz de fazer mexer as estruturas mais sólidas e enraizadas que existem. De repente, surge uma criança que anda para frente (o que é completamente normal), no entanto, para aquela cidade, ele andava diferente, se distinguia de todos, já que todos andavam de banda. A Igreja, Justiça, Polícia e o Estado, unem-se na repressão para destruí-lo.

Mas tudo corria bem  
 Na visão daquela gente  
 Quando correu a notícia  
 Que havia um inocente  
 Com três anos de idade  
 Num dos bairros da cidade  
 Andando de trás pra frente

O cordelista chama a atenção, para a nossa dificuldade em aceitar o diferente. No poema, o “crime” do menino é ser diferente dos outros. O andar para frente incomoda, pois altera a ordem natural das coisas e alerta, que as sociedades estabelecem “padrões” de comportamento, beleza, entre outros, que consideram “normais”, e tudo que foge desse “padrão” estereotipado é julgado anormal, embora sempre o “padrão” seja o correto, o justo, o certo.

O cordel faz uma analogia com a história de Cristo, o menino que nasceu diferente num mundo onde todos andavam tortos, errados, para ensiná-los a caminhar direito e assim, endireitar o mundo. Sendo humilhado, perseguido, discriminado, e crucificado, por ser visto de forma diferente. Quando encontram a casa do “aleijado” e o crucificaram, sem dó nem piedade, sua mãe Maria, disse chorando ao prefeito:

O senhor com esse ódio  
Munido de preconceito  
Matou a minha criança  
E com ela a esperança  
Deste povo andar direito.

O poema demonstra o quanto o preconceito é cego, prejudicial e perigoso. Cristo o perfeito foi considerado defeituoso e rejeitado pelo seu defeito. Mostra que o preconceito não tem limites e mata. Faz uma alusão a ressurreição de Cristo e a sua volta gloriosa para cumprir a promessa de conduzir aos céus aqueles que se arrependem dos pecados e o aceitarem. Fica implícita no cordel a mensagem: Os preconceituosos não verão a Deus e não herdarão os céus. Por isso, Antônio Francisco implora no poema **Preconceito** (2012,p.31).

Vamos parar de uma vez  
O carro do preconceito,  
Parti seu motor no meio  
Despedaçá-lo de um jeito  
Que nem o tolo mais tolo  
Do mundo tire o defeito.

Sá assim Zumbi virá  
Nas asas da liberdade,  
Botar um céu de estrelas  
Nos ombros da igualdade  
E tirar com arte e jeito  
A palavra preconceito  
Dos lábios da humanidade.

Em entrevista concedida à autora deste trabalho, o poema se pronuncia sobre o preconceito e seus males, enfatizados em seus versos:

Pelo preconceito, as pessoas sofrem humilhações, constrangimentos. O preconceito é a mãe das formas mais agressivas de violência, por isso preciso combatê-lo. Teno muitos versos com esse objetivo, mas em Um Conto Bem Contado, o preconceito é apresentado de forma mais legível, mostrando a sua face mais cruel e perigosa. Meu trabalho é um grito pela inclusão. Busco conscientizar, sensibilizar as pessoas para desenvolverem atitudes de amor e respeito pelos outros, independente de como sejam os outros. Acredito que essa é a única maneira de se construir um mundo melhor para todos. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

No contexto poético do cordelista ganha visibilidade a importância da inclusão. Ele trata com profunda sensibilidade questões relativas à igualdade de direitos e ao direito à diferença. Ele nos diz que as diferenças existem entre todos, nos igualam como humanos e nos incluem como tal. Quando perguntado sobre o que entende por inclusão ele responde:

A inclusão é um movimento pela igualdade entre as pessoas, mas, esse movimento começa em nós mesmos, né? Precisamos em primeiro lugar, saber o que tem dentro de nós, que faz com que a gente não aceite o outro, as diferenças, né? Aí precisamos tirar isso da gente para ficar em condição de aceitar o diferente. Mas, tudo com muito amor. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Antônio Francisco corrobora com Baptista (2007, p.22), defende que na construção do processo de inclusão “o movimento de conhecer-se é necessário para que possamos identificar muitas das nossas barreiras que agem no encontro com o outro”. Nem sempre, o outro, percebido como perturbador é o que está fora, distante: muitas vezes, o que incomoda é o “estranho em nós”, aquilo que percebemos como diferente em nós mesmos e com o qual não queremos nos defrontar. Assim, rejeitamos nos demais aquilo que não podemos tolerar em nós mesmos.

Mantoan (2001) esclarece que a inclusão não é a mera aceitação do outro é a incorporação das diferenças, sem conflitos. Há que se digerir o seu conceito, para que o seu sentido, seja impresso sem titubear distorções, arranjos, nas nossas ações. Paulo Freire (1996) afirma a inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades. A solução para acabar a exclusão, está no próprio homem, na reforma do seu pensamento, na cura dos males do seu próprio coração. Em atendimento a nossa solicitação, Antônio Francisco falou sobre a inclusão:

Uma sociedade inclusiva é uma sociedade de todos, onde todos são respeitados e tem seus direitos garantidos. Todos nós somos diferentes, o respeito é que precisa ser cultivado e o Brasil precisa investir mais nesse sentido, por isso, uma pesquisa como essa sua é tão importante. A inclusão só vai se tornar uma realidade quando o homem mudar o seu coração para enxergar o outro e se colocar no lugar dele. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

No poema **Aquela Dose de Amor** (2006, p.21), Antônio Francisco nos encanta por sua capacidade de tocar o coração humano e alertar para as ações desastrosas que o ser homem tem realizado. No cordel em questão, o narrador se encontra na própria aldeia em que mora e está atirando em um juriti, quando surge um ancião que começa a dialogar com ele:

Um certo dia eu estava  
 Ao redor da minha aldeia  
 Atirando nas rolinhas  
 Caçando rastos na areia  
 Atrás de me divertir  
 Brincando com a vida alheia

O velho disse: Senhor,  
 Não quero lhe ofender,  
 Mas se está com tanta fome  
 E não tem o que comer,  
 Mate a fome com este pão  
 Deixe esse pássaro viver

O idoso conta, então a história daquela dose de amor, dizendo que o pai deste, na ocasião em que criou o mundo, pediu que o ajudasse na criação do homem. E aí, surge a explicação simbólica para a figura do velhinho. O pai seria Deus (o criador) e o velhinho, seu filho Jesus. O pai do ancião, pede que ele o ajude a consertar o ser humano ajudando-o a amar, a tirar do peito o desejo de matar, para tal, pede que vá à casa dos sentimentos e pegue a dose de amor, que se encontra perto do pote do mal, e coloque no peito do homem. Neste trecho começa toda a confusão, pois, o velhinho deixa a dose de amor se perder pelo caminho e confuso troca o pote de amor pelo pote do mal. Assim, ao invés de colocar amor no peito do ser humano, coloca o ódio. O criador acaba notando a troca por meio das atitudes do homem.

[... ]

Quando contei a verdade  
De tudo aquilo que eu fiz  
Pai disse tremendo a voz:  
Eu sei que você não quis,  
Mas você botou foi ódio  
No peito desse infeliz.

Esse bicho inteligente  
Com esse ódio profundo,  
Com pouco amor nesse peito  
Não vai parar um segundo  
Enquanto não destruir  
A última célula do mundo.

É por essa falta de amor no coração, que os homens são hipócritas, maus, traem uns aos outros, amam o poder e o dinheiro, mais do que ao seu próximo. Na ausência do amor, o homem se transforma num monstro.

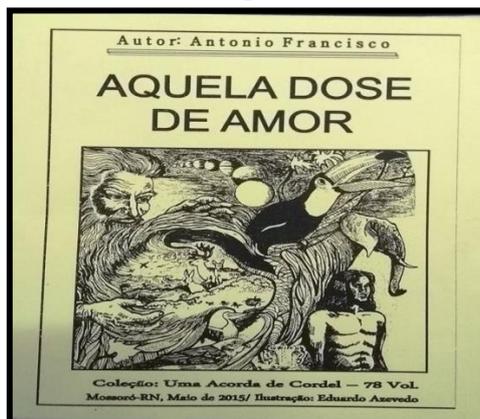
Sem ela, vocês, humanos  
Não sabem dar sem pedir,  
Viver sem hipocrisia,  
Ficar por trás sem trair,  
Nem distante do poder  
Nem discursar sem mentir.

A partir da contação da história pelo ancião, o narrador muda de atitude, desiste da caça, joga fora a espingarda e sai procurando a dose de amor e apela para outras pessoas: Joguei fora a espingarda,

Se acaso algum de vocês  
Voltei olhando pro chão  
Tiver a felicidade  
Procurando aquela dose  
De encontrar aquela dose,  
Nos troncos do algodão  
Eu peço por caridade

Pra guardá-la com carinho  
Derrame todo o sabor  
Daquela dose de amor  
Dentro do meu coração.  
No peito da humanidade.

Foto 35 – Cordel Aquela Dose de Amor.



Fonte: Acervo do Poeta, 2017.

Em uma das nossas sessões (auto)biográficas, o poeta foi convidado a falar do poema *Aquela Dose de Amor*, então ele resume e faz uma reflexão sobre a questão da falta de amor no coração humano e o porquê da criação do referido poema:

Um dia eu entrei numa lagoa e os bichos correram com medo de mim, aí eu me perguntei porque tanto medo os bichos têm do homem? O que é que está faltando? Foi aí que eu fiz *Aquela Dose de Amor*, percebi que falta amor nos homens e os animais sensíveis percebem também. O encontro com Deus é o melhor no poema, ainda mais que é no Nordeste, eu saio atrás da dose de amor para colocar no meu coração e depois nos dos outros. Eu acho uma felicidade você encontrar seu lado bom, acho que todo mundo tem um lado bom escondido, a vida que a gente leva é que nos endurece. Quando todos encontrarem seu lado bom e aplicarem seus bons pensamentos, o mundo será endireitado. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Antônio Francisco entende que é na reforma do pensamento humano e na cura dos males do coração, que está a resolução dos problemas sociais e a melhoria da qualidade de vida no planeta. Então, o poeta, nos leva a refletir sobre o nosso comportamento, as nossas atitudes a partir da análise dos animais que nos fornece uma caricatura irônica das atitudes humanas. Esta é a poesia mais famosa de Antônio Francisco, que possui dois títulos: **Os Sete Constituintes / Os Animais Tem Razão** (2006, p.83). O poema refere-se a uma reunião presenciada por Antônio Francisco, o autor é o próprio personagem, em uma noite em que cansado das andanças pelo sertão, armou uma rede em um juazeiro copado para dormir e no meio da noite é acordado com o barulho da assembleia dos animais.

E foi debaixo de um deles  
 Que eu vi um porco falando,  
 Um cachorro e uma cobra  
 E um burro reclamando,  
 Um rato e um morcego  
 E uma vaca escutando.

Os animais começam a conversar sobre o comportamento humano. Cada animal é personificado como numa fábula, no entanto, apesar do cordel, analogicamente à fábula, possuir um caráter moralista, o caráter lúdico nele é superior. A característica mais interessante nesses versos é que traços marcantes nos animais podem se revelar mais inerentes ao próprio homem do que aos bichos. O porco é quem começa a falar, logo ele que é conhecido por sua sujeira argumenta que o homem tem se revelado um animal totalmente imundo e que não se preocupa com seu próprio habitat, tornando-se, portanto, superior a ele, tido como porco em termos de seboseira. Ele diz em relação aos homens:

Já sujaram os setes mares  
 Do Atlântico ao mar Egeu,  
 As florestas estão capengas,  
 Os rios da cor de breu  
 E ainda por cima dizem  
 Que o sebo sou eu.

O diálogo que o rato trava com os outros bichos elucidada a imagem que o ser humano tem do animal roedor. Uma vez quando alguém não tem escrúpulos, não possui honestidade, é completamente vil, é colocada nessa pessoa a alcunha de rato. No entanto, ele fala em seu próprio favor e denuncia as falhas de caráter do ser humano:

O homem, sim, mente e rouba,  
 Vende a honra, compra o nome,  
 Nós só pegamos a sobra  
 Daquilo que ele come  
 E somente o necessário  
 Pra saciar nossa forme.

A vaca o retrata o homem, como um mal-agradecido.

[...]  
 É doido, se faz de cego,  
 Não sente o que a gente sente,  
 E quando nasce é tomando a pulso  
 O leite da gente.  
 [...]

Já o discurso da cobra pauta-se nas inverdades que de acordo com ela e o homem diz a seu respeito. Ela é tida pela humanidade como um animal peçonhento. Mas, ela utiliza-se de vários argumentos para se defender e ainda por cima revidar os predicados negativos que o homem lhe outorga: Ela alega que o homem é “cruel, mata a cobra, estoura o fel” e ainda por cima “descarrega todo ódio em cima da cascavel”. E a cobra ainda arremata que a diferença principal entre ambos, (ela e o homem) é que o veneno dela é na presa enquanto o dele é no coração.

É certo eu tenho veneno,  
Mas, nunca fiz um canhão,  
E entre mim e o homem,  
Há uma contradição  
O meu veneno é na presa  
O dele no coração.

O burro, por sua vez, conhecido por todos por ser um bicho totalmente desprovido de inteligência demonstra ter uma lucidez superior a do homem. Afirma estar estressado por sofrer com a violência desse último “sem nunca ter revidado”. E logo o rato retruca:

[...]  
Você sofre por que quer.  
Tem força por quatro homens,  
Da carroça é o chofer...  
Sabe dar coice e morder,  
Só apanha se quiser.

O cachorro, por sua vez, argumenta que o homem tem sido bem mais violento que ele, “um quebra-cabeça humano sem prumo e sem direção”. O bicho alega ainda, que não consegue entender o comportamento humano, pois os homens:

Eu nunca vou entender  
Porque o homem é assim:  
Se odeiam, fazem guerra  
E tudo o quanto é ruim,  
E a vacina da raiva  
Em vez deles, dão em mim.

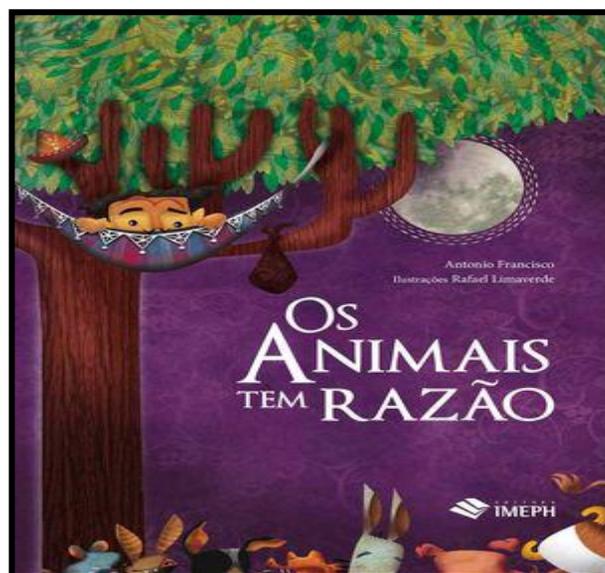
O único que não tem do que reclamar é o morcego. Entretanto, no elogio do morcego, encontra-se mais uma crítica voraz ao ser humano:

[...]  
 Constrói castelos enormes  
 Com torre, sino e altar,  
 Põe cerâmica e azulejos  
 E dão pra gente morar  
 E deixam milhares deles  
 Nas ruas, sem ter um lar.

Antônio Francisco perde o fim da reunião porque pegou no sono. Quando acorda já é de manhã, havia terminado. O que presenciou marcou sua vida e refletindo sobre o discurso dos animais concluiu:

[...]  
 Hoje quando vejo na rua  
 Um rato morto no chão,  
 Um burro mulo piado,  
 Um homem com um facão  
 Agredindo a natureza,  
 Eu tenho plena certeza:  
 Os bichos tinham razão.

**Foto 36 - Capa do Livro Os Animais tem Razão.**



**Fonte: Acervo Pessoal, 2017.**

Indagado sobre o poema, o poeta narra:

Os Animais têm Razão é o meu poema mais conhecido, tem sido muito usado nas escolas e no teatro, tornou-se muito popular por trabalhar com os animais, o que agrada adultos e, principalmente, crianças, mas, embora divertido, parecendo uma brincadeira, trata de um assunto

muito sério, o comportamento do homem e o que necessita ser mudado nele. Fui muito feliz na produção do poema, pois consigo com palavras simples fazer uma reflexão sobre um assunto tão sério. O poema pretende sensibilizar o homem, fazendo ele enxergar seu comportamento diante da vida, provocando-o a uma transformação que comece no seu coração, passe para sua inteligência e se aplique nas suas atitudes. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Os Animais têm Razão motiva a uma reflexão e aponta para uma vivência fraterna que orienta a construção de uma sociedade em que a paz, a sustentabilidade, a vida no planeta sejam o sonho maior. No entanto, para a concretização desse sonho, é preciso que o homem se afaste do mal e pratique o bem, como o próprio poeta justifica na sua narrativa.

Antônio Francisco faz versos que inspiram sentimentos de renovação ética e moral, que buscam a restauração do caráter e a renovação do ser humano. Por isso, ele nos diz no poema **Não custa nada ser bom** (2011, p.109):

[...]  
 Se você quer consertar  
 O mundo que você vê  
 Cambaleando perdido  
 Na lama desse porque,  
 Comece ajeitando ele  
 Começando por você.

E com humildade nos ensina o que devemos fazer para ajeitar o mundo.

O jovem espera de nós  
 Um mundo mais colorido,  
 Os rios cheios de peixes  
 O campo todo florido  
 Sem guerra, sem ambição,  
 Sem ódio e sem excluído.

Na ótica do poeta, o poema supracitado representa:

**Não Custa Nada Ser Bom** sugere uma nova postura para o ser humano, pelo afastamento da cobiça, da inveja, da mentira, apresentando o diálogo, a solidariedade e o amor, como requisitos para que o homem se torne bom e espalhe bondade no mundo. É um poema que repassa valores humanos que fazem a diferença na vida. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

A meritória contribuição da poesia de Antônio Francisco para a efetivação da inclusão é que refletindo sobre seus versos miramos em nós mesmos e deciframos o que somos à luz do que não somos, e o que podemos ser a partir do brilho do não somos mais. Os seus cordéis funcionam como espelhos que refletem o nosso interior, revelando o que realmente somos, como pensamos, porque agimos de determinada maneira.

Atuam como parâmetros que quando não são atingidos clarificam os nossos erros, esclarecendo o que nos impede de fazer aquilo que deveríamos realizar. Seus escritos têm efeito bumerangue, quando os rejeitamos e os lançamos fora, retornam sempre ao ponto do qual foram lançados insistentes na reflexão que proporciona novas formas de percepção e que nos levam a compararmos e quase sempre condenarmos a forma antiga como agíamos, nos envergonhando dela. Desse modo, nascem os genes da mudança que nos transforma e nos enriquece.

### **3.4 - A POESIA POPULAR COMO VIÉS QUE DESCORTINA E VIABILIZA A INCLUSÃO SOCIOEDUCACIONAL**

Nossa pesquisa traz o propósito de refletir sobre a importância de se construir um professor com perfil inclusivo, estimulando-o a voltar-se para si e para o outro, alimentados pela sensibilidade poética de Antônio Francisco, que consolida no seu poetar sentimentos de inclusão, levando-o a compreender cada um ser humano como sujeito de historicidade e de direitos, capazes de construir o mundo em que vivem. Enfocamos que a inclusão está alicerçada na dimensão humana e que a obra de Antônio Francisco ressalta os mais nobres valores humanos chamando nossa atenção para sentimentos desrespeitados, desprezados e direitos negados na nossa sociedade. Contribuindo assim, para através da reflexão, apurar o olhar do professor e levá-lo a uma transformação da prática pedagógica, fortalecendo práticas inclusivas.

Nesta perspectiva, ganha realce a formação docente e a responsabilidade do professor em estabelecer um compromisso articulado com uma prática educativa transformadora, que não se realizará sem a apropriação pelo educando do saber historicamente produzido, a conscientização crítica dos conteúdos e o aprendizado de atitudes positivas à inclusão e ao empoderamento.

Tardif (2010, p.159), reconhece a profissão docente como um ofício imbuído pelas interações humanas em que está intrínseco ao seu fazer o contato com o ser

humano. O poeta Antônio Francisco comunga com o mesmo pensamento quando afirma que:

O educador é um ser de relações e interações diferentes das outras profissões. O foco da educação são os sujeitos, seres possuidores e criadores de histórias e concepções peculiares. Enquanto que em outros ofícios a finalidade é apenas a produção de objetos inativos, na profissão docente, o olhar humano é essencial; a sensibilidade e a humanização precedem o ensino. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Os professores não buscam somente realizar objetivos, eles atuam também sobre um objeto. O objeto do trabalho dos professores é o ser humano individualizado e socializado, ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com o seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas. Nessa concepção do trabalho docente reside a concordância com a nossa pesquisa no tocante à necessidade de formar professores numa perspectiva inclusiva. O ser humano, o sujeito é o alvo da ação educativa. Conhecer e respeitar o aluno, interagir com ele, atuar para que todos se capacitem no processo educacional são elementos que acionam a formação dos professores.

Freire (1996) define que educar é um ato de amor, logo a afetividade não pode ser excluída, ao contrário, deve se fazer presente em cada gesto, atitude e ação do processo educativo. A formação dos professores deve subsidiar o desenvolvimento de práticas pedagógicas eficazes que permitam atender a diversidade dos alunos nas suas especificidades, respeitando suas diferenças, valorizando seus potenciais, eliminando as barreiras que impedem a plena participação dos mesmos no ambiente escolar, favorecendo, assim, a sua liberdade de expressão, autonomia, aprendizagem e inclusão.

Em suas narrativas, o poeta Antônio Francisco afirma:

Sou grande defensor da educação inclusiva e acho que o professor deve ter uma formação que o leve a conduzir com sucesso o processo de inclusão na sala de aula, uma formação fundamentada nos valores humanos, pois possuindo valores, ele vai educar com valores e formar pessoas de valores. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Essa formação do sujeito docente exige uma postura humilde e responsável, constante de reflexão do seu fazer pedagógico e psicopedagógico relacionado ao conhecimento que está implícito na sua ação, pois esse olhar que penetra a sua prática é promissor de novas aprendizagens, conceituais, procedimentais e atitudinais, ratificando na sua prática profissional o direito à educação para todos e todas. A formação do

professor é um dos caminhos mais eficazes para a concretização da educação inclusiva, pois de acordo com Nóvoa (1992, p.22), o professor transpõe para a sua prática aquilo que é como pessoa, assim sendo, a sua formação precisa despertar valores e princípios que alicercem atitudes e consolidem a inclusão.

Existe um consenso em entender a formação de professores como uma forma de educação permanente, pessoal e profissional. Assim, a formação não se esgota na formação inicial, devendo prosseguir ao longo da carreira, de forma coerente e integrada, respondendo as necessidades de formação sentidas pelo próprio e as do sistema educativo, resultantes das mudanças sociais e/ou do próprio sistema de ensino.

Há consonância em preparar o professor não apenas para o exercício técnico-pedagógico, mas também, para o desempenho de um papel ativo, mas global e com um campo interativo, muito mais lato do que a sala de aula, no quadro a formação psicossociológica. Espera-se que o professor exerça funções de instrutor e formador, transmitindo informações e valores fundamentais e ajudando o educando a adotar valores próprios e a desenvolver a capacidade de tecer juízos críticos sobre as informações recebidas. Nesse âmbito deve ser sensível as transformações econômicas, sociais e culturais, tomando em consideração as novas e diversificadas necessidades das sociedades.

O poeta Antônio Francisco declarou-se nas suas narrativas favorável a essas considerações, pois defende que:

O professor é um profissional que precisa estar sempre aprendendo, atualizando os conhecimentos, lendo para formar cidadãos críticos e atuantes. Para desenvolver uma educação inclusiva, o professor precisa estar preparado, não só nos conhecimentos técnicos, mas, principalmente, ele precisa de valores humanos para respeitar as diferenças. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

De acordo com (Josso,2010,p.38) lembrar e refletir em como e porque nos tornamos o que somos, consiste em descrever os processos que afetam a nossa identidade e a nossa subjetividade, podendo constituir-se numa trilha para que o sujeito oriente, com lucidez, as próprias aprendizagens e o seu processo de formação, cujo caminho não apenas é o promissor da elaboração e integração do saber-fazer como também, promove descobertas para possíveis transformações.

Desse modo, Josso (2010) afirma que a formação é embasada na experiência, pois essa provoca no sujeito um ato reflexivo sobre o seu passado que envolve a sua

percepção, observação, e sentimento de como enfrentou a sua dinâmica de vida, as diversidades e adversidades, das situações que lhe impulsionaram à busca de superações, processo esse pelo qual se articulam sob a forma de atitudes, sensibilidades, afetividades e idealizações. De acordo com Dominicé (2010, p.88) “o essencial da formação reside no processo”, pois esse é o caminho para compreendermos a complexidade em que se vai tecendo o ser humano e o ser profissional.

Constatamos essa verdade na história de vida da professora Apoena (Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Lúcia Oliveira Aguiar) e nas suas práxis educativas. Apoena interliga profundamente, as buscas e conquistas de sua trajetória na docência ao seu ser, ao seu estar, ao seu sentir, e ao seu agir, envolvendo tanto o ambiente humano, como o ambiente natural, numa perspectiva individual-coletiva, espiritual, biopsicossocial, temporal e espacial. Desse modo, os saberes dessa educadora revelam-se plurais, heterogêneos, personalizado, pois tem sua identidade, é situado e profundamente humanizado, convergindo dos estudos de Tardif (2002) e, por essa razão, possuem uma riqueza de significados, concentrando, nessas vivências experienciais didático-pedagógicas o seu valor formativo.

O fazer docente de Apoena nos inspira a desenvolver uma prática inclusiva. Ela demonstra a viabilidade da inclusão através da música, teatro, poesia e todas as artes. Seu trabalho é a prova viva de que a cultura popular, em todas as suas manifestações, constitui-se num viés que descortina e viabiliza a inclusão socioeducacional. A sua atuação profissional testemunha e comprova esse fato.

O cordelista Antônio Francisco, admirador do seu trabalho, a respeito da professora Apoena afirma:

Conheci o trabalho da professora Ana antes mesmo de conhecê-la. Valorizo muito sua luta pela inclusão das pessoas e também da cultura popular na Academia, ela ajuda a disseminar a cultura do povo, resgata a literatura de cordel, estimula o hábito de sua leitura e demonstra que ela pode ser usada na sala de aula para discutir temas importantes e criar valores. Não só eu, mas todos os cordelistas, hoje, consideram a professora Ana uma apologista, parceira do nosso trabalho. Confesso que ela faz parte da minha formação, aprendi muito com ela, seu exemplo de vida, seu respeito pela cultura popular são lições que levarei sempre comigo. Quando descobri que ela utiliza os meus cordéis na sala de aula da Universidade, fiquei muito feliz e orgulhoso.” (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

A conviência do seu trabalho com a obra do poeta Antônio Francisco, sujeito da nossa pesquisa está na conjuncional relação com a luta pela construção de uma

sociedade inclusiva, no compromisso com essa causa que adotou como missão, pois com a resistência de uma Sempre viva não se comprime perante as dificuldades, ao contrário, extrai das barreiras, incrementos para sua inflorescência. Não se rende as adversidades que desejam tirar-lhe o vigor, muitas vezes colhida pela desumanização dos homens, permanece viva. Tal qual uma orquídea epífita, utiliza os obstáculos para atingir os pontos mais altos e encher-se de luz. E, assim, revestida de energia e beleza espalhar encantos que tocam muitos outros brotos, reverdecendo-os de racimos.

Poetisa desde o primeiro alento, com humanismo, transforma tudo o que lhe vem à mão em poesia, apologista da cultura popular, costuma utilizar o cordel como recurso pedagógico na universidade, contribuindo para libertá-lo dos cordões e das lonas das feiras para adentrar na academia como ferramenta de promoção de saberes, sabores e histórias. Uma dessas experiências foi efetivada com os cordéis de Antônio Francisco, analisando-os numa perspectiva antropológica e cultural na disciplina Antropologia e Educação, oferecida no primeiro período do curso de Pedagogia da UERN em 2018.1, culminando com a apresentação teatral dos poemas, atividade que tivemos o privilégio de acompanhar durante nosso estágio de docência na referida Instituição.

**Foto 37 – Apoena e Antônio Francisco.**



**Fonte: Foto cedida por Apoena. Mossoró – RN, 2018.**

Concordamos com Lins (2014) quando afirma: “A docência de Apoena é movida pelo amor, pela busca da sabedoria, indo ao encontro daqueles que historicamente, situam-se à margem da sociedade, por razões de preconceito, classe social, desfavorecida

de recursos materiais e condições mais dignas de vida, questões étnico-raciais, dentre outras. São nessas trajetórias rumo ao encontro dos outros que Apoena forma-se, formando esses sujeitos, levando-os a refletirem as suas origens, as condições a que estão expostos e a pensarem possibilidades de superação.

Conforme Apoena, sua maior patente, “é a sua certidão de nascimento, seu status social é revelado na simplicidade que possui, na solidariedade que sente a dor do outro e se aproxima para ajudá-lo, no seu espírito manso em defesa da justiça social e dos direitos humanos”. Corroborando com Freire (1987), ela desenvolve a pedagogia na perspectiva do oprimido. Ressaltando que a luta pela libertação do homem (o qual semelhantemente a realidade histórica é um ser inconcluso) se dá no processo de crença e reconhecimento do oprimido a respeito de si mesmo, enquanto homem, de vocação para “ser mais”. Assim tem sido sua atuação como docente inclusiva e como pesquisadora.

Dentre as suas grandes pesquisas destaca-se **Memórias de mim e do outro: (auto)biográficas na interação os órfãos de pau de colher no percurso de voltar à terra natal**. Onde ela levanta a história de órfãos do movimento de Pau de Colher, através de suas vozes, que considera desconhecida, até hoje, pela historiografia brasileira. Escreve sobre uma memória que julgou o movimento Pau de Colher<sup>11</sup> dentro da perspectiva de análise com foco no conceito de messianismo entendendo-o como consequência da perda de identidade dos indivíduos em decorrência de uma anomia social, atribuindo-lhe, dessa forma, o caráter do fanatismo.

As vozes da orfandade, ocultadas nos documentos oficiais, mas levantada, neste trabalho, através da memória das trinta e duas crianças órfãs do movimento, vai demonstrar, neste estudo, que as manifestações individuais e coletivas destas crianças durante essa trajetória estão relacionadas à luta e resistência de um grupo para voltar à terra de onde foram retirados forçadamente. Tem relação com a luta pela reconciliação dos laços de identidade na origem cujos ensinamentos dos pais os acompanharam durante todo o trajeto numa luta para permanecerem indivíduos para serem eles mesmos.

---

<sup>11</sup> Pau de Colher é a denominação onde se concentraram durante 28 dias os seguidores do Beato Senhorinho, localizado no município de Casa Nova-BA. O povoado recebeu esse nome devido à abundância da árvore Pau de Colher no lugar. Os seguidores retiravam os caules da planta para confeccionar os “cacetes” que eram instrumentos símbolos da fé, da salvação, do adjunto. Pau de Colher - árvore lactescente da família das apocináceas (Peschiera Lacta).

A pesquisadora afirma que as prescrições arbitrárias do Estado para a vida dos órfãos de Pau de Colher como imposição para suas vidas, fizeram evocar os princípios de pertença objetivados em sentimentos de honra, orgulho, solidariedade integraram os órfãos à tradição, posto que guiados pela crença e valor de sua cultura. Seu ethos, portanto, foi a disposição plena que tiveram para se reconhecerem como sujeitos, revitalizar sua autoestima e de sua cultura, motivando-os para a ação do grupo, no Instituto de Preservação e Reforma para o resgate da dignidade dos vivos e dos mortos de Pau de Colher, ao entrarem triunfantes nas terras de seus antepassados reconciliando-se com sua tradição.

Apoena é uma educadora defensora da pedagogia libertadora e dialógica, preconizada por Freire (1967) e assume o compromisso ético-político com as demandas e os desafios inerentes à inclusão socioeducacional. Resgata com suas práxis o pensamento humanista e humanizador proclamado nos cordéis Antonianos e imprescindíveis para a cultura da inclusão. Sendo ela mesma referência e ponto de partida para o esperar que move a concretização desse ideal.

A exemplo de Apoena, todos os professores devem desenvolver uma prática pedagógica que ofereça apoio ao protagonismo de alunos e alunas na construção da ética e da cidadania. Nessa perspectiva, Mantoan (2001) nos mostra que é necessário que o professor tenha competência técnica, sobretudo, é necessário uma mudança de olhar e de postura do professor acerca da inclusão que implique numa ação educativa que atinja todos os alunos e não apenas os portadores de deficiências, para que todos possam obter sucesso na carreira educacional.

Nesse sentido, nosso trabalho de pesquisa busca evidenciar o diálogo empreendido entre a formação docente e o cordel perspectivando educar de forma inclusiva com aspectos que remontam a diversidade dos sujeitos e suas singularidades. Em outras palavras, situar o cordel no âmbito da formação de professores enquanto lugar de percepção e pertencimento no qual os sujeitos negros, homossexuais, mulheres camponesas, índios, portadores de deficiências e outros são vistos, ouvidos e respeitados a partir da reflexão e sensibilização do conteúdo poético trabalhado, proporcionando a essas minorias condições de elaborar suas identidades superando fatores de exclusão e adversidades com resiliência e empoderamento. Assim, o cordel de Antônio Francisco apresenta-se como um grande aliado para alimentar valores humanos e despertar a cultura da inclusão, proporcionando o desenvolvimento de propostas de atividades

pedagógicas com abordagens interpretativas e perceptivas sobre o processo de inclusão socioeducacional.

Nestes termos, as experiências didático-formativas desenvolvidas em sala de aula com o cordel são capazes de problematizar os mais diferentes contextos sociais, constituindo-se num espaço de discussão onde as vozes dos sujeitos subalternizados podem ser revitalizadas. Os poetas da arte de versejar não são sujeitos sociais que trazem explicações definitivas de um cenário sociocultural, mas, são aqueles que narram, que cantam grandes e pequenos acontecimentos numa narrativa versificada, dinâmica, aberta a várias interpretações e construídas por discursos heterogêneos. O cordel como poesia popular possui vasta riqueza simbólica e expressiva funcionalidade sociocomunicativa, construtiva e potencial farto em histórias, contos, cultura, arte e informação, capaz de propiciar conhecimentos importantes e descobertas surpreendentes.

A literatura de cordel conduz o leitor a um universo textual diferente do habitual, onde a rima e o humor são elementos que atraem e despertam a curiosidade e suscitam a sensibilidade artística. Fomentar a utilização do cordel na sala de aula, além de aproximar o educando de toda fertilidade e expressividade da nossa cultura, oportuniza o contato mais aprofundado com as raízes nordestinas, nossa memória cultural e nossas tradições. Com o cordel é possível trabalhar a interdisciplinaridade e a transversalidade, por isso, ganha força teórico-metodológica e didático-pedagógica. Esse gênero textual cavalga do sertão para a sala de aula, carregando em si o espírito aventureiro, lúdico e forte do sertanejo sem se prender a uma só finalidade. Educa de vários modos, desenvolvendo a imaginação, as emoções e os sentimentos de forma prazerosa e muito significativa.

A literatura de cordel subsidia de forma espetacular a formação do sujeito crítico e criativo, ciente da sua identidade e cidadania, então, a educação contemporânea não pode mais conviver com a exclusão da cultura popular e de seus sujeitos discursivos. Torna-se urgente a utilização de um processo de ensino-aprendizagem cada vez mais aliado à diversidade e à identidade cultural a fim de que haja uma diminuição de preconceitos relativos não só à literatura de cordel mas também, ao universo que a cerca.

A contribuição do cordel do poeta Antônio Francisco para a formação do professor inclusivo se torna clara quando compreendemos que a inclusão está alicerçada na dimensão humana e sociocultural e que ao pensar em inclusão precisamos atingir o âmago dos processos excludentes que é a ausência de princípio e valores humanos,

capazes de acolher, respeitar e amar as pessoas, percebendo não apenas suas realidades mas enxergando suas possibilidades, e sua obra nos convida a reflexões que despertam valores que transbordam a comunalidade e nos fazem entender o sentido da vida e o valor de cada pessoa, reconhecendo o tesouro inestimável que está em cada um. Faz-nos compreender que o nosso maior pecado é a indiferença e que a atenção é uma das formas mais delicadas de amor.

Os seus versos nos conduzem a uma autoanálise da nossa prática e nos ensina que o importante não é apenas conhecer valores, mas vivê-los, nos conscientizando de que somente com respeito e amor podemos construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva, onde os direitos humanos ultrapassem o plano do “meramente” instituído, do “legalmente” garantido para novas formas cotidianas de ser, conviver e fazer com amor e alteridade. Dessa forma, as diferenças serão vistas como inerentes ao ser humano e serão respeitados, propósito que faz atinência com o nosso estudo que se preocupa em alimentar valores humanos e práticas inclusivas. A esse respeito, o poeta Antônio Francisco declara:

Acredito que o processo de inclusão começa no coração das pessoas, nasce dos seus valores e princípios, a inclusão não se faz só pela obrigatoriedade da lei, é preciso amar as pessoas para incluí-las de verdade. Os meus cordéis ajudam nesse processo. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

Pudemos comprovar a influência positiva dos poemas de Antônio Francisco para a efetivação da inclusão, quando desenvolvemos no bimestre agosto/setembro de 2018, nos dois turnos de funcionamento da U.E.I (Unidade de Educação Infantil) Maria da Conceição Vidal, localizada na Rua Walter Wanderley, S/N no conjunto Liberdade I em Mossoró-RN, um projeto de ensino intitulado **Aprender no dia a dia com rima, verso e poesia**, com crianças na faixa etária de 4 a 6 anos; algumas dessas, apresentando necessidades educacionais especiais. O projeto envolveu dez professoras, sendo cinco titulares e cinco auxiliares de sala. Sendo coordenado pela professora Silvana<sup>12</sup> Holanda que objetivava aproximar as crianças da cultura popular resgatando seus valores humanos através da obra de Antônio Francisco. O projeto supracitado também subsidiou a nossa pesquisa, nos fornecendo uma análise a partir da prática da utilização dos cordéis na sala de aula.

---

<sup>12</sup> Silvana Holanda, autora dessa dissertação, coordenou o projeto “Aprender no dia a dia com Rima, Verso e Poesia” enquanto professora da UEI Conceição Vidal.

Na oportunidade, desenvolvemos atividades lúdicas, dinâmicas e variadas com a leitura dos cordéis do poeta, a contação de histórias sobre os temas abordados nos cordéis, desenhos dos personagens cordelinos, dramatização do cordel, Os Animais tem Razão, recitação de poemas pelas crianças e a presença de Antônio Francisco na culminância do projeto. As professoras que se envolveram no referido projeto (Ana Angélica de O. Lacerda, Regina Morais dos Santos, Priscilla S. de C.F. Nunes, Olga Maria da Fonseca e Luzineide Costa da Silva), foram unânimes em reconhecer que os resultados do trabalho foram muito satisfatórios, pois proporcionou uma maior integração das crianças com a diversidade cultural e desenvolveu atitudes de respeito e valorização ao meio ambiente, as pessoas e a vida.

Foram constatadas mudanças no comportamento das crianças com relação aos colegas autistas, cegos, surdos e cadeirantes. Ficou mais evidente a aceitação e o respeito pelas diferenças, principalmente nos trabalhos coletivos e nas brincadeiras, onde geralmente as crianças portadoras de deficiências eram rejeitadas. Conforme relatos das professoras apresentadas a seguir:

O trabalho com os cordéis de Antônio Francisco foi muito positivo. Apresentou a literatura de cordel às crianças, desenvolvendo atitudes de respeito e valorização pelo próximo e pela cultura popular. As crianças gostaram muito e o resultado superou as expectativas. (Narrativa da Prof<sup>a</sup> Angélica, Mossoró, 2018.)

O trabalho com o cordel estimulou o desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças, desenvolveu a criatividade e, de forma lúdica e prazerosa, permitiu o estudo de temas relevantes, tanto os pais como as crianças gostaram muito do projeto. (Narrativa da Prof<sup>a</sup> Luzineide, Mossoró, 2018.)

Foi gratificante o resultado do projeto com os cordéis de Antônio Francisco, ajudou no desenvolvimento e na criatividade das crianças, eles amaram trabalhar com as rimas e o ritmo dos poemas. Aprenderam muito sobre a natureza e o respeito ao próximo. Foi muito proveitoso.” (Narrativa da Prof<sup>a</sup> Priscilla, Mossoró, 2018.)

Considero que o projeto foi muito importante, trabalhamos a leitura, a declamação e a discussão dos poemas em sala de aula, construímos um varal poético, fizemos muitas atividades orais e escritas relacionadas aos temas apresentados nos cordéis. Produzimos um pequeno livro, recontando o poema Os Animais tem Razão com desenhos das crianças. Foi ótimo.” (Narrativa da Prof<sup>a</sup> Regina, Mossoró, 2018.)

Também, foram constatadas mudanças de atitudes no tocante ao respeito pelos animais e plantas. Os pais das crianças<sup>13</sup>, ouvidos na avaliação do projeto, salientaram a importância de trabalhar os valores humanos na infância, visto que é nos primeiros anos de vida que desenvolvemos as atitudes e valores que formam a base da personalidade do ser humano e essa será usada como referência para a vida inteira. Portanto, ensinando desde cedo o amor à vida e à natureza, evitaremos as ações inconsequentes e destrutivas praticadas pelo homem, que vêm devastando a natureza, disseminando a intolerância, o desamor, os preconceitos e discriminações que destroem a vida e o planeta. A mãe de uma aluna cega (5 anos) declarou:

O desenvolvimento da minha filha melhorou com o projeto. Com as atividades feitas, ela se sentiu mais amada, valorizada, né? Ela também gostava da leitura feita nos cordéis, né? Achava bonito e divertido. Chegou até a decorar uns versinhos..., aí passou a brincar mais, se soltar nas brincadeiras com os outros e os colegas passaram a tratar ela com mais carinho e respeito. Achei ela mais desenvolvida. Amei! (Narrativa da mãe de aluna, Mossoró, 2018.)

O pai de aluno autista (5 anos) também comemorou os avanços do filho, após a realização do projeto. E revelou com muita alegria:

Sempre fechado em si mesmo, meu filho era indiferente, parecia que habitava um universo só dele, nunca sorria, nem brincava com os colegas, hoje o vejo bem melhor, já dando os primeiros passos, aceitando convites para brincar com os outros, brincando nem que seja por pouco tempo. Acredito que seja a resposta à forma como os colegas passaram a tratá-lo, com mais carinho, paciência e respeito. (Narrativa do pai de aluno, Mossoró, 2018.)

Uma mãe de filha negra de quatro anos deu o seguinte depoimento:

Somos uma família de negros, minha filha é negra de cabelos bem cacheados, dizer que eu nunca sofri preconceito é mentira, mas não me deixava abalar. Quero criar minha filha assim, com essa força, com amor próprio e acho que isso tem que ser trabalhado desde muito cedo, por isso, gostei do trabalho da professora com os cordéis, ajuda muito porque essa força tem que vir de dentro pra fora. (Narrativa da mãe de aluna, Mossoró, 2018.)

Mãe de aluno autista de quatro anos relata:

---

<sup>13</sup> Os pais das crianças mencionados por razões próprias não concordaram que os seus nomes e de seus filhos fossem divulgados.

Descobri há pouco tempo que meu filho tem esse problema de autismo, foi horrível, pensei que ele não poderia aprender nada na vida, hoje estou mais calma, mais confiante, vejo que trabalhos como esse que vocês fizeram com os cordéis ajudam ele a se interessar mais para aprender. (Narrativa da mãe de aluno, Mossoró, 2018)

O poeta Antônio Francisco emocionado e feliz agradeceu a homenagem.

Estou muito satisfeito! Feliz mesmo por poder contribuir com a educação dessas crianças lindas. Elas são o futuro, né? E conscientes do grande valor que têm as pessoas, o meio ambiente e a vida, com certeza, um mundo bem melhor! Fiquei emocionado de ver crianças tão pequenas recitando os meus versos. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

**Foto 38 – Culminância do Projeto Aprender no Dia a dia com Rima, Verso e Poesia.**



**Fonte: Unidade de Educação Infantil Maria da Conceição Vidal, 2018.**

As Instituições de ensino devem favorecer o respeito as diferenças de temperamentos, gênero, etnias, credos religiosos, bem como, habilidades e conhecimentos. As situações de aprendizagem devem privilegiar as questões da diversidade como proposta de trabalho. O cordel mostra-se eficiente no processo de edificação humana e como instrumento de aprendizagem. É um recurso didático envolvente, interessante que pode ser utilizado da pré-escola a universidade, em todos os níveis de ensino, nas mais diversas disciplinas, pode integrar diferentes elementos na estrutura pedagógica, fazendo unir a arte do professor à do aluno e a cultura popular, pode unir diferentes épocas, fazendo um elo até a contemporaneidade dando ainda

possibilidades de contato da linguagem popular com os acontecimentos reais do cotidiano.. Questionado a respeito do potencial educativo do cordel, o poeta responde:

O cordel é muito educativo. Eu, por exemplo, não dou nada de graça ao leitor, faço tudo para que ele pense, reflita e isso o faz crescer e aprender, o cordel serve para criança, o jovem, o idoso; é atraente, divertido, de linguagem simples e de fácil acesso, ensina de maneira simples. (Narrativa de Antônio Francisco, Mossoró, 2018.)

O cordel cria e (re) cria saberes significativos, ensina a pensar, desenvolve a criatividade a sensibilidade, resgata a valorização das nossas raízes culturais e o respeito pelas nossas tradições. O cordel faz despertar o interesse em construir um mundo novo, mais justo e humano, vai além da sala de aula, vai aonde a nossa imaginação chegar e o professor criativo quiser levá-lo. Pelas inúmeras qualidades do cordel, professores do ensino médio também têm utilizado os cordéis de Antônio Francisco a fim de dinamizar as aulas, discutir temas importantes, incentivar a leitura, a criatividade e a construção do senso crítico, levando o aluno a compreender as expressões culturais contidas na poesia popular, resgatando e valorizando esse gênero textual.

O professor Carlos Holanda, admirador do poeta Antônio Francisco e da cultura popular, utiliza os seus cordéis como recurso pedagógico em sala de aula, leciona a disciplina de Língua Portuguesa na E.E. Maria Stella Pinheiro, localizada à Rua Walter Wanderlei, S/N, em Mossoró-RN, concluiu Licenciatura plena em Letras na UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) e Especialização em Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Fundação Educacional de Patrocínio em Minas Gerais.

Professor há trinta e dois anos, na rede Estadual, desenvolveu um Projeto de Ensino com os cordéis de Antônio Francisco, nos primeiros anos do ensino médio, envolvendo setenta alunos, no turno vespertino, no ano letivo de 2017. O trabalho se constituiu em leitura e discussão dos cordéis em sala de aula, estudo da versificação: estrofes, rimas, ritmo, metrificação, produção e confecções de cordéis, culminando com a recitação dos cordéis pelos próprios alunos para a comunidade escolar. De acordo com o professor Carlos Holanda:

Trabalhar a riqueza do cordel em sala de aula, muito contribui para a percepção da realidade e para o desenvolvimento da conscientização crítica do aluno. Sendo um recurso didático de linguagem simples, lúdico e de fácil acesso, é capaz de dinamizar as aulas, incentivar a criatividade e promover a participação e o trabalho em equipe. Além de

respaldar valores humanos, que hoje estão bem esquecidos. Nossa experiência gerou um resultado extremamente positivo. A obra de Antônio Francisco é maravilhosa! (Narrativa de Carlos Holanda, Mossoró, 2018.)

Sendo os alunos<sup>14</sup> os sujeitos alvos do processo educativo, importa procedermos uma escuta desses alunos<sup>15</sup> envolvidos no projeto e realizarmos uma leitura atenciosa das suas opiniões que são substanciais para delinear as considerações a respeito do nosso problema de pesquisa, buscamos, então, recolher deles, informações a respeito do trabalho desenvolvido com os cordéis de Antônio Francisco na sala de aula, orientado pelo professor Carlos Holanda.

Obtivemos as seguintes respostas: Para o aluno narrador 1: Foi algo novo, diferente, bacana, deve ter sempre. O aluno narrador 2 declara: Achei ótimo, pois todos nós podemos participar e debater temas legais na sala. O aluno narrador 3 afirma: Achei importante para nossa cultura, aprendemos muito. O aluno narrador 4 diz: Não conhecia Antônio Francisco, mas gostei muito dele, passei a gostar mais de literatura de cordel. Já o aluno narrador 5 assim expressa: Achei super-legal. Os cordéis contam fatos humanos, nossa realidade, é bem criativo e divertido. O aluno narrador 6 enfatiza: Em toda escola devia ter projetos envolvendo a literatura de cordel. É muito interessante! Elevou meus conhecimentos.

De acordo com esses relatos, inferimos que para a maioria dos alunos a utilização do cordel como recurso didático é de extrema relevância, pois apresentou-se como um atrativo especial para estimular a leitura, a discussão de temas atuais e a produção textual, de forma criativa e divertida, contribuindo para a inserção dos alunos no exercício da cidadania consciente. Outra experiência exitosa com os cordéis de Antônio Francisco em sala de aula foi vivenciada pela professora Terezinha da Silva Filgueira, formada em História pela UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) e Especialista em Educação. Exerce a profissão de professora há trinta anos e atualmente leciona as Disciplinas de História e Artes na Escola Municipal de Educação Rural Jerônimo Rosado no sítio Piquiri, BR-110, Zona Rural de Mossoró-RN.

---

<sup>14</sup> Os alunos referidos no texto não são discriminados pelos próprios nomes por opção dos mesmos. Cursam o Ensino Médio, no turno vespertino na E.E. Maria Stella Pinheiro em Mossoró-RN.

<sup>15</sup> Os alunos envolvidos no projeto exigiram que seus nomes fossem preservados e sugeriram que fossem discriminados como (1,2,3,4,5,6); a autora da pesquisa acatou a sugestão, o que justifica a forma como foram apresentados no trabalho.

A professora Terezinha Filgueira, executou um Projeto Educativo, envolvendo uma média de oitenta alunos<sup>16</sup>, do 6º ao 9º ano, no primeiro semestre de 2018, objetivando incentivar a leitura e aprimorar a criticidade dos alunos a partir dos cordéis de Antônio Francisco. Segundo a professora coordenadora do projeto, organizavam quinzenalmente um momento de leitura dos cordéis de Antônio Francisco e discussão dos temas abordados, e elaboravam uma produção textual baseada nos assuntos apresentados nos cordéis, buscando fazer uma conexão com os conhecimentos adquiridos nas disciplinas de História e Artes. Na culminância do projeto realizou-se uma oficina de xilogravuras e releitura dos poemas mais famosos do poeta. Avaliando o trabalho desenvolvido, a professora Terezinha Filgueira declara:

Foi um trabalho enriquecedor, pois a literatura de cordel é a História e a Arte cantada em versos. É perfeito para conectar a História, a Arte e a vida. A arte de Antônio Francisco dá suporte para discussões sobre importantes aspectos da História desenvolvendo a reflexão e a criticidade. Os cordéis do poeta servem de base para a problematização da realidade que vivemos, foi muito válido, os resultados superaram as expectativas. (Narrativa da professora Terezinha Filgueira, Mossoró, 2018.)

Vale também analisar a recepção dos alunos participantes do projeto aos cordéis de Antônio Francisco na sala de aula. Posto que ouvir-lhes é condição primeira para procedermos a investigação que se propõe nossa pesquisa. Para o aluno narrador 1: Foi muito bom, gostei muito, principalmente do poema Os Animais tem Razão. Já o aluno narrador 2: Gostei, porque estudamos História de forma bem divertida. Aprendi mais. O aluno narrador 3 afirma que Antônio Francisco é um professor e ensina tudo com muito humor. Na ótica do aluno narrador 4: Sempre gostei de cordel, mas como projeto aprendi a gostar ainda mais, a gente aprende brincando. O aluno narrador 5 declara: O cordel de Antônio Francisco ensina e educa, divertindo, é muito legal. O aluno narrador 6 afirma: Gostei tanto que espero que a professora continue fazendo uso do cordel de Antônio Francisco na sala de aula. Constatamos pelos relatos dos alunos que o trabalho com cordel em sala de aula levou-os a refletirem sobre a realidade histórico-social em que vivem, de forma dinâmica e prazerosa, despertando-os para uma conscientização crítica.

Considerando as observações dos professores e alunos a respeito da utilização dos cordéis de Antônio Francisco na sala de aula, podemos recomendá-los como recurso

---

<sup>16</sup> Por unanimidade, os alunos da prof.<sup>a</sup> Terezinha Filgueira decidiram que seus nomes não deveriam ser divulgados e concordaram em serem identificados como (1,2,3,4,5,6), a autora acatou.

pedagógico, pois constatamos que contribuiu significativamente para a obtenção de excelentes resultados no desempenho dos alunos pesquisados.

Ressaltamos que utilizar a obra cordelina de Antônio Francisco na formação dos professores, com o intuito de subsidiar uma prática educativa inclusiva é pertinente, porque a inclusão começa na alma de cada educador, contagia seus sonhos, amplia seus ideais e o impulsiona a trabalhar as diferenças de modo que elas enriqueçam o aprendizado de todos os alunos e o seu crescimento enquanto pessoa e cidadão. Os versos Antonianos alimentam valores humanos que precisam estar presentes na formação do professor para que possam estar presentes na sua prática educativa.

A conscientização para a construção de uma prática inclusiva exige reflexões que influenciem uma mudança de perspectiva e de atitude, uma reação aos valores que estão postos e um redimensionamento para o resgate dos valores humanos que alimentam a inclusão. A obra do poeta Antônio Francisco, dada a sua sensibilidade, oportuniza essa transformação.

A nossa pesquisa, portanto, salienta a importância de uma formação docente que contemple os valores humanos, considerando-os como o núcleo seminal que faz vicejar a convivência harmônica com as diferenças individuais existentes na sociedade e que são imprescindíveis para uma prática educativa inclusiva. Somente com professores inclusivos, a escola se configurará numa escola democrática, da qual todos tenham o direito de participar, onde todos tenham oportunidades reais de participação e onde as barreiras à aprendizagem possam ser removidas.

## **APANhado DE SABERES CONSTRUÍDOS NESSES CAMINHOS**

Gestada num longo processo de reflexão sobre a implantação de uma educação inclusiva, que seja insubmissa a todas as formas de subalternidade, opressão, discriminação e exclusão, que contivesse princípios e práticas que privilegiem a dignidade humana, a igualdade e a justiça social, esta pesquisa debruçou-se sobre a formação do professor inclusivo numa interface com a obra do poeta Antônio Francisco. Investigou a contribuição dos versos deste cordelista para a formação do professor com esse perfil.

Buscou compreender como a obra do poeta, seus saberes, suas experiências formadoras e suas vivências podem contribuir para através da reflexão incentivar o professor a desenvolver uma prática pedagógica alimentada por atitudes inclusivas. Partiu do entendimento, que a inclusão está alicerçada na dimensão humana, e que apesar dos avanços registrados, no tocante às discussões teóricas, político-sociais referentes à educação inclusiva, que são resultantes das conquistas legitimadas pelas Convenções, Decretos e Leis instituídos no Brasil e no mundo. Muito ainda precisa ser alcançado para a sua efetivação prática. As pessoas precisam despertar para a cultura de inclusão, a fim de que as Leis se tornem práticas, cotidianas.

É preciso acelerar a conscientização individual e coletiva acerca do valor do ser humano e da vida, para que os direitos adquiridos ultrapassem o plano do “meramente instituído, do legalmente garantido”, para construir no dia-a-dia, novas formas de ser, conviver e fazer com amor e alteridade. Nessa ótica, as diferenças serão vistas como inerentes ao ser humano e as individualidades serão respeitadas. Daí a importância de se construir um professor inclusivo, estimulando-o a voltar-se para si e para o outro, alimentado pela sensibilidade poética de Antônio Francisco, que cremos, consolida no seu poetar princípios de inclusão, ao ressaltar os mais nobres valores humanos e chamar a nossa atenção para os sentimentos desprezados e direitos negados em nossa sociedade. Os versos Antonianos tendem pela sua reflexão a convidar o professor a uma transformação da sua prática pedagógica, efetivando o fortalecimento da inclusão.

A opção por um estudo perpassado pelo cordão do cordel de Antônio Francisco se deu pela convicção de que a poesia toca com mais profundidade a alma humana, acaricia o seu coração e refina as suas emoções. Sem a presença da poesia as dificuldades da vida se tornam maiores, as pedras que obstaculizam, os sonhos se tornam montanhas intransponíveis e os conflitos da realidade são convertidos em golpes fatais. A poesia se

faz necessária à existência, porque oferece asas à inventabilidade e aos sonhos, impedindo que se esgotem, envelheçam e morram.

A definição por trabalhar o cordel no processo da inclusão transcorreu pela compreensão de que o cordel na própria especificidade do gênero traz no bojo a tônica da inclusão, pois é capaz de provocar grandes discussões e profundas reflexões sobre uma diversidade de temas, com dinamismo, criticidade, e humor, constituindo-se num instrumento pertinente para dar voz aos silenciados, desrespeitados e oprimidos, ao agir como elemento construtor de resiliência e empoderamento.

Na trilha para adentrar na intensidade da história de vida, nos saberes e experiências, que contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional do poeta já referido, recorri ao método (auto)biográfico, que se apresentou como uma oportunidade singular de conceder voz e visibilidade ao sujeito, na medida em que, possibilitou relatar sua trajetória de vida, suas vivências e ações, de modo a focalizar sua forma peculiar de ver o mundo e a vida.

O método (auto)biográfico dá suporte aos estudos com narrativas e histórias de vida que se caracterizam, por buscar interpretações e constatações científicas que vão além dos oferecidos pelos modelos científicos clássicos e positivistas. Coadunou-se, portanto, com a nossa pesquisa que abordou os processos formativos, os saberes construídos e as experiências de vida de Antônio Francisco.

Neste momento de arremate do texto dissertativo, se faz necessário retomar sua travessia de construção e rever os caminhos percorridos, os desafios enfrentados e as conquistas realizadas. Por isso, diante do procedimento de revisitar as minhas memórias de formação e experiências de vida à luz da (auto)biografia, afirmo que o objetivo específico foi apresentar o trajeto da minha vida, ressaltando as interações e reflexões que a construíram, através da (auto)biografia, pois exercitar a escrita de mim mesma, retroceder pela parte imaginária da memória aos velhos caminhos percorridos; e reviver acontecimentos significativos; voltar à infância com o olhar inaugural sobre o mundo e a ânsia de descobrir e aprender; lembrar o aconchego da família, a doçura do meu lar, os ensinamentos dos meus pais, sentir pulsar outra vez, o amor, bem maior, que me deixaram e que alimento e preservo, ciente de que é a fonte onde se origina todo o bem.

Trouxe do fundo da memória pessoas queridas que me marcaram e lugares especiais por onde andei e que serviram de cenário para o meu existir; revisitar Santo Antônio do Salto da Onça minha terra, palco da minha vida e suas especificidades

inesquecíveis; poder nesta viagem rever meus sorrisos e meus sonhos de menina, que de tão puros, não permiti que adormecessem, perante as durezas da vida, visto que preciso deles, para acender as luzes de cada canto de partida, que levam aos renascimentos, para que a vida, nunca cesse de começar; trazer à tona minhas experiências escolares e profissionais, o contato com a diversidade e a inclusão; e extrair dessas vivências os saberes para a minha formação.

Foi uma excursão que de tão fascinante me convenceu de que a origem de várias ideias, reflexões e atitudes, que comumente atribuímos a nós mesmos, são na verdade resultantes das nossas relações conosco, com o outro e com o grupo de convivência. Abrir o baú especial, que guarda histórias e memórias que são minhas e de tantos outros, fortaleceu a minha convicção da importância de cada um na formação e na construção da pessoa que sou.

Penetrar então, na minha singularidade pelo ato de descrever minha memória, me fez mergulhar no meu interior, voltar ao passado, dialogar com meus mais íntimos sentimentos e reconstruir minha própria vida, numa atividade aprendente de (auto) formação. Quanto aos outros dois objetivos específicos a que a pesquisa se propôs, que foram: primeiro, identificar nas narrativas (auto)biográficas do poeta Antônio Francisco os saberes de história de vida e as experiências formadoras que potencializaram sua trajetória formativa em seu desenvolvimento pessoal e profissional e segundo, destacar os valores humanos presentes na sua obra cordelística, identificando-os como imprescindíveis para a formação e a prática do professor inclusivo, também foram alcançados, pois desde os primeiros ensaios (auto)biográficos com o poeta Antônio Francisco, fui licenciada a adentrar na intimidade da sua história e conhecê-la com mais profundidade.

O cordelista, dono de uma extraordinária memória fez uma recomposição histórica afetiva de sua vida, capaz de revelar os saberes e as experiências do seu processo formativo, suas narrativas denotadoras da clareza que lhe é peculiar e fortalecidas pela sua perspicácia de prosador que se notabiliza, entregou-me a ceifa na própria seara. Assim, embebecida da água que emanava na foz, pude conhecer a fonte de onde promanara e distinguir os valores humanos que se sobressaíam na sua obra.

Suas memórias e lembranças foram puxadas dos laços com sua família; seu lugar de pertencimento, seu território, sua convivência com os conterrâneos sertanejos; extraídas das suas andanças de bicicleta pelo Nordeste; da sua formação escolar, das

leituras que realizou; das experiências na militância política e das diversas atividades profissionais que exerceu, com destaque para a sua relação com a literatura de cordel e o valor da poesia popular em sua vida.

Caminhando pelos campos de Antônio Francisco, habilitei meu olhar para captar dos seus dizeres os saberes, que foram germinados das suas inter-relações com seu contexto de vida, as aprendizagens experienciadas na labuta do cotidiano e ressignificadas por esse sujeito, bem como, das suas conquistas que advêm do fundamento de uma educação viva e dinâmica que transforma, emancipa e empodera o sujeito.

Invadida pelo desejo de contemplar os aspectos fundamentais que entrelaçaram os fios que formam o poeta, sua personalidade, sua aura e o encanto de sua história, desfolhei das suas falas e expressões, as flores da sua infância com as notas do diferencial educativo impresso por sua família; as marcas do seu lugar de pertença o bairro Lagoa do Mato, local do seu nascimento e onde vive até hoje, espaço que lhe proporcionou viver em contato com a natureza de forma livre e harmônica.

Percebi pelo seu narrar, que a Lagoa do Mato não é só um território físico é seu reino, seu habitat, onde aninha sonhos e sentimentos, acomoda seus desejos mais caros, lapida seu modo de ser e revigora seu espírito. Destilei das suas narrativas quão forte e precioso é o seu relacionamento com sua gente, o quanto é comprometido com suas raízes e com as causas da sua comunidade. A respeito disso, o poeta declarou que sua poesia vem do seu povo da sua realidade, alegrias e dificuldades. Pela imaginação, viajei com ele de bicicleta pelo Nordeste, a desbravar paisagens, descobrir saberes ouvindo com ele o coro das vozes discretas e silenciosas dos sertanejos bravos e sofridos; percebemos juntos os sons inaudíveis dos seus corações, fomos ouvidores dos seus queixumes, seus ais e lamentos, testemunhamos também, suas alegrias e capacidade de resiliência, expressa nas suas mensagens de apelo e amor.

Retirei dos seus relatos de leituras, traços importantes para a sua formação crítica e problematizadora e as suas reflexões sobre a escola, me alertou para vislumbrar a possibilidade de levantar o véu do “pedagogismo” que envolve muitas das nossas reflexões educacionais. Isso implica na necessidade de se pensar a educação na sua articulação com a totalidade social, a autonomia do educando e sua criticidade.

Captei da voz melancólica do poeta, ao revelar que a escola não lhe atraía por ser fechada e sem vida, que se faz necessário construir uma escola que desenvolva no

educando a capacidade de sentir prazer em aprender, ao despertar o preciosismo que existe nesse ato, fazendo-o experimentar as alegrias do processo e instigando-o a descobrir novos e inusitados saberes.

Retirei das suas narrativas, valores agregados aos aprendizados adquiridos no engajamento em movimentos sociais, onde pode saciar a sede de estar nas lutas e poder soltar o grito por justiça, igualdade, liberdade e inclusão, caminhando de mãos dadas com sua gente, pelas veredas que fortificam a democracia e edificam um país mais justo e solidário. Percebi também, muitos valores colhidos nas diversas experiências profissionais que o poeta vivenciou todos acoplados em um conjunto de saberes e técnicas que o transformaram num homem de vastos conhecimentos.

Visualizei em meio a tantas outras expressões que enriquecem a história do poeta, o lugar de destaque que o cordel ocupa desde a sua meninice, quando adentrou pelas portas do rico universo da cultura popular, pela influência do seu pai e seu avô, ambos amantes da literatura de cordel e cordelistas amadores. Não escreviam versos, mas faziam poesia de cada detalhe da vida e falavam do cordel com amor, respeito e admiração. Crescido entre as rimas, a beleza e a sonoridade dos cordéis, o poeta apaixonou-se pelas suas raízes e pela arte que identifica a sua gente. Aprendeu a ler nos cordéis e a rimar pelo ouvir, assim, ainda criança definiu sua natureza poética, pois sentiu-se atraído e laçado pela arte que se dedicaria no futuro, a partir da produção dos seus cordéis, ganhou o mundo e tornou-se uma referência na poesia nordestina.

Nesse sentido, abordei também aspectos da vida profissional do poeta, suas dificuldades e vitórias, a expansão de sua obra, e a conquista do título de imortal na ABLC (Associação Brasileira de Literatura de Cordel). Ainda na esteira de Antônio Francisco, estudei a influência dos seus cordéis para a formação prática de professores inclusivos, pela capacidade que possuem de celebrar a diversidade, exaltar o amor, a tolerância e notabilizar o respeito a vida e ao outro.

Foi feita uma análise da sua obra com o intuito de colocar em relevo os valores humanos encontrados, as reflexões que deles emanam e o seu potencial educativo capaz de contribuir para a formação e a prática do professor inclusivo. O trabalho desenvolvido com as narrativas (auto)biográficas do poeta e a análise dos seus cordéis me impulsionaram a observar a sua participação em projetos de formação, voltados para educadores infantis, professores da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e educadores inclusivos do ensino fundamental I e II, com palestras, oficinas, recitais e das brumas da

memória, nosso protagonista reconstruiu lembranças de projetos como “Nas Ondas da Leitura” que objetivou oportunizar uma leitura dinâmica e prazerosa através dos cordéis, levando os alunos a atribuírem significados aos textos do cotidiano.

Esse projeto foi realizado em vários Estados Nordestinos dentre eles o Rio Grande do Norte com o apoio da editora Instituto Meta de Educação Pesquisa e Formação de Recursos Humanos Limitados (IMEPH). De acordo com o próprio poeta, o referido projeto: “Veio para enriquecer o trabalho da escola, e melhorou a aprendizagem dos alunos e a relação da família com a escola, pois as famílias participaram da culminância do projeto, assistindo às apresentações dos alunos e interagindo com o poeta popular”. Segundo Antônio Francisco, o projeto ainda ajudou a descobrir talentos e valorizar a cultura popular.

Outro projeto lembrado pelo poeta Antônio Francisco foi o “Acorda Cordel na sala de aula”, criado em 2002, que reuniu vários poetas populares e percorreu mais de dez estados brasileiros, levando a literatura de cordel para a sala de aula efetivando-a como um recurso didático importante e eficaz na melhoria do processo ensino-aprendizagem para o poeta, o referido projeto “foi muito interessante... levou muitos jovens a conhecerem e valorizarem a cultura popular”.

Pude constatar que Antônio Francisco tem desenvolvido ao longo dos anos um trabalho educativo junto às escolas de Mossoró e região, disseminando a cultura popular. Observei também, que o cordel quando chega à escola, integra diferentes elementos na estrutura pedagógica, agindo de diversas maneiras, de modo a unir diferentes épocas com a contemporaneidade, dando possibilidades de contato da linguagem popular com os acontecimentos reais do cotidiano.

Das narrativas (auto)biográficas do sujeito desta pesquisa foi possível desprender que a experiência das palestras e oficinas ministradas para educadores e educandos representou um intenso percurso de aprendizagem para si e uma vivência edificante para o seu processo autoformativo. A escuta do relato de vida de Antônio Francisco revelou a sua identidade, inscrita no chão do sertão, seu lugar de pertencimento e o seu comprometimento com a sua gente, fato que o consagrou como o “poeta do povo”. As narrativas de suas lembranças a respeito das pejeas pela vida, das dificuldades encontradas na carreira e no sofrimento pela perda de um filho, me permitiram evidenciar memórias de superação e empoderamento.

Antônio Francisco descobriu-se poeta já na idade adulta e assumiu-se como cordelista, iniciando sua carreira profissional, incentivado por poetas amigos. Assim, ressignificou a sua história de vida. Ele lutou contra as adversidades e foi capaz de se reinventar poetizando suas vivências. O seu fazer poético transformou a sua existência e ele segue transformando outras vidas, com seus versos.

Ao atingir o merecido reconhecimento pela qualidade dos seus versos e conquistar o título de imortal na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) rompeu as forças do preconceito contra os repentistas nordestinos, os cordelistas e a poesia popular, e entrou para a história eternizando suas narrativas e sua obra.

O objetivo principal deste trabalho de pesquisa é compreender a contribuição da obra do poeta para formação e prática do professor. Quando realizei uma análise da sua obra, extrai dela valores humanos como o amor, respeito ao próximo, respeito às diferenças, tolerância, solidariedade entre outros, verifiquei a importância desses valores para a efetivação da inclusão.

Trabalhei cordéis como “Aquela Dose de Amor” e os “Animais tem Razão”, com meus alunos e fui a campo conhecer projetos de ensino desenvolvidos em sala de aula, utilizando os cordéis de Antônio Francisco e entrevistei professores e alunos e pais de alunos envolvidos nos projetos, em três instituições de ensino: Unidade de Educação Infantil Maria da Conceição Vidal, na Escola Estadual Maria Stella Pinheiro, ambas na cidade de Mossoró-RN, e na Escola Municipal de Educação Rural Jerônimo Rosado no sítio Piquiri – BR 110, Zona Rural de Mossoró-RN, projetos que atenderam os três níveis de ensino: educação infantil, fundamental e médio, todos realizados na rede pública de ensino, na zona urbana e rural.

Ao analisar os depoimentos coletados com fidedignidade para validar as verdades neles expressos, pude compreender que a obra de Antônio Francisco contribuiu de forma positiva para a formação e a prática de professores inclusivos. Através dos relatos dos entrevistados, no caso: o poeta, os pais de alunos e professores, pude confirmar também, que os saberes, as experiências formadoras e as vivências do poeta impressos em seus versos, motivam o professor a refletir sobre a verdadeira educação inclusiva e o seu papel diante do processo de inclusão, incentivando-o a uma transformação da sua prática pedagógica.

A conscientização para a construção de uma prática inclusiva exige reflexões que influenciem uma mudança de perspectivas e de atitudes, uma reação aos valores que

estão postos e um redimensionamento para o resgate de valores humanos que alimentem a inclusão. Esta pesquisa salientou a importância de uma formação docente que contemple os valores humanos, considerando-os como o núcleo seminal que faz vicejar a convivência harmônica com as diferenças, respeitando as especialidades de cada um e que são imprescindíveis para uma prática educativa inclusiva e constatou que despertar a sensibilidade humana do professor é indispensável para resgatar valores humanos adormecidos que são fundamentais para a construção de um processo eficaz de inclusão e evidenciou que uma formação voltada para os valores humanos permite ao professor vencer desafios e preconceitos, possibilitando-lhe conviver cada vez mais com as diferenças individuais, promovendo práticas educacionais inclusivas. Os resultados obtidos alertam para a necessidade de uma formação docente que contemple não só o domínio dos saberes e competências técnicas, mas também os valores humanos tão importantes para a construção de uma sociedade igualitária.

Os versos do poeta Antônio Francisco, dada a sua sensibilidade, provocam reflexões que geram uma mudança de olhar no professor, uma percepção da distância existente entre o discurso da inclusão e a prática inclusiva e o enorme distanciamento entre o sonho de uma sociedade de pessoas diferentes tratadas com equidade segundo suas diferenças e a construção prática desse sonho. E esse despertar consciente da necessidade de transformar leis em ações, leva-o à mudança da própria prática pedagógica.

Os versos Antonianos que tocam fundo nosso coração e despertam nossos sentimentos mais nobres, diminuindo a distância entre o eu e o outro, funcionam como um sensor de presença, que capta o calor emitido pelo nosso corpo em um ambiente monitorado, o interpreta como um sinal elétrico que aciona uma lâmpada e a mantém acesa enquanto estivermos no ambiente, o sensor também, pode disparar um alarme, ou fazer uma porta se abrir, dependendo do aparelho ao qual estejam articulados. Pelos seus versos detectamos em nós a presença dos valores necessários à inclusão fazendo disparar o alarme quando não os praticamos e vão abrindo as portas do nosso coração para colocá-los em prática.

A pertinência do seu cordel para a formação do professor inclusivo está na qualidade de catapultar reflexões que se convertem na construção de atitudes mais justas e adequadas ao convívio entre os indivíduos e na formação de condutas e hábitos de convivência coerentes com os princípios humanos da inclusão. Sua poesia tem o poder

de clarear a consciência e transformar vidas. Sua maior arte consiste em conduzir cada um a mergulhar em si próprio até encontrar o que guarda de melhor e transformar em ações concretas em prol do amor e da justiça.

Em síntese, a obra de Antônio Francisco é uma voz erguida a fim de que a flor de lótus do amor abra suas pétalas, mesmo nas crateras calcinadas dos vulcões, para que suas corolas desabrochem num suspiro espiritual, à luz da verdade e não da ilusão, para viver a realidade do que precisamos com urgência. Posso afirmar após a realização desse trabalho que as rimas dos seus versos são remos que produzem deslocamentos pelo território não mapeado da poesia que nos leva a descobrir o código, decifrar o enigma que faz a convivência humana harmônica e feliz: o amor, único sentimento capaz de nos tornar iguais mesmo sendo diferentes.

O trabalho de Antônio Francisco é um exemplo a se espalhar pelos caminhos, o aroma que sua poesia exala precisa ser aspirado por mais outros para que sensibilizados possam mobilizar mais pessoas, somar mais braços, reunir mais vontades na luta pela inclusão e respeito pelo diferente. Nas andanças pelos jardins da poesia desse cordelista, juntei um apanhado de saberes, conhecimentos que puxei dos fios dos seus cordéis e que me convocaram a uma relação renovada comigo mesma e com o outro. Retive muitas lições desse convívio e de tão fascinada pela grandeza dessa estrela, tentei aprisioná-la por um tempo, mas o seu brilho intenso não me permitiu mantê-la em segredo.

Com a força que lhe é peculiar, o poeta segue seu curso como um rio buscando abraçar o mar e molhar o mundo. Baseado nessa concepção, esta pesquisa espera contribuir para que o trabalho do poeta Antônio Francisco atravesse mares e continue deixando a vida do leitor mais leve ao se banhar com tamanha poesia. Que possa ser mais divulgada nas escolas, enriquecer outras pesquisas, conquistar mais espaço na área de educação inclusiva, transpor as fronteiras do preconceito, fazendo surgir mais estudiosos da literatura de cordel e da inclusão, a fim de se ter na prática uma educação libertadora a que se propôs Paulo Freire, que de certa forma fundamentou as ideias aqui defendidas.

Reconheço que a densidade e abrangência do tema abordado neste trabalho contrastaram com a brevidade do tempo e os limites para sua realização, porém ele mostrou-se como prospecto sinalizador para investigações futuras, apresentou-se como uma porta aberta para novas reflexões e novos caminhos a serem desbravados sobre a efetivação da inclusão social utilizando o cordel que aflora da raiz da nossa brasilidade para adentrar nossa humanidade com poder transformador. Que seus resultados possam

subsidiar outros estudos, que abracem o desafio da educação inclusiva como blindagem para exclusão social. Dessa forma seu ideário terá continuidade e aperfeiçoamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, A. L. O.; FRANÇA, M. C. F.; GADELHA, A. C. **Sujeitos e Memórias: A formação na pesquisa (auto)biográfica**. 1. ed. Curitiba: C.R.V, 2015.

ANTUNES, C.; **Leis e Costumes**. Revista Incluir. Ciranda Cultural. São Paulo: Fev. 2010, p. 58.

BAPTISTA, C.R. **Inclusão e Escolarização: Múltiplas Perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União, Brasília, 26 jun. 1988. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**, Brasília: MEC SEESP, 2001.

BRASIL. Lei nº 9.394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional**. Brasília: MEC SEESP, 2001.

BRASIL. Lei nº 13.146/2015: **Lei Brasileira de inclusão**. Brasília: MEC SEESP, 2015.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. 51. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CHARLOT, B. **Da Relação com o Saber às Práticas Educativas**. (Coleção Docência em Formação; Saberes Pedagógicos). 1 ed. São Paulo: Cortêz, 2014.

CRISPINIANO, N.J. LIMA, J.L.C.; **Cantando a Libertação**. Mossoró: JCL, 1989.

\_\_\_\_\_, N. J. **Lula na Literatura de Cordel**. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2009.

CURRAN, M. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: EDUSP, 2003.

DELGADO, L. A. N. História Oral, Memória, Tempo, Identidades, 2ªed. São Paulo: Autêntica, 2007.

DOMINICÉ, P.; NÓVOA, A.; FINGER, M. (orgs). **O que a vida lhe ensinou. O Método (auto)biográfico e a Formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde, 1988. p. 131-153.

\_\_\_\_\_, P. **O Processo de Formação e Alguns de seus Componentes Relacionais**. In: NÓVOA, A; FINGER, M. O Método (auto)biográfico e a Formação. Ed: EDUFRN; Natal, RN, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática Educativa**. 25ª ed. Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_, Paulo.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O Estudo da Violência entre Pares no 3º Ciclo de Ensino Básico. **Revista Portuguesa de Educação**, v.19, n.2, p. 157-183, 2006.

\_\_\_\_\_, Paulo. **A Importância do Ato de Ler** em Três Artigos que se Completam. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Conscientização**, Teoria e Prática da Libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1981.

HALBWACHS, M. A. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidon. São Paulo: Centauro, 2006.

JOSSO, M. C.; NÓVOA, A.; FINGER, M. **Da Formação do Sujeito... ao Sujeito da Formação**. O Método do Canto (auto)biográfico e a Formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

\_\_\_\_\_, M. C. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_, M. C. **Experiência de Vida e Formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_, M. C. **Caminhar para Si**. Porto Alegre: EDIPUC, 2010.

LINS, S.A.B. **Da Trilha do Redimensionamento da Formação Docente à Inclusão do Aluno com Surdez na UERN. (Auto)biografia da Educadora Apoena**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró. RN, 2014.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2001.

\_\_\_\_\_, M. T. E. **O Direito de Ser, Sendo Diferente na Escola: Inclusão e Educação**. São Paulo: Summus, 2006.

\_\_\_\_\_, M. T. E. **Pensando e fazendo Educação de Qualidade**. São Paulo: Moderna, 2001.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e História na Modernidade.** Anômala. São Paulo: Contexto.

MELO, A.F. T. **Sete contos de Maria.** 3. ed. Fortaleza: IMEPH, 2012.

\_\_\_\_\_, A.F.T. **Veredas de sombras.** 4.ed. Fortaleza: IMEPH, 2012.

\_\_\_\_\_, A.F.T. **Dez cordéis num cordel só.** 7.ed. Mossoró: QUEIMA BUCHA, 2006.

\_\_\_\_\_, A.F.T. **Por motivos de versos.** 1 ed. Fortaleza: IMEPH, 2014.

\_\_\_\_\_, A.F.T. **O olho torto do rei.** 1 ed. Fortaleza: IMEPH, 2014.

MINAYO, M. C. S.; **Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social.** Minayo Maria C. S. (org) Pesquisa Social; Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOURA ANN. **Narrativas poéticas e trajetórias dos poetas em Mossoró/RN.** 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os Professores e sua Formação.** 3.ed. Portugal: Dom Quixote, 1997.

\_\_\_\_\_, A.; FINGER, M. (orgs). **O Método (auto)biográfico e a Formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. **Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (auto)biográfica, Docência e Profissionalização.** Belo Horizonte: Educação em Revista, 2011.

\_\_\_\_\_, M. C. (org). **Tendências da Pesquisa (auto)biográfica.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_, M. C. Representações Sociais da Escrita: Uma Abordagem Processual. In: CARVALHO, M.R.; SOBRINHO, M.D.; PASSEGGI, M.C.(Org). **Representações Sociais.** Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt – Um Rosado, 2003.

PÉREZ, C.L.V. Cotidiano: História(s), Memória e Narrativa. Uma Experiência de Formação Continuada de Professores Alfabetizadores. In: GARCIA, R.L. (Org). **Método, Pesquisa com o Cotidiano.** Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

PESSOA, G.L. **Salto da Onça, de Vila à Cidade.** Fortaleza, CE: IMEPH, 2014.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS, MR. Perspectivas da literatura de cordel no ensino fundamental: poesia popular nordestina nos livros didáticos. **XVII Congresso Internacional asociación de lingüística y filología de américa latina** (alfal, 2014).

SOUZA, TFAS. **A inclusão da literatura de cordel como ferramenta pedagógica para o ensino das regiões do Brasil**: relato de experiência. **II Cintedi**, 2016.

SOUZA, E.C. **O conhecimento de si**: Estágio e Narrativas de Formação de Professores. Ed: DP&A, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.  
\_\_\_\_\_, M; LESSARD, C. **O Trabalho Docente**: Elementos para uma Teoria da Docência como Profissão de Interações Humanas. Petrópolis: Vozes, 1995.

## POEMAS DE ANTÔNIO FRANCISCO

### PRECONCEITO

Todo ser humano tem  
Um zumbi dentro do peito,  
E um Domingo Jorge Velho  
Batendo do mesmo jeito  
Um respirando igualdade  
E o outro preconceito.

Cabe a cada um de nós  
Saber dos dois qual usar,  
O sábio abre o peito  
Deixa o zumbi voar  
Pra balançar na rede  
Da liberdade e sonhar.

Só os tolos continuam  
Levando todo de eito  
Com Domingo Jorge Velho  
Quebrando dentro do peito  
O ninho da liberdade  
Com os pés do preconceito.

É preciso mais que tolo  
Pra guardar no coração  
A sombra da ignorância  
Com uma pena na mão  
Riscando no peito esquerdo  
O nome da escravidão.

Vamos parar de uma vez  
O carro do preconceito,  
Partir seu motor no meio,  
Despedaçá-lo de um jeito  
Que nem o tolo mais tolo  
Do mundo tire o defeito.

Só assim Zumbi virá  
Nas asas da liberdade,  
Botar um céu de estrelas  
Nos ombros da igualdade  
E tirar com arte e jeito  
A palavra preconceito  
Dos lábios da humanidade.

## UM CONTO BEM CONTADO

Eu me lembro até da cor  
Da calça de João Brejeiro  
Da camisa volta o mundo  
Da chama do seu isqueiro,  
Do pé, da mão e da voz  
Quando ele contou pra nós  
Este conto brasileiro.

Em uma noite de inverno  
O céu estava nublado  
O vento soprava brando  
O mato todo calado  
Ninguém ouvia um ruído  
Eu nunca tinha ouvido  
Um conto tão bem contado.

João contou que existia  
No sertão do Ceará  
Há vinte séculos atrás  
Onde hoje é Quixadá  
Uma cidade encantada  
Numa cuia pendurada  
Num galho de jatobá.

Era uma cidadezinha  
Menor que um melão  
Se tirasse as três favelas,  
O parque de diversão  
O lar e a padaria,  
O resto dela cabia  
Na palma da minha mão.

E nela morava um povo  
Desajustado e valente  
Uns filhotes de mosquitos  
Parecidos com a gente  
Só que andava de banda  
Como caranguejo anda  
Ninguém dava um passo à frente.

Era Deus-nos-acuda  
Morar naquela cidade  
Os fracos eram pisados  
Sem dó e sem piedade  
Era preciso lutar  
E ter sorte pra chegar  
Aos trinta anos de idade.

## AQUELA DOSE DE AMOR

Um certo dia eu estava  
Ao redor da minha aldeia  
Atirando nas rolinhas  
Caçando rastros na areia  
Atrás de me divertir  
Brincando com a vida alheia  
Eu andava mais na sombra  
Devido ao sol muito quente  
Quando vi uma juriti  
Bebendo numa vertente  
Atirei ela voou  
Mas foi cair lá na frente.

Carreguei a espingarda  
Saí olhando pro chão  
Procurando a juriti  
Nos troncos do algodão  
Quando surgiu um velhinho  
Com um taco de pão na mão

O velho disse: \_ Senhor,  
Não quero lhe ofender  
Mas se está com tanta fome  
E não tem o que comer  
Mate a fome com este pão  
Deixe este pássaro viver!

Eu disse: \_ Muito obrigado  
Pode guardar o seu pão  
Eu gasto mais do que isto  
Com a minha munição  
Eu mato só por prazer  
Eu caço por diversão.

O velho disse: \_ É normal  
Esse orgulho do senhor  
E todo esse egoísmo  
Que tem no interior  
É porque falta em seu peito  
Aquela dose de amor.

Se eu tivesse botado  
Ela no seu coração  
Você jamais mataria

um pardal sem precisão  
nem dava um tiro num pato  
apenas por diversão.

[...]

### **OS ANIMAIS TEM RAZÃO**

Quem já passou no sertão  
E viu o solo rachado,  
A caatinga cor de cinza,  
Duvido não ter parado  
Pra ficar olhando o verde  
Do juazeiro copado.

E sair dali pensando:  
Como pode a natureza  
Num clima tão quente e seco,  
Numa terra indefesa  
Com tanta adversidade  
Criar tamanha beleza.

O juazeiro, seu moço,  
É pra nós a resistência,  
A força, a garra e a saga,  
O grito de independência  
Do sertanejo que luta  
Na frente da emergência.

Nos seus galhos se agasalham  
Do periquito ao canção.  
É hotel do retirante  
Que anda de pé no chão,  
O general da caatinga  
E o vigia do sertão.

E foi debaixo de um deles  
Que eu vi um porco falando,  
Um cachorro e uma cobra  
E um burro reclamando,  
Um rato e um morcego  
E uma vaca escutando.

Isso já faz tanto tempo  
Que eu nem me lembro mais  
Se foi pra lá de Fortim,

Se foi pra cá de Cristais,  
Eu só me lembro direito  
Do que disse os animais.

Eu vinha de Canindé  
Com sono e muito cansado,  
Quando vi perto da estrada  
Um juazeiro copado.  
Subi, armei minha rede  
E fiquei ali deitado.

Como a noite estava linda,  
Procurei ver o cruzeiro,  
Mas, cansado como estava,  
Peguei no sono ligeiro.  
Só acordei com uns gritos  
Debaixo do juazeiro.

Quando eu olhei para baixo  
Eu vi um porco falando,  
Um cachorro e uma cobra  
E um burro reclamando,  
Um rato e um morcego  
E uma vaca escutando.

O porco dizia assim:  
– “Pelas barbas do capeta!  
Se nós ficarmos parados  
A coisa vai ficar preta...  
Do jeito que o homem vai,  
Vai acabar o planeta.

Já sujaram os sete mares  
Do Atlântico ao mar Egeu,  
As florestas estão capengas,  
Os rios da cor de breu  
E ainda por cima dizem  
Que o seboso sou eu.

Os bichos bateram palmas,  
O porco deu com a mão,  
O rato se levantou  
E disse: – “Prestem atenção,  
Eu também já não suporto  
Ser chamado de ladrão.

O homem, sim, mente e rouba,  
Vende a honra, compra o nome.  
Nós só pegamos a sobra

Daquilo que ele come  
E somente o necessário  
Pra saciar nossa fome.”

Palmas, gritos e assovios  
Ecoaram na floresta,  
A vaca se levantou  
E disse franzindo a testa:  
– “Eu convivo com o homem,  
Mas sei que ele não presta.

É um mal-agrado,  
Orgulhoso, inconsciente.  
É doido e se faz de cego,  
Não sente o que a gente sente,  
E quando nasce e tomando  
A pulso o leite da gente.

Entre aplausos e gritos,  
A cobra se levantou,  
Ficou na ponta do rabo  
E disse: – “Também eu sou  
Perseguida pelo homem  
Pra todo canto que vou.

Pra vocês o homem é ruim,  
Mas pra nós ele é cruel.  
Mata a cobra, tira o couro,  
Come a carne, estoura o fel,  
Descarrega todo o ódio  
Em cima da cascavel.  
É certo, eu tenho veneno,  
Mas nunca fiz um canhão.  
E entre mim e o homem,  
Há uma contradição  
O meu veneno é na presa,  
O dele no coração.

Entre os venenos do homem,  
O meu se perde na sobra...  
Numa guerra o homem mata  
Centenas numa manobra,  
Inda tem cego que diz:  
Eu tenho medo de cobra.”

A cobra inda quis falar,  
Mas, de repente, um esturro.  
É que o rato, pulando,  
Pisou no rabo do burro

E o burro partiu pra cima  
Do rato pra dar-lhe um murro.

Mas, o morcego notando  
Que ia acabar a paz,  
Pulou na frente do burro  
E disse: – “Calma, rapaz!...  
Baixe a guarda, abra o casco,  
Não faça o que o homem faz.”

O burro pediu desculpas  
E disse: – “Muito obrigado,  
Me perdoe se fui grosseiro,  
É que eu ando estressado  
De tanto apanhar do homem  
Sem nunca ter revidado.”

O rato disse: – “Seu burro,  
Você sofre porque quer.  
Tem força por quatro homens,  
Da carroça é o chofer...  
Sabe dar coice e morder,  
Só apanha se quiser.”

O burro disse: – “Eu sei  
Que sou melhor do que ele.  
Mas se eu morder o homem  
Ou se eu der um coice nele  
É mesmo que estar trocando  
O meu juízo no dele.

Os bichos todos gritaram:  
– “Burro, burro... muito bem!”  
O burro disse: – “Obrigado,  
Mas aqui ainda tem  
O cachorro e o morcego  
Que querem falar também.”

O cachorro disse: – “Amigos,  
Todos vocês têm razão...  
O homem é um quase nada  
Rodando na contramão,  
Um quebra-cabeça humano  
Sem prumo e sem direção.

Eu nunca vou entender  
Por que o homem é assim:  
Se odeiam, fazem guerra  
E tudo o quanto é ruim

E a vacina da raiva  
Em vez deles, dão em mim.”

Os bichos bateram palmas  
E gritaram: – “Vá em frente.”  
Mas o cachorro parou,  
Disse: – “Obrigado, gente,  
Mas falta ainda o morcego  
Dizer o que ele sente.”  
O morcego abriu as asas,  
Deu uma grande risada  
E disse: – “Eu sou o único  
Que não posso dizer nada  
Porque o homem pra nós  
Tem sido até camarada.

Constrói castelos enormes  
Com torre, sino e altar,  
Põe cerâmica e azulejos  
E dão pra gente morar  
E deixam milhares deles  
Nas ruas, sem ter um lar.”

O morcego bateu asas,  
Se perdeu na escuridão,  
O rato pediu a vez,  
Mas não ouvi nada, não.  
Peguei no sono e perdi  
O fim da reunião.

Quando o dia amanheceu,  
Eu descí do meu poleiro.  
Procurei os animais,  
Não vi mais nem o roteiro,  
Vi somente umas pegadas  
Debaixo do juazeiro.

Eu disse olhando as pegadas:  
Se essa reunião  
Tivesse sido por nós,  
Estava coberto o chão  
De piúbas de cigarros,  
Guardanapo e papelão.

Botei a maca nas costas  
E saí cortando o vento.  
Tirei a viagem toda  
Sem tirar do pensamento

Os sete bichos zombando  
Do nosso comportamento.

Hoje, quando vejo na rua  
Um rato morto no chão,  
Um burro mulo piado,  
Um homem com um facão  
Agredindo a natureza,  
Eu tenho plena certeza:  
Os animais tem razão.

### **ENTREVISTAS**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC**

Campus Central – BR 110 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n – Costa e Silva.

CEP: 59.633 – 010 – Caixa Postal 70 – Mossoró –RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX : (84) 3314 -3452

**PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA  
DA INCLUSÃO: INTERFACES COM A OBRA DO POETA ANTÔNIO  
FRANCISCO.**

**PESQUISADORA:** Silvana Maria de Lima Holanda

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar – PhD em Educação

### **ENTREVISTA COM ALUNOS**

**NOME**

**IDADE :**

**ESCOLA :**

**SÉRIE:**

**LOCAL DA ENTREVISTA:****DATA:**

1 – O que você entende por inclusão?

2 – Como são tratados na sua escola os alunos considerados “diferentes” (que são portadores de deficiências, negros, homossexuais, estrangeiros etc)?

3 – E você como trata os “diferentes”?

4 – Em sua escola desenvolvem ações educativas voltados para os direitos humanos e a inclusão? Quais?

5 – Você gosta de literatura de cordel? Acredita que ela deve ser trabalhada na escola? Por quê?

6 – Você conhece a obra do poeta Antônio Francisco?

7 – Você participou do projeto desenvolvido em sua sala de aula com os cordéis do poeta Antônio Francisco?

8 – Qual a sua opinião sobre as atividades desenvolvidas pelo projeto em sala de aula?

9 – Na prática, você constatou mudança de atitudes, sua e dos seus colegas, com relação à forma de tratar as pessoas diferentes de você?

9 – Na prática, você constatou mudanças de atitudes nos colegas com relação ao seu filho(a) após desenvolvimento do projeto com os cordéis de Antônio Francisco?

10 – Como você avalia o projeto trabalhado em sala de aula utilizando os cordéis de Antônio Francisco? Você acredita que a obra do poeta pode contribuir para a formação e a prática do professor inclusivo?



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC**

Campus Central – BR 110 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n – Costa e Silva.

CEP: 59.633 – 010 – Caixa Postal 70 – Mossoró –RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX : (84) 3314 -3452

**PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO: INTERFACES COM A OBRA DO POETA ANTÔNIO FRANCISCO.**

**PESQUISADORA:** Silvana Maria de Lima Holanda

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar – PhD em Educação

**ENTREVISTA COM O POETA ANTÔNIO FRANCISCO**

**NOME**

**LOCAL DA ENTREVISTA:**

**DATA:**

1 – O que você entende por inclusão social?

2 – Você acredita que a inclusão tem sido tratada de forma adequada nas escolas?

3 – Qual o papel que a escola e os professores desempenham no processo de inclusão social?

4 – O poeta acredita que os professores podem ajudar seus alunos a repensarem? As práticas reforçam e reproduzem relações de desigualdades, preconceitos e discriminações?

5 – O poeta considera que trabalhar os valores humanos na formação dos professores para capacitá-los para o desenvolverem uma prática pedagógica inclusiva?

6 – Você considera que o cordel deve ser trabalhado como recurso didático? Por quê?

7 – O poeta acredita que os seus versos podem contribuir para a formação e a prática do professor inclusivo?

8 – Como se sente com a realização desses projetos que trabalham com os seus versos na escola? E como avalia esses trabalhos?

9 – Você conhece outros projetos que relacionou seus versos com a inclusão?

10 – Fale da importância da literatura do cordel adentrar às escolas e tornar-se objeto de estudo da academia?

10 – Como você avalia o projeto trabalhado em sala de aula utilizando os cordéis de Antônio Francisco? Você acredita que a obra do poeta pode contribuir para a formação e a prática do professor inclusivo?



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**

Campus Central – BR 110 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n – Costa e Silva.

CEP: 59.633 – 010 – Caixa Postal 70 – Mossoró –RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX : (84) 3314 -3452

**PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA  
INCLUSÃO: INTERFACES COM A OBRA DO POETA ANTÔNIO  
FRANCISCO.**

**PESQUISADORA:** Silvana Maria de Lima Holanda

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar – PhD em Educação

**ENTREVISTA COM PAIS DE ALUNOS DA U.E.I MARIA DA  
CONCEIÇÃO VIDAL**

**NOME:**

**FORMAÇÃO:**

**NOME DO FILHO (A):**

**IDADE DA CRIANÇA:**

**ESCOLA DA CRIANÇA:**

**LOCAL DA ENTREVISTA:**

1 – O seu filho já teve seus direitos violados? Em Quais situações?

2 – Quais as dificuldades que ele (a) apresenta na escola?

3 – Como o seu filho (a) tem sido tratado na escola?

4 – Você conhece a obra de Antônio Francisco?

5 – Você acredita que a literatura de cordel deve ser trabalhada na escola?

Por quê?

6 – Você tomou conhecimento do projeto desenvolvido na escola do seu filho (a) com os poemas de Antônio Francisco?

7 – Você participou desse projeto? Como?

8 – Como o seu filho (a) tem se comportado com relação ao projeto?

9 – Na prática, você constatou mudança de atitudes nos colegas com relação ao seu filho (a) após desenvolvimento do projeto com os cordéis de Antônio Francisco?

10 – Como você avalia o projeto trabalhado em sala de aula utilizando os cordéis de Antônio Francisco? Você acredita que a obra do poeta pode contribuir para a formação e a prática do professor inclusivo?



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC**

Campus Central – BR 110 – Rua Prof. Antônio Campos, s/n – Costa e Silva.

CEP: 59.633 – 010 – Caixa Postal 70 – Mossoró –RN

Telefones: (84) 3314-3452 – FAX : (84) 3314 -3452

**PESQUISA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA  
INCLUSÃO: INTERFACES COM A OBRA DO POETA ANTÔNIO  
FRANCISCO.**

**PESQUISADORA:** Silvana Maria de Lima Holanda

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Ana Lúcia de Oliveira Aguiar – PhD em Educação

**ENTREVISTA COM PROFESSOR (A)**

**NOME:**

**FORMAÇÃO:**

**ESCOLA:**

**DISCIPLINA QUE LECIONA:**

**LOCAL DA ENTREVISTA:**

**DATA:**

1 – Como as ações em Direitos Humanos têm sido desenvolvidas na Escola em que você trabalha?

2 – O que você entende por Educação Inclusiva?

3 – Você conhece a obra do poeta Antônio Francisco?

4 – Você acredita que a literatura de cordel deve ser trabalhada em sala de aula?

5 – No trabalho realizado em sala de aula com os versos de Antônio Francisco foi possível discutir a inclusão e alimentar práticas inclusivas?

6 – Na prática, você constatou mudanças de atitudes nos alunos com relação à inclusão, após desenvolver o trabalho com os cordéis de Antônio Francisco?

7 – Como foi recebido o projeto com os cordéis de Antônio Francisco pelos alunos?

8 – Quem é o poeta Antônio Francisco para você? Você acha que a sua obra contribuiu para a formação e a prática do professor inclusivo? Por quê?

9 – Qual a sua opinião a respeito de trabalhar os valores humanos na formação do professor numa perspectiva inclusiva?

10 – Como você avalia o projeto trabalhado em sala de aula utilizando os cordéis de Antônio Francisco?

**FOTOGRAFIA 01: Professor Carlos Holanda, colaborador da pesquisa na escola Professora Maria Stella, onde leciona**



**FOTOGRAFIA 02: Professora Teresinha Filgueira, colaboradora da pesquisa, na Escola Jerônimo Rosado, onde leciona.**



**FOTOGRAFIA 03: Professora Silvana Holanda da UEI Maria da Conceição Vidal trabalhando os versos do poeta Antônio Francisco.**

